Nécio Turra Neto (Org.)

Geografias da noite

Exemplos de pesquisas no Brasil

Geografias da noite

NÉCIO TURRA NETO
(Org.)

Geografias da noite

Exemplos de pesquisas no Brasil

Direitos de publicação reservados à:
Fundação Editora da UNESP (FEU)
Praça da Sé, 108
01001-900 – São Paulo – SP
Tel.: (0xx11) 3242-7171
Fax: (0xx11) 3242-7172
www.editoraunesp.com.br
www.livrariaunesp.com.br
atendimento.editora@unesp.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva – CRB-8/9410

G345 Geografias da noite: exemplos de pesquisas no Brasil / organizado por Nécio Turra Neto. – São Paulo : Editora Unesp Digital, 2021.

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-65-5714-055-0 (eBook)

1. Geografia. 2. Pesquisas. 3. Brasil. I. Turra Neto, Nécio. II. Título.

021-3978 CDD 910
CDU 91

Índice para catálogo sistemático:
1. Geografia 910
2. Geografia 91

Este livro é publicado pelo projeto Edição de Textos de Docentes e Pós-Graduados da Unesp – Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Unesp (PROPG) / Fundação Editora da Unesp (FEU)

Editora afiliada:

Sumário

Apresentação

Nécio Turra Neto

O tema da noite na cidade ou da cidade à noite é praticamente inexplorado entre nós da geografia brasileira, fato que aponta para um campo enorme e pleno de possibilidades de estudo. Se compararmos com o que vem sendo produzido em outros contextos, como na geografia anglo-saxônica, por exemplo, é possível dizer que estamos ainda engatinhando.

Por que essa "cegueira noturna", como a definem Silva, Ornat e Lee no segundo capítulo deste livro? Ou, em outros termos, por que tanto a geografia urbana limita seus estudos às dinâmicas diurnas quanto a geografia que foca em certos sujeitos sociais cuja visibilidade é grandemente noturna não apresentaram uma consistente reflexão sobre esse tempo social, para além de alguns poucos trabalhos pioneiros?[1] A noite na cidade, portanto, ainda é um objeto de estudo em construção para a geografia brasileira e isso não porque devemos seguir as tendências de uma geografia hegemônica realizada nos países do norte global, mas porque o tema da noite nas nossas cidades, o estudo das práticas espaciais que lhe são próprias, das

1 Vale citar aqui, como exceção, a tese de doutorado de Marcos M. P. F. Góis, *Paisagens noturnas cariocas*: formas e práticas da noite na cidade do Rio de Janeiro, defendida no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2015.

tensões e conflitos que à noite se tornam explícitos ou que aparecem em forma latente podem nos revelar muito sobre as formas como se relacionam (e são constantemente reproduzidas) as desigualdades e as diferenças nas cidades brasileiras, as formas como identidades socioculturais são acionadas, performadas, instituídas e negociadas.

Haveria especificidades nesses movimentos no tempo social da noite, que faria com que fossem diferentes daqueles que se realizam durante o dia? Haveria aqueles processos que só se revelariam ou ganhariam condições de possibilidade no período noturno?

Essas e outras questões procuram ser enfrentadas pelos textos que formam esta coletânea, mas estão longe de serem questões resolvidas nos próprios textos. Podemos dizer que o que o/a leitor/a vai encontrar aqui são esforços de apresentar reflexões iniciais que possam contribuir para a ampliação do debate sobre a noite nas cidades, no campo da geografia brasileira. Entre os autores e as autoras, há aqueles para quem o tema não é propriamente uma novidade, enquanto, para outros, participar deste livro significou lançar um olhar diferente sobre fenômenos já bastante estudados por eles e elas, mas que nunca haviam sido considerados à luz da especificidade do tempo social da noite.

Olhar para a noite na cidade como tempo social, como a leitora e o leitor já devem ter percebido, é uma abordagem consensual entre os textos da coletânea. Ou seja, para além da diferença natural entre o dia e a noite, entre o período em que temos a luz do sol e o período que se estende do pôr do sol ao seu nascer na nova manhã, a noite é vista no conjunto dos textos como parte do mundo humano e, portanto, como portadora de significações e práticas, de ações e intervenções, que fazem deste tempo e da forma como é vivido, concebido e representado uma construção social.

Se, no início dos tempos, os seres humanos podiam ser considerados animais diurnos, até pela limitação da nossa visão na ausência da luz, desde o domínio do fogo e, mais recentemente, pela invenção da luz elétrica e sua difusão para além das casas, para os espaços públicos, fábricas e comércios, a noite foi paulatinamente conquistada, como um tempo de produção, de criação, de trabalho, de consumo

e de festa, para além de ser um tempo de descanso em relação à jornada diária e diurna.

Assim, a noite é um tempo também bastante diversificado e múltiplo, pois apresenta variações que dependem das atividades, dos sujeitos sociais, e mesmo do período da noite que se considera. Há na noite aquelas atividades econômicas e de serviços que nunca dormem e que envolvem o trabalho de um universo significativo de pessoas, há também nesse campo aquelas pessoas cujo trabalho está ligado à oferta de "festa", abarcando um conjunto de atividades que procuram preencher o tempo livre daqueles cujos trabalho e estudos acontecem durante o dia. Há a noite que se inicia ao entardecer, em que no movimento da cidade se cruzam aqueles que estão voltando para casa depois do dia de trabalho, aqueles que estendem a interação com os colegas de trabalho no que se chama de *happy hour*, e aqueles que estão se dirigindo para o trabalho nas atividades noturnas.

Aos finais de semana, o fluxo que ocorre à noite se reconfigura, não diminui e tende mesmo a se intensificar a partir de certo horário, já mais para o meio da noite, quando sujeitos em busca de diversão procuram na cidade pela sua oferta, naquelas áreas em que essa oferta se implantou. São as áreas centrais de diversão noturna, os espaços mais luminosos da cidade.

Há ainda, à noite, tempo e espaço para aquelas práticas e sujeitos cujas visibilidade e condições de possibilidade de aparecimento estão intimamente ligadas à pouca luz, que se beneficiam da obscuridade e do relaxamento de certos constrangimentos sociais para exercerem suas atividades.

Esses e outros temas são abordados nos textos desta coletânea, que abarcam desde questões teóricas mais gerais, como o texto de Góis, preocupado em como a noite pode ser construída como objeto de estudos para a geografia, passando por estudos de sujeitos sociais específicos, como os textos de Silva, Ornat e Lee, sobre as travestis e as mulheres transexuais, e de Lima sobre jovens universitários, até textos que tratam da dinâmica e mesmo da história de certas áreas da metrópole paulistana em que se concentra oferta de vida noturna, como o Largo do Arouche, no texto de Bernardes e Costa, e a Vila

Madalena, no texto de Valverde. O livro também conta com estudos sobre dinâmicas da vida noturna em cidades médias, como os de Turra Neto, Custódio Pereira e Ramos, e sobre cidades pequenas, como o texto de Moreno de Souza. E essa é a ordem como os textos estão aqui dispostos. Não é de estranhar que a maioria deles tenha como foco práticas de diversão e consumo ligadas ao tempo livre, tendo em vista que para grande parte da sociedade, a noite é tempo do não trabalho, do descanso e do lazer. Tempo esse em que aqueles que trabalham e estudam de dia podem escolher onde e com quem querem estar. Uma escolha que nunca é completamente livre, mas orientada por uma série de constrangimentos sociais, dentre os quais dois são destacados nos textos: os constrangimentos ligados ao poder de consumo e aqueles ligados à orientação sexual.

A coletânea se inicia, portanto, com o texto de Marcos Paulo F. de Góis, "A noite como fenômeno geográfico: possibilidades teórico-metodológicas para a pesquisa urbana", que oferece o marco teórico principal dos estudos sobre a vida noturna urbana, a partir de um conjunto de referências ainda pouco conhecidas na geografia brasileira. Nesse texto, Góis traz um debate sobre o dualismo noite-dia, procurando demonstrar como, a partir dessa visão binária, se naturaliza o que de fato é uma construção histórica e social. Rompendo com qualquer tentativa de essencializar esses tempos sociais, o autor argumenta que não há uma única noite, ou uma oposição entre luz e trevas, ordem e desordem, normalmente atribuídas a esses períodos do dia. Há na verdade múltiplas noites, e essas podem ser vividas e/ou elaboradas por diferentes sujeitos. Seu esforço está em argumentar que a noite urbana se constitui como objeto de estudo legítimo para a geografia, oferecendo um conjunto de reflexões de natureza teórico-metodológico para colaborar com essa construção, desde o debate sobre a escala de análise mais apropriada para abarcar o fenômeno da noite urbana, até questões de ordem prática, relacionadas aos trabalhos de campo à noite.

No texto "Entre medo e desejo: o espaço paradoxal da existência noturna de travestis e mulheres transexuais", de Joseli Maria Silva, Marcio Jose Ornat e Debora Lee, as autoras e o autor se ressentem

da "cegueira noturna" de análises feitas sobre a vida desses sujeitos sociais, como se não houvesse especificidade do tempo social da noite organizando suas práticas, sobretudo aquelas ligadas ao comércio sexual. Questionam-se como foi possível, depois de mais de uma década pesquisando sobre travestis e mulheres transexuais que vivem da prostituição, nunca terem se colocado a questão da noite. Assim, retomam um conjunto enorme de material empírico produzido ao longo desses anos com o olhar redirecionado para como a noite compõe os processos de constituição das práticas desses sujeitos e como é significada por elas. Chegam até a ideia de "espaços noturnos sexualizados", em que experiências paradoxais de desejo e repulsa, necessidade e violência fazem da noite das travestis e mulheres trans uma experiência multidimensional.

Ainda com foco nos sujeitos sociais, temos o texto de Matheus Guimarães Lima, "Depois da aula, o rolê: a noite e o lazer de jovens universitários em Três Lagoas (MS)", que toma como referência empírica a dinâmica das festas *open bar*, promovidas por organizações estudantis chamadas Associações Atléticas Acadêmicas, entendidas como um formato de organização e de festas que se difundiram pelas universidades brasileiras nas últimas décadas, tornando-se uma forma predominante de cultura juvenil universitária. Sua preocupação é o quanto essas festas participam dos processos de instituição de identidades de jovens universitários, tanto enquanto jovens como enquanto ligados a certos cursos e mesmo impondo uma norma do que é ser universitário. Tais festas ganham lugar nas noites de finais de semana da cidade de Três Lagoas, pontuando o calendário escolar, e acabam sendo incorporadas no circuito mais amplo da vida noturna dessa cidade, com tensões e conflitos daí decorrentes.

Os textos que se seguem são distribuídos para que o leitor e a leitora possam fazer um percurso da metrópole à cidade pequena do estado de São Paulo. Esse conjunto revela ao mesmo tempo uma sociedade que se globaliza no plano da cultura e dos comportamentos de consumo, mas que ainda é bastante diversa em termos dos contextos socioespaciais em que se realiza, visto que as densidades urbanas jogam um papel importante na constituição do campo de

possibilidades para as experiências do que podemos chamar de "cultura da noite", como é mais amplamente debatido em alguns dos textos desta coletânea.

Assim, esta parte do livro se inicia com o texto de Rodrigo R. H. F. Valverde, "'Vida Madalena': os papéis do noturno no ordenamento do espaço público". Valverde analisa o processo de emergência de uma área que concentra oferta de vida noturna na cidade de São Paulo, a ponto de que esse tempo da noturnidade passa a organizar toda a dinâmica do bairro, incluindo a diurna, e a ser pauta dos embates que os moradores realizam no âmbito do planejamento urbano. A vida noturna na Vila Madalena se inicia quando estudantes da Universidade de São Paulo (USP), impedidos nos anos de chumbo da ditadura militar de continuarem morando no Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo (Crusp), passaram a residir nesse bairro próximo, constituindo não só moradia, mas também "uma contracultura festiva, irônica e boêmia", com maior manifestação nas festas e nos bares à noite. Essa vida noturna na Vila Madalena passou a ganhar visibilidade na cidade de São Paulo trazendo pessoas da cidade como um todo. O sucesso inicial atraiu novos estabelecimentos que foram ampliando e diversificando a vida noturna, a ponto de se consolidar uma imagem da Vila como intimamente ligada à dinâmica da noite. Imagem que passa, inclusive, a ser vendida no mercado imobiliário, responsável por certa mudança do conteúdo social do bairro.

Também na cidade de São Paulo, Antonio Bernardes e Benhur P. da Costa, no texto "Dias e noites no Arouche: narrativas sobre as regiões gays", apresentam um relato pessoal de derivas pelas noites do Largo do Arouche, na região central da cidade, pelas quais elaboram esse espaço/tempo como uma região existencial, a partir de uma familiaridade crescente em relação aos seus personagens e dinâmicas. Articulam essa perspectiva mais intimista com um debate sobre políticas de representação, que relegam a essa "região" da cidade uma diversidade sexual interditada em outras "regiões", ao mesmo tempo em que se desenvolvem internamente relações de poder que também vão impondo normatizações às práticas e comportamentos dos *habitués* do Largo, nas suas práticas de consumo e sexuais à noite.

Mudando a escala da cidade e descendo na hierarquia urbana, os textos que se seguem vão abordar o fenômeno da vida noturna em três cidades médias do interior paulista e uma do Paraná, além da cidade pequena de Pompeia, também em São Paulo.

Estes textos seguintes têm em comum o fato de que foram desenvolvidos no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus de Presidente Prudente (SP), seja como pesquisa de docente (Turra Neto), seja como desenvolvimento de tese (Ramos) e dissertações (Custódio Pereira e Moreno de Souza). Além disso, com exceção do texto de Moreno Souza, sobre Pompeia (SP), os três textos sobre cidades médias compõem um conjunto de pesquisas desenvolvidas no âmbito de um Projeto Temático Fapesp, intitulado "Lógicas Econômicas e Práticas Espaciais Contemporâneas: cidades médias e consumo", levado a cabo pelos membros do Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GAsPERR), no período de 2012 a 2018.

Nécio Turra Neto, no texto, "Diversão noturna e fragmentação socioespacial: o caso de Ribeirão Preto (SP)", procura trazer uma contribuição ao debate a partir da geografia urbana, ao se colocar a questão: a oferta e o consumo de vida noturna participam da "produção mais ampla do espaço urbano, confirmando ou contrariando tendências" hegemônicas de fragmentação socioespacial? Apresenta a hipótese que sim, ao afirmar que a oferta é seletiva e excludente. Mesmo que alguns sujeitos sociais, frequentando a vida noturna, embaralhem certas regras, a novíssima oferta que se instalou em Ribeirão Preto no começo da década de 2010 é pensada para atender as camadas de maiores rendimentos e busca se implantar no espaço urbano reforçando áreas centrais diurnas, que já desenhavam seletividade social. O texto apresenta então evidências que sustentam a confirmação da hipótese, visto que essa oferta não se distribui uniformemente na cidade, mas produz novas hierarquias e áreas centrais. Ainda que baseado no estudo de caso em Ribeirão Preto, o autor também se ampara em outros estudos que orientou, que trabalharam com o mesmo tempo em outras cidades médias, cujos

resultados apontam na mesma direção. Além disso, aponta suas análises para o corte geracional das juventudes, argumentando que "a noite é dos jovens", e que se hoje é assim, isso fez parte de um amplo processo de constituição e consolidação da própria cultura juvenil como uma cultura ao mesmo tempo distinta da geração anterior e ligada ao tempo livre, produtora de espaço e foco de investimentos no espaço urbano.

Na sequência, o texto de Marcelo Custódio Pereira, "Registros etnográficos da noite londrinense: um mergulho nas baladas", apresenta com maior detalhamento o público consumidor da oferta de vida noturna, seus perfis, ritmos, desejos, bem como a forma como empresários da noite reconhecem esses perfis e procuram atender esses desejos, ao mesmo tempo que, por uma série de estratégias, também são responsáveis pela sua criação, como é o caso da *vibe* – certa atmosfera produzida pelo encontro na casa noturna entre a lotação, a música e os jogos de corpos e de luzes, que levam a um estado de êxtase, vivido como uma experiência coletiva. O texto traz uma perspectiva mais de dentro e de perto da dinâmica da vida noturna, a partir de dados tanto de um questionário e entrevistas quanto de um denso trabalho de campo orientado pela observação participante. Foi essa pesquisa em profundidade que permitiu ao autor escrever a ficção que abre o texto, evidenciando que a dinâmica da vida noturna de Londrina (PR) segue um *script*, tantas vezes observado.

Já o texto de Élvis C. M. Ramos, "As mudanças no sentido de periferia urbana e de seu lazer noturno: o caso das cidades não metropolitanas de Bauru e Marília", situado nas periferias dessas duas cidades médias do interior paulista, procura conhecer as mudanças no lazer noturno ao longo do tempo, tomando como lastro empírico o estudo de diferentes gerações. Está interessado em saber como nessas áreas periféricas das cidades, culturas juvenis transterritoriais foram incorporadas e passaram a entrar nas *performances* de jovens ali localizados e participar de suas redes de sociabilidade nas tramas do lazer noturno que os conduzem para além de seus espaços segregados. As relações centro-periferia vão sendo reconfiguradas desde os anos 1980 até o presente, no que se refere aos trajetos dos jovens

periféricos, pela ampliação e diversificação de uma oferta que passa a acompanhar o próprio processo de expansão da cidade. Largas avenidas, casas noturnas, postos de combustíveis, aliados a uma ampliação do potencial de mobilidade dos jovens, a partir de veículos próprios, que vem aumentando seu "capital espacial" (tema que o autor desenvolve inspirado em Pierre Bourdieu) passam a compor as dinâmicas da vida noturna vivida pelos jovens das periferias de Marília e Bauru no período atual.

Por fim, na outra extremidade da hierarquia urbana, temos o estudo de Karin Gabriel Moreno de Souza, sobre a pequena cidade de Pompeia, também no interior de São Paulo. O texto intitulado "Práticas espaciais de jovens de diferentes gerações nas noites de uma cidade pequena: o caso de Pompeia (SP)" tem em comum com o anterior o fato de também abordar o tema da diversão noturna em diferentes gerações, para acompanhar as mudanças e permanências naquela cidade pequena. Traz uma discussão sobre os significados das pequenas cidades na configuração atual da rede urbana brasileira e aponta para processos de mudança em que a sociedade se transforma mais aceleradamente que a própria materialidade da cidade em que essa sociedade precisa viver. Se hoje as referências pelas quais os jovens jogam o jogo da sociabilidade e do encontro no tempo livre da noite, na cidade pequena, são bastante diferentes daquelas de seus pais e avós, a praça da igreja matriz continua servindo de local para as práticas juvenis, tendo em vista que, ao longo do tempo, a cidade pouco se transformou. Tal constatação contrasta vivamente com os textos anteriores que abordam a metrópole e cidades médias paulistas, uma vez que essas conheceram no período analisado, para o caso de Pompeia, intensas transformações.

Este conjunto de textos, portanto, traz um pequeno panorama das possibilidades de incorporação do tema da noite na cidade ou da cidade à noite, na geografia brasileira, como propício para refletir sobre mudanças, conflitos e contradições que marcam a nossa sociedade, em parte resultado da forma como as cidades são produzidas e organizadas no Brasil. É um campo em aberto, seja para considerarmos velhos temas em sua especificidade de acontecer durante a

noite, seja para abordarmos aquilo que de fato só ganha condições de possibilidade de acontecer neste tempo social.

Esperamos contribuir, assim, para a ampliação do conjunto das referências em português e brasileiras sobre o tema...

Boa leitura!

Presidente Prudente, inverno de 2020.

1
A noite como fenômeno geográfico: possibilidades teórico-metodológicas para a pesquisa urbana

Marcos Paulo Ferreira de Góis

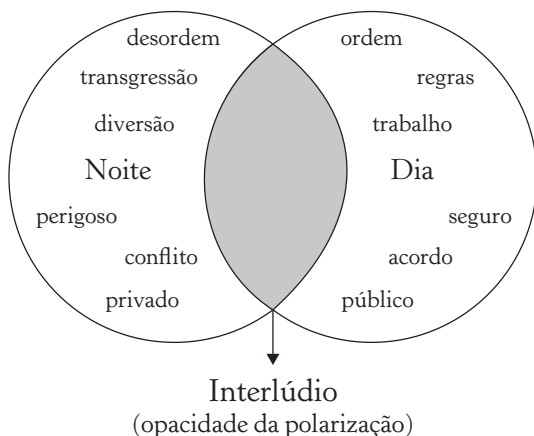
Introdução: por que a geografia deve pensar a noite?

A geografia tem, ao longo de sua história, debatido sobre um grande conjunto de modelos binários: natureza-sociedade, geral-particular, bárbaro-civilizado, espaço-lugar, global-local etc. Mais recentemente, a geografia tem se apropriado de novos debates e inserido novas questões sobre dualidades constituídas socialmente: pobreza-riqueza, homem-mulher, negro-branco, humano-animal etc. (Cloke; Johnston, 2005). Tais modelos usualmente se referem a grandes generalizações e criam mitologias que são atribuídas socialmente, mas que, por vezes, aparecem como dados naturais, ou seja, são naturalizados para se fazer pensar que sempre foi assim e que assim sempre será. Sobre esses aspectos, há um profundo exame ocorrendo nos últimos 40 anos, que tem mudado significativamente a forma como pensamos a identidade disciplinar da geografia. Abre-se um horizonte de pesquisas inédito ao olhar geográfico e descortina-se um campo imenso para a exploração desse conhecimento. A promessa é de que novos olhares, temas, métodos e conceitos ajudem a rever princípios que dirigiam até então o fazer disciplinar.

Ao longo deste texto, gostaríamos de defender o exame de uma outra fronteira para os geógrafos: o estudo da noite e, nesse caso, o estudo da dualidade cotidiana entre dia e noite (Gallan; Gibson, 2011). Assim como outros modelos binários, a noite tem servido como um contraponto natural em relação ao dia (Figura 1). Isso significa que a noite tem aparecido como um problema de ordem natural, a qual evocaria comportamentos transgressores em relação ao dia, vistos ora como perigosos, ora como lascivos.

Nesse caso, o que gostaríamos de afirmar é que a noite contemporânea se revela como um espaço-tempo social no qual há, inclusive, muitas práticas que não aquelas usualmente associadas à transgressão das normas. Há, portanto, muitas noites possíveis quando observamos grandes e médias cidades: noites de lazer, noites de trabalho, noites de descanso, noites de vigília etc. Além disso, os marcos daquilo que chamamos noite são delimitados socialmente, a partir dos grupos que assim denominam e dão significado ao termo. Não se trata aqui de estipular horários ou de se definir rigidamente uma periodização. Portanto, a partir das próximas páginas veremos como há diversas formas geográficas de abordar a noite e os seus "habitantes".

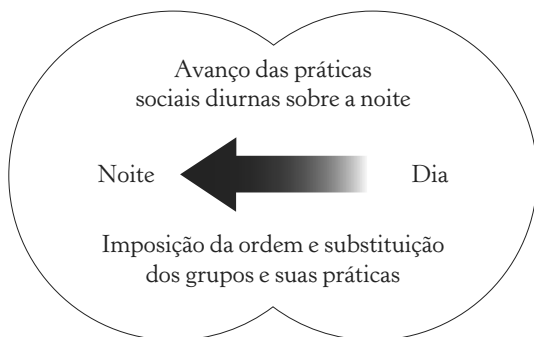
Figura 1 – Modelo binário sobre noite e dia.

Fonte: Elaborado pelo autor.

A noite urbana como objeto geográfico

Deriva de um senso comum banalizado a ideia de que, hoje, vive-se em cidades que operam em redes 24 horas por dia, sete dias por semana. Sem dúvida podemos encontrar referências em cidades como Paris, Londres, Tóquio, Nova York, Madrid, Las Vegas, Los Angeles, entre outras. Na América Latina, por exemplo, cidades como Buenos Aires, Santiago e Quito também têm sido contempladas pelo interesse sobre suas vidas noturnas. São Paulo e Rio de Janeiro receberam atenção muito recentemente e esses trabalhos começam a vislumbrar a potencialidade do tema para a geografia, abarcando, inclusive, as cidades de porte médio do interior desses estados (Turra Neto, 2012). Hoje se fala de cidades que precisam de planejamento noturno, de prefeitos para a cidade noturna e de cidades noturnas (Roberts, 2016). No entanto, nota-se que algumas cidades se veem compelidas a projetos como esses e que, em certa medida, a concentração de atividades noturnas tende a se organizar somente entre as noites de sexta-feira e sábado, nos fins de semana e feriados, como um tempo associado ao lazer, desobrigado das atividades cotidianas ligadas ao trabalho e aos estudos.

Embora o fenômeno seja reconhecido como parte da vida social urbana, a preocupação acadêmica é ainda muito recente. Os primeiros estudos sobre o fenômeno nas ciências sociais começaram a se organizar somente a partir da década de 1970, quando o primeiro trabalho original sobre a noite como fronteira (Figura 2) foi publicado por Melbin (1978). A partir de então há um lento esforço acadêmico para apresentar novos pontos de vista sobre as práticas sociais nas cidades durante a noite. Esse renovado interesse também tem se expandido para o urbanismo, o qual, a partir da década de 1980, propõe-se a pensar outra cidade, delimitada pelo interesse noturno (Narboni, 2004).

Os agentes da política urbana também têm investido em projetos de cidades noturnas, especialmente em relação aos aspectos da segurança e do ordenamento. Medidas de regulação das atividades e incentivo de certas formas de lazer noturno são estabelecidas por

Figura 2 – Modelo de noite como fronteira.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir os trabalhos de Melbin (1978, 1987).

essas políticas, revitalizando as formas de regulação da noite do passado a partir de mecanismos novos (Nofre; Eldridge, 2018). Os debates entre esses diversos interesses que contextualizam as ações durante a noite fizeram que uma profusão de estudos emergisse e as intervenções produzidas nas cidades, por meio de planos diretores e projetos de revitalização, se tornem, hoje, um ponto de inflexão para urbanistas, arquitetos, historiadores, sociólogos e geógrafos interessados sobre as cidades (Paquot, 2000; Gwiazdzinski, 2014, 2015).

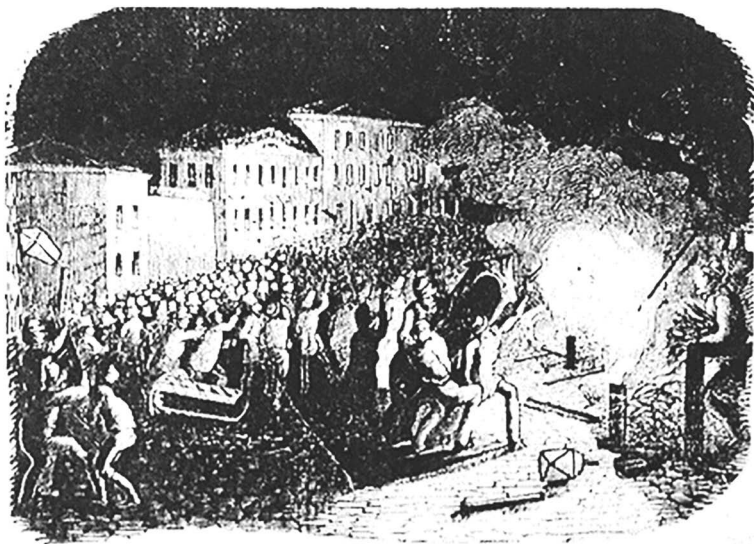
Já a noite como um problema social possui uma história mais antiga (Bureau, 1997). Relatos da criação de mecanismos de proteção para bens privados e guarnições policiais para o controle dos comportamentos nos espaços públicos remetem, pelo menos, até a Antiguidade (Ekirch, 2006). O ato de sair de casa e caminhar pelas ruas à noite não deve ser tomado como natural, visto que em muitos momentos essa atividade era restrita a poucos e, quando possível, requeria cuidados especiais, como portar lanternas (Kurme, 2009). Imaginários foram criados sobre a noite nas cidades e o medo de encontros se tornou parte do contexto social, em épocas em que a noite parecia subverter as regras estabelecidas para a vida social (Otter, 2008; Koslofsky, 2011). A noite passou a ser o espaço-tempo relacionado aos comportamentos transgressivos, em uma oposição radical ao período diurno (Williams, 2008). É daí que surge a noite como um problema social, algo que precisaria ser pensado, controlado,

organizado, classificado e esmiuçado detalhadamente para sobre ela intervir. Trata-se da noite como um momento da vida social, nos espaços públicos das cidades, como meio habitado (Gwiazdzinski, 2005).

O primeiro objeto de intervenção talvez tenha sido a lanterna, um mecanismo que poderia ser disposto em postes ou usado de forma portátil, e que traria a luz para orientar os percursos em meio à noite. Tal era a sua importância que seguidos esforços tentaram melhorar a qualidade das chamas e depois, no século XIX, produzir lâmpadas que brilhassem mais intensamente e por mais tempo. Tal preocupação repercutia o problema de garantir segurança e espetáculo para cidades cada vez mais povoadas (Palmer, 2000). Ao mesmo tempo, as lanternas passaram a representar a espacialidade do poder dos governos locais e a área sob sua fiscalização e observação. As quebras de lanternas eram eventos que de forma recorrente serviam para demonstrar o descontentamento da população com tais agentes políticos. Apagar as lanternas e quebrar os postes era uma forma de manifestar espacialmente um desejo de contestar a ordem social (Figura 3). No Rio de Janeiro foi criado um sistema de iluminação pública a partir da concepção da Intendência Geral de Polícia, em 1808 – mais uma vez por razões de segurança e instaurada pela presença imperial no país (Mendonça, 2004). A busca pela ordem durante a noite se constituiu em um dos principais objetivos pela melhoria da iluminação pública e, até hoje, percorre as medidas de política pública (Schivelbusch, 1987). "A conquista da noite urbana" (Melbin, 1987) foi, aparentemente, um processo lento de apropriação social e de ordenamento urbano.

O fim do século XIX e o início do XX parecem ser também um momento de ruptura para o urbanismo de modo geral, e para a noite em particular. Esse seria um tempo no qual as grandes transformações urbanas entraram em ação, seguindo critérios arquitetônicos que planejavam cidades mais saudáveis, com a abertura de grandes vias e a reformulação do plano medieval que ainda prevalecia em grandes cidades europeias (Mumford, 1998). A iluminação artificial das cidades é um dos elementos centrais, porém, a criação de mecanismos de controle do tempo de trabalho, a separação das

atividades de lazer em relação ao trabalho e a atuação de sindicatos e de governos na legislação trabalhista, possuem também um papel significativo para esse período (Nasaw, 1993).

Figura 3 – Imagem que ilustra a quebra de lanternas em Viena em 1848.

Fonte: Schivelbusch (1995, p.111).

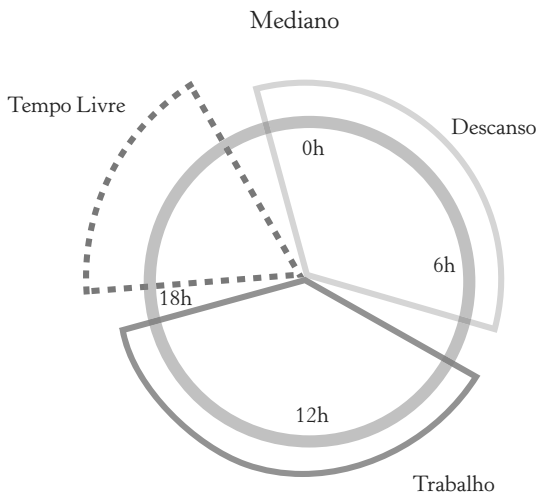
O que se quer afirmar é que alguns problemas relacionados à vida urbana durante a noite ainda permanecem como parte do cotidiano das cidades. A apropriação do espaço durante a noite, a ocupação dos espaços públicos urbanos, o ordenamento dos comportamentos, a regulação da iluminação pública e a confecção de espetáculos luminosos são ainda aspectos que concernem à noite enquanto espaço-tempo social. Atualmente, comenta-se sobre novas propostas de arquitetura luminosa, novas formas de percepção e de uso do espaço público à noite, novas relações com o lugar, novas formas de geração de diversidade e de incitação à interação etc. (Fiori, 2008). Os departamentos de planejamento urbano também voltam a pensar a noite na cidade, tendo a iluminação como um dos vetores de renovação urbana (Brandi; Geissmar-Brandi, 2007). Tudo isso configura um

campo de interesse social e, mais do que isso, esse interesse delimita áreas, cria cenas, propõe intervenções concretas sobre o espaço, produz significações e explora limites para as práticas espaciais. Nesse sentido, a noite continua sendo um problema social e o debate sobre as limitações e potencialidades que se abrem cotidianamente tem, recentemente, inaugurado um novo cenário de disputas sobre a cidade e a sua geografia noturna.

A noite como espaço-tempo social

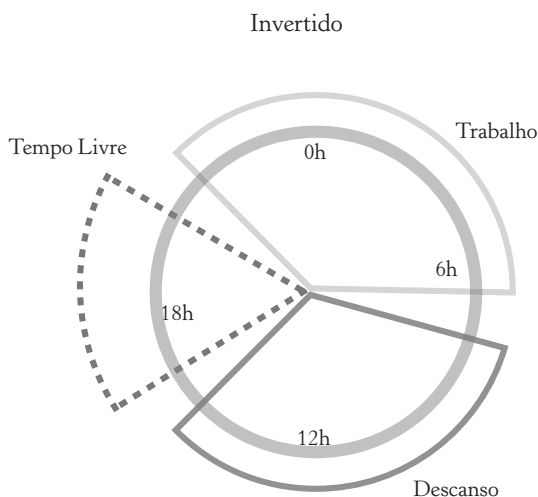
A noite como fenômeno da natureza é uma recorrente marcação da passagem dos dias. Ela influencia no comportamento biológico dos seres e atua sobre a nossa forma de interagir com o ambiente. Sentimos a sua chegada pela suavização da temperatura, pela brisa marítima nas áreas litorâneas, pelo som dos pássaros nas áreas florestadas. Além disso, a noite como fenômeno natural estabelece uma ruptura visual. Sabemos o que é noite por aquilo que aparece e desaparece para o nosso olhar. Ela é uma evidência visual. Quando a luminosidade diminui ou é apenas refletida pela lua e o ambiente se torna mais escuro, temos a impressão de que a noite se estabeleceu sobre o dia. Assim, os seres se adaptam e se organizam perante a disponibilidade de luz. Alguns tomam a ausência de luminosidade como um sinal de que devem repousar e se abrigar (Figura 4); outros adquiriram ao longo do seu processo evolutivo a capacidade de se movimentar durante a noite (Figura 5). De fato, o ritmo circadiano é orientado pelo contínuo fluir do tempo cotidiano, pela alternância entre dia e noite (Lefebvre, 1992).

A noite não é, contudo, um fenômeno meramente natural para o ser humano. Nós desenvolvemos a capacidade de nos mover e de atuar durante o período noturno com relativa perspicácia há algumas dezenas de milhares de anos (Benevolo, 2009). Desde as primeiras fogueiras e tochas, vimo-nos portando objetos que levavam luz para caminhos sombrios. Abrimos trilhas em florestas, superamos obstáculos selvagens e encontramos rotas em ruas escuras (Dewdney, 2005).

Figura 4 – O ciclo circadiano em sua apresentação mais recorrente.

Fonte: Elaborado pelo autor.

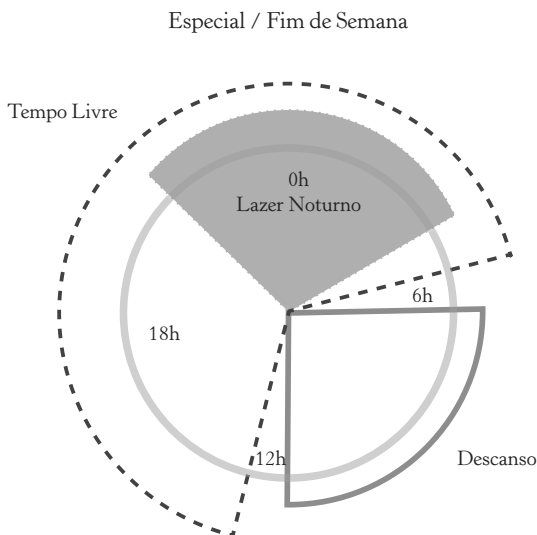
Assim a noite passou a ter uma natureza social para os humanos. A portabilidade da luz nos ajudou a transformar um tempo reservado para o recolhimento em tempo social, ampliando nosso tempo útil, empregando-o para o trabalho e para o lazer (Koslofsky, 2011). Os relógios ajudaram a nos orientar ao longo da noite, tornaram ainda mais artificial a nossa ligação com o ambiente noturno, mudaram a nossa forma de lidar com o tempo. Ritmos circadianos foram amalgamados aos ritmos sociais. Alimentamo-nos, divertimo-nos e trabalhamos até mais tarde. A hora de dormir se torna flexível e muitos invertem a ordem biológica, trabalhando à noite e dormindo de dia (Gwiazdzinski, 2015).

Os ritmos circadianos seguramente desempenham um papel na vida cotidiana dos seres vivos, mas não são elementos explicativos em si. Há também os ritmos sociais que afetam a forma como interagimos e compreendemos a vida social. O ritmo social depende dos contextos espaciais onde estão inseridos. Há cidades que parecem não descansar, operando sistemas de comunicação, de transportes e de saúde durante as 24 horas. Há outros lugares que praticamente adormecem, caem em profundo silêncio antes

Figura 5 – O ciclo circadiano invertido, tendo em conta as mudanças na organização temporal das jornadas de trabalho no mundo contemporâneo.

Fonte: Elaborado pelo autor.

da meia-noite. Portanto, a noite possui um ritmo social que varia conforme a densidade populacional e os fluxos que permeiam a vida nos lugares (Gwiazdzinski, 2005). Somente eventos extraordinários, arrítmicos, perturbam a frequência dos movimentos e das ações. Os fins de semana são momentos comumente utilizados para a extensão do tempo livre (Figura 6), especialmente durante o período noturno, quando as horas de lazer podem ocupar o tempo antes dedicado ao trabalho ou ao descanso (Góis, 2018b).

As cidades são bons campos de observação das práticas e dos ritmos noturnos. Em pequenas cidades, como em Conceição de Macabu, na região norte-fluminense, a vida noturna em espaços públicos se concentra em poucas áreas da cidade e tende a desaparecer completamente após as 22 horas, com a redução da frequência de passeios. Ele se vê em diversos pontos de cidades mais populosas, como Angra dos Reis, no sul-fluminense. Ainda assim, trata-se de um meio urbano mais complexo e diversificado. Outras atividades noturnas permanecem em meio a grandes zonas silenciosas. Centros de vida noturna jovem se concentram em pequenos bares próximos

Figura 6 – O ciclo circadiano adaptado para os dias livres de trabalho, como feriados e finais de semana.

Fonte: Elaborado pelo autor.

aos polos universitários e nas imediações das áreas habitacionais da população de jovens trabalhadores. Um evento extraordinário, como um festival de artes, uma feira agropecuária ou uma festa sazonal, altera os ritmos, as práticas e a paisagem local. As pessoas dormem mais tarde, novos postos de trabalho temporário surgem, turistas frequentam os poucos bares e restaurantes das cidades, os cidadãos se preparam para a recepção e criam decorações, enfeites e serviços específicos para o evento. Os hotéis convocam empregados extras, fazem pacotes especiais e encomendam mais acessórios para a recepção dos visitantes. As prefeituras organizam plantões especiais, mobilizam seus funcionários, contratam equipes de limpeza e equipamentos de apoio, contando com a participação do corpo policial, de bombeiros e equipes médicas. Toda a cidade participa do novo ritmo orientado pelo evento. O extraordinário rompe com a ordem diária.

A complexidade e a diversidade de práticas tendem a ter uma forte relação com o tamanho das aglomerações urbanas. Metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro não só atraem fluxos noturnos de

áreas distantes, de municípios limítrofes, como também encontram um maior número de atividades comuns, como bares e restaurantes, além de eventos excepcionais, como shows e festas. A concentração aumenta na proporção que também aumenta a diversidade de atividades. Grandes eventos mobilizam a grande cidade, mas há melhores condições de se manter alheio aos acontecimentos. A diversidade e o volume de ações que ocorrem ao mesmo tempo fazem que as metrópoles sejam menos afetadas pelos grandes acontecimentos, ainda que o evento do carnaval produza a mesma arritmia na cidade do Rio de Janeiro, por exemplo. De toda maneira, é importante que se observe a escala dos eventos e as relações entre eles em momentos diferentes. A partir disso podemos notar os seus efeitos para a dinâmica urbana como um todo.

As escalas de observação da noite

Já é conhecida a querela sobre os usos da escala na pesquisa em geografia (Castro, 1995). Antes de ser um problema ontológico, de como as coisas se organizam em diferentes tamanhos e extensões no mundo, a escala é um mecanismo epistemológico, ou seja, lida com as formas de aproximação entre o observador e aquilo que é observado. A escala geográfica seria, assim, uma decisão arbitrária que visaria dar visibilidade a um determinado fenômeno, logo, àquilo que aparece ou que fazemos aparecer a partir do momento que o colocamos sob o nosso escrutínio. Diferenciar-se-ia, assim, da escala cartográfica, que é uma mera, mas não insignificante, relação entre o dado concreto e a sua representação imagética, ou seja, uma razão matemática entre dois objetos construídos (Raffestin, 1993). Assim, a noite, como qualquer outro fenômeno, teria tantas escalas quanto fossem os interesses de seus pesquisadores. Na verdade, dependendo do fenômeno associado ao estudo da noite, descreveríamos observações em escalas diferentes.

A ideia de escala é polissêmica e há muitas formas de representar essa relação entre objeto (no mundo) e representação (na imagem).

Se tomarmos a escala como uma boneca russa (Bahiana, 1986; Grandi, 2014), por exemplo, com muitas camadas, desde a mais exterior e ampla, até a mais interior e diminuta, veríamos que há nesse caso uma ontologia das escalas da noite. No limite superior veríamos a noite como um fenômeno derivado do movimento dos corpos celestes, ou seja, observaríamos que sua escala extrapola os limites do nosso planeta, adquirindo proporções cosmográficas. No limite inferior, poderíamos notar as mudanças genéticas e as microinterações bióticas que ocorrem no interior do corpo humano em virtude do ritmo circadiano. Entre esses limites há fenômenos de toda ordem, formando um complexo de escalas em constante interação. De fato, chegaríamos à conclusão de que somos todos afetados pelas mudanças em variadas escalas o tempo todo. Mas seria esse o centro do problema das escalas quando falamos de uma noite social? Ou deveríamos, ao contrário, pensar em ontologias planas, redes de atores sociais fluindo sem recortes ou balizas hierárquicas, como sugerido, dentre outros, por Marston, Jones e Woodward (2005)?

Socialmente, as escalas da noite repercutem muito diretamente três problemas centrais: os fluxos intermitentes de pessoas, produtos e informação; as práticas e as interações sociais; e os espaços que mobilizam fluxos e práticas. De uma forma demasiadamente simplificada, eles performam três geometrias, respectivamente: linhas, áreas e pontos. Isso nos permite descrevê-los por meio de indicações cartográficas, mapear os seus comportamentos e associá-los às escalas que desejamos para lhes dar visibilidade. São problemas que podem ser convertidos em categorias analíticas, desde que sejam caracterizados os atributos de cada um deles em relação ao aspecto específico da pesquisa que será vislumbrado. A formalização gráfica, no entanto, não impede que a descrição do fenômeno recupere dados que não sejam "mapeáveis" ou organizados na forma de uma imagem sintética. Nesse sentido, não há um cânone metodológico que oriente a descrição, visto que há fenômenos que escapam do imperativo gráfico. Ainda assim, é suficiente indicar que as imagens produzidas sobre os três problemas são instrumentos de reflexão, não mera ilustração, e que por isso nos auxiliam a pensar

em conjunto elementos que, de outra forma, seriam vistos como estando separados. A ideia de composição é, aqui, crucial para o entendimento da imagem como mecanismo que dá unidade a um complexo escalar, que coloca os fenômenos sob um mesmo sistema de informações geográficas (Gomes, 2017).

Em termos práticos, a escala é uma referência para o agrupamento fenomenal. Ela nos oferece um limite para a escolha e reflete, assim, não somente uma mera relação geométrica, mas uma relação epistemológica (Sayre, 2005). Isso demanda uma clareza quanto ao fenômeno e sua caracterização. Quando falamos de observação de comportamentos, por exemplo, a escala de observação derivará também do método adotado, do grau de proximidade com aquilo que será observado, dos laços que haverá entre os elementos da observação. Em geral, é importante saber o que o quadro epistemológico construído comporta em termos de informação e o que a escala permitirá exibir, ver em conjunto, combinar. Isso não quer dizer que não se possam criar jogos de escalas ou mesmo observar fenômenos que sejam transescalares, mas que para a correta apreensão do fenômeno é necessário compor metodologicamente informações de ordens diversas, como se produzíssemos um mosaico, no qual cada cor deriva de materiais diferentes, mas que, afinal, constituem um único desenho.

Vejamos um exemplo. A reabertura do tráfego de veículos nas ruas do bairro da Lapa, na cidade do Rio de Janeiro, em 2014. Desde 2009, a prefeitura do município do Rio de Janeiro fechou trechos da Rua Mem de Sá e da Rua do Lavradio ao tráfego de veículos automotores. A medida fazia parte do projeto "Feira Noturna da Lapa" e permitia, dentre outras ações, a ampliação dos usos das calçadas pelos estabelecimentos e a circulação de pessoas nas ruas. A medida visava ampliar as oportunidades comerciais e buscava resolver o problema da densidade de transeuntes na área. Em sua origem, a ação tentava contornar o problema gerado pelo conflito entre motoristas e transeuntes, que disputavam o mesmo espaço. A solução foi produzir desvios e novas trajetórias para os veículos na área da Lapa nos fins de semana. Nesse caso, o rearranjo implicou o adensamento

dos fluxos em outras ruas e a ampliação das áreas que compunham o cenário noturno da localidade. Com o tempo, outros conflitos emergiram nas vizinhanças do bairro, com solicitações e reclamações dos moradores junto à ouvidoria da prefeitura. Nesse contexto, as referências às antigas noites de boemia da Lapa apareceram para justificar o fim (ou a redução) da vida noturna no bairro. Casos em outras cidades, como em Barcelona, foram relatados como exemplos de ações que poderiam ser tomadas pelo governo local. Do conflito se reestabeleceu o princípio anterior e as ruas foram reabertas ao tráfego de veículos, reinstaurando os conflitos pelo espaço anteriormente produzidos.

O que esse exemplo demonstra é que a noite pode ser observada também como um momento político, como espaço-tempo de conflitos, reivindicações e contestações sociais. Assim, a escala pode ser compreendida como um jogo político ou podemos pensar em termos de políticas de escalas. Nesse caso, a escala toma um papel ontológico, de coisa em si, de material para a luta política (Cox, 1998). Isso pode produzir um tipo de associação bastante inovador entre interesses que são muitas vezes conflitantes. A noite tomada como objeto de reivindicação, de contestação, ou ainda, de manifestação de um grupo social pode adquirir escalas de construção política, como a cidade, o bairro, a rua ou o próprio corpo.

Na cidade do Rio de Janeiro foi possível notar diversas manifestações que tiveram os espaços públicos durante a noite como foco da apropriação social. No exercício de manifestar uma prática de apropriação da rua, observamos a ocupação dos espaços públicos do bairro da Lapa desde 2009 e notamos a transformação daquele bairro em centro noturno. O desejo de tomar conta do local por parte da população fez que a prefeitura da cidade do Rio de Janeiro fechasse o tráfego de veículos nas principais ruas, dando grande visibilidade a um fenômeno em crescente expansão. As escalas do fenômeno Lapa alcançaram novos lugares e concentraram os fluxos metropolitanos noturnos. Houve uma mobilização da hierarquia dos lugares de vida noturna e uma ampliação da abrangência de sua influência simbólica. O sucesso do lugar fez também suscitar novos debates e ações em

escala municipal e metropolitana. Os conflitos entre moradores do bairro, empresários da noite, donos de bares e restaurantes, usuários de drogas, moradores de rua, o Estado, representado por policiais e fiscais, e a imprensa compuseram uma cena pública, onde o lugar tomou o centro do debate sobre a cidade e os comportamentos associados à vida noturna carioca.

Ao ser ativado, o bairro da Lapa se tornou o centro de um fenômeno que incorpora outras escalas, atores e redes. Se de um modo a observação tomou a localidade como escala dos conflitos, a dimensão política dos debates assomou a escala metropolitana e reverberou na própria imagem do local em outros lugares. Se pensarmos em termos das redes geográficas formadas, veremos o surgimento de novos instrumentos, funções, normas e práticas ligadas à regulação dos comportamentos no bairro da Lapa. A sua importância tornou-se tão eloquente que serviu como um laboratório de experiências para o projeto "Choque de Ordem" da prefeitura da cidade. A noite da Lapa passou a ser uma referência para as ações desenvolvidas em outros lugares, em outros momentos.

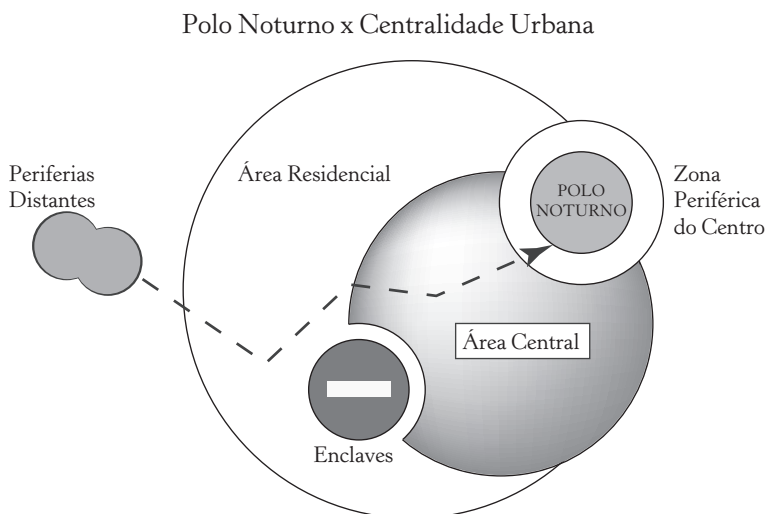
O caráter zonal (regional) da noite

Assim como em relação à escala, a regionalização, ou melhor, a classificação de áreas repercute um problema de ordem epistemológica. Já se disse há muito tempo que a diferenciação de áreas é uma das razões de ser da geografia (Sauer, 1921; Hartshorne, 1959). As formas de observar, classificar e hierarquizar os elementos que conferem a uma região a sua singularidade são, no entanto, variadas. Das regiões concretas do modelo monográfico regional, comum à escola francesa de geografia, ao caráter arbitrário presente na análise regional em voga a partir dos anos 1950 (Bernardes, 1982), há um desejo de se produzir uma síntese, ou melhor, um quadro sintético. A geografia regional se propôs avançar nesses termos e produziu um método original de observação e descrição que visava contornar o problema da definição da singularidade geográfica. Trata-se de

uma forma tradicional onde se busca recuperar a ideia de que há, em meio à diversidade de elementos, um conjunto, uma coesão ou uma unidade passível de ser divisada pelo olhar ou organizada por um sistema classificatório (Gomes, 2017).

Para as pesquisas sobre a noite parece difícil adotar um modelo como aquele da geografia regional francesa ou talvez algum dos modelos da análise regional, mas queremos indicar a possibilidade de repensar o método a partir de sua ideia principal: observar um quadro geográfico composto pela combinação de objetos em uma dada área. Não se trata de uma busca pelas essências locais, seu caráter único ou a personalidade regional, mas, sim, da tentativa de estabelecer uma classificação a partir de critérios que nos permitam delimitar disparidades, irregularidades e zonas de transição (Figura 7). Assim como na ciência regional, essa ação pode ser pensada para o planejamento, pode servir como apoio a decisões quanto à alocação de recursos e à implantação de ações sobre o espaço. No entanto, mais do que a sua relevância para planejar áreas, a prática de regionalização possui uma utilidade para a reflexão sobre essas desiguais formas de distribuição dos objetos no espaço. A imagem produzida pela ação de classificar a distribuição dos objetos no espaço nos permite compreender relações que de outra forma não veríamos.

Apesar de não ser exatamente a preocupação inicial da proposta de Milton Santos (1996), a sua ideia de diferenciação entre lugares opacos e luminosos nos oferece uma primeira aproximação ao problema. Ora, se há uma diferenciação espacial no centro das sociedades capitalistas entre lugares segundo seus recursos, disponibilidade de mão de obra, acesso à tecnologia, centros de inovação, mercado etc., é esperado que se crie uma hierarquização ou classificação dos lugares. A sua inserção relativa nessa rede de lugares e regiões pode ser identificada a partir da metáfora das luzes e das sombras, comum ao imaginário ligado ao acesso à iluminação e energia elétrica. Mais do que isso, gostaríamos de observar que se trata não do acesso, mas da posição em relação ao foco de luz. Nesse caso, a luz pode ser interpretada como a metáfora da fortuna, do acesso às benesses do capitalismo, ao lucro e às oportunidades de negociação. Quanto mais

Figura 7 – Um tipo-ideal de representação da relação entre centralidades noturnas e centralidades diurnas.

Fonte: Elaborado pelo autor.

longe do foco, menor a capacidade de aderir aos projetos da sociedade dentro desse modelo.

A noite é cheia de lugares opacos e luminosos. Não só concretamente, pois, a luminosidade artificial é seletiva e resulta das intenções daqueles que iluminam os espaços; mas também metaforicamente, visto que, assim como Milton Santos (1996) indicou para seus propósitos, a vida noturna de uma cidade também oferece oportunidades de forma diferenciada para o seu público. Há uma diferenciação social do lazer noturno, por exemplo. Essa diferenciação social se expressa também espacialmente, ou melhor, ela só se manifesta porque há lugares que permitem a sua existência. Tais formas de organização socioespacial produzem classificações de área, reorganizando os fluxos e as práticas sociais. Assim, observamos notícias sobre cidades que não dormem, áreas proibidas, centros clandestinos, eixos de manutenção, regiões silenciosas e outras formas de caracterizar o espaço por meio das atividades que ocorrem naquele determinado período.

Ao produzir em outro trabalho a iniciativa de criar um índice de concentração das atividades noturnas[1] (Figura 8), se notou que a organização de tais atividades seguia uma orientação espacial. Havia lugares de extrema concentração de atividades, como bares, restaurantes, casas de show, motéis, centros de lazer etc.; enquanto outras áreas pareciam ter somente uma irregular presença das mesmas atividades. Em um certo sentido, essa lógica obedece a algumas leis da oferta de bens e serviços que já apareciam nos trabalhos de economia espacial e da geografia regional dos anos 1960 e que tinham grande inspiração na obra de Walter Christaller (1933).

O que se notou foi a constituição de eixos e de polarizações em torno da área central e da orla da cidade do Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo, ao se observar os fluxos, notava-se a pertinência dos deslocamentos das áreas suburbanas da cidade em direção aos centros noturnos indicados. Em busca das atividades, encontram-se unidades de lazer noturno, relativamente contínuas, articuladas pelos eixos de transportes da cidade. Os espaços luminosos tendem a se restringir a poucas áreas da cidade durante a noite. São pequenos centros ou polos que atraem os fluxos de pessoas, que fazem convergir interesses sociais. Cada polo possui também um raio de atração, uma centralidade. Há centros capazes de recuperar os fluxos metropolitanos, absorvendo pessoas de áreas distantes, de outras cidades, que levam até mais de uma hora em seu deslocamento.

---

1 O índice de concentração de atividades noturnas foi elaborado a partir do levantamento e da ponderação da importância de bens e serviços ligados ao período noturno. A partir desses dados foram atribuídos diferentes pesos e um cálculo a partir do recorte dos bairros do município do Rio de Janeiro, novamente ponderados, agora pela população moradora e a área de cada bairro. Alguns detalhes poderão ser compreendidos melhor na tese publicada em 2015. O mapa indicou que a concentração foi maior na Área de Planejamento 2 (AP2) – Zona Sul, especialmente nos bairros de Botafogo (20), Copacabana (24) e Ipanema (25). No entanto, a concentração por bairro foi maior no Centro (5), incluindo a área da Lapa. Nas áreas de expansão urbana (Zona Oeste) é importante notar a centralidade da Barra da Tijuca (126), na AP4, e de Campo Grande (144), na AP5. A Zona Norte (AP3), devido à grande fragmentação dos bairros, registrou valores menores de concentração, o que revela, assim, o caráter de dispersão do fenômeno na área.

Figura 8 – Índice de Concentração de Atividades Noturnas aplicado ao caso do município do Rio de Janeiro para o ano de 2013.

Índice de Concentração das Atividades Noturnas - ICAN (2013)
Município do Rio de Janeiro

Legenda
Índice de Centralidade das Atividades Noturnas - ICAN
Centro Noturno Local - (0,00 - 0,04)
Centro Noturno de Zona - (0,05 - 0,16)
Centro Noturno Metropolitano - (0,17 - 0,55)
Centro Noturno Regional - (0,56 - 1,00)
Dados cartográficos:
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Instituto Pereira Passos (IPP/PCRJ)

Fonte: Góis (2015, p.213).

Há outros centros que, no entanto, atraem poucos fluxos, que são, em geral, limitados às vizinhanças próximas. Nesses centros não só há pouca variedade, como também há uma quantidade limitada dessas atividades. Já nos grandes centros de vida noturna há não só a oferta comum de atividades em grande quantidade e variedade, como em bares, restaurantes e casas de show, mas também são oferecidos outros serviços, como shows internacionais, boates, centros esportivos, motéis, eventos públicos etc. A variada dispersão das atividades organiza uma rede de localidades sobre o tecido urbano, a qual orienta os fluxos e estabelece marcos para a mobilidade urbana noturna da população (Góis, 2018b).

A composição da rede urbana favorece alguns deslocamentos e obstrui algumas possibilidades de interação durante o período noturno. No entanto, as áreas e os centros de vida noturna não são determinados somente pela oferta de serviços. O interesse coletivo sobre tais áreas e a manifestação de interesses sociais sobre elas

fazem que tal arranjo seja sempre provisório, mudando conforme a atuação das pessoas sobre o espaço. Pensar em classificações de áreas nos leva a notar outras configurações espaciais, dirigidas a localizações específicas e que fortalecem, inclusive, a dimensão política da vida noturna. Nesse sentido, a noite pode ser constituída tanto por lugares quanto por territórios para as práticas noturnas. O papel ativo de um público faz que esses centros, polos e redes sejam fluidos, estando em constante reelaboração.

Lugares e territórios da noite

A vida noturna de uma cidade também possui seus lugares e territórios. Não só nos relacionamos com o ambiente vivido, como também atribuímos a ele significados a partir da experiência pessoal e coletiva que adquirimos ao longo do tempo. Ainda que a noite seja efêmera e os cenários criados para a vivência se desfaçam a partir do momento em que um novo esquema de sociabilidade entra em jogo, podemos criar laços com os lugares e dar sentido para a existência deles, mesmo que temporariamente. Se o lugar encarna o espírito de estar no mundo e a experiência da diversão é um dos seus propósitos, uma noite na cidade pode ser expressiva dessa relação, pode trazer sensações diferentes e, ao longo do processo, estabelecer um vínculo com aquele mundo. Tal vínculo é construído intersubjetivamente, ou seja, na relação entre as pessoas em um dado espaço (Holzer, 2003). É o jogo social que permite que a experiência coletiva se manifeste, ainda que a avaliação seja constituída por uma apreensão subjetiva.

A experiência afetiva com o lugar passa então a fazer parte de um encontro de trajetórias. O lugar sintetiza esse diálogo entre aquilo que é diverso e que pode ser explorado como uma possibilidade de interação social. É óbvio, no entanto, que tais experiências não são sempre agradáveis. Há conflitos, tensões, desorientações que podem ocorrer ao longo do processo. A diversidade de um público pode ser a sua maior riqueza como elemento das relações em sociedade, mas

pode, ao mesmo tempo, gerar medos, angústias e ansiedade. No limite, os lugares noturnos ensejam certa possibilidade de transgressão, como se fossem o último recanto da subversão da ordem social (Cresswell, 1998). Isso inspira desejos e inseguranças, alimentando expectativas sobre o estar lá. Devemos advertir que, no entanto, a ideia de transgressão é menos real do que parece, ainda mais quando olhamos a partir dos estudos empíricos atuais (Straw, 2018). A vida noturna é tão vigiada, controlada e organizada quanto a vida diurna. As fugas dessa ordem são quase mitologias criadas em nosso imaginário (Otter, 2008). Há durante o dia tantas possibilidades de subversão quanto durante a noite, ainda que haja, de fato, um novo regime de visibilidade durante a noite que permite, em alguns casos, que a transgressão desapareça em suas sombras.

O compartilhamento de lugares e o encontro de trajetórias (Massey, 1994) não podem ser reduzidos ao problema do encontro social. Esse encontro é permeado, por vezes, de conflitos relacionados à apropriação do espaço. Certos grupos preferem se fechar em torno de seus próprios interesses e seccionar áreas ou lugares para o exercício de suas próprias práticas. Parte da bibliografia sobre o tema trata essa questão a partir da ideia de segregação (socioespacial). Normalmente, tais estudos se concentram sobre o tecido urbano, identificando condomínios, shopping centers, clubes e outros objetos espaciais e seu caráter segregacionista (Carlos, 1999; Souza, 2000). Em relação à noite também é comum a identificação de territórios exclusivos, orientados para o consumo hedonista, o entretenimento de classe média-alta e o lazer como commodity no âmbito do sistema capitalista (Chatterton; Hollands, 2003; Turra Neto, neste livro).

Vista a partir das ações políticas de intervenção ou de apropriação no espaço, o ato de territorializar é uma tecnologia política (Elden, 2016). Por meio dela se buscam reconhecer os fatores locais que podem ser absorvidos pelo interesse dos atores sociais, especialmente do Estado e do mundo empresarial. As pesquisas de mercado, de público e de localização são instrumentos que visam identificar potenciais cenários para o investimento desses atores sociais. Há, portanto, um empenho de forças no entendimento daquilo que

compõe a noite em uma cidade. Há um olhar estratégico que vê a cidade noturna como um novo campo de intervenções, sob uma nova diagramação de interesses.

O tecido urbano passa a ter uma nova capa de significados, reorientados para um novo planejamento, ou seja, os interesses do lazer e do entretenimento permitem pensar em uma nova ordem das coisas, com novos centros e novos territórios. As ações da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, buscaram ao longo dos últimos 30 anos introduzir um novo ordenamento noturno ao definir centros, polos e redes de lazer. As definições se basearam em uma leitura sobre a cidade à noite e resultaram em intervenções físicas e incentivos fiscais para o empresariado da noite. Projetos como "Rio Cidade", "Rio Orla", "Rio Polos Comerciais", "Lapa Legal" e "Corredor Cultural Carioca" são alguns exemplos de ações que incluíam um novo olhar sobre as atividades econômicas no período noturno (Góis, 2018a). Em São Paulo há casos semelhantes que apresentam um olhar sobre a noite a partir de um processo de ocupação dos espaços pelas ações do Estado e dos empresários da noite (Gwiazdzinski, 2014). Isso não quer dizer, no entanto, que as ações de tais atores sociais se imponham sem resistências e manifestações contrárias, que territorialidades se manifestem e, de certa forma, até mesmo se configurem dentro de uma estratégia territorial contra-hegemônica.

O que queremos afirmar é que essa estratégia é recorrente na forma de atuação social de certos grupos que estabelecem barreiras e fronteiras físicas e simbólicas que visam controlar o acesso de pessoas e estabelecer um modo de atuação. Em muitos casos isso é estabelecido em espaços exclusivos, privados ou orientados para determinados usos, como casas de show, bares e boates. Em outros casos, o que vemos é a delimitação de áreas exclusivas nos espaços públicos, ou seja, a apropriação de um espaço por um grupo, que controla os fluxos de entrada e de saída (Góis, 2015). Em ambos os casos nos aproximamos da ideia de território, ou seja, de um campo de forças que opera sobre e com um espaço construído, o qual será revertido para as estratégias espaciais desses grupos (Souza, 1995).

Trata-se de territorialidades fluidas, móveis, temporárias que sobrevivem enquanto os grupos que lhe dão sustentação ali estiverem (Sack, 1983).

Em geral, durante a noite, as territorialidades se manifestam por períodos, durante um evento, mas se estendem para além desse tempo pela presença das marcas espaciais deixadas pelas atividades e que manifestam relações e formas de controle daquela área durante aquele período. Em alguns casos, essa territorialidade não se manifesta apenas em um local, mas é móvel, ela circula por um conjunto de lugares que vão sendo apropriados no caminho. Seriam circuitos territoriais compostos por trajetórias que visam marcar uma rotina daquele grupo social. O território é, assim, a manifestação da apropriação espacial de um grupo, ele desvela as relações de poder que existem entre os grupos sociais e reelabora as relações sociais como relações políticas. Os eventos combinados, como os "rolezinhos" em shopping centers, as marchas da maconha, as paradas do orgulho LGBT, entre outras, representam essa forma provisória de territorialização do espaço por um grupo. Ao ocuparem os espaços os transformam com os significados partilhados pelos seus diversos participantes. De alguma forma, essa união de pessoas ativa os lugares, coordenando as práticas espaciais de longe, por meio das redes sociais e de informação contemporâneas. A exibição pública dessa convergência socioespacial pode desvelar conflitos e, no limite, impor restrições para a apropriação do espaço (Da Costa; Bernardes, 2013).

Se no caso do lugar o que se manifesta é a vivência, a experiência ou a relação afetiva, no caso do território o que se apresenta é a apropriação do espaço, tomado como centro de defesa de um grupo social, ou seja, o território é a demarcação (física ou simbólica) de uma disputa e de uma defesa de um espaço de "iguais" (no sentido de iguais perante os outros, entendidos como diferentes, estrangeiros). Nesse sentido, o território só existe quando há uma alteridade, um outro contra o qual se fortaleceram os laços internos do grupo. Para existir um lugar se organiza o oposto, pois, a presença de outros é característica fundamental e que dá sentido à própria ideia de uma

experiência intersubjetiva, em sociedade, coletivamente partilhada entre aqueles que pertencem ao grupo. Acreditamos que entre esses dois conceitos ainda há uma possibilidade mediana, entre o apelo à apropriação e ao conflito, de um lado, e a adesão à experiência intersubjetiva, do outro. A ideia de espaço público parece conservar o debate sobre a política e o poder, sem deixar de ter em conta os problemas da identidade e das relações em sociedade.

Espaços públicos noturnos

A cidade talvez seja um campo de observação privilegiado para as discussões em torno das relações de poder no espaço. Ao reunir tão diferentes grupos sociais e seus variados interesses, a cidade torna-se um espaço privilegiado, onde essas relações sociais parecem ganhar maior visibilidade. Em virtude disso, muito tem sido dito sobre o caráter conflituoso do espaço urbano, a desigual apropriação da cidade pelos grupos sociais e as territorialidades urbanas (Serpa, 2007). A centralidade do debate poderia ser identificada nos processos de segregação, gentrificação ou apropriação por um grupo social de uma dada área por um determinado tempo. Essa abordagem é comumente apresentada quando se reúnem as investigações sobre fenômenos observados durante a noite. Nesse caso, é salientado o caráter conflituoso, normalmente associado aos comportamentos dos indivíduos, entendidos como manifestações da transgressão de regras sociais. Seria como se durante a noite se manifestassem outras territorialidades que não aquelas comuns ao período diurno (Hae, 2011).

O debate sobre os conflitos territoriais na noite das cidades tem sido construído majoritariamente a partir da ideia de gentrificação (Slater, 2011). A proximidade entre essa ideia e o processo de territorialização é encontrada em seu esquema explicativo fundamental, no qual as lutas entre classes sociais se transformam em lutas pelo controle de um espaço. A associação entre território, poder e gentrificação forneceu os elementos teóricos que defenderiam o modelo de interpretação das lutas entre classes na geografia.

O termo gentrificação surgiu primeiramente associado às disputas entre membros da classe trabalhadora e membros da classe média londrina pela propriedade de antigos alojamentos do período vitoriano na década de 1950. Tratava-se de uma tentativa de aquisição dos prédios pela classe média com o intuito de reabilitar o estilo vitoriano, removendo daí a população que antes ocupava o local (Smith, 2002). Atualmente, o termo gentrificação se tornou um lugar comum na descrição das grandes cidades, um mecanismo efetivo de identificação de um novo processo urbano que reproduziria o efeito de mudanças estruturais no capitalismo após os anos 1970 (Chatterton; Hollands, 2003). A sua utilização pelos geógrafos é assinalada pela caracterização de uma situação na qual os conteúdos socioespaciais anteriores se encontram em vias de desaparecer, sendo considerados originais e validados pela sua duração em determinado lugar.

A imagem comumente apresentada sobre esse processo tende a apresentar uma noite permeada de conflitos pela ocupação dos espaços públicos. Em um desses casos aparecem os grupos marginalizados, em territórios quase invisíveis, na fronteira de áreas ocupadas pelas atividades formais. Em outros momentos a manifestação de um comportamento transgressor é compreendida como o rompimento das territorialidades constituídas que demarca uma territorialidade alternativa emergente. As práticas constituem-se, assim, territórios que não parecem dialogar de outra forma que não por meio da disputa pelo controle de uma área, relegando a interação entre os grupos sociais a um papel secundário (Chatterton; Hollands, 2003). A conclusão é de que as noites urbanas são produzidas a partir de lugares da exclusão, do controle e do capital privado (territórios corporativos). A noite aparece como um momento no qual não há interação social, mas segregação, motivada pela segmentação do espaço em territórios (Talbot, 2006). Quando algum território alternativo é incorporado ao modelo hegemônico, ele tende a ser caracterizado pelo processo de desterritorialização, visto que fora apropriado pelos interesses corporativos.

Esse conjunto de propostas desenha um quadro muito claro sobre os problemas enfrentados pelas cidades pelo menos nos últimos

40 anos. A gentrificação é um termo que tem se tornado banal nas análises das cidades brasileiras nos últimos anos e, por isso, merece uma interpretação crítica sobre a sua incorporação aos fenômenos observados neste país. No entanto, o conflito socioeconômico não é o único meio de acessarmos as interações espaciais que ocorrem nas cidades, apesar de ser um aspecto fundamental da análise em geografia. Ao observarmos as relações sociais urbanas vemos que as relações de poder se manifestam também por meio de formas de sociabilidade que são ativadas a partir da concentração e, logo, da copresença de diferentes pessoas em um mesmo espaço (Gomes, 2012). Essa ativação surge das atividades que são especificamente criadas para a diversão de um público, o qual se reúne em poucos centros de grande visibilidade no espaço urbano durante a noite. Por isso, é importante dizer que o espaço público é algo que envolve, ao mesmo tempo, um recorte espacial concreto, um lugar, e uma forma de relação entre pessoas, um público (Gomes, 2001).

O espaço construído é fundamental não somente como uma base ou um palco para a ação humana, mas também como um elemento sobre o qual se atribuem significações, sentidos e desejos. Assim, tal materialidade é recoberta por uma capa simbólica, constituída pelos valores sociais depositados sobre ela. A sua relevância não pode ser, no entanto, retida a uma mera formalidade, como um espaço administrado por um agente social; nem mesmo se limitar ao uso banal, como mera rota, passagem ou elemento do fluxo cotidiano desinteressado. Se entendido como espaço público, a materialidade do espaço torna-se parte de um jogo social, ou melhor, um contexto para a participação de pessoas, um público (Crawford, 1995). O espaço público é caracterizado pela diversidade de pessoas que aceitam dividir um mesmo conjunto de regras sociais para conviver, para estar junto, apesar dos variados interesses e valores sociais que possuem enquanto indivíduos ou membros de uma coletividade (Berdoulay; Gomes; Lolive, 2004).

Quando se trata dos usos noturnos dos espaços públicos há usualmente a interpretação de que tais regras são burladas ou ignoradas por comportamentos transgressores. É recorrente que tais

comportamentos sejam vistos como ações de apropriação do espaço a partir da negação de princípios diurnos, considerados como imperativos morais. A metáfora da fronteira sinaliza esse tipo de pensamento. No entanto, as regras variam muito pouco entre os períodos diurno e noturno, mantendo quase sempre o mesmo conjunto de preocupações sociais. O comportamento desviante também não é um atributo fundador de um grupo, mas um elemento de sua identificação por outros que os enxergam como potenciais agressores das normas ou dos seus princípios morais. A experiência do espaço público noturno é fundamental nesses casos, onde a diferença é reconhecida, mas não é silenciada para que se configure uma área restrita a apenas um grupo. O direito à diferença não se transforma, portanto, em direito à exclusão. A permanência da diversidade se torna, inclusive, a variável central das escolhas pelos lugares da cidade onde os indivíduos decidem viver, trabalhar, se divertir e encontrar com outros.

Aqui é importante frisar que se trata de um espaço especial, ou seja, há formas de viver uma noite que não admitem esse caráter integrador, convivial ou diverso. Há inúmeros exemplos de territórios exclusivos, como falado anteriormente, e que poderiam ser agrupados naquilo que Paulo Gomes (2001) denominou de genoespaço, um espaço de iguais ou de pessoas que possuem um vínculo identitário exclusivo (e excludente). Ainda assim, há lugares que preservam o sentido democrático da convivência com diferentes e que manifestam exatamente nesse princípio o interesse social, naquilo que se aproximaria da ideia de um nomoespaço, um espaço da diferença, da manifestação da unidade de diversos.

O interesse pelos espaços públicos como lugares de sociabilidade, de encontro e de diálogo produz mudanças nas práticas sociais. Elas ganham um novo conteúdo, um apelo àquilo que Zygmunt Bauman (2009) chamaria de mixofilia, um desejo de estar "junto e misturado". O interesse social pela noite passa a atender um público variado de pessoas que busca no contato com outros a realização de algum desejo. Trata-se de um jogo no qual as peças se movem em busca da satisfação de algo a partir

do lazer noturno, ou seja, uma busca por atividades que permitam aos indivíduos enredados na situação a solução de uma inquietação relacionada à diversão, ao prazer, à excitação ou a qualquer outra prática que envolva estar junto e compartilhar uma experiência, um acontecimento ou uma atividade naquele momento (Goffman, 2010). Pode se tratar daquilo que foi chamado de sociabilidade desinteressada por Georg Simmel (2005), ou seja, uma forma lúdica de sociação, que vê no estar junto a realização de uma satisfação, sem que haja, de fato, um produto, um objetivo ou um resultado esperado. Pode ser também que fatores identitários influenciem o contato, a tal sociação, entre pessoas. Entre lugares, territórios e espaços públicos há nuances que, talvez, seja impossível dar inteligibilidade. No entanto, é preciso reafirmar que as regras não se flexibilizam totalmente. Elas se mantêm como pano de fundo das ações e das relações. O nomoespaço é um espaço das regras e as práticas socioespaciais "jogam" com elas.

Uma questão para se trabalhar sobre os espaços públicos noturnos é a visibilidade. Nem todos os logradouros públicos podem ser reconhecidos como espaços públicos durante a noite. Sem um público esses logradouros permanecem como lugares de passagem e rotas de circulação pela cidade. A manifestação de um interesse coletivo sobre uma área da cidade exige a construção social de sua publicidade (Figura 9). Esse espaço precisa ser visto, visitado e reconhecido como um lugar que celebra a diversidade, revelando a importância do estar junto na configuração da cidadania. Durante as noites, a visibilidade da cidadania se expressa em lugares ainda mais seletos, onde a aglomeração de pessoas se organiza em torno da sociabilidade.

A valorização da relação social se expressa também no espaço, o qual é reorganizado pelas práticas, recebendo novos equipamentos e funções como nas intervenções artísticas, decoração de monumentos e iluminação de fachadas. Torna-se um "efeito em cascata", quanto mais apropriações daquele espaço, mais intervenções físicas sobre ele, maior ocupação e maior visibilidade. As manifestações identitárias de caráter territorial permanecem, mas entram no jogo

da publicidade, compondo um mosaico constituído de diferentes cores, mas que aderem a uma mesma base política comum aos regimes democráticos. Isso não quer dizer que se ignora a existência de conflitos pelo controle do espaço, mas sim que, ao contrário, há também espaços para a resolução de tais conflitos. As apropriações provisórias dos espaços públicos durante a noite podem ser vistas como manifestações do interesse no diálogo social (Figura 10).

Figura 9 – Aspecto do lazer noturno no bairro da Lapa, Centro da cidade do Rio de Janeiro, no ano de 2014, onde se observa a concentração de pessoas em frente a um depósito de bebidas.

Fonte: Góis (2015, p.174).

Quando esse interesse é subjugado pela busca do controle exclusivo de um grupo sobre um dado espaço, a discussão passa a ficar retida às lutas territoriais. Um conceito de espaço público aplicado ao período noturno absorve necessariamente o fato de que os conflitos lhe são inerentes e que a sua resolução se organiza a partir dos princípios da política presentes no jogo social. Tal complexidade impõe significativos desafios para a observação da noite pelos geógrafos.

Figura 10 – Aspecto das práticas noturnas no bairro do Méier, zona norte da cidade do Rio de Janeiro, no ano de 2013, onde se observa os diferentes usos dos espaços públicos em frente a um bar.

Fonte: Góis (2015, p.182).

Observar e descrever a noite

O trabalho de campo é uma das mais tradicionais ferramentas para um geógrafo (Pires do Rio, 2011). Sua tradição decorre das antigas viagens medievais e das navegações, bem como do trabalho de campo institucional, ligado inicialmente aos atos imperiais de colonização e, posteriormente, incorporado ao *ethos* acadêmico pelas viagens patrocinadas para países distantes da sede universitária (Zusman, 2011). Sua evolução se deu em princípio na fase inicial da geografia institucionalizada, no incentivo governamental para o reconhecimento do território e para o planejamento regional (Ruellan, 1956). Hoje, quando falamos de trabalho de campo em geografia, fazemos referência ao papel da observação direta na obtenção de dados geográficos e problematizamos o seu caráter exclusivamente visual,

impessoal e representacional, nos aproximando de metodologias em que a participação é em si um objeto de reflexão (Turra Neto, 2011). Novas formas de fazer trabalho de campo emergiram do diálogo com ciências correlatas, como a sociologia e a antropologia. Assim falamos de etnogeografias e praticamos abordagens por questionários e entrevistas. Há ainda que se pesar o papel que o olhar colonial em sua abordagem geográfica tem desempenhado ao demonstrar o caráter enviesado das tradicionais observações diretas em geografia (Katz, 1994; Silva; Ornat, 2012).

Além dos problemas de origem do próprio método, o trabalho de campo, quando realizado à noite e especialmente quando realizado durante o momento de festa, descontração ou interação social, representa novos desafios (Sakurai, 2018). Em primeiro lugar, o maior desafio é compreender os circuitos e os grupos sociais que estão na noite, pois, devido à sua diversidade e aparente heterogeneidade, eles dificilmente podem ser reconhecidos em um primeiro olhar ou somente por uma observação direta (Almeida; Tracy, 2003). Normalmente, o que se exige é certa inserção nesses grupos, ou seja, para reconhecê-los pede-se que pelo menos venhamos a conhecê-los de perto (Velho; Kuschnir, 2003).

Em segundo lugar, a abordagem direta a um grupo de pessoas ou sujeitos durante a noite pode ser muito complicada, especialmente quando as atividades envolvem o consumo de bebidas ou de drogas ilícitas, o que agrava muito a possibilidade de se obter informações. Em virtude disso, muitas vezes os questionários e entrevistas precisam ser realizados em outros momentos, fora do contexto da observação direta ou da observação participante. Filas de casas de show, bares e barraquinhas de salgados tendem a ser os melhores lugares para se iniciar uma conversa sobre o tema da pesquisa, pois, se trata de territórios da espera (Parente-Ribeiro; Musset, 2015). Nesses momentos é que os primeiros laços tendem a ser forjados entre pesquisador e usuários da vida noturna. Quando as atividades ocorrem nos espaços públicos, a questão pode apresentar novos problemas em virtude da transitoriedade das práticas, variando segundo as trajetórias dos indivíduos e grupos, exigindo alternativas

originais de relativa inserção nos contextos particulares de cada um (Robaina, 2018).

Um terceiro fator complicador se refere à aquisição de dados sobre a economia da noite urbana. Pouco ou quase nada se sabe sobre o valor dos negócios, sua duração, os grupos empresariais envolvidos, as relações contratuais estabelecidas entre as casas e os funcionários etc. Muito pouco costuma ser dito pelos proprietários que, em geral, evitam dar detalhes sobre o negócio, os frequentadores e até mesmo sobre as escolhas quanto à localização do empreendimento noturno. O contato em horário de funcionamento dos estabelecimentos é quase impossível, mas depende de inúmeros fatores, como um prévio contato bem estabelecido com algum informante, amigo dos sócios de uma casa de espetáculos, por exemplo.

Um quarto fator pode ser encontrado nas limitações que a noite impõe sobre a observação direta. Por se tratar de um esquema visual distinto daquele observado durante o dia – vemos melhor com a luz zenital do sol do que com as lâmpadas em alguns casos –, muitos elementos importantes podem passar despercebidos. Muito da vida noturna ocorre nas sombras de prédios, em áreas mal iluminadas, em recantos na periferia do centro das atividades noturnas. O que nos leva a um quinto problema: a questão da duração da observação e dos trajetos do próprio pesquisador. Para acompanharmos todas as nuances que um campo apresenta e as variadas camadas de significados, devemos observar demoradamente e a partir de diferentes ângulos, o que implica noites mal dormidas, longas caminhadas, às vezes em círculos, e momentos de constrangimento que devemos problematizar (Góis, 2015).

Por fim, tais constrangimentos derivam do contato pessoal entre pesquisador e outros indivíduos no espaço social da noite. Nesse caso, podemos deparar com contatos indesejados ou inesperados, como agressões físicas e verbais, intimidações, questionamentos ou até mesmo galanteios e abordagens sexuais ou sexualizadas. Trata-se de formas de interação comuns para aqueles que estudam a noite empiricamente e saber lidar, refletir, problematizar e retomá-las no trabalho de campo é fundamental para qualquer pesquisa que

entenda o caráter reflexivo contido nos princípios de uma ciência social e humana (Becker, 2008). Nesse ponto, quem somos enquanto pessoas, os nossos aspectos físicos e sociais importam e são fatores a serem pensados quando em um trabalho de campo. Nossas lentes conceituais distorcem aquilo que vemos. Ao mesmo tempo, quem nos vê também o faz a partir de uma distorção simbólica estruturada socialmente. Isso quer dizer que questões de gênero, raça, sexualidade, moda etc. influenciam em como vemos e como somos vistos a partir do contato que estabelecemos com outros. Se não soubermos identificar a nossa influência sobre a construção do objeto de pesquisa, na etapa de levantamento de dados e nas análises que produzimos, corremos o risco de não entender a razão pela qual iniciamos uma pesquisa.

Considerações finais: a pesquisa geográfica sobre a noite urbana

Uma última nota ainda pode ser apresentada. A noite pode ser um fenômeno ecológico, sociológico, historiográfico etc., e assim resultar em um temário bastante rico para se pensar as práticas sociais. Para a geografia, há muitas possibilidades, as quais buscamos ilustrar neste breve capítulo. Há outros caminhos não trilhados e um horizonte de possibilidades à frente. Não era o objetivo deste texto esgotar as saídas ou limitar as fronteiras. Pelo contrário, queríamos apresentar um potencial de trabalho a partir de recentes considerações sobre o fenômeno.

A geografia apresenta-se, assim, como um campo que oferece um olhar original sobre a noite, observando lugares, territórios e paisagens nas mais diversas escalas e recortes temporais, preocupando-se ora com a economia noturna, ora com as práticas nos espaços públicos. Podemos ver a evolução ou a difusão de atividades noturnas, buscar suas origens, ou verificar possíveis relações espaciais, interações em rede, práticas sociais e conflitos derivados de tais conexões. Por fim, podemos explicar rotinas, examinar ritmos,

compreender valores e significados. Ao pensarmos em métodos, podemos construir modelos, índices, padrões ou criar imaginários, desejos e afeições. Os meios de entrada na discussão são diversos e as fronteiras epistemológicas estão abertas. O refinamento das pesquisas permitirá compreender melhor as nuances das noites urbanas. Afinal, ao contrário do que diz o ditado popular: "à noite todos os gatos [não] são pardos". Devemos aprender a ver as diferenças e o variado colorido que comporta a noite urbana.

Referências

ALMEIDA, M. I. M.; TRACY, K. *Noites nômades*: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BAHIANA, L. C. C. *Contribuição ao Estudo da Questão da Escala na Geografia*: escalas em geografia urbana. Rio de Janeiro, 1986. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

BAUMAN, Z. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

BECKER, H. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BENEVOLO, L. *História da cidade*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BERDOULAY, V.; GOMES, P.; LOLIVE, J. *L'espace Public à L'épreuve*: régressions et émergences. Pessac: Maison des Sciences de l'Homme d'Aquitaine, 2004.

BERNARDES, N. O pensamento geográfico tradicional. *Revista Brasileira de Geografia,* ano v.44, n.3, p.389-538, jul./set., 1982.

BRANDI, U.; GEISSMAR-BRANDI, C. *Light for Cities*: light design for urban spaces, a handbook. Zurich: Birkhauser, 2007.

BUREAU, L. *Géographie de la Nuit*. Montreal; Quebec: L'Hexagone, 1997.

CARLOS, A. F. A. *A cidade*. São Paulo: Contexto, 1999.

CASTRO, I. E. Escala e Pesquisa na Geografia: problema ou solução? *Espaço Aberto*, Rio de Janeiro, v.4, n.1, p.87-100, 2014.

CHATTERTON, P.; HOLLANDS, R. *Urban nightscapes*: youth cultures, pleasure spaces and corporate power. London: Routledge, 2003.

CLOKE, P.; JOHNSTON, R. (Org.) *Spaces of Geographical Thought*: deconstructing human geography's binaries. London: Sage, 2005.

COX, K. R. Scale of Dependences, Spaces of Engagement and the Politics of Scale, or: looking for local politics. *Political Geography*, v.17, n.1, p.1-23, 1998.

CRAWFORD, M. Contesting the public realm struggles over public space in Los Angeles. *Journal of Architectural Education*, v.49, n.1, p.4-9, 1995.

CRESSWELL, T. Night Discourse: producing/consuming meaning on the street. In: FYFE, Nicholas R. (Ed.) *Images of the Street*: planning, identity and control in public space. London; New York: Routledge, 1998.

DA COSTA, B. P.; BERNARDES, A. Microterritorializações Homoafetivas na Cidade de Presidente Prudente (SP): o lazer noturno e as relações de interface. *Revista Cidades*, v.10, n.17, p.30-60, 2013.

DEWDNEY, C. *Acquainted with the Night*: excursions through the world after dark. New York: Bloomsbury Publishing, 2005.

EKIRCH, A. R. *At Day's Close*: night in times past. New York: W.W. Norton & Co., 2006.

ELDEN, S. Terra, terreno, território. *Geografares*, Vitória, n.21, p.42-60, jan./jun. 2016.

FIORI, S. Lumières, miroir nocturne des paysages. In : LES 4EMES JOURNEES EUROPEENNES DE LA RECHERCHE ARCHITECTURALE ET URBAINE EURAU'08: Paysage Culturel, 16-19, Madrid, Espagne, 2008.

GALLAN, B.; GIBSON, C. New Dawn or New Dusk? Beyond the Binary of Day and Night. *Environment and Planning A*, v.43, n.11, p.2509-15, 2011.

GOFFMAN, E. *Comportamento em lugares públicos*: notas sobre a organização social dos ajuntamentos. Petrópolis: Vozes, 2010.

GÓIS, M. P. F. *Paisagens noturnas cariocas*: formas e práticas da noite na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

________. Policies for Nightlife and the Democratic City: from urban renewal to behavior control in Rio de Janeiro, Brazil. In: NOFRE, J.; ELDRIDGE, A. (Org.) *Exploring Nightlife*: space, society and governance. London: Rowman & Littlefield Int. Ltda., 2018a.

________. Mobilidades Noturnas: estudo sobre os circuitos urbanos noturnos na cidade do Rio de Janeiro. *Universitas Humanística*, Bogotá-Colômbia, n.85, p.263-291, jan./jun. 2018b.

GOMES, P. C. C. *A condição urbana*: ensaios de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

________. *O lugar do olhar:* elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

_______. *Quadros geográficos:* uma forma de ver, uma forma de pensar. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

GRANDI, M. S. As contribuições de Davidovich e Bahiana ao debate das escalas geográficas no Brasil. *GeoUsp – Espaço e Tempo* (online), São Paulo, v.18, n.2, p.253-68, 2014.

GWIAZDZINSKI, L. *La nuit, dernière frontière de la ville*. La Tour d'Aigues: Éditions de l'Aube, 2005.

_______. *The nocturnal condition, Night Manifesto*. São Paulo: Invisíveis Produções, 2014.

_______. Introduction. Urban Night: a time space innovation. *Journal of Urban Research* (online), v.11, 2015. Disponível em: <https://journals.openedition.org/articulo/3140>. Acesso em: fev. 2019.

HAE, L. Gentrification and Politicization of Nightlife in New York City. *ACME: An International E-Journal for Critical Geographies*, v.11, n.3, p.564-84, 2011.

HARTSHORNE, R. *Perspective on the Nature of Geography*. London: John Murray, 1959.

HOLZER, W. O conceito de Lugar na Geografia Cultural-Humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea. *GEOgraphia*, Niterói, v.5, n.10, p.113-23, 2003.

KATZ, C. Playing the Field: questions of fieldwork in geography. *Professional Geographer*, v.46, n.1, p.67-72, fev. 1994.

KOSLOFSKY, C. *Evening's Empire*: a history of the night in early modern Europe. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2011.

KURME, M. *Urban Night*. Tallinn, 2009. Dissertação (Mestrado em Urban Studies) – Estonian Academy of Arts. Disponível em: <http://www.urbanistika.ee/docs/greenlight2009/MKgreenlight.pdf>. Acesso em: 12 maio 2010.

LEFEBVRE, H. *Rhythmanalysis*: space, time, and everyday life. London; New York: Continuum, 1992.

MARSTON, S.; JONES, P.; WOODWARD, K. Human Geography without Scale. *Transactions of the Institute of British Geographers*, n.30, p.416-32, 2005.

MASSEY, D. A Global Sense of Place. In: ___. *Space, Place and Gender*. Minessota: University of Minnesota Press, 1994.

MELBIN, M. Night as Frontier. *American Sociological Review*, v.43, n.1, p.3-22, fev. 1978.

_______. *Night as frontier*. New York: Free Press, 1987.

MENDONÇA, L. L. de. *Reflexos da cidade*: a iluminação pública do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Centro da Memória da Eletricidade no Brasil, 2004.

MUMFORD, L. *A cidade na história*: suas origens, transformações e perspectivas. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NARBONI, R. *Lighting the Landscape*: art design technologies. Boston: Birkhäuser, 2004.

NASAW, D. *Going Out*: the rise and fall of public amusements. Cambridge: Harvard University Press, 1993.

NOFRE, J.; ELDRIDGE, A. (Org.) *Exploring Nightlife*: space, society and governance. London: Rowman & Littlefield Int. Ltda., 2018.

OTTER, C. *The Victorian Eye*: a political history of light and vision in Britain, 1800-1910. Chicago: The University of Chicago Press, 2008.

PALMER, B. *Cultures of darkness*: night travels in the histories of transgression. New York: Monthly Review Press, 2000.

PAQUOT, T. Le Sentiment de la Nuit Urbaine aux XIXe et XXe Siècles. *Les Annales de la Recherche Urbaine*, n.87, p.7-14, set. 2000. Disponível em: <http://www.annalesdelarechercheurbaine.fr/sous-rubrique.php3?id_rubrique=40>. Acesso em: out. 2016.

PARENTE-RIBEIRO, L.; MUSSET, A. L'attente Comme Ressource: les vendeurs ambulants de Rio de Janeiro et de Tijuana. In: VIDAL, L.; MUSSET, A. (Org.) *Les Territoires de l'attente*: migrations et mobilités dans les amériques (XIXe – XXIe siècle). Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2015.

PIRES DO RIO, G. A. Trabalho de Campo na (Re)construção da Pesquisa Geográfica: reflexões sobre um tradicional instrumento de investigação. *Espaço Aberto*, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.7-20, jan./jun. 2011.

RAFFESTIN, C. *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo: Ática, 1993.

ROBAINA, I. O Trabalho de Campo como um Lugar em Processo: experiências de uma pesquisa geográfica com a população em situação de rua numa grande metrópole. *GEOUSP: Espaço e Tempo* (Online), v.22, n.1, p.241-56, 2018.

ROBERTS, M. What a "Night Czar" Can Do to Help Nightlife Survive. *The Conversation*, out. 2016. Disponível em: <http://theconversation.com/what-a-night-czar-can-do-to-help-nightlife-survive-67253>. Acesso em: fev. 2019.

RUELLAN, F. O Trabalho de Campo nas Pesquisas Originais de Geografia Regional. *Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul*, IBGE, n.4, p.65-74, 1956.

SACK, R. D. Human territoriality: a theory. *Annals of the Association of American Geographers*, v.73, n.1, p.55-74, 1983.

SAKURAI, R. *Lógicas Econômicas e Práticas Espaciais da Diversão Noturna em São José do Rio Preto/SP*. Presidente Prudente, 2018. Dissertação

(Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

SANTOS, M. *A natureza do espaço*: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SAUER, C. The Problem of Land Classification. *Annals of the Association of American Geographers*, v.11, n.1, p.3-16, 1921.

SAYRE, N. Ecological and Geographical Scale: parallels and potential for integration. *Progress of Human Geography*, v.29, n.3, p.276-90, 2005.

SCHIVELBUSCH, W. The Policing of Street Lighting. *Yale French Studies*, n.73, p.61-74, 1987.

_______. *Disenchanted Night*: the industrialization of light in the nineteenth century. Los Angeles: The University of California Press, 1995.

SERPA, A. *O espaço público na cidade contemporânea*. São Paulo: Contexto, 2007.

SILVA, J. M.; ORNAT, M. J. Interseccionalidade e mobilidade transnacional entre Brasil e Espanha nas redes de prostituição. *Revista da ANPEGE*, v.8, n.10, p.51-66, 2012.

SIMMEL, G. The Metropolis and Mental Life. In: BRIDGE, G.; WATSON, S. (Ed.) *The Blackwell City Reader*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.

SLATER, T. Gentrification of the City. In: BRIDGE, G.; WATSON, S. (Ed.) *The New Blackwell Companion to the City*. Oxford: Blackwell, 2011.

SMITH, N. New Globalism, New Urbanism: gentrification as global urban strategy. *Antipode*, v.34, n.3, p.427-50, 2002.

SOUZA, M. J. L. O Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E.; CORREA, R. L.; GOMES, P. C. C. *Geografia*: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

_______. *O desafio metropolitano*: um estudo sobre a problemática socioespacial nas metrópoles brasileiras. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

STRAW, W. Afterword: night mayors, policy mobilities and the question of night's end. In: NOFRE, J.; ELDRIDGE, A. (Org.) *Exploring Nightlife*: space, society and governance. London: Rowman & Littlefield Int. Ltda., 2018.

TALBOT, D. The Licensing Act 2003 and the Problematization of the Night-time Economy: Planning, Licensing and Subcultural Closure in the UK. *International Journal of Urban and Regional Research*, v.30, n.1, p.159-71, 2006.

TURRA NETO, N. Metodologias de Pesquisa para o Estudo Geográfico da Sociabilidade Juvenil. *Ra'ega – O Espaço Geográfico em Análise*, v.23, p.340-75, 2011.

_______. *Múltiplas trajetórias juvenis*: territórios e rede de sociabilidade. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

VELHO, G.; KUSCHNIR, K. (Org.) *Pesquisas urbanas*: desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

WILLIAMS, R. Night Spaces: Darkness, Deterritorialization and Social Control. *Space & Culture*, v.11, n.4, p.514-32, 2008.

ZUSMAN, P. La tradición del trabajo de campo en geografía. *Geograficando*, La Plata, v.7, n.7, p.15-32, 2011.

2
Entre medo e desejo: o espaço paradoxal da existência noturna de travestis e mulheres transexuais

Joseli Maria Silva
Marcio Jose Ornat
Debora Lee

Introdução: o desafio de vencer nossa cegueira noturna

Segundo Liempt et al. (2014), uma parte considerável de pesquisas acadêmicas sobre as dinâmicas urbanas sofre de uma espécie de "cegueira noturna". Embora a noite seja algo que faça parte de nosso cotidiano, como geógrafos e geógrafas não temos explorado esse período do dia como um elemento da análise espacial. Em geral, a geografia prioriza o dia, ou explora fenômenos geográficos sem trazer referência às alternâncias da luz e escuridão, conforme argumenta Shaw (2018). Esse autor alega que a ausência da noite como tópico de pesquisa é algo naturalizado no processo investigativo, como se o fato de ser noite ou dia não tivesse importância no processo ou nos resultados de nossas pesquisas. Além de a maior parte dos interesses da geografia estar centrada no dia, as práticas de pesquisa em geral também são diurnas. As observações de fenômenos por parte dos(as) pesquisadores(as) frequentemente são realizadas durante o dia e as entrevistas ou questionários que realizamos usualmente abordam temas sobre atividades diurnas e assim por diante.

A prevalência do dia e a negligência da noite só foi alvo de nossa reflexão quando decidimos participar desta coletânea.[1] Há 14 anos nós mantemos investigações sobre as espacialidades de travestis e mulheres trans. Esse grupo social tem dividido conosco a produção de conhecimento, além da militância política e de profundos laços amorosos. Mesmo com tamanha intimidade, depararmos com a omissão da noite em nossas investigações, quando levamos a proposta de pensar sobre a noite e seu significado para elas e ouvimos a seguinte resposta de Margarida,[2] que se autoidentifica como travesti: "Mas vocês, depois de todo esse tempo, já sabem tudo da gente. Querem saber mais o que? Já falamos tudo, vocês sabem de tudo. Para mim tudo que sou e tenho foi a noite que me deu, tanto de bom como de ruim!".

Num primeiro impulso mantivemos a postura de realizar novas entrevistas para a elaboração deste texto, mas a afirmação de Margarida era provocativa para nós do ponto de vista metodológico. Perguntávamo-nos como, após tanto tempo e proximidade com o grupo de travestis e transexuais femininas, jamais trouxemos a noite como um elemento investigativo, mesmo a noite significando tanto em suas vidas. Já havíamos trazido o tempo como componente da trajetória de suas vidas, com foco nos estágios de vida como infância, vida adulta e velhice (Silva; Rodó-de-Zárate, ORNAT, [no prelo]). Mas a dimensão temporal diária foi desconsiderada.

Resolvemos então encarar a nossa frágil posição humana como pesquisadores e admitir que, por mais cuidadosos que sejamos na criação e execução de modelos de análise, o fenômeno não se revela para nós como se tivesse uma essência. O que produzimos como resultado de pesquisa também é inerente àquilo que somos capazes de questionar sobre a realidade espacial e a noite, até agora, não tinha sido um elemento de reflexão, mesmo que ela fosse componente

---

1 Agradecemos profundamente esta oportunidade de ressignificar nossas reflexões e, quem sabe, reparar as lacunas de nosso processo de pesquisa.

2 Todos os nomes são fictícios a fim de preservar a identidade das pessoas entrevistadas.

das falas das pessoas que colaboraram com as pesquisas realizadas anteriormente. Enfim, nos demos conta de que nós também fomos vítimas desta "cegueira noturna" alertada por Liempt et al. (2014).

Em vez de realizarmos novas entrevistas que, na visão de nossas colaboradoras, seriam repetitivas, decidimos retomar um conjunto de 25 entrevistas que formam uma coleção sobre as histórias de vida de 17 travestis e oito mulheres transexuais[3] brasileiras que exercem ou já exerceram atividades comerciais sexuais como forma de manutenção de sua existência. Tal coleção foi criada de forma cooperativa por pesquisadores do Grupo de Estudos Territoriais (Gete)[4] e é mantida como fonte de pesquisa aberta para outros pesquisadores do grupo que se comprometam em alimentar esse banco colaborativo de informações. Analisar as mesmas fontes, ou seja, os discursos de travestis e mulheres trans sobre suas experiências espaciais a partir de novos questionamentos, nos trouxe uma grata surpresa metodológica. A de que as fontes (as entrevistas transcritas), embora pareçam um produto acabado, são capazes de gerar novos elementos de análise porque as perguntas que nós pesquisadores fazemos a elas permitem inúmeras possibilidades de interpretações.

A tarefa de sistematizar o conjunto discursivo foi realizada com o suporte da metodologia de análise de conteúdo de Bardin (1977), por meio da classificação em três categorias de análise iniciais sobre as experiências espaciais de travestis e mulheres transexuais, a saber: "noturnas", "diurnas" e "sem classificação". A partir delas identificamos um total de 193 enunciações, no qual 131 (68%) relatavam experiências espaciais noturnas, 29 (15%), diurnas e 33 (17,1%), de enunciações que não foi possível a classificação.

Desse conjunto discursivo inicial analisamos com maior atenção as enunciações sobre as relações espaciais noturnas (68% do total), apesar de entendermos que dia e noite se constituem mutuamente. Uma das frases mais repetidas pelas travestis e mulheres transexuais

3 Adotamos a autoidentificação das pessoas que colaboraram com a pesquisa.

4 Joseli Maria Silva, Marcio Jose Ornat, Vinícius Cabral (Acervo do Observatório da Geografia Brasileira).

que exercem atividades comerciais sexuais é que "os mesmos homens que fecham as portas para nós durante o dia, abrem as pernas durante a noite". Essa frase evidencia o par relacional entre dia e noite que são interdependentes entre si e constituem-se numa dinâmica espacial paradoxal em que a noite aparece como um tempo-espaço próprios de possibilidade de transgressões por parte de uma sociedade cis heteronormativa que, durante o dia, se sustenta pela regulação das normas sexuais. Enfim, esse procedimento nos possibilitou compreender a seguinte questão central que norteia este texto, que é "como travestis e transexuais femininas significam suas experiências espaciais noturnas?". Esse exercício de reflexibilidade, ao mesmo tempo que nos permitiu responder o questionamento colocado, também oportunizou o exercício de crítica sobre nosso trabalho investigativo.

As falas que em pesquisas anteriores foram analisadas sob a influência da "cegueira noturna", para usarmos o termo de Liempt et al. (2014), agora evidenciam um universo simbólico rico de significados instituídos de práticas espaciais que seriam muito diferentes se ocorressem sob a luz do dia. Assim, de algo despercebido ou apenas um detalhe espacial, a noite passou a ser um componente fundamental da vida e da dinâmica da instituição das subjetividades de travestis e mulheres trans. Portanto, para o desenvolvimento destas reflexões, nossos argumentos estão estruturados em duas seções. Na primeira seção deste texto trazemos as perspectivas conceituais sobre a noite, para na segunda seção evidenciarmos os significados criados por travestis e transexuais sobre suas espacialidades noturnas.

Espaços noturnos e a experiência urbana de sujeitos corporificados

Embora a noite seja um fenômeno da natureza, os usos que a humanidade faz dela, as práticas sociais desencadeadas por ela e os significados a ela atribuídos são fenômenos sociais, constituindo-se em espaços noturnos, cuja compreensão geográfica é fundamental.

A disseminação da infraestrutura de iluminação no capitalismo contemporâneo tem estabelecido diferentes ritmos e formas de produção de riquezas e de relações sociais nos quais o modelo dual que opõe a noite e o dia não oferecem mais suporte para a compreensão da cidade contemporânea. De um lado, o dia é compreendido como uma porção de tempo associada ao trabalho, ordenamento do espaço público, controle e a segurança e, de outro, a noite ligada ao descanso, ao espaço privado, às transgressões e ao perigo. Essa forma de raciocínio linear e oposicional tem sido colocada em xeque e a noite não é mais uma fronteira sobre a qual o capitalismo homogeneizador das relações de produção e reprodução avançam, como propôs Melbin (1987). Em suas proposições ele traz as imagens de satélite do planeta Terra, evidenciando a expansão da iluminação por territórios desconhecidos comparando-a com os processos de urbanização e colonização. Segundo ele, a noite é a fronteira sobre a qual o capitalismo avança, está sob ameaça e cada vez mais escassa.

A disponibilidade de iluminação certamente modificou o compasso da sociedade. Os turnos de trabalho em inúmeras indústrias são também noturnos, áreas e estabelecimentos comerciais funcionam 24 horas, bem como vários setores de serviços, desde limpeza até sistemas operacionais de servidores de redes mundiais de computadores. Além da esfera do trabalho, a iluminação também alterou a disponibilidade de aparelhos eletrônicos nas residências, modificando o ritmo das relações mais íntimas e familiares. As imagens televisivas e as redes de internet conectam como nunca as escalas do corpo, da casa e do mundo. Assim, a iluminação trouxe outros sentidos para a noite que vão muito além dos espaços públicos iluminados, mas também para vários locais privados como casas, hotéis, escritórios, bares, boates e outros.

Pensando dessa forma, a noite não tem um sentido único, mas plural e multidimensional, permitindo uma série de possibilidades de abordagens. Shaw (2018) nega que o foco na temporalidade noturna das cidades possa construir uma única possibilidade de compreensão sobre a noite urbana, pois as transformações contínuas dos relacionamentos entre as subjetividades, relações sociais e os

ambientes urbanos permitem uma infinidade de acontecimentos e experiências. Apesar da propagação das tecnologias de iluminação, da mercantilização das vivências noturnas e de uma certa padronização de estereótipos, representações culturais e paisagens visuais, a noite urbana é abundante em diferenças e alteridades, conforme Shaw (2014, 2015).

As diferenças entre grupos sociais deflagram uma diversidade de conflitos e tensionamentos entre as múltiplas atividades que acontecem durante a noite e que são de difícil negociação. O funcionamento das atividades noturnas são pouco planejadas e não fazem parte de um planejamento mais amplo, já que a cidade é prioritariamente pensada pelos órgãos de gestão para seu o funcionamento diurno. Pierone (2015) tem alertado para o fato de que o planejamento das cidades não tem incorporado a vida noturna como um importante elemento e que, na maior parte das vezes, as práticas do poder público têm tratado a vida noturna como um "problema" a ser resolvido. O autor estuda a dinâmica espacial noturna de Genebra, evidenciando que vários conflitos têm sido provocados por demandas que são confrontadas entre diferentes grupos sociais, como associações de moradores que exigem tranquilidade, o aumento das atividades empresariais privadas que geram barulho e sujeira, e as reivindicações de movimentos sociais por espaços para produção cultural independente. Em sua pesquisa, a noite é instituída como um problema público, está em constante construção, nunca acabada ou estática, mas é um processo que se produz por um conjunto de práticas e subjetividades que envolvem o jogo político de negociações entre os atores que possuem diferentes lógicas.

No mesmo sentido, Giordano et al. (2019) apontam que o poder público tem adotado uma agenda disciplinar para a regulação das práticas noturnas como alternativa de resolução de conflitos, associando tais práticas a problemas de ordem pública, em vez de adotar ações estruturais de planejamento urbano, considerando as dimensões sociais e culturais dos espaços públicos durante o período noturno.

A regulação do espaço por parte de agentes públicos à noite visa minimizar os conflitos que marcam as diferentes práticas e

interesses, conforme Hadfield e Measham (2015). Além de problemas sonoros e sujeira, o poder público tem também tido papel de acalmar as reivindicações de determinados grupos em torno de aspectos morais relacionados à ordem sexual, consumo de álcool ou outras substâncias químicas, como evidencia o trabalho de Jayne, Valentine e Holloway (2008). Outra prática comum do poder público é a regulação da circulação de pessoas consideradas indesejadas em determinadas áreas da cidade, cuja corporalidade é considerada inapropriada porque são reconhecidas como não tendo recursos financeiros para o consumo da economia noturna.

A economia da noite diz respeito a bares, clubes, boates, teatros e festivais culturais que estão voltados para impulsionar o consumo de serviços e mercadorias. Shaw (2010) evidencia que diversas cidades adotaram modelos de revitalização de áreas urbanas, impulsionados por políticas públicas, que acabaram criando uma padronização voltada para o mercado noturno que, por sua vez, excluíram pessoas não brancas e com menor poder aquisitivo do acesso à cidade. Talbot (2004) argumenta que a produção de áreas elitizadas gera também circuitos alternativos para grupos de menor renda ou que apresentam características corporais inapropriadas para o padrão imposto pela economia elitizada da noite. Esse processo cria uma enorme diferenciação social e espacial da noite. Associado à economia da noite, há ainda o fato de que a mobilidade urbana durante o período da noite constitui-se em circuitos que interferem no acesso à determinadas áreas da cidade, dependendo da disponibilidade e frequência de vários tipos de meios de transporte e de infraestrutura de circulação, conforme aponta Góis (2018).

A acessibilidade à vida noturna não depende apenas da disponibilidade ou não de infraestrutura de mobilidade, mas ela também se define pelos padrões que são aceitáveis ou não nos estabelecimentos, envolvendo as diferenças de classe, sexualidade, cor da pele, gênero, idade, e assim por diante. Demant e Landolt (2014) relatam que jovens criam alternativas para escapar dos altos preços praticados em bares e boates, apropriando porções de espaços públicos para consumir bebidas de baixo custo. Da mesma forma, Ramos (2017),

ao analisar as estratégias de sociabilidade de jovens da periferia, aponta para várias formas de promoção de encontros identitários em que realizam aglomerações festivas no espaço público com o auxílio das mídias sociais. Turra Neto (2008) também argumentou sobre a forma como jovens, inclusive de diferentes gerações, constroem redes de sociabilidades nos processos de apropriação de espaços da cidade em período noturno. Elementos comuns perpassam as gerações como a necessidade do encontro entre iguais, as festas, o som e a bebida. Nas três pesquisas, a noite é um elemento importante na constituição dos encontros juvenis e nas *performances* corporais adotadas pelos jovens.

Assim, há uma adequação espacial de bares, clubes, danceterias e vários outros estabelecimentos de entretenimento noturno da cidade e grupos com determinados marcadores corporais. Além das diferenças de classe e idade discutidas nas pesquisas de Demant e Landolt (2014), Ramos (2017) e Turra Neto (2008), há ainda os marcadores de gênero e sexualidades que se constituem em especificidades na economia da noite. A noite é espaço de dominação masculina, pois aos homens o direito à cidade é historicamente assegurado. O trabalho de pesquisa de Fileborn (2016) analisa a sensação de segurança e comprova que homens se sentem mais seguros do que as mulheres ao desfrutarem os espaços noturnos. As mulheres, além de temer assaltos e agressões, somam ainda a esse sentimento de medo a preocupação com a violência sexual que, muitas vezes, são cometidas por pessoas próximas e não completamente estranhas a elas.

Nicholls (2017), por sua vez, evidencia as estratégias de negociações entre corpo e espaço que as mulheres jovens realizam para administrar os riscos que elas correm ao desfrutar a noite. Sua pesquisa demonstra que as jovens lésbicas regulam seus corpos por meio da adoção de roupas e marcadores visíveis de feminilidade e heterossexualidade, a fim de diminuir a possibilidade de ataques lesbofóbicos. Mesmo assim, as jovens relatam que não estão livres de sofrer outro tipo de violência que é o assédio sexual. A regulação da vestimenta também é citada por jovens heterossexuais que demonstram preocupações ao escolher roupas para sair à noite com medo de

ser alvo de violência sexual. De maneira geral, independentemente da orientação sexual, as jovens mulheres tendem a adotar estratégias de administração de riscos, implicando a vigilância constante com seus próprios corpos. O assédio heterossexual masculino sobre as mulheres é trivial e corrente em espaços da vida noturna e as ações permanentes de vigilância do corpo para garantia da segurança são experiências cotidianas relatadas pelas jovens, mesmo em espaços de lazer e ócio noturnos.

O consumo de álcool pelas mulheres jovens na noite tem provocado tensionamentos em torno das *performances* de gênero esperadas pela ordem social estabelecida. Waitt et al. (2011) investigam os locais e as razões apresentadas pelas mulheres para a ingestão abusiva de bebidas alcoólicas e afirmam que as jovens buscam a transgressão de normas culturais vigentes. Assim, mesmo que o poder público esteja realizando vários esforços de regulação, aumentando os preços das bebidas para diminuir o consumo, o consumo tem se mantido pela troca por bebidas de baixo custo ou adotando a prática de beber na casa de algum amigo antes de sair à noite.

Os espaços noturnos são apontados como importantes locais para as sociabilidades de vários grupos que fazem parte da sigla LGBTT.[5] As pesquisas realizadas por Costa (2010, 2012a e 2012b) examinam as estratégias espaciais de encontros de grupos que não correspondem ao padrão normativo sexual em pequenas cidades, onde o anonimato é impossível e a regulação pela homofobia é exercida. Os encontros e as festas noturnas se constituem em possibilidade de exercício da liberdade e da busca por vínculos afetivos e sexuais.

A noite facilita a exposição de afetos e de performances corporais de grupos sociais dissidentes da cis-heteronormatividade[6] na cidade. Contudo, a noite vivenciada por grupos LGBTT é interseccionada

5 Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros.

6 "Cis-heteronormatividade" é um termo utilizado para definir o padrão social hegemônico ocidental em que a "normalidade" é constituída por pessoas cujo gênero coincide com o sexo designado no nascimento e que o desejo é direcionado para o sexo oposto. Portanto, pessoas que fogem às normas estabelecidas são consideradas desviantes, anormais.

por outros marcadores como gênero, classe, raça e idade, evidenciando que não é possível conceber um único padrão de espaços noturnos para as minorias sexuais que não conformam grupos homogêneos internamente. A crescente exploração da economia noturna também criou espaços de gentrificação e de exclusão daqueles vistos como indesejáveis. Mattson (2014) argumenta que a vida noturna permite uma infinidade de diferentes comunidades gays que inclusive podem ser divergentes entre si de diversos pontos de vista. Embora a economia da noite mais cosmopolita tenha uma predominante homonormatividade,[7] há ainda várias outras comunidades de gays que preservam estilísticas transgressoras próprias e produzem uma vida noturna *queer* como contraponto aos processos de gentrificação.

Os espaços noturnos de encontros sexuais de homens gays (*cruising*/pegação) são diversos, como argumenta Held (2015). Segundo essa pesquisa, esses encontros interseccionam emoções, gênero, classe e raça. A produção de desejos e o sentimento de segurança nesses espaços se dão pela forma como os corpos racializados e classificados são lidos a partir das subjetividades coletivas. Furlong (2010) também argumenta em sua análise sobre a diversidade da comunidade gay e de como as boates e bares da zona sul do Rio de Janeiro são vivenciados por sentimentos de constrangimento e vergonha por parte de gays de baixa renda, que não correspondem ao padrão estético dominante e que os olhares desaprovadores constrangem.

As noites nas cidades não são apenas vistas, são vividas por incontáveis experiências que envolvem corpos marcados, situados em tramas de relações de poder e emoções. Morris (2011) investiga as maneiras pelas quais os indivíduos experimentam a paisagem noturna e defende que as ordens sensoriais humanas são recalibradas quando confrontadas com os níveis reduzidos de iluminação à noite e que, como os detalhes da paisagem são obscurecidos, as pessoas compensam a perda da acuidade visual por outros sentidos como

7 A homonormatividade é compreendida como *performances* homossexuais que assimilam as políticas dominantes, o consumo de grifes famosas e discrição sexual.

o olfato, o tato e a audição, aguçando assim o corpo. A paisagem noturna para Morris (2011) não é um campo externo ao corpo, mas um processo dos sentidos, um vir a ser. Dunn (2016), por sua vez, ilustra a forma como a noite é sentida e transformadora de sensações, dizendo que:

> A cidade não está simplesmente lá fora – um ambiente construído separado de nós mesmos – mas no aqui de nossos corpos: nas suas partículas inaladas e exaladas; sua materialidade e texturas informando nossa caminhada e constantemente nossos calçados; seus cheiros, visões e sons confortam-nos ou talvez nos causem preocupações. E claro, pertinentemente o aqui da nossa mente onde nós reconstruímos a cidade muitas vezes, forjando novos mapas e narrativas em resposta às inquietações. Ela vive dentro de nós e nós dentro dela. A artificialidade do ambiente construído é transformada durante a noite, um terceiro lugar informal entre o mundo natural e a configuração rígida da cidade diurna. Essa é a cidade noturna.[8] (Dunn, 2016, p.17, tradução nossa)

A noite pode ser escura e/ou iluminada, pode ser vivenciada em casa, na rua ou em outros locais quaisquer, com diferentes ações e relações múltiplas, por diferentes pessoas com diversos tipos de características. A combinação entre a materialidade do ambiente construído, as relações sociais praticadas e as subjetividades humanas de sujeitos corporificados, marcados e hierarquizados, criam potencialidade de imprevisibilidades. Isso implica a abertura de um campo imenso de exploração geográfica da realidade noturna e o exposto

8 *"The city is not simply out there – a built construction separate from ourselves – but in the here of our bodies: its particles inhaled and exhaled; its materiality and textures informing our gait and steadily reshaping our footwear; its smells, sights and sounds comforting us or perhaps causing concern. And, of course, pertinently the here of our mind where we reconstruct the city many times over, forging new maps and narratives in response to its restlessness. It lives within us and us within it. The artificiality of the built environment is transformed at night, a loose third place between the natural world and the stark configuration of the daytime city. This is the nocturnal city."*

até agora nem de longe esgota os trabalhos produzidos sobre a noite. A intenção foi evidenciar que o mundo contemporâneo globalizado tem avançado sobre o tempo livre e tornado a noite cada vez mais tecnificada e parecida com o dia. Mas há também um movimento de contestação e de transgressão que é próprio da invenção do sujeito corporificado.

Lefebvre (1991) afirma que a luta contra os processos de homogeneização do espaço ocorre com a apropriação do espaço pelos corpos, com sua imensa capacidade de inventar novas formas de espaço, criando assim a diferenciação. Há uma tensão permanente em que as diferenças sejam desencorajadas, marginalizadas e extintas. Contudo, ele alerta que há espaços que evidenciam brechas, como é o caso dos espaços de lazer e da festa. Segundo ele, mesmo que os espaços de lazer sejam tomados pela lógica mercadológica, há as fissuras em que o corpo se torna protagonista por reivindicar sua capacidade geradora de práticas e de uso, constituindo assim as diferenças. A noite é um período em que os espaços apropriados pelo corpo são transgressores:

> O corpo, o sexo e o prazer são considerados muitas vezes como não existentes, seja mental ou socialmente, até depois do anoitecer, quando as proibições que obtêm durante o dia, durante a atividade "normal", são suspensas [...]. De acordo com esta divisão do espaço urbano, um forte contraste ocorre ao anoitecer, à medida que as luzes se acendem as áreas assumem a "festividade", enquanto os distritos "comerciais" são deixados vazios e mortos. Então, em uma noite bem iluminada, as proibições do dia dão lugar a proveitosas pseudotransgressões.[9] (Lefebvre, 1991, p.320, tradução nossa)

---

9 *"The body, sex, and pleasure are often accorded no existence, either mental or social, until after dark, when the prohibitions that obtain during the day, during 'normal' activity, are lifted [...] In accordance with this division of urban space, a stark contrast occurs at dusk as the lights come on in the areas given over to 'festivity', whereas the 'business' districts are left empty and dead. Then in a brightly illuminated night the day's prohibitions give way to profitable pseudo-transgressions."*

A sexualização da noite, tal como apontado por Hubbard e Colosi (2015), é profundamente generificada e é o olhar masculino que impõe o padrão de oferta de serviços sexuais nas cidades. A localização de concentração de áreas que oferecem serviços sexuais constitui-se em espaços noturnos específicos que tanto definem o lugar social das prostitutas, como o espaço é integrante do processo de constituição de suas identidades. Hubbard (1998) sugere que os locais de desempenho das atividades sexuais comerciais criam noções mais amplas de ordem moral e de como a espacialidade da cidade contribui para a construção de gêneros e diferença sexual. A espacialização de grupos considerados "outros" na perspectiva de Hubbard (1998) é resultado de dispositivos morais e visuais, trazendo as imagens urbanas corporificadas em que a ação dos corpos, posturas, gestuais e vestimentas criam os espaços noturnos sexualizados.

Os espaços noturnos nessa perspectiva são criados socialmente, não existem em si fora das práticas humanas cujos corpos adquirem centralidade nos processos de apropriação, conflitos e lutas. À noite, quando o controle social é menos intenso do que durante o dia, vários grupos sociais considerados transgressores à ordem moral vivem e criam espaços de resistência. A escuridão permite burlar determinadas ordens que não são possíveis durante o dia e reinventar a vida e a existência daquilo que é considerado fora de ordem.

Lee (2013), Nikaratty (2013), Riquelme (2013) e Boulevard (2013) relatam as relações entre o espaço e seus corpos travestis, evidenciando a complexidade da cidade e o quanto a noite permite subversões que o dia interdita para elas. Os encontros com homens que as desprezam durante a luz do dia e as desejam à noite de forma transgressora à heterocisnormatividade são narrados de forma a conjugar o prazer com a repulsa por viver o desejo censurado pela ordem social vigente. Para as travestis, a noite lhes permite sobreviver economicamente por meio da atividade da prostituição, mas também permite camuflar aqueles que impingem sobre elas toda a sorte de violências. A noite, portanto, é multidimensional, temporal e espacialmente variável, dependente da existência e da ação humana. Para as travestis e mulheres trans que comercializam práticas

sexuais, mesmo na noite, nem todas as áreas da cidade são possíveis de serem acessadas por elas, evidenciando o caráter desigual dos espaços noturnos. A existência de travestis e transexuais femininas que exercem trabalho sexual constitui-se em espaços próprios de significações específicas a partir de suas experiências noturnas que será tema da próxima seção do capítulo.

A rainha da noite e o corpo descartado: o paradoxo espacial da experiência noturna

Para travestis e mulheres transexuais que comercializam práticas sexuais a noite é o período do dia relatado com maior intensidade, pois usualmente trabalham à noite e dormem parte do dia. Do total das enunciações classificadas no conjunto de 25 entrevistas, 68% eram dos enunciados sobre experiências noturnas, 15%, diurnas, e 18% das enunciações não foram possíveis a classificação. As experiências diurnas têm como núcleo as interdições e de como o preconceito, em torno de um corpo que apresenta uma *performance* feminina, dissonante do sexo masculino atribuído no nascimento, as impede de constituir uma trajetória de vida que as possibilite ter estudo, trabalho, saúde e outros direitos cidadãos.

As experiências de exclusão sofridas em várias espacialidades se complementam com a alternativa da prostituição como possibilidade de existência. Conforme Ornat (2011), a sociedade cis-heteronormativa que exclui as travestis da maioria das espacialidades de convivência social cotidiana diurna possibilita a constituição dos territórios da prostituição durante a noite, evidenciando um fenômeno relacional.

Há locais que reúnem características específicas para que o território da prostituição se constitua, conforme Ornat (2007, 2011). Algumas áreas da cidade são preferencialmente apropriadas durante a noite, conjugando pequena iluminação, passagem de veículos e fora de zonas residenciais que permitam a exposição dos corpos e o anonimato dos clientes. Embora visível materialmente, o território

não se resume à comercialização de práticas sexuais consideradas transgressoras. A narrativa das experiências espaciais noturnas de travestis e transexuais colaboradoras da pesquisa apresenta uma estrutura paradoxal que conjuga o desejo/prazer/vida com medo/vulnerabilidade/violência/morte, como pode ser visualizado no Quadro 1.

A frase de Lírio "travesti vira travesti na rua de noite!" expressa a forte relação existente entre a constituição do ser travesti e/ou transexual feminina com as experiências noturnas que constituem o território da prostituição (Ornat, 2007, 2011). Além de tal território possibilitar a comercialização de serviços, o que permite a elas a sobrevivência, as travestis e transexuais femininas constituem-se no território da prostituição de forma identitária e relacional.

Quadro 1 – Significados sobre as experiências espaciais noturnas (131 enunciações)

Significados sobre as experiências espaciais noturnas (131 enunciações)	
Positivos (62) (47,3%)	– Sentir-se desejada / Aceitação da feminilidade (28) – Prazer pela conquista de formas corporais femininas (23) – Suporte financeiro para vida (11)
Negativos (69) (52,7%)	– Medo e vulnerabilidade (31) – Violência e morte (38)

Fonte: Observatório da Geografia Brasileira (Coleção de 25 entrevistas com 17 travestis e 8 mulheres transexuais).[10]

As relações de aprendizado de técnicas de beleza, bem como de transformação do corpo com utilização de hormônios, injeção de silicone para a conquista das formas femininas desejadas são constitutivas da noite, como pode ser visto nos relatos de Tulipa e Rosa, sobre seus processos de aprendizado na noite:

10 O Observatório da Geografia Brasileira é um repositório digital em que estão alocadas coleções documentais, entrevistas, artigos e biografias. A coleção de entrevistas é disponibilizada para os componentes do Gete. As outras coleções estão em fase de preparação para disponibilização pública.

> Quando a gente começa na noite, é assim bem difícil, mas a gente vai aprendendo com as outras os truques todos de como se arrumar, como se montar sabe. Porque tem os truques, principalmente quando você ainda não transformou o corpo e precisa ficar assim feminina. Eu aprendi na noite a ser quem eu sou (Entrevista realizada com Tulipa, em 6.8.2008, por Joseli Maria Silva)
>
> Eu fui chegando tão mansa que quando elas se deram por conta eu já estava lá. Mas eu pagava pau, fiquei quase um ano assim. Bebida, tudo que elas pediam eu dava. E foi graças a isso que hoje em dia eu sou super-respeitada. Eu ia à noite mais para perguntar. Eu adorava ficar conversando com elas. E elas eram bem caladas, travesti não gosta de ficar conversando. Elas fugiam de mim. Eu começava a perguntar que hormônio elas tomavam, coisas de silicone e elas fugiam de mim, elas pareciam um sabonete. [Diziam] "Ai, tô trabalhando, pare com esse assunto, sai daqui Alice! Sai Alice! Ainda está no país das maravilhas?" Toda travesti novinha a gente chama de Alice, porque ainda está no país das maravilhas, ainda não caiu a ficha, que esta vida é uma vida difícil e sofrida. (Entrevista realizada com Rosa, em 21.3.2007, por Marcio Jose Ornat)

Outro importante aprendizado são as *performances* de sedução na rua para atrair os clientes, bem como as práticas sexuais, como relatado por Jasmin:

> Quando eu comecei, eu tive uma travesti mais velha que me ensinou e me vestiu, porque eu acho que ela ficou com dó de mim porque eu tinha que comer. Então ela viu minha roupinha e falou "assim não dá!" Me emprestou roupa, me maquiou e me penteou. Eu fui, mas não sabia muito o que tinha que fazer. E daí que eu entendi que a gente é que é ativa e a maricona ali de quatro. Nossa! (Entrevista realizada com Jasmin, em 9.5.2008, por Joseli Maria Silva)

A noite também é narrada como glamorosa, de realização pessoal, pois a feminilidade rejeitada em outros espaços durante o dia é desejada pelos clientes à noite. A *performance* corporal de travestis

e transexuais femininas que atuam na prostituição é parte do espaço noturno, pois desperta fantasias e provoca encontros considerados fora de ordem. Assim como seus corpos constituem-se nos espaços noturnos, a noite cria significados distintos para esses corpos, pois assim como aponta Morris (2011), a noite não é apenas um campo externo ao corpo, mas um processo dos sentidos, um vir a ser. Os espaços noturnos constituem-se no saber poder do prazer que é buscado pelos clientes nas fantasias sexuais. O relato de Azaleia é ilustrativo desse tipo de relação entre espaços noturnos, corpos e prazer:

> Na noite eu sou só glamour, sou rainha. A gente de noite é vista com outros olhos, é diferente. Aquela história que de noite todos os gatos são pardos, né. Sabe aquele cara que tem um carrão e tal e para pra você te desejando, é bom! Porque de dia ele não vai nem olhar na sua cara. Uma vez encontrei com um cliente no supermercado e ele me reconheceu, estava com a esposa. Eu fingi que não conhecia, claro! Quero que ele volte à noite! Temos que manter essa discrição, entende? Uma coisa é a noite, o que ele faz com você. Outra coisa é o que ele faz com a família, o trabalho dele. (Entrevista realizada com Azaleia, em 3.9.2008, por Joseli Maria Silva)
>
> Porque o trabalho que você faz exige muito isso, de ser glamorosa pra atribuir um *status* pra gente. Você vai pra rua, mas sabe que no outro dia você tem que comer, que dormir, tem que se vestir, tem maquiagem que é cara, tem cabelo, tem acessório, tudo, aí vai. É também do cliente passar e falar: ô gostosa! O tesuda! Deixe eu ver esta bunda! [...] Essas coisas, sabe, que tem de tudo. Então é assim, sabe? É o assédio, o elogio, de tudo um pouco, sabe? Isso engrandece a travesti. Isso mexe com a autoestima, a pessoa fica engrandecida. Aí no outro dia ela vai caprichar mais no visual pra ouvir mais elogio. (Entrevista realizada com Iris, em 19.5.2009, por Marcio Jose Ornat)

O mesmo espaço noturno composto pela *performance* corporal travesti, paradoxalmente é também o espaço do medo da violência e da morte. Cabral, Silva e Ornat (2013) afirmam que as travestis e transexuais femininas que comercializam práticas sexuais constituem-se no

grupo mais vulnerável da população LGBTT à violência ou homicídio. Cabral (2015) afirma que os homicídios de travestis e mulheres transexuais são majoritariamente realizados com arma de fogo, na rua, durante a noite, e em segundo lugar, elas são mortas com faca, também durante a noite. As experiências de morte são frequentes na vida delas. Margarida afirma que elas têm uma oração antes de sair de casa à noite para prestação de serviços sexuais, dizendo "Deus me proteja, porque eu vou, mas eu não sei se eu volto" (Entrevista realizada com Margarida, em 5.9.2013 por Vinícius Cabral).

Os corpos desejados de forma transgressora para ordem social estabelecida também são aqueles que não podem viver. Violeta conta suas experiências de morte, trazendo o sentimento de insegurança e da cotidianidade da tragédia:

> Eu estava na esquina de baixo e ela foi assassinada na outra esquina em cima. Aí, saiu todo mundo correndo. Você chega lá e se deparada com uma amiga sua. Outra amiga minha que morreu do meu lado, a gente morava juntas. Saímos juntas pra trabalhar. A gente tinha um convívio muito bom. De repente, a gente tava num ponto de prostituição, era início da noite. Passou um cara atirando e saiu todo mundo correndo. Quando eu voltei pra trás, pra procurar ela, ela tava caída no chão. Muito triste você saber que poderia ser você. (Entrevista realizada com Violeta, em 7.9.2013, por Vinícius Cabral)

O espaço noturno da experiência de travestis e transexuais femininas é simultaneamente de vida e morte, de glamour e de medo, de desejo e violência, constituindo-se no encontro a imprevisibilidade de acontecimentos. Assim, a noite é múltipla e se faz das experiências corporificadas de cada grupo e de suas diferenças, conforme as palavras de Íris:

> [...] se eu fosse uma pessoa normal eu não saberia que isso existia, este outro mundo, que a sociedade sabe que tem, mas fecha os olhos, dorme no seu travesseiro de pena de ganso e acha que o mundo dele é outro. Dentro da cidade existem outros mundos, que a pessoa sabe

que existe, mas não sabe como funciona. (Entrevista realizada com Iris, em 21.12.2010, por Marcio Jose Ornat)

Os espaços noturnos da experiência de travestis e mulheres trans se dão, portanto, na relação entre desejo e medo, através de espaços paradoxais da existência noturna de travestis e mulheres transexuais. Esses são espaços e tempos apropriados por um grupo que exerce a centralidades das relações de poder em uma complexa relação paradoxal que institui sujeitos, espaço, tempo e poder e que é simultaneamente instituído por elas através da vida cotidiana.

Considerações finais

Este capítulo trouxe a compreensão das significações que travestis e transexuais femininas que realizam comércio sexual de suas experiências espaciais noturnas. O processo de construção dessa análise possibilitou entender que o espaço noturno é construído pela experiência corporificada e a noite é um elemento fundamental na existência do grupo. A noite lhes permite viver, gera uma certa sensação de aceitabilidade de suas identidades de gênero consideradas impróprias pela sociedade cis-heteronormativa. A ideia do corpo que transgride as normas sociais atrai as fantasias sexuais, bem como desperta a repulsa e a morte daqueles que são considerados fora de ordem. Suas *performances* corporais constituem-se no espaço noturno, criando as fronteiras entre o desejo e sua negação.

Referências

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BOULEVARD, G. Vida de travesti é luta! Luta contra a morte, luta contra o preconceito, luta pela sobrevivência e luta por espaço. In: SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; CHIMIN JUNIOR, A. B. (Org.) *Geografias malditas*: corpos, sexualidades e espaços. Ponta Grossa: Todapalavra, 2013. p.69-81.

CABRAL, V. *Espaço e morte nas representações sociais das travestis e transexuais femininas*. Ponta Grossa, 2015. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Ponta Grossa.

CABRAL, V.; SILVA, J. M.; ORNAT, M. J. Espaço e morte nas representações sociais de travestis. In: SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; CHIMIN JUNIOR, A. B. *Geografias Malditas*: corpos, sexualidades e espaços. Ponta Grossa: Todapalavra, 2013. p.273-310.

COSTA, B. P. Geografias das interações culturais no espaço urbano: o caso das territorializações das relações homoeróticas e/ou homoafetiva. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, v.1, n.2, p.207-24, 2010.

_______. Pequenas Cidades e Diversidades Culturais no Interior do Estado do Rio Grande do Sul: O caso das microterritorializações homoeróticas em Santo Ângelo e Cruz Alta-RS. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, v.3, n.1, p.37-53, 2012a.

_______. Pequenas cidades e diversidades culturais no interior do Estado do Rio Grande do Sul: o caso das microterritorializações homoeróticas de Santa Maria, Bagé, Alegrete, Uruguaiana e Itaqui. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, v.3, n.2, p.125-37, 2012b.

DEMANT, J.; LANDOLT, S. Youth Drinking in Public Places: The Production of Drinking Spaces in and Outside Nightlife Areas. *Urban Studies*, v.51, n.1, p.170-84, 2014. https://doi.org/10.1177/0042098013484532

DUNN, N. *Dark Matters*: a manifesto for the nocturnal city. Winchester – UK: Zero Books, 2016.

FILEBORN, B. Doing gender, doing safety? Young adults' production of safety on a night out. *Gender, Place & Culture*, v.23, n.8, p.1107-20, 2016. https://doi.org/10.1080/0966369X.2015.1090413

FURLONG, A. Tolerância das performances de raça e classe na Zona Sul entre homens *queers* do Rio de Janeiro. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, v.1, n.2, p.161-75, 2010.

GIORDANO, E. et al. The spatio-temporal geographies of public spaces at night and their regulation as source of conflict. The cases of Montpellier ana Bologna. *Space populations sociétés* [Online], v.1, p.1-24, 2019. http://journals.openedition.org/eps/8725; DOI: 10.4000/eps.8725

GÓIS, M. P. F. de. Mobilidade noturna: estudo sobre os circuitos urbanos noturnos na cidade do Rio de Janeiro. *Universitas Humanística*, n.85, p.263-91, 2018. http://dx.doi.org/10.11144/javeriana.uh85.mnes.

HANFIELD, P.; MEASHAM, F. The outsourcing of control: Alcohol law enforcement, private sector governance and the evening and

night-time economy. *Urban Studies*, v.52, n.3. p.517-37, 2015. DOI: 10.1177/0042098014554540.

HELD, N. Comfortable and safe spaces? Gender, sexuality and 'race' in night--time leisure spaces. *Emotion, Space and Society*, v.14, p.33-42, 2015.

HUBBARD, P. Sexuality, Immorality and the City: red light districts and the marginalization of female street prostitutes. *Gender Place and Culture*, v.5, n.1, p.55-72, 1998.

HUBBARD, P.; COLOSI, R. Taking back the night? Gender and the contestation of sexual entertainment in England and Wales. *Urban Studies*, v.52, n.3, p.589-605, 2015. DOI: 10.1177/0042098013504006.

JAYNE, M.; VALENTINE, G.; HOLLOWAY, S. L. Geographies of alcohol, drinking and drunkenness: A review of progress. *Progress in Human Geography*, v.32, n.2, p.247-63, 2008.

LEE, D. A geografia de uma travesti é uma barra, é matar um leão a cada dia. In: SILVA, ORNAT, J. M.; ORNAT, M. J.; CHIMIN JUNIOR, A. B. (Org.) *Geografias malditas*: corpos, sexualidades e espaços. Ponta Grossa: Todapalavra, 2013. p.27-38.

LEFEBVRE, H. *The Production of Space*. Oxford: Blackwell, 1991.

LIEMPT, I. van; ASLST, I, van; SCHWANEN, T. Introduction: Geographies of the urban night. *Urban Studies*, v.53, n.3, p.407-421, 2014. https://doi.org/10.1177/0042098014552933

MATTSON, G. Style and the value of gay nightlife: Homonormative placemaking in San Francisco. *Urban Studies*, v.52, n.16, p.3144-59, 2014. https://doi.org/10.1177/0042098014555630

MELBIN, M. *Night as Frontier*. Colonizing the world after dark. New York: Free Press, 1987.

MORRIS, N. J. Night walking: darkness and sensory perception in a night-time landscape installation. *Cultural Geographies*, v.18, n.3, p.315-42, 2011. https://doi.org/10.1177/1474474011410277

NICHOLLS, E. Dulling it down a bit: managing visibility, sexualities and risk in the Night Time Economy in Newcastle, UK. *Gender, Place & Culture*, v.24, n.2, p.260-73, 2017. http://dx.doi.org/10.1080/0966369X.2017.1298575

NIKARATTY, L. O que mais me marcou na vida é ser barrada e não poder entrar nos lugares: esta é a geografia de uma travesti. In: SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; CHIMIN JUNIOR, A. B. (Org.) *Geografias malditas*: corpos, sexualidades e espaços. Ponta Grossa: Todapalavra, 2013. p.39-54.

ORNAT, M. J. *Território da prostituição e instituição do ser travesti em Ponta Grossa – PR*. Ponta Grossa, 2007. Dissertação (Mestrado em Gestão do

Território) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Ponta Grossa.

_______. *Território descontínuo e multiterritorialidade na prostituição travestis através do sul do Brasil*. Rio de Janeiro, 2011. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

PIERONE, R. The Institutionalization of the Night: a Geography of Geneva's Night Policies. *Journal of Urban Research* [Online], v.11, p.1-19, 2015. http://journals.openedition.org/articulo/3147; DOI: 10.4000/articulo.3147

RAMOS, E. C. M. *Tudo junto e misturado, rolês e fluxos dos jovens da periferia*: capital espacial construído por redes juvenis no campo da diversão e geometrias de poder na cidade. Presidente Prudente, 2017. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

RIQUELME, F. A vida da travesti é glamour, mas também é violência em todo lugar. In: SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; CHIMIN JUNIOR, A. B. (Org.) *Geografias malditas*: corpos, sexualidades e espaços. Ponta Grossa: Todapalavra, 2013. p.55-68.

SHAW, Robert. Neoliberal subjectivities and the development of the night-time economy in British cities. *Geography Compass*, v.4, n.7, p.893-903, 2010.

_______. Beyond night-time economy: Affective atmospheres of the urban night. *Geoforum*, v.51, n.1, p.87-95, 2014.

_______. "Alive after five": Constructing the neoliberal night in Newcastle-upon-Tyne. *Urban Studies*, v.52, n.2, p.456-70, 2015. DOI: 10.1177/0042098013504008

_______. *The Nocturnal City*. Abingdon: Routledge, 2018.

SILVA, J. M.; RODÓ-de-ZÁRATE, M.; ORNAT, M. J. *Idade, Sexualidade e Interseccionalidades*: Experiências Espaciais de Travestis e Transexuais Femininas no Processo de Envelhecimento. (no prelo)

TALBOT, D. Regulation and racial differentiation in the construction of night-time economies: A London case study. *Urban Studies*, v.41, n.4, p.887-901, 2004. https://doi.org/10.1080/0042098042000194160

TURRA NETO, N. *Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava*: territórios e redes de sociabilidade. Presidente Prudente, 2008. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

WAITT, G.; JESSOP, L.; GORMAN-MURRAY, A. "The guys in there just expect to be laid": embodied and gendered socio-spatial practices of a "night out" in Wollongong, Australia. *Gender, Place & Culture*, v.8, n.2, p.255-75, 2011.

3
Depois da aula, o rolê: a noite e o lazer de jovens universitários em Três Lagoas (MS)

Matheus Guimarães Lima

Introdução

Este texto sintetiza algumas reflexões desenvolvidas a respeito das práticas de sociabilidade e lazer de jovens[1] estudantes da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Três Lagoas (UFMS/CPTL). O objetivo logrado ao longo da pesquisa precedente[2] foi compreender a estrutura do circuito de lazer de estudantes da UFMS/CPTL, que tem como principais agentes organizacionais as Associações Atléticas Acadêmicas, popularmente chamadas de atléticas. As atléticas são organizações estudantis e historicamente, têm promovido atividades de lazer esportivas e não esportivas, estabelecendo redes de sociabilidade que refletem no processo de

1 A Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU) define como jovens, para os países da América Latina, os sujeitos com idades entre 15 e 24 anos. No Brasil, porém, resoluções da Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) e do Conselho Nacional de Juventude (Conjuve) definem como jovem, em território nacional, os sujeitos com idades entre 15 e 29 anos.

2 O conteúdo aqui exposto tem origem parcial na dissertação de mestrado *Espaços de lazer e territórios juvenis em Três Lagoas/MS,* desenvolvida junto ao Laboratório de Estudos Urbanos e do Território (Letur), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFMS/CPTL, com apoio financeiro da Capes (Lima, 2018).

construção identitária de estudantes de Instituições de Ensino Superior (IES), se não permanentemente, pelo menos durante o período vivido como estudantes universitários (Brown; Dolcini; Leventhal, 1997; Lima, 2018).

Neste texto, voltamos nossa análise a um tipo específico de lazer, as festas *open bar,*[3] geralmente realizadas no período noturno e que, conforme nossa pesquisa revelou, constituem-se como uma forma de lazer e interação social – sociabilidade –, de predileção entre os jovens estudantes da UFMS/CPTL (Lima, 2018).

No que se refere aos procedimentos metodológicos utilizados, realizamos predominantemente uma pesquisa de natureza qualitativa, o que nos levou até referências de diferentes áreas das ciências humanas (História, Sociologia, Psicologia e Antropologia), num exercício interdisciplinar, que partiu da Geografia. Aplicamos também questionários (com fins de coletar dados quantitativos) e entrevistamos estudantes da UFMS/CPTL e membros das atléticas da referida universidade.

No que tange às pesquisas de campo, pautamo-nos pela metodologia da observação participante – amplamente utilizada nas ciências humanas –, que consiste na ação do pesquisador se fazer presente em situações sociais vivenciadas pelos sujeitos que compõem o quadro mais amplo da pesquisa empreendida (Foote-Whyte, 1980; May, 2004; Turra Neto, 2008; Lima, 2018).

Quanto à coleta de dados quantitativos, realizada por meio de um questionário, utilizamos a plataforma digital gratuita Google Forms®, que agilizou o processo e possibilitou a coleta de dados dos estudantes respondentes sob total anonimato. Em relação às entrevistas, elas foram realizadas em diversos lugares: na UFMS/

---

3 Festas *open bar* são festas nas quais, mediante pagamento de valor único, o sujeito tem acesso a diversas bebidas alcoólicas ilimitadamente. Esse tipo de festa é muito popular entre estudantes universitários brasileiros e tem gerado controvérsias ao longo dos últimos anos. O termo *open bar* em tradução literal do inglês significa "bar aberto". As festas *open bar* têm "cardápios alcoólicos" que variam bastante, de acordo com a organização da festa (em geral são oferecidas cerveja e alguma bebida destilada como cachaça, ou vodca).

CPTL, em outros espaços públicos e nas residências dos entrevistados, sempre seguindo os moldes de entrevista não diretiva, isso é, "a estruturação da entrevista é reduzida pelo pesquisador que introduz temas e passa a ouvir o entrevistado, deixando-o falar o quanto quiser, evitando interrompê-lo" (Lima, 2018, p.25).

Quanto aos processos de constituição de territórios, territorialidades e circuitos/territórios-rede, eles são abordados neste texto sob a perspectiva de construção simbólico-cultural, assim como os conceitos de sociabilidade e identidade (pertencimento mútuo-coletivo, grupos de referência, autoconceito, *self*) (Belk, 1988; Weidman, 1989; Martin; Hoffman, 1993; Ortiz, 1994; Dayrell, 2001; Hall, 2001; McCraken, 2003; Turra Neto, 2008; Lima, 2018).

Nesse viés, sob as perspectivas de Haesbaert (1999) e Saquet (2007), compreendemos o território não somente como domínio politicamente controlado, mas também como espaço socialmente apropriado (produzido), que incorpora em sua constituição – que se torna visível e característica – as dimensões simbólica, identitária e afetiva. De maneira similar, conforme Raffestin (1993, p.143), "ao se apropriar de um espaço, concreta e abstratamente, o ator territorializa o espaço".

Ao se fazer considerações sobre o território, deve-se observar como ocorre o autorreconhecimento dos sujeitos que o compõem, seja em relação a outros sujeitos, seja em relação a objetos, partindo de conteúdo fortemente simbólico e histórico, associado às referências espaciais e temporais. Dessa forma, temos uma abordagem territorial (i)material que busca identificar e caracterizar os componentes e processos que constituem a (i)materialidade das formas e relações sociais (Haesbaert, 1999; Saquet, 2007; Turra Neto, 2008; Souza, 2013; Lima, 2018).

Sustentamos, assim, que o espaço se torna território em decorrência das ações dos sujeitos que nele se projetam, que dele se fazem *habitués*. Ao tratarmos de relações sociais e (i)materialidade das formas, temos os espaços, feitos territórios, e os tempos, cada qual em sua conformidade. Dessa forma, não é de espantar que algumas formas específicas de sociabilidade e lazer ocorram com maior

frequência durante o período diurno, e outras, durante o período noturno (Bourdieu, 1999; Souza, 2013; Goettert, 2017; Lima, 2018).

Ao abordarmos as festas *open bar* realizadas por atléticas da UFMS/CPTL, que compõem um circuito de lazer universitário, temos a noite como dimensão temporal *sine qua non* para sua ocorrência, inserida numa escala temporal maior, representada pelos anos vividos pelos sujeitos como estudantes universitários, em especial para aqueles que recém-terminaram o ensino médio e se mudam de suas cidades de origem, para a cidade onde se localiza a IES, deixando o seio familiar e, portanto, saindo pela primeira vez – para muitos jovens – do "radar" da supervisão parental (Czikszentmijalyi; Larson, 1984; Weidman, 1989; Smetana; Asquith, 1994; Brown; Dolcini; Leventhal, 1997; Lima, 2018).

A mudança de cidade e, por vezes, de estado caracteriza processo de migração com intuito de estudar, adquirir conhecimento e se qualificar, tornando-se, assim, após a graduação, adultos preparados para o mercado de trabalho e, preferencialmente, independentes financeiramente de seus pais. A entrada na universidade provoca em muitos jovens – em especial nos *bixos* e *bixetes*[4] – a sensação de "viver a liberdade", de ruptura com a ordem experimentada anteriormente, imposta pelos pais (Weidman; Deangelo; Bethea, 2014; Lima, 2018).

Após ingressar na universidade – e em muitos casos se mudar de cidade –, as situações de convívio social se tornam mais constantes para *os bixos* e *bixetes*, e há tendência à apropriação de hábitos adquiridos de seus *peers* (pares).[5] Logo, jovens *bixos* e *bixetes* (geralmente com idade inferior a 20 anos) tornam-se parte de grupos de referência, que lhes servem como fonte de apoio e dos quais adotam condutas condizentes (Bourdieu, 1999; Weidman; Deangelo; Bethea, 2014).

---

4 Tem o mesmo significado que calouro(a). *Bixo* é calouro; *bixete* é caloura. Esses termos são amplamente utilizados e reconhecidos pelos estudantes da UFMS/CPTL e de outras IES públicas e privadas, nos estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul, conforme aferimos durante a pesquisa.

5 Outros universitários, que representam o passaporte para aprovação dos recém-chegados enquanto membros do grupo.

Nesse prisma, observamos que universitários que habitam com outros que vão a festas e consomem álcool com frequência possuem maior probabilidade de adotar conduta semelhante, ao passo que universitários que não frequentam festas e não consomem álcool tendem a coabitar e desenvolver relações sociais mais próximas com universitários que são igualmente abstêmios.[6] De maneira semelhante, atendo-nos ao princípio da *peer pressure*,[7] compreendemos que universitários são suscetíveis à normatização do ato de frequentar festas *open bar* noturnas e consumir bebidas alcoólicas, por vezes de maneira que passa dos limites da razoabilidade (Weidman, 1989; Schall; Kemeny; Maltzman, 1992).

Para os *bixos* e *bixetes*, o impacto é mais significativo, já que o primeiro ano da graduação representa, para muitos universitários, um ritual de passagem, a busca pelo prazer de fazer parte de uma forma de lazer – materializada pelas festas *open bar* – até então inacessível em razão da idade e da não inserção no ambiente universitário. Além disso, observamos a busca por um estilo de vida que beira o hedonismo, no qual a liquidez das relações se faz presente, e a "curtição noturna" é um verdadeiro modelo de conduta, de certa maneira, normatizado entre os jovens estudantes universitários (Schall; Kemeny; Maltzman, 1992; Brown; Dolcini; Leventhal, 1997; Borsari; Carey, 2001; Bauman, 2007; Weidman; Deangelo; Bethea, 2014).

Observamos, assim, que, durante a noite, emerge uma cidade diferente da cidade diurna. Nesse prisma, a cidade noturna é marcada, sobretudo, pelas ações perpetradas por sujeitos jovens e tem movimentos – fluxos – impulsionados por uma "cultura da noite", que envolve diversões, encontros e usos diversos do tempo e do espaço com o propósito compartilhado de sociabilização e vivência de formas de lazer noturno, que podem ser múltiplas ou limitadas, de acordo com

6 Aqui nos referimos aos estudantes que migram para a cidade da IES.

7 Conforme Borsari e Carey (2001), *peer pressure* é a influência comportamental exercida sobre um sujeito por seus pares. No caso de jovens estudantes universitários, outros jovens estudantes universitários.

a dimensão da cidade[8] (Dayrell, 2001; Turra Neto, 2008; Magnani, 2010; Lima, 2018).

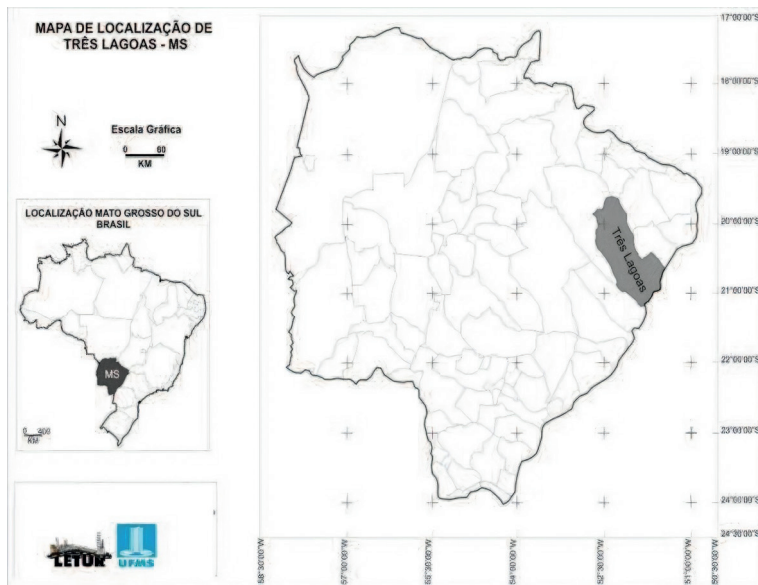
Assim, observamos que a noite tem relevância no processo de estabelecimento de um circuito de lazer tipicamente juvenil, o qual representa ruptura com o ritmo de trabalho/estudos e responsabilidades da vida cotidiana dos sujeitos (estudantes da UFMS/CPTL). Nesse sentido, salientamos que algumas práticas sociais que não ocorrem de dia, encontram na noite condições favoráveis para ocorrer, "quando os usos normativos diurnos estão ausentes" (Turra Neto, 2017, p.36).

Caracterização de Três Lagoas e da UFMS/CPTL

Buscamos trazer, aqui, algumas breves considerações sobre Três Lagoas, onde se localiza a UFMS/CPTL, IES cujos estudantes compõem o quadro mais amplo da análise empreendida. Sobre Três Lagoas, observamos que é uma cidade de porte médio, de 120 mil habitantes, localizada no extremo leste do estado de Mato Grosso do Sul, no encontro dos rios Sucuriú e Paraná, na fronteira com o estado de São Paulo (Figura 1).

Três Lagoas tem a terceira maior população do estado (depois de Campo Grande e Dourados) e o segundo maior PIB (superado apenas pelo da capital do estado). Historicamente, desde fins do século XIX, quando do início do núcleo urbano do município, a economia de Três Lagoas é estreitamente relacionada com atividades desenvolvidas no campo (agricultura e pecuária). Após a chegada da estrada de ferro em 1912, entretanto, Três Lagoas se estabeleceu, também, como entreposto comercial, adquirindo papel de centralidade regional que perdura na atualidade (Oliveira, 2008; Lima, 2018).

8 Conforme Turra Neto (2008), cidades de porte médio têm menos opções de lazer noturno do que cidades grandes e metrópoles. Sujeitos jovens que moram em cidades de porte médio, ou pequenas, e pretendem vivenciar alguma forma de lazer específica, que não existe em sua cidade, têm que se deslocar até outra cidade – quando podem – para desfrutar da forma de lazer desejada.

Figura 1 – Localização de Três Lagoas (MS).

Fonte: Lima (2018, p.69).

Mais recentemente, ao longo da última década e meia, desde 2005, no rastro de incentivos fiscais estaduais e municipais, Três Lagoas testemunhou um *boom* econômico, conforme processo de expansão de seu parque industrial,[9] o que gerou milhares de postos de emprego e atraiu grande número de migrantes brasileiros (sobretudo das regiões Norte e Nordeste) e estrangeiros (sobretudo haitianos e árabes, e, mais recentemente, venezuelanos) (Oliveira, 2008; Lima, 2018).

Atualmente, Três Lagoas continua a exercer importante papel de centro regional, com área de influência que abrange municípios sul-mato-grossenses e paulistas, em ambas as margens do Rio Paraná, polarizando uma grande variedade de serviços especializados que, por sua vez, geram fluxos constantes de sujeitos "transitantes",

9 Principalmente a indústria de celulose.

"viajantes", isso é, a população flutuante, pendular, os *commuters*,[10] que vêm e vão diariamente (Clifford, 2000; Sposito et al., 2007; Milani; Aranha-Silva, 2009; Lima, 2018).

Dentre os serviços polarizados regionalmente por Três Lagoas que geram grande fluxo de pessoas, destacamos os serviços educacionais, ofertados por diversas IES instaladas no município. Dentre as IES[11] presentes em Três Lagoas, destacamos a UFMS/CPTL, maior universidade pública da região.

Para contextualização das origens da UFMS/CPTL, precisamos retornar ao ano 1967, quando da criação do Instituto de Ciências Humanas e Letras, no ainda estado de Mato Grosso.[12] Desde então, a atual UFMS/CPTL passou por mudanças de nome e foi expandida com a criação de novos cursos de graduação e pós-graduação. Para fins de entendimento sobre a história da UFMS/CPTL e seus diferentes nomes (Quadro 1).

Atualmente, a UFMS/CPTL tem 2.736 estudantes matriculados e oferece 13 cursos de graduação e seis de pós-graduação. Os cursos de pós-graduação são: Mestrado Profissional em Letras, Mestrado Profissional em Matemática, Mestrado e Doutorado Acadêmico em Letras, Mestrado e Doutorado Acadêmico em Geografia. Quanto aos cursos de graduação, são oferecidos os seguintes cursos (Quadro 2).

---

10 Pessoas que se deslocam diariamente para trabalhar/estudar em cidade diferente da que residem.

11 Estão instaladas na cidade as seguintes IES modalidade presencial: UFMS/CPTL e IFMS (públicas) e AEMS (privada). Há, ainda, polos de várias IES modalidade a distância (EaD): Unigran, Unicesumar, Uninter, Uniseb, Uniderp, Unisul, Unopar, Unip.

12 O estado de Mato Grosso do Sul somente surgiu em 1979.

Quadro 1 – Histórico da UFMS/CPTL

Ano	Ação
1967	Fundação do Instituto de Ciências Humanas e Letras
1969	O Instituto de Ciências Humanas e Letras é integralizado como parte da recém-fundada Universidade Estadual de Mato Grosso
1970	O Instituto de Ciências Humanas e Letras muda seu nome para Centro Pedagógico de Três Lagoas, ainda uma unidade da Universidade Estadual de Mato Grosso
1979	É criado o Estado de Mato Grosso do Sul. A Universidade Estadual de Mato Grosso é federalizada, a unidade de Três Lagoas passa a se chamar Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus Três Lagoas (UFMS/CPTL), em consonância com a criação do novo estado federativo e da nova universidade federal

Fonte: UFMS/CPTL (2019). Elaborado pelo autor.

Quadro 2 – Cursos de graduação oferecidos pela UFMS/CPTL

Curso
Administração
Ciências Biológicas
Ciências Contábeis
Direito
Enfermagem
Engenharia de Produção
Geografia
História
Letras
Matemática
Medicina
Pedagogia
Sistemas de Informação

Fonte: UMFS/CPTL (2019). Elaborado pelo autor.

Atléticas, baterias e festas *open bar*: sociabilidade e identidade

As primeiras competições esportivas envolvendo estudantes de diferentes universidades ocorreram na Inglaterra, no início do século XIX. A primeira competição de que se tem notícia foi uma regata, envolvendo equipes de remo das tradicionais universidades de Oxford e Cambridge, em 1829, que ficou conhecida como *The Boat Race*.[13] No Brasil, os primeiros registros de competições esportivas entre IES datam de fins do século XIX, no College Mackenzie, em São Paulo, e na Faculdade de Medicina e Cirurgia da Praia Vermelha no Rio de Janeiro. Em ambas as instituições, ocorriam competições esportivas internas, envolvendo seus estudantes.

Anos depois, em 1916, as competições esportivas universitárias evoluíram para o nível interestadual, passando a envolver equipes que representavam os estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Somente na década 1930, foram criadas as primeiras federações de esportes universitários do país, a Federação Atlética de Estudantes (FAE), no Rio de Janeiro, e a Federação Universitária Paulista de Esportes (Fupe), em São Paulo (Starepravo et al., 2010; Lima, 2018).

Nas décadas seguintes, ao longo do século XX, o esporte universitário se expandiu e se estruturou em torno de federações que surgiram em diferentes estados brasileiros, entretanto o número de atléticas cresceu apenas timidamente no país, visto que o ensino superior e, portanto, o número de estudantes universitários se manteve bastante restrito até o início do século XXI. Nesse sentido, não podemos desconsiderar que o Brasil testemunhou momentos de turbulência política e rupturas com a democracia ao longo de sua história republicana.

Durante o obscuro período de 21 anos de ditadura militar (1964-1985), os movimentos estudantis brasileiros tiveram atuação política

13 A regata ocorre com regularidade desde então, com alguns períodos curtos de inatividade. Em 2019 foi disputada pela 166ª vez. Em 2020 a regata foi cancelada (por conta da pandemia de covid-19).

engajada em movimentos progressistas de defesa da redemocratização do país. Esses movimentos foram duramente reprimidos, no contexto de "ameaças subversivas" que representavam, sob a retórica ditatorial militar (Saviani, 2010; Sampaio, 2015; Oliveira, 2018).

Tivemos, nesse prisma, um período histórico no qual as pautas das organizações estudantis brasileiras se aproximavam bastante do espectro político. Posteriormente, com a redemocratização do país na década de 1980, a estabilização (relativa) da economia na década de 1990 e a adoção de políticas públicas de bem-estar social – entre as quais ampliação das universidades públicas – na primeira década dos anos 2000, observamos mudanças profundas nas condições e modos de vida dos estudantes universitários brasileiros[14] (Lima; Ribeiro, 2013; Sampaio, 2015; Souza, 2016; Lima, 2018).

Entre um jovem universitário, em 1968, e um jovem universitário, em 2020, há um *gap geracional*[15] de meio século lhes separando. O sujeito que era um jovem estudante universitário em 1968 já se aproxima dos 70 anos de idade ou mais (é um *baby boomer*[16]), ao passo que um jovem universitário em 2020, é muito provavelmente, um

---

14 O início dos anos 2000 testemunhou a instituição de políticas de acesso ao ensino superior público gratuito sem precedentes, na história do país, por meio do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e do Sistema de Seleção Unificada (Sisu), e, ainda, pelo estabelecimento de reserva de vagas para estudantes oriundos de escolas públicas, além da instituição de cotas étnico-raciais. Além disso, bastante representativo da expansão do ensino superior público gratuito no país, é o fato de terem sido criadas 18 novas universidades federais, no intervalo 2000-2014.

15 Intervalo de uma geração para a próxima. Geralmente, sujeitos de gerações diferentes apresentam valores, aspirações e comportamentos distintos. Para os sujeitos jovens, a década de 1950 marcou o início da consolidação da figura do jovem como sujeito rebelde, em "busca de si mesmo", atormentado. Essa imagética da rebeldia juvenil da década de 1950 é representada, sobretudo, pela figura do ator norte-americano James Dean e seus papéis de jovem rebelde em filmes da época. Posteriormente, houve outras rupturas. Estabeleceram-se múltiplos grupos de referência juvenis, década após década, que, posteriormente, seriam apontados por Maffesoli (1987) como "tribos urbanas".

16 Apontada na sociologia como a geração composta por sujeitos nascidos entre 1946 e 1964, quando ocorreu uma "explosão no número de bebês" (período que testemunhou as mais altas taxas de natalidade mundial de que se tem registro).

gen z[17]*/post-millennial*. Temos, assim, tempos diferentes. Trata-se de uma questão temporal, logo, trata-se de uma questão geracional. Sendo gerações diferentes, observamos que as pautas[18] centrais de debate e ação dos jovens estudantes universitários tendem também a ser diferentes (Smetana; Asquith, 1994; Giddens, 2002; Turra Neto, 2008; Seemiller; Grace, 2016; Fry; Parker, 2018; Lima, 2018).

É nesse panorama que as práticas de sociabilidade e lazer de jovens estudantes universitários brasileiros ganham corpo, na atualidade, constituindo-se como tema de pesquisa pouco abordado, porém com bastante potencial de desenvolvimento, tendo em vista a relevância tomada por debates acerca de questões identitárias na contemporaneidade, seja no âmbito acadêmico ou em meios midiáticos (Hall, 2001; Giddens, 2002; Weidman; Deangelo; Bethea, 2014; Fry; Parker, 2018; Lima, 2018). Destacamos, todavia, que pesquisas que tratam de questões identitárias no seio das ciências

---

17 *Gen Z (Generation Z) /Post-Millennial* são termos recentes, não unânimes, utilizados na sociologia, para se referir aos sujeitos nascidos desde 1997 até o presente dia. Essa geração abrange os seres humanos mais jovens da atualidade (no máximo 23 anos de idade, em 2020). Diferentemente de todas as gerações anteriores, essa geração é a primeira e única na história a nascer e crescer após a disseminação global da internet (e, por conseguinte: redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas) e da popularização de artefatos tecnológicos em geral, que são verdadeiras "próteses", como aponta Santos (2002), especialmente as que se referem à tecnologia de informação. Essa geração é a geração seguinte à *Geração Millennial*, que é composta por sujeitos nascidos entre 1981 e 1996 (sujeitos que têm entre 24 e 39 anos de idade em 2020).

18 O papel político exercido pelos estudantes universitários ainda é relevante no Brasil, vide os recentes embates entre movimentos estudantis e o governo federal, em razão de cortes orçamentários na educação pública (Governos Temer e Bolsonaro, a partir de 2016). Todavia, desde a década de 1970, com a difusão da televisão e a partir do fim da década de 1990, com a difusão da internet, as formas como os sujeitos jovens têm acesso à informação passaram por mudanças drásticas. Na atualidade, os smartphones são verdadeiras "próteses", o acesso à informação é instantâneo e as opções/possibilidades de existência/vivência dos seres humanos são múltiplas, o que resulta em fragmentações e esvaziamento de algumas pautas de debate. Não é que a política não seja mais um assunto de interesse dos jovens universitários; todavia, o lazer e a "curtição" descompromissada – vide o grande aumento no número de atléticas Brasil afora – nos mostram que a esfera festiva do lazer ganha cada vez mais corpo.

humanas, comumente, envolvem reflexão sobre signos e símbolos (valores simbólicos), que convergem na constituição identitária dos sujeitos, sendo incorporados à imagem exteriorizada e à imagem interiorizada (Belk, 1988; Rucker; Galinsky, 2013; Weidman; Deangelo; Bethea, 2014).

A partir do início do século XXI, acompanhando o processo de expansão do ensino superior no Brasil, passou a ocorrer crescimento exponencial no número de atléticas no país, ao ponto de, na atualidade, praticamente todas as IES brasileiras possuírem uma atlética que representa a IES como um todo, ou atléticas distintas que representam cada qual um curso específico. Não há dados oficiais quanto ao número total de atléticas no país, entretanto observamos que elas estão estabelecidas nacionalmente e são agentes de primeira importância na promoção de práticas de sociabilidade e lazer entre estudantes universitários (Lima, 2018).

Legalmente, as atléticas são pessoas jurídicas e possuem organização hierárquica, com setores e funções internas específicas, de maneira similar à estrutura de uma empresa comum. Nas atléticas, há as figuras de presidente, vice-presidente, tesoureiro, diretores e coordenadores (de eventos, de marketing, de planejamento, de esportes etc.). Os gestores das atléticas são eleitos pelos membros, para exercer mandatos, quase sempre, de um ano – algumas vezes de dois anos –, e há preocupação de constantemente renovar o quadro de membros (conforme membros antigos concluem a graduação e deixam a atlética e a universidade, novos membros – preferencialmente estudantes de primeiro ano da graduação – são incorporados).

De maneira geral, as atléticas são vinculadas a uma ou mais ligas de esportes universitários. As ligas de esportes universitários realizam jogos[19] e são compostas por atléticas que podem ou não pertencer ao mesmo contexto regional. Vale esclarecer, também, que as ligas não necessariamente se restringem aos limites estaduais,

19 Os jogos ocorrem, geralmente, durante um final de semana, ou feriado prolongado, reunindo diferentes atléticas, em uma cidade sede escolhida previamente (Lima, 2018).

sendo suas composições bastante flexíveis, o que favorece práticas de sociabilidade entre estudantes de diferentes IES e de diferentes cidades e estados durante os jogos (Lima, 2018).

Há ligas como a dos jogos Inter, que reúnem as atléticas representantes dos diferentes *campi* da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Os jogos Inter são jogos de caráter itinerante, ou seja, cada ano ocorrem em uma cidade diferente. Em 2019, o Inter comemorou sua 19ª edição, em São José dos Campos (SP).

Outras ligas são compostas por atléticas que representam o mesmo curso de diferentes IES em nível estadual, como os jogos Economíadas (reúne atléticas de cursos de Economia de IES públicas e privadas paulistas). Outros jogos reúnem atléticas do mesmo curso de diferentes IES sem se ater aos limites estaduais, caso dos Jogos Jurídicos Paranaense (JJPR) (apesar do nome, reúne atléticas de cursos de Direito de IES públicas e privadas, não apenas do Paraná, mas também de diferentes estados das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste do Brasil).

Há também ligas que reúnem atléticas de cursos diferentes, tanto de IES públicas quanto privadas, sem se ater a limites estaduais, caso da liga dos jogos Integração Universitária, realizados pela atlética da Unesp Ilha Solteira (SP). Em 2017, os jogos Integração Universitária reuniram atléticas representantes de IES de outras seis cidades de três estados diferentes: Unesp Araçatuba (SP); Universidade Toledo – Presidente Prudente (SP); UFMS Campo Grande (MS); UFMS – Três Lagoas (MS); UFG – Goiânia (GO); PUC – Goiânia (GO) e Centro Universitário de Votuporanga – Votuporanga (SP).

Por fim, citamos, ainda, ligas que se limitam ao âmbito de um único município, como os Jogos Universitários de Presidente Prudente (JUPP), que reúnem diferentes atléticas de IES públicas e privadas da referida cidade paulista e os Jogos Inter Atléticas de Dourados (Jiad), que, em 2018, reuniu 22 atléticas de IES públicas e privadas de Dourados (MS).

Quanto às ligas de esportes universitários, Lima (2018, p.75) afirma que elas

> Organizam eventos, chamados de "jogos" que, geralmente, duram um fim de semana e/ou feriado prolongado, quando são realizadas competições de diferentes modalidades esportivas durante o dia, ao passo que, no período noturno, acontecem festas, geralmente festas *open bar*, para sociabilização dos sujeitos participantes.

Assim, ao abordar as referidas festas *open bar*, tratamos de uma forma de lazer tipicamente noturno. Nesse prisma, devemos destacar que compreendemos lazer noturno como as diferentes formas de diversão e entretenimento/recreação que ocorrem após as 18 horas, do anoitecer ao amanhecer (Margulis, 1997; Turra Neto, 2008; Lima, 2018).

Conforme Margulis (1997, p.25), a noite é propícia para que ocorram formas de lazer juvenis, entre as quais destacamos as festas *open bar*. No mesmo prisma, Turra Neto (2017, p.35) afirma que a noite permite a realização de práticas especificamente juvenis, já que "Certas práticas sociais que não se veem de dia, à noite encontram condições para acontecer [...] quando os usos normativos diurnos estão ausentes e o controle social se arrefece, à noite emerge outra cidade, com seus atores e espacialidades próprias".

Ainda, conforme o referido autor, a noite é

> Um tempo que exerce grande fascínio e atração sobre os jovens contemporâneos, por ser o antípoda do tempo em que operam com mais força os poderes de pais, patrões e professores [...] há uma hegemonia geracional do juvenil à noite, que acontece na ausência dos outros, dos que têm poder, que neste momento dormem. (ibidem, p.35)

Nessa perspectiva, observamos a relevância da noite para as práticas de lazer dos estudantes universitários (majoritariamente jovens), já que o horário noturno – madrugada adentro – não é horário de estudo e/ou trabalho (para a maioria das profissões), propiciando uma lacuna temporal que favorece tanto a subversão de poderes, quanto de regras e normas cotidianas (Margulis, 1997; Turra Neto, 2008; Lima, 2018).

Quanto aos aspectos esportivos dos jogos, observamos que alguns têm competições esportivas de alto nível de excelência,[20] caso dos já citados jogos Inter, realizados desde 2001. Por outro lado, há jogos nos quais as competições esportivas apresentam menor nível de excelência, nesses jogos as festas *open bar* noturnas são o elemento mais importante no cronograma. Em jogos cujas competições esportivas apresentam alto nível de excelência, o esporte tem maior relevância – principalmente as finais de modalidades como futebol e basquete –; no entanto, as festas *open bar* noturnas são igualmente elementos centrais no cronograma.[21]

Observamos que, durante os jogos, as festas *open bar* realizadas no período noturno são "terreno fértil para a sociabilização" dos estudantes participantes, "bem como para o exercício de sua territorialidade", a partir da identidade compartilhada enquanto estudantes universitários que se apropriam do espaço em busca de "integração", essencialmente, estabelecendo territórios a partir de seus grupos de referência, da interação social, da aceitação, do sentimento de pertencimento (Weidman; Deangelo; Bethea, 2014; Lima, 2018, p.80).

Quanto ao uso do termo integração, Lima (2018, p.81), elucida que

> A essa forma de sociabilização entre os estudantes universitários que se baseia no ato de interagir com estudantes universitários de outros cursos, *campi* ou universidades em um ambiente festivo de lazer, geralmente associado às festas *open bar* e competições esportivas, onde se estabelecem relações de conhecimento mútuo e amizade entre sujeitos que compartilham da condição de estudantes universitários em busca de diversão, dá-se o nome de "integração".

---

20 Tendo em vista a disputa do Inter, algumas atléticas profissionalizam a preparação das equipes esportivas, com rotina de treinos constantes, ao longo do ano, e treinadores e comissões técnicas contratados e pagos.

21 Há estudantes participantes de jogos que não competem em nenhuma modalidade, tampouco se interessam por assistir qualquer competição. Eles têm as festas *open bar* noturnas como elemento central de seus cronogramas durante os jogos.

Nesse espectro, Turra Neto (2008, p.371) sustenta a importância dos "impulsos e propósitos" vinculados às práticas de sociabilidade entre os sujeitos jovens, sendo essas práticas "a base das sociedades humanas". Compreende-se, sob essa perspectiva, que é em torno de propósitos compartilhados que os seres humanos – os sujeitos jovens em especial – constroem suas redes de sociabilidade, apropriando--se de espaços e, efetivamente, estabelecendo uma identidade, que abarca o acúmulo de capital social,[22] atrelado aos contatos, às redes de sociabilidade (Bourdieu, 1999; Lima, 2018).

Em relação à sociabilidade, Simmel (1983) utiliza o termo para designar o convívio social, sua necessidade e capacidade. Salientamos, nesse sentido, que o instinto que leva os sujeitos a buscar convívio social é algo intrínseco à psique humana (o próprio desenvolvimento da espécie *Homo sapiens* não seria possível sem que fossem estabelecidas relações sociais entre os membros da espécie ao longo de milhares de anos de evolução) (Simmel, 1983; Maffesoli, 1987; Hare, 2017).

No âmbito dos estudos socioculturais, o conceito de sociabilidade tem sido empregado constantemente no cerne de discussões acerca de práticas de lazer juvenis, partindo do pressuposto que os sujeitos jovens são expostos a situações de convívio social típicas de sua faixa etária e que valorizam, substancialmente, o tempo livre ao lado de sujeitos com os quais compartilham traços identitários, seus *peers* (Weidman, 1989; Martin; Hoffman, 1993; Dayrell, 2001; Turra Neto, 2008; Lima, 2018).

Assim, como estratégia de manutenção/reprodução, os grupos juvenis criam estruturas que favorecem o processo. Ao tratar das práticas de sociabilidade e lazer de estudantes universitários, além das atléticas, devemos destacar o papel exercido pelas baterias

22 Conforme Bourdieu (1985, p. 248), o capital social é o acúmulo e possibilidade de usufruir de benefícios via pertencimento a um grupo. Conforme o autor, capital social são os "recursos efetivos e potenciais ligados à posse de uma rede durável de relações [...] de reconhecimento mútuo".

universitárias, que têm campo de ação contíguo e sobre as quais discutimos a seguir.

Além de equipes esportivas de modalidades diversas, muitas atléticas mantêm, também, alas musicais de instrumentos de percussão, as baterias. Essas baterias são compostas por estudantes membros das atléticas (chamados de ritmistas) e têm como principal função acompanhar os jogos das equipes esportivas. As baterias, entretanto, participam também de competições específicas de baterias, denominadas desafios.

Os ritmistas de uma bateria se encontram regularmente para ensaios, nos quais os membros mais antigos supervisionam os recém-admitidos, já que é comum que os novos membros sejam totalmente leigos musicalmente, sem contato prévio com instrumentos de percussão.[23] Dessa forma, em razão dos encontros constantes para ensaios e viagens para jogos e desafios, as baterias se constituem como organizações que promovem a sociabilidade entre os estudantes de maneira contigua à promovida pelas atléticas, imprimindo traços identitários em seus membros, constituindo-se, assim, como grupos de referência menores, inseridos no grupo maior, representado pelas atléticas e pela condição de estudantes devidamente matriculados na UFMS/CPTL (Moffatt, 1991; Lima, 2018).

Outro tipo de organização associada às atléticas, que gradativamente tem se popularizado no Brasil, é o das equipes de *cheerleading*. As equipes de *cheerleading* são compostas por *cheerleaders*,[24] que são, em sua maioria, do sexo feminino, embora haja também sujeitos do sexo masculino praticantes, porém em número reduzido. Com movimentos coreografados – que unem música, dança, canto e elementos de ginástica artística – as *cheerleaders* têm como função entreter o

23 Algumas baterias que têm alto nível de excelência e poder financeiro, não raro, promovem *workshops* de instrumentos de percussão para seus membros sob tutela de percussionistas/carnavalescos de escolas de samba renomadas de São Paulo e Rio de Janeiro. Após ingressar em uma bateria, o estudante passa por meses de treinamento antes de estrear em apresentações ao vivo. Processo similar ocorre nas equipes de *cheerleaders*.

24 Praticantes do *cheerleading*, em tradução literal.

público em jogos e em festas, além de participarem de competições específicas (similares aos desafios de baterias).

O primeiro registro que se tem de *cheerleading* data de 1877, na Universidade de Princenton, Estados Unidos. Nos anos seguintes, a prática do *cheerleading* se disseminou amplamente naquele país, sendo introduzida em escolas de ensino fundamental e Médio e nos esportes profissionais, ao ponto de o *cheerleading* ter se tornado uma referência cultural norte-americana praticada por cerca de um milhão e meio de pessoas no país e, frequentemente, retratada em filmes hollywoodianos (Garcia, 2018).

No Brasil, as primeiras equipes de *cheerleading* universitárias tiveram início na metade final da década passada e, em 2009, foi fundada a União Brasileira de Cheerleaders (UBC). Atualmente a prática do *cheerleading* tem se expandido nas IES brasileiras e, não raro, as atléticas mantém equipes. O *cheerleading,* no entanto, ainda não alcançou o nível de popularidade e disseminação das baterias, sendo o número de equipes ainda limitado, e as competições específicas são poucas.

Ao longo do ano, com intuito de angariar fundos para financiar suas despesas (manutenção de equipes esportivas e baterias – e equipes de *cheerleading* quando existentes – além de viagens para jogos e desafios), as atléticas realizam festas *open bar* em suas cidades sede. A dimensão dessas festas varia bastante, em consonância com o poder econômico da atlética responsável pela realização. Pode haver festas nas quais comparecem uma ou duas centenas de pessoas e outras nas quais comparecem milhares (tratamos aqui de escalas distintas). Todavia, de uma forma ou de outra, observa-se que, seja qual for o poder econômico da atlética e a dimensão das festas realizadas, as atléticas têm as festas como atividade de primeira importância para sua manutenção, sendo, basicamente, sua razão de ser (Lima, 2018).

Outra fonte de renda significativa é o comércio de objetos, principalmente de vestuário, com os nomes e os logotipos das atléticas. Esses objetos são incorporados à identidade dos estudantes que os adquirem, explicitando que pertencem ao corpo discente de um curso/IES em específico, e/ou, são membros/simpatizantes de uma atlética (Figura 2).

Figura 2 – Roupas e acessórios comercializados pelas atléticas.

Fonte: Atlética do curso de Direito da UFMS/CPTL (2017).

Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/atleticadedireitoufmstl/>. Acesso em: 24 jun. 2020. Elaborado pelo autor.

Essa dinâmica de incorporação de roupas e acessórios à identidade é comum aos seres humanos no processo de construção de seu "*self* estendido" (Belk, 1988; Rucker; Galinsky, 2013). Nesse espectro, esclarecemos que a identidade dos sujeitos (*self*) se estende para além de seus corpos (fisionomias). Assim, a posse de objetos soma o "eu" ao "meu", integrando-se ao corpo, à psique, bem como ao espaço apropriado, que se relaciona com a caracterização identitária. Por meio da posse de objetos, os sujeitos expressam/comunicam quem são, o que fazem da vida, a qual organização (grupo, instituição) estão vinculados. Em suma, transmitem ao mundo mensagens sobre si e, mais que isso, transmitem mensagens para si próprios sobre quem acreditam ser (Pilkington, 1997; Haesbaert, 1999; Hall,

2001; Giddens, 2002; Turra Neto, 2008; Weidman; Deangelo; Bethea, 2014; Lima, 2018).

A posse de determinados objetos reforça, positivamente, a identidade dos sujeitos, elevando sua autoestima e agregando valor à imagem que possuem de si mesmos (autoconceito) e à noção de lugar (adequação/pertencimento), no panorama mais amplo das relações interpessoais nas quais estão inseridos com seus pares (Belk, 1988; Weidman, 1989; Hall, 2001; McCraken, 2003; Rucker; Galinsky, 2013).

Ortiz (1994, p.118) sustenta que há "uma ética do consumo" e "é preciso que ela se ajuste às relações determinadas pela sociedade envolvente e, simultaneamente, seja compartilhada pelos seus membros". Sob perspectiva similar, Carrano (2002) sustenta que o estabelecimento de redes de sociabilidade e identidades compartilhadas ocorre por meio de "mercadorias culturais", que são referências para os sujeitos, a partir das quais se delineiam processos de pertencimento e não pertencimento subjetivos, que têm objetos materiais providos de simbolismo como constituintes (Ortiz, 1994; Pilkington, 1997; Bourdieu, 1999; Hall, 2001; Carrano, 2002; Giddens, 2002).

Além do comércio dos referidos objetos, outra importante fonte de renda para as atléticas é a anuidade recolhida de seus associados. Os associados das atléticas – que não necessariamente são membros ativos nas atividades – pagam anuidade pelo título de sócio e têm direito a uma série de benefícios/facilidades, que variam muito de acordo com a atlética. Geralmente, os associados têm direito a desconto nos valores pagos por convites de festas realizadas pela atlética (são disponibilizados lotes exclusivos para associados), participação em jogos e/ou desafios, bem como na aquisição de objetos da atlética.

Há também casos de atléticas bem estruturadas que firmam parcerias com estabelecimentos comerciais e prestadores de serviços diversos[25] em suas cidades sede, garantindo descontos que costumam variar de 10% a 20% para os associados.

25 Os parceiros das atléticas variam de um ano para o outro. No ano 2017, por exemplo, os associados da atlética do curso de Medicina da UFMS/CPTL

As vantagens oferecidas pelas atléticas aos seus associados têm bastante apelo entre os estudantes, que consequentemente se sentem atraídos pela possibilidade de participar de festas e jogos, bem como de usufruir de uma série de serviços a preços menores. Essa dinâmica estabelece sentimento de pertencimento, o que, associado à eventual posse de objetos providos de valor simbólico das atléticas, sobretudo de vestuário, reforça o processo de construção identitária.

UFMS/CPTL: circuito de lazer universitário, álcool e a noite

Os convites das festas *open bar* realizadas pelas atléticas da UFMS/CPTL têm venda iniciada a preços que variam entre R$ 25,00 e R$ 30,00, em valores de lote inicial. Posteriormente, as atléticas disponibilizam novos lotes de convites a preços que gradualmente vão sendo elevados.

Geralmente, na véspera, ou na manhã do dia da festa, as vendas são encerradas, sendo lançado um último lote no horário da festa, comumente com valor bem mais alto que os dos lotes iniciais, chegando a haver um acréscimo de mais de 150% no valor dos convites (Lima, 2018, p.83).

Na UFMS/CPTL, há uma atlética que a representa como um todo[26] e há outras atléticas que representam cada qual seu curso. Durante a pesquisa, observamos que as atléticas que realizam festas *open bar* com maior frequência são as apresentadas no Quadro 3.

As festas *open bar* realizadas pelas atléticas da UFMS/CPTL, por vezes, são batizadas com nomes sugestivos, como: Administralando (curso de Administração), OABreja (curso de Direito), Hipertensão (curso de Enfermagem), Alcoolteia (curso de Engenharia

---

puderam usufruir de descontos em pizzaria, clínica de estética, loja de conveniência e academia.

26 Representa a UFMS/CPTL em alguns jogos, como a Integração Universitária (organizado pela atlética da Unesp Ilha Solteira).

de Produção) e CarnaMed (curso de Medicina). Esses são nomes que fazem sugestão/indução (pretensamente de forma descontraída) sobre qual curso a atlética em questão representa, em conjunto com alguma alusão ao consumo de bebidas alcoólicas. Além disso, é comum que as atléticas tenham seus próprios coquetéis alcoólicos a base de cachaça ou vodca, que também recebem nomes sugestivos, como: Pinga na Seringa (atlética do curso de Enfermagem) e Pecado Capital (atlética do curso de Administração).

Nesse sentido, devemos salientar que, ao longo dos últimos anos, o Brasil tem testemunhado – com certa regularidade – casos de morte de estudantes universitários em festas *open bar* devido ao consumo excessivo de álcool,[27] o que tem gerado debates quanto aos perigos do álcool e a possibilidade de festas *open bar* serem meios facilitadores de hiperconsumo de álcool (*binge drinking*[28]) (Borsari; Carey, 2001; Romera, 2014; Krieger et al, 2018; Lima, 2018).

Quadro 3 – Atléticas que mais constantemente realizam festas *open bar*

Curso	Nome da atlética
Medicina	Atlética Soberana
Engenharia de Produção	Atlética XXV de março
Enfermagem	Atlética XVI de julho
Administração	Atlética Capitalista
Direito	Atlética Maníaca

Fonte: Lima (2018, p.88).

27 Conforme a presente pesquisa, no período 2013-2018 foram registradas mais de 30 mortes de estudantes universitários em festas *open bar* no Brasil.

28 Termo da língua inglesa utilizado para tratar de episódios esporádicos de consumo elevado de bebidas alcoólicas em curto período, com intuito deliberado de chegar ao estado de embriaguez. São considerados episódios de *binge drinking* para as mulheres aqueles nos quais são consumidas pelo menos quatro doses de bebida. Para os homens o limite inferior são cinco doses. Nota-se, entanto, que em episódios de *binge drinking,* não raro, o sujeito consome mais de uma dúzia de doses.

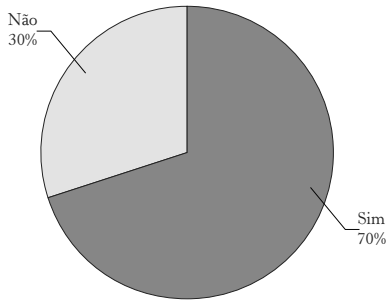
Quanto às festas *open bar* e hiperconsumo de álcool, Romera (2014, p.101) sustenta que:

> Essa modalidade de diversão é caracterizada pelo pagamento de um valor único e com o qual se pode consumir bebida à vontade, sem imposição de limite, tanto no que se refere à quantidade quanto no que diz respeito à diversidade oferecida durante o evento. Trata-se de um estilo de festa no qual os participantes têm direito de consumir ao máximo; a adesão permite o consumo ilimitado de bebidas alcoólicas durante todo o período da festa. A possibilidade de consumo ilimitado anunciado nessa modalidade de festa ratifica o hiperconsumo.

Apesar do alarde causado em torno do possível hiperconsumo de álcool, o que se nota, de maneira geral, é que as sociedades ocidentais são complacentes com o eventual consumo abusivo de álcool, que não é tão condenado socialmente quanto o uso de drogas ilícitas, especialmente entre os sujeitos jovens. Nesse panorama, a condição de embriaguez caracteriza um modelo de conduta às avessas, no qual a infração às normas socialmente estabelecidas é aceitável, relevável e facilmente escusável (Wechsler et al, 1994; Silveira, 1996; Borsari; Carey, 2001; Krieger et al., 2018).

No Ocidente, o álcool representa um fator de sociabilidade, mesmo em quantidades excessivas. A própria embriaguez constitui-se num modelo de conduta, ainda que às avessas; o excesso é uma infração às normas sociais, perfeitamente aceitável enquanto exceção que reforça a regra (Silveira, 1996, p.6).

Neste texto, não é nosso objetivo aprofundar o debate sobre a relação entre festas *open bar*, hiperconsumo de álcool e suas causas e efeitos nocivos. Observamos, no entanto, a partir de dados obtidos em questionário aplicado a 50 jovens estudantes de graduação da UFMS/CPTL, que as festas *open bar* são uma forma de lazer de predileção entre eles, conforme representado na Figura 3.

Figura 3 – Predileção por festas *open bar*.

Fonte: Lima (2018, p.116).

Aferimos, também, por meio do questionário, que, considerados os trinta dias anteriores à data de aplicação, 58% dos estudantes foram a alguma festa *open bar* realizada por atléticas como podemos observar na Figura 4.

Ao considerar o período de doze meses anteriores, a porcentagem de estudantes questionados que confirmam ter ido a alguma festa *open bar* realizada pelas atléticas da UFMS/CPTL aumenta substancialmente, chegando ao total de 86%. Nesse panorama, podemos observar que a diferença percentual entre os que foram a alguma festa *open bar* nos últimos trinta dias e nos últimos doze meses é bastante expressiva, uma diferença total de 28 pontos percentuais (Figura 5).

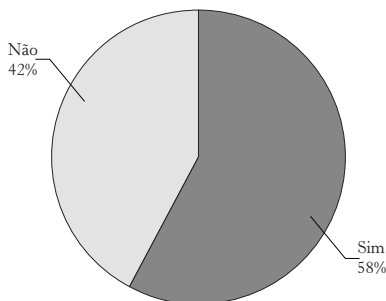
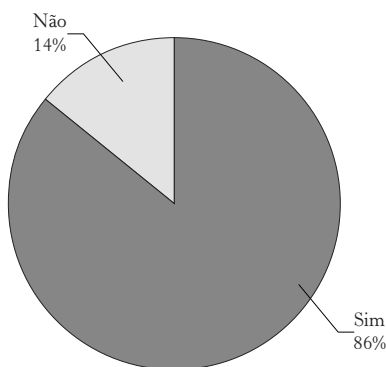
Figura 4 – Porcentagem de estudantes que foram a festa *open bar* – últimos 30 dias.

Fonte: Lima (2018, p.113).

Figura 5 – Porcentagem de estudantes que foram a festa *open bar* – últimos 12 meses.

Fonte: Lima (2018, p.114).

A diferença significativa, entre os que foram a alguma festa *open bar* nos últimos trinta dias e nos últimos doze meses, demonstra que ao se considerar um período maior – doze meses – é observado que porcentagem considerável dos estudantes questionados, embora não tenha ido a alguma festa *open bar* no último mês, foi a pelo menos uma festa no último ano.

No que se refere à caracterização temporal das festas realizadas por atléticas da UFMS/CPTL, observamos que elas ocorrem majoritariamente no período noturno, com início geralmente às 10 ou 11 horas da noite, e término às 4 ou 5 horas da manhã. Eventualmente, algumas festas são iniciadas às 4, 5, ou 6 da tarde, se encerrando às 10, ou 11 horas da noite, entretanto essa situação é menos frequente.

Quanto à relação entre lazer, noite e os jovens, Margulis (1997, p.16) sustenta que "a noite é dos jovens", já que, durante a noite, convencionalmente, os adultos dormem para ir trabalhar no outro dia de manhã, ao passo que os jovens se apropriam da cidade – dando novos significados aos espaços – por meio de relações de poder intrínsecas aos fluxos noturnos.

> A noite faz-se da conjugação da oferta e da procura. Soa artificial desconectá-las. O observador rapidamente percebe que a oferta da

> noite é fisicamente diversificada. Há também diversificação funcional [...] proporcionando sociabilidades, às vezes amenas, outras exaltadas, em torno da bebida; outras ainda, mais ruidosas, fazendo da música o seu leitmotiv. (Ferreira, 2007, p.4)

Durante a noite, sob perspectiva neurológica, é notável que a iluminação indireta e os sons – vozes humanas em conversação e música tocada –, e muito comumente o consumo de bebidas alcoólicas, provocam estímulos sensoriais distintos dos que ocorrem em outros contextos espaço-temporais de sociabilidade e lazer (Wechsler et al., 1994; Ferreira, 2007; Reckziegel, 2009; Weidman; Deangelo; Bethea, 2014; Lima, 2018).

Diante da necessidade latente de adequação, aprovação e prestígio social entre os jovens, o ambiente noturno, o som, as luzes, a bebida alcoólica e outros atributos – a decoração, o *dress-code*[29] etc. – estimulam a autoapreciação e a autoconfiança dos universitários diante de seus pares (Wechsler et al, 1994; Ferreira, 2007; Reckziegel, 2009; Weidman; Deangelo; Bethea, 2014; Lima, 2018).

Em festas *open bar* universitárias, é comum, independentemente do local, que ocorram apresentações artísticas. Nas festas realizadas pelas atléticas de cursos da UFMS/CPTL, não é diferente. Além de DJs e apresentações de baterias universitárias, há apresentações de bandas e/ou cantores/duplas de diferentes estilos musicais e, eventualmente, de equipes de *cheerleading*. Notamos que essas apresentações artísticas, invariavelmente, utilizam como recurso técnico a iluminação artificial, que se configura como um elemento importante no estabelecimento de uma "atmosfera festiva", que somente é possível no período noturno (Weidman, 1989; Lima, 2018).

É notável que, além de ocorrerem, em geral, no horário noturno, as festas *open bar* realizadas por atléticas de cursos da UFMS/CPTL seguem uma lógica de periodicidade. Embora ocorram ao

---

29 Em tradução livre do inglês: traje a rigor. No universo das festas *open bar* realizadas por atléticas têm-se disseminado festas do tipo *Black Edition* (Edição de Preto) e *White Party* (Festa do Branco), nas quais é requerido que os sujeitos participantes utilizem, obrigatoriamente, roupas das cores citadas.

longo de todo o ano letivo, são mais frequentes nos inícios e finais de semestres. O mais comum é que ocorram às sextas-feiras e sábados, embora possam ocorrer em outros dias da semana em situações específicas, como vésperas de feriados e períodos pré/pós-provas (primeira e última semana do semestre letivo).

Conforme um estudante do curso de Direito, e membro da atlética de seu curso,

> No começo do semestre, está todo mundo de boa ainda, porque não começaram as provas. Aí dá pra sair de boa, não tem que estudar ainda, por isso que tem mais festas nas duas primeiras semanas de aulas. Tem vezes que chega a ter duas no mesmo dia, está todo mundo suave ainda. Só alegria. No fim do semestre, é aquela alegria por ter passado em tudo, mano, menos pra quem tem que fazer prova substitutiva porque não tirou nota. E no fim do semestre, é outro período que rolam bastantes festas. A gente não tem certeza absoluta, mas acha que, mano, fim de semestre bem melhor pra sair pra festa do que no meio, né? Tem que saber estudar e festar [risos] (Depoimento de estudante de Direito, 2017)

A declaração do estudante do curso de Direito expõe algumas razões que justificam a maior frequência de festas *open bar* nos inícios e fins de semestre. O fato de as provas não terem se iniciado ou já terem terminado proporciona mais tempo livre aos estudantes, tempo esse que pode ser despendido com a ida às festas sem acarretar prejuízos acadêmicos. Outro fato que não foi citado pelo estudante, mas que é muito relevante, é que os inícios de semestre são períodos nos quais a UFMS/CPTL recebe grande número de estudantes recém-admitidos, os chamados *bixos* e *bixetes*. Esses estudantes, recém-inseridos no contexto universitário, passam a estabelecer novas conexões e redes de sociabilidade, sendo as festas espaços de integração e construção de relações sociais com os outros estudantes. Assim, ir às festas é uma forma de integrar e construir relações sociais entre os estudantes – sejam *bixos/bixetes* ou veteranos/veteranas – fora do horário de aulas (Weidman, 1989; Maggs, 1997; Thombs, 1999; Lima, 2018).

Sobre essa dinâmica, Lima (2018, p.109) sustenta que, "Recém-inseridos no contexto universitário e, em muitos casos, para os oriundos de outras cidades, vivendo longe de suas famílias pela primeira vez, os estudantes estabelecem novas conexões e redes de sociabilidade, em momentos permeados de incertezas, inseguranças e stress".

Para um universitário pouco envolvido com atléticas, a identificação como "apenas estudante da UFMS/CPTL" pode ser a única, ao passo que um estudante "atleticano", membro ativo da atlética de seu curso, pode incorporar tanto a identidade generalista de "estudante da UFMS/CPTL", quanto a de "estudante de tal curso", "membro de tal atlética" etc. Tratamos, assim, de grupos de referência distintos, de identidades fragmentadas, exercidas na vida cotidiana, estabelecendo territorialidades múltiplas (Weidman, 1989; Brown; Dolcini; Leventhal, 1997; Haesbaert, 1999; Thombs, 1999; Hall, 2001; Giddens, 2002; Bauman, 2007; Turra Neto, 2008; Lima, 2018).

Notamos que a territorialidade manifesta por estudantes, em âmbito geral, como estudantes matriculados na UFMS/CPTL, sem referência a atléticas, se estende ao meio virtual por meio da apropriação de seu espaço pelos estudantes. Isso pode ocorrer de diversas maneiras, sendo as mais comuns a interação em grupos na rede social Facebook® e no aplicativo de mensagens WhatsApp®. Os grupos de Facebook® e WhatsApp® podem ser fechados ou abertos e recebem postagens diversas, que debatem assuntos de grande variedade, desde questões sobre a universidade, manifestações de interesse/paquera de forma anônima entre usuários,[30] até divulgação de festas

30 Uma prática comum é algum(a) estudante, de forma anônima, postar o lugar onde viu outro(a) estudante que lhe interessa – mas de quem não sabe o nome ou curso – e suas características físicas, ou, ainda, postar uma foto, tirada escondida da pessoa desejada, igualmente perguntando: "está solteiro(a)? Faz que curso? Qual o nome?". Não demora, alguém reconhece a pessoa desejada conforme o relato e/ou foto postada pelo "interessado anônimo" e posta o nome e/ou link do perfil da pessoa desejada no Facebook®, intermediando uma aproximação.

open bar e, não raro, manifestações políticas,[31] além de denúncias de situações moralmente condenáveis envolvendo estudantes.[32]

Recorrendo à etnografia digital, pudemos testemunhar, ao longo da pesquisa, situações variadas que exemplificam a extensão e exercício da territorialidade dos estudantes da UFMS/CPTL no meio digital. Em algumas postagens de estudantes nos grupos de Facebook® e WhatsApp®, é levantada a hipótese de que seja posta em prática alguma forma de controle que garanta que somente os estudantes da universidade tenham acesso às festas realizadas pelas atléticas, mediante apresentação de carteirinha de estudante ou atestado de matrícula.

Nesse sentido, as queixas são variadas. Um estudante homossexual reclama ter sido vítima de homofobia; uma estudante do curso de História afirma que sofreu assédio de homens que não reconhece da Universidade e, portanto, deduz que eles não são estudantes da UFMS/CPTL; outra estudante, também do curso de História, entra no debate e sugere uma solução para a situação:

> Gente, está cada vez mais, acontecendo essas coisas nas festas. Antes não era assim, acho que deveria começar a ser fechadas, só pra quem é aluno com carteirinha. Tem gente de fora que não é da faculdade e que vai só pra tumultuar e espalhar energias negativas. (Depoimento de estudante de História, 2017)

---

31 Há debates/discussões entre estudantes alinhados com políticas consideradas de esquerda/progressistas e outros estudantes alinhados com políticas consideradas de direita/conservadoras.

32 Algumas vezes, são feitas denúncias de situações como carros estacionados em lugares irregulares, falta de zelo com as instalações da universidade. Outras vezes, são denunciadas situações de maior gravidade, como: assédio moral, bullying e até mesmo assédio/abuso sexual. Nesses últimos casos, o suposto perpetrador fica em estado de "limbo social", estigmatizado nas relações sociais da universidade, fica com o nome "queimado". Nesse processo, fica evidente o papel que a *gossip* – fofoca – exerce nas relações estruturais dos grupos sociais, como muito bem exposto por Elias e Scotson (2000), em sua fictícia Winston Parva.

Na sequência, outra estudante, também do curso de História, responde ao comentário anterior de forma bastante similar. Ao supor que os homens que praticaram assédio não são estudantes da Universidade, a estudante afirma que "esses machos 'escrotos' estão acabando com as festas, tem que banir mesmo quem não é da faculdade. Chegou com carteirinha entra, se tiver sem, sai fora".

Notam-se, nas declarações das estudantes, exemplos das formas como a territorialidade se manifesta nas mais diversas esferas e escalas, inclusive no meio digital. Ao propor exclusividade do acesso às festas realizadas pelas atléticas, as estudantes expressam o sentimento de pertencimento e identificação que possuem com a forma de lazer materializada pelas festas *open bar* universitárias, julgando que somente deveriam usufruir delas os sujeitos que são estudantes regularmente matriculados na UFMS/CPTL, ou seja, sujeitos semelhantes a elas, sujeitos com os quais elas compartilham traços identitários.

Assim, a condição de estudante regularmente matriculado na UFMS/CPTL é um fator de diferenciação social no próprio contexto local. Trata-se de uma situação bastante clara de exercício identitário. Em suma, ergue-se uma barreira imaginária que separa "nós" e "eles", os "nossos" e os "deles", os *insiders* (os de dentro) e os *outsiders* (os de fora). É uma fronteira imaginada, é uma fronteira identitária não tangível, mas existente (Haesbaert, 1999; Elias; Scotson, 2000; Goettert, 2017; Lima, 2018).

Não podemos desconsiderar, porém, que, em cidades de porte médio como Três Lagoas,[33] as opções de lazer noturno são consideravelmente mais limitadas que em cidades grandes. A falta de opções de lazer contribui para "uma maior mistura social", como a relatada pelos estudantes da UFMS/CPTL. Essa mistura social, entretanto, "nunca chega a se dar completamente, uma vez que muitas barreiras simbólicas são erguidas" entre diferentes grupos de referência (Turra Neto, 2017, p.38).

---

33 No Brasil, são consideradas cidades de porte médio as que têm população entre 50 mil e 500 mil habitantes, de acordo com o IBGE. Há, todavia, muito debate sob perspectivas analíticas distintas, sobretudo entre urbanistas e profissionais de planejamento urbano, quanto à definição do que é uma cidade média.

Em relação à espacialização das festas *open bar* realizadas por atléticas de cursos da UFMS/CPTL, constatamos um aspecto bastante relevante: as festas ocorrem em diferentes locais de Três Lagoas, não se limitam a um recinto específico. Observamos, entretanto, que, embora ocorram em locais diferentes, alguns locais recebem festas com maior frequência que outros. As observações realizadas ao longo da pesquisa revelaram que os locais que mais frequentemente recebem festas *open bar* são os seguintes (Quadro 4):

Quadro 4 – Locais onde ocorrem festas *open bar* com frequência

Locais
Estância Papillon
Estância JS
Mansão Bás
Müller Pub
Arena Müller
Vincian Music & Hall

Fonte: Lima (2018, p.93).

A Estância Papillon é um tradicional espaço de eventos localizado no sul de Três Lagoas; a Estância JS fica localizada fora do perímetro urbano, ao norte da cidade, às margens do Rio Sucuriú (é um diferencial em relação aos outros locais que recebem festas *open bar*); a Mansão Bás, como o nome sugere, é uma mansão de aluguel, localizada no norte da cidade; o Müller Pub é um bar com salão anexo, localizado às margens da Lagoa Maior, conformando uma mancha de lazer que é composta por outros bares e serviços noturnos; a Vincian Music & Hall e a Arena Müller são casas noturnas localizadas uma em frente à outra na Avenida Ponta Porã, nas adjacências do Câmpus II da UFMS/CPTL e do campus de uma universidade privada (Aems).

Os locais listados recebem festas com tanta frequência que essa dinâmica não passa despercebida pelos estudantes da UFMS/CPTL. Segundo um estudante do terceiro ano do curso de Medicina,

> Festa na Mansão é o que mais tem. Eu acho bom lá o espaço, não fica muito apertado de lotar de gente e tem piscina, já pulei uma vez na piscina. Fim de festa o povo pula mesmo. Na Papillon já percebi que é quando vai ter festa maior, né? Na Papillon é meio ruim que é longe pra ir, eu acho melhor não sair de moto quando sei que vou beber, aí pra ir pra Papillon se tiver alguém que vai de carro e dá pra ir junto, melhor. Mas se é na Papillon pode saber que vai mais gente do que se for na Mansão. (Depoimento de estudante de Medicina, 2016)

Como ficou explícito na fala do estudante do curso de Medicina (e foi observado durante a pesquisa), a Mansão Bás é o local onde mais ocorrem festas, porém, como ele salienta, "se é na [Estância] Papillon pode saber que vai mais gente do que se for na Mansão [Bás]". Em entrevista que realizamos posteriormente com um membro da atlética do curso de Direito, pudemos compreender a lógica seguida ao definir em qual lugar será realizada uma festa.

Segundo o estudante, alguns eventos são concebidos como "diferenciados" e demandam maior atenção com detalhes de produção. Nessas situações, opta-se por um espaço amplo – maior que o da Mansão Bás – como os oferecidos pelas estâncias Papillon e JS, que não têm acesso tão fácil – encontram-se nos arrabaldes da cidade –, mas possuem como trunfo a maior capacidade de público que oferecem.

O estudante de Direito afirma ainda que o valor que a atlética paga pelo aluguel das estâncias é alto, porém esses custos são compensados pela receita obtida com a venda maior de convites – em acordo com a maior capacidade dos espaços – e com cobranças de estacionamento.

> Quando é um evento maior, a gente vê um espaço maior e com mais estrutura, que tem um aluguel que é mais caro. Por exemplo, a Micareta Federal na Estância Papillon foi sucesso, tinha máquina de espuma e tudo. Já tinha previsão de bastante gente, então vale o investimento. Ainda tem outras coisas, tipo o que arrecada com estacionamento quando a festa é fora da cidade. (Depoimento do estudante de Direito, 2017)

Há, ainda, o *hype*,[34] criado no período antecedente à festa por meio de ações pontuais de marketing. Nesse prisma, salientamos que, embora, na atualidade, quase a totalidade das festas *open bar* universitárias tenham as plataformas digitais como meio de divulgação, no caso das festas ditas diferenciadas, são despendidos valores consideráveis com publicidade impressa (*folders* e *flyers*) e em anúncios em estações de rádio de alcance regional. Não raro, pontos de venda de convites são estabelecidos em outras cidades da região (sobretudo Água Clara e Brasilândia (MS) e Andradina e Ilha Solteira (SP)) e, em alguns casos, são realizadas festas prévias de divulgação nas referidas cidades.

No que se refere aos aspectos que recebem atenção especial na produção e diferenciam umas festas das outras, há uma série de detalhes que podem ser elencados. Desde mimos como copos e canecas exclusivos com o logotipo da atlética e o nome e data da festa – essencialmente um *souvenir* – distribuído aos participantes, passando por rodadas de *shots*[35] de alguma bebida específica que não consta no cardápio do *open bar* (geralmente ao toque de uma sirene), até aspectos de ordem técnica (sistemas de som, luzes especiais e/ou presença de aparelhos/dispositivos que remetam a alguma temática específica).

Como exemplo de detalhes de ordem técnica – logo de diferenciação – de algumas festas, atemo-nos às características da festa Micareta Federal, realizada pela atlética do curso de Direito, na Estância Papillon, em 2017. Com o intuito de emular uma micareta, a atlética investiu bastante na decoração do espaço e instalou uma máquina de espuma, oferecendo aos participantes da festa uma

---

34 O termo *hype* sintetiza o sentimento de ansiedade por conta de algum evento que vai ocorrer no tempo futuro. Significa alta expectativa em torno de algo e que é alimentada por ações de marketing que enfatizam e/ou exageram os pontos positivos de um evento. O *hype* se caracteriza pelo sentimento de "mal poder esperar" por algo.

35 Do inglês, significa pequena dose de bebida alcoólica destilada tomada num só gole. Ex.: um *shot* de pinga (uma dose de pinga). Embora o termo dose seja usado de maneira ampla na língua portuguesa, no âmbito dos circuitos de lazer dos estudantes universitários, utiliza-se, com mais frequência, o termo *shot*.

experiência espaço-temporal diferenciada, na qual o tempo vivido e o tempo imaginado se entrelaçaram, já que a festa citada simulou uma micareta, porém, sem ser uma *de facto*.

Os detalhes da produção da festa foram percebidos pelos participantes, como um estudante do curso de Geografia que observamos se divertindo bem debaixo da máquina de espuma e que, posteriormente, nos concedeu entrevista. Segundo o estudante, a Micareta Federal foi uma das melhores festas a que foi desde que ingressou na UFMS/CPTL, e os organizadores (atlética do curso de Direito) merecem congratulações, pois, em sua opinião, executaram um exímio trabalho. O estudante aponta como pontos positivos a decoração e a presença da máquina de espuma, além do "gelinho de catuaba" (espécie de picolé feito a partir da referida bebida alcoólica) (Lima, 2018).

Além das festas diferenciadas, as atléticas desenvolvem parcerias pontuais que propiciam situações ímpares, como a ocorrida em 6 de agosto de 2016, um sábado. Naquele dia, uma festa de nome Engelada foi realizada pela atlética do curso de Engenharia de Produção, na Mansão Bás. A festa foi iniciada excepcionalmente cedo, às 16 horas, e encerrada às 22 horas. Logo após, às 23 horas, teve início show da banda de reggae Planta & Raiz, na Vincian Music & Hall. Nesse show, puderam entrar, gratuitamente, todos os sujeitos que foram à festa da atlética do curso de Engenharia de Produção, mediante a apresentação da pulseira-convite[36] da festa.

A parceria entre a Vincian Music & Hall e a atlética permitiu, dessa maneira, que os sujeitos participassem de dois eventos mediante o pagamento de um preço único, promovendo mobilidade espacial e favorecendo o processo de apropriação de dois espaços distintos (conectados em decorrência do fluxo/trânsito de pessoas pela cidade de um lugar para o outro).

Compreendemos, nesse espectro, que os sujeitos – estudantes da UFMS/CPTL – através de processos de apropriação de diferentes

36 A pulseira-convite é uma pulseira de material plástico resistente. É utilizada para controlar quem entra e sai de festas (festas que permitem entrar e sair do ambiente).

espaços – por meio de suas práticas de lazer – estabelecem uma territorialidade própria e um território em rede, que não é (e nem precisa ser) fixo, "tampouco contínuo". Isso é, estabelecem um território através de "pontos dispersos que se complementam", se organizando em rede (constituindo o que também se chama de circuito) (Lima, 2018, p.99).

Sobre circuito, Magnani (2010, p.18) elucida que se trata

> [...] de uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantém entre si uma relação de contiguidade espacial; ele é reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais, por conseguinte, o exercício da sociabilidade por meio de encontros, comunicação, manejo de códigos –, porém de forma mais independente com relação ao espaço, sem se ater à contiguidade [...] mas ele tem, igualmente, existência objetiva e observável: pode ser identificado, descrito e localizado.

A compreensão sobre a dinâmica de estabelecimento dos circuitos (territórios-rede) fornece elementos essenciais para a análise da espacialização das práticas de sociabilidade e lazer dos estudantes da UFMS/CPTL. Constata-se que, na atualidade, o espaço de ação dos sujeitos não é limitado por continuidade territorial. Na realidade, os estudantes – especialmente os *bixos* e *bixetes* – frequentam *de facto* uma série de lugares diferentes. Esses lugares diferentes – múltiplos, assim como as trajetórias individuais de vida – são unificados e ganham sentido como conjunto somente em razão de objetivos/propósitos compartilhados e ações realizadas coletivamente pelos sujeitos no tempo e no espaço.

Considerações finais

O Brasil testemunhou, desde o início do século XXI, um amplo processo de expansão do ensino superior público gratuito, bem

como do acesso ao ensino superior em IES privadas por meio de programas de financiamento estudantil. Seria impreciso e demasiadamente otimista afirmar que ocorreu a universalização do acesso ao ensino superior no país, entretanto é inegável que sua penetração na sociedade, sobretudo entre os setores de menor poder econômico, é muito mais ampla na atualidade que duas décadas atrás. Em menos de vinte anos, o número de estudantes universitários no Brasil mais que dobrou, passando de 3 milhões e oitocentos mil em 2003 para 8 milhões em 2018.

No rastro da expansão do ensino superior, testemunhamos a disseminação de uma "cultura do lazer universitário", que se organiza em torno de atléticas, organizações que, há quase um século, promovem práticas de sociabilidade e lazer entre estudantes universitários por meio de competições esportivas e, na atualidade, também por meio de festas *open bar*, que ocorrem, majoritariamente, no período noturno. Nesse prisma, inserem-se também como organizações de primeira importância as baterias universitárias e em menor, mas crescente escala, as equipes de *cheerleading*.

Partindo desses fatos e firmando diálogo entre a geografia e outras ciências humanas, pudemos analisar os processos de produção do espaço e logo de territorialização a partir de práticas de lazer que ocorrem em consonância com o estabelecimento de redes de sociabilidade que, por sua vez, estão alinhadas com uma identidade de acentuado teor simbólico-cultural. Tratamos, dessa forma, de uma identidade à qual são incorporados objetos providos de simbolismo que contribuem para o exercício de uma territorialidade específica.

Foi possível concluir, também, que as festas *open bar* são predominantemente uma forma de lazer tipicamente noturno, que encontra na noite as condições necessárias para ocorrer e ter apelo com opção de lazer para os estudantes da UFMS/CPTL, concretamente representando a opção de lazer predileta entre eles, como pudemos aferir por meio de aplicação de questionário.

Nesse espectro, as festas *open bar* noturnas são percebidas pelos estudantes da UFMS/CPTL como um meio de sociabilização e integração com sujeitos que compartilham da condição de estudantes

universitários também em busca de diversão. Mais que isso, as festas *open bar* representam ruptura com o ritmo da vida cotidiana e representam um lapso temporal para auto apreciação. Por fim, salientamos que, em Três Lagoas, a forma de lazer representada pelas festas *open bar* constitui um território-rede (circuito), ou seja, organizado de maneira descontínua, não contígua, por onde os estudantes transitam, entre uma festa *open bar* e outra, após uma aula e outra.

Referências

ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA ACADÊMICA DO CURSO DE DIREITO. Disponível em: <www.facebook.com/atleticadedireitoufmstl/>. Acesso em: 24 jun. 2020.

BELK, R. W. Possessions and the extended self. *Journal of Consumer Research*, Oxford, v.15, n.2, p.139-68, 1988.

BORSARI, B.; CAREY, K. B. Peer influences on college drinking: A review of the research. *Journal of Substance Abuse*, Lexington, v.13, n.4, p.391-424, 2001.

BOURDIEU, P. The forms of capital. In: RICHARDSON, J. G. (Org.) *Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education*. New York: Greenwood, 1985. p.241-58.

_______. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRASIL. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/>. Acesso em: 11 abr. 2019.

BRASIL – INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Disponível em: <www.inep.gov.br/>. Acesso em: 14 abr. 2019.

BRASIL – UFMS. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Disponível em: <https://cptl.ufms.br/>. Acesso em: 11 jun. 2019.

BROWN, B.; DOLCINI, M. M.; LEVENTHAL, A. Transformations in peer relationship at adolescence: implications for health-related behavior: In: SCHULENBERG, J.; MAGGS, L.; HURRELMAN, K. (Org.) *Health risks and developmental transitions during adolescence*. New York: Cambridge University Press, 1997. p.161-89.

CARRANO, P. C. R. *Os jovens e a cidade*: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

CLIFFORD, J. Culturas viajantes. In: ARANTES, A. A. (Org.) *O espaço da diferença*. Campinas: Papirus, 2000. p.51-79.

CZIKSZENTMIJALYI, M.; LARSON, R. *Being adolescent*. New York: Basic Books, 1984.

DAYRELL, J. *A música entra em cena*: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte. São Paulo, 2001. 409fl. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders.* Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FERREIRA, P. Ir para à noite: cultura noturna e identidade juvenil, 2007, Porto Alegre. In: VII RAM – Reunião de Antropologia do Mercosul, Porto Alegre. *Anais do VII RAM – Reunião de Antropologia do Mercosul*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

FOOTE-WHYTE, W. Treinando a observação participante. In: GUIMARÃES, A. Z. (Org.) *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980. p.77-86.

FRY, R.; PARKER, K. *Early Benchmarks Show 'Post-Millenials' on Track to be Most Diverse, Best-Educated Generation Yet*. 2018. Disponível em: <https://www.pewsocialtrends.org/2018/11/15/early-benchmarks-show-post-millennials-on-track-to-be-most-diverse-best-educated-generation-yet/>. Acesso em: 12 mar. 2019.

GARCIA, J. *Entenda como funciona o cheerleading universitário no Brasil*. 2018. Disponível em: <https://tiktalk.com.br/2018/08/27/desvende-como-funciona-o-cheerleading-universitario-no-brasil>. Acesso em: 17 mar. 2019.

GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GOETTERT, J. D. *Fronteiras*: quando o paraíso e o inferno moram ao lado. Identidades, imagens e gentes por entre Ponta Porã (Mato Grosso do Sul) e Pedro Juan Caballero (Amambay, Paraguai). Dourados: Editora UFGD, 2017.

HAESBAERT, R. A desterritorialização: Entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO, I. E. et al. (Org.) *Geografia: Conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p.165-206.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HARE, B. Survival of the friendliest: Homo Sapiens evolved via selection for prosociality. *Annual review of psychology*, Palo Alto, v.68, p.155-86, 2017.

KRIEGER, H. et al. The epidemiology of Binge Drinking Among College-Age Individual in the United States. *Alcohol Research Current Reviews*, Bathesda, v.39, n.1, p.23-30, 2018.

LIMA, E. L. G.; RIBEIRO, A. I. M. *A faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente 1959 – 1976*: Gênese da FCT – Unesp. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

LIMA, M. G. *Espaços de lazer e territórios juvenis em Três Lagoas/MS*. Três Lagos, 2018, 223fl. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos*: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

MAGGS, J. L. Alcohol use and binge drinking as goal-directed action during the transition to post-secondary education. In: SCHULENBERG, J.; MAGGS, J. L.; HURRELMAN, K. (Org.) *Health risks and developmental transition during adolescence*. New York: Cambridge University Press, 1997. p.345-71.

MAGNANI, J. G. C. Os circuitos dos jovens urbanos. *Sociologia*, Porto, v.20, p.13-28, 2010.

MARGULIS, M. *La cultura de la noche*: la vida nocturna de los jóvenes en Buenos Aires. Buenos Aires: Biblos, 1997.

MARTIN, C. M.; HOFFMAN, M. A. Alcohol expectancies, living environment, peer influence, and gender: a model of college-students drinking. *Journal of College Student Development*, Baltimore, v.34, p.206-11, 1993.

MAY, T. *Pesquisa social*: questões, métodos e processos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MCCRAKEN, G. *Cultura e consumo*: Novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

MILANI, P. H.; ARANHA-SILVA, E. Centralidade urbana: um estudo do centro principal de Três Lagoas-MS. *Geografia em Atos*, Presidente Prudente, v.1, n.9, p.1-10, 2009.

MOFFATT, M. College life: Undergraduate culture and higher education. *The Journal of Higher Education*, Bloomington, v.62, n.1, p.44-61, 1991.

OLIVEIRA, A. M. *Estrada de Ferro Noroeste do Brasil*: dinâmica socioespacial e territorialidade em Mato Grosso do Sul. Aquidauana, 2008, 195fl. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

OLIVEIRA, F. de. *O adeus do futuro ao país do futuro*: uma biografia breve do Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

ORTIZ, R. *Mundialização e cultura*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1994.

PILKINGTON, H. Is There a Global Youth Culture? A View from the Periphery, 1997, Washington, DC. In: 96th American Anthropological Association Conference, Washington, DC. *Anais do 96th American Anthropological Association Conference*. Washington, DC: American Anthropological Association Conference, 1997.

RAFFESTIN, C. *Por uma Geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

RECKZIEGEL, D. *Lazer noturno*: aspectos configuracionais e formais e sua relação com a satisfação e preferência dos usuários. Porto Alegre, 2009, 218fl. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ROMERA, L. A. Lazer e festas: Estudo sobre os modos de divulgação de bebidas nos campi universitários. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, São Carlos, v.22, n. Suplemento Especial, p.95-102, 2014.

RUCKER, D. D.; GALINSKY, A. D. Compensatory Consumption. In: RUVIO, A. A; BELK, R. W. (Org.) *Routledge Companion to Identity and Consumption*. Oxford: Routledge, 2013. p.207-215.

SAMPAIO, H. Novas dinâmicas do ensino superior no Brasil: o público e o privado. *Cadernos do GEA*, Rio de Janeiro, n.7, p.8-22, 2015.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2002.

SAQUET, M. A. *Abordagens e concepções de território*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SAVIANI, D. A expansão do ensino superior no Brasil: mudanças e continuidades. *Poíesis Pedagógica*, Goiânia, v.8. n.2, p.4-17, 2010.

SCHALL, M.; KEMENY, A.; MALTZMAN, I. Factors associated with alcohol use in university students. *Journal of Studies on Alcohol*, New Brunswick, v.53, p.122-36, 1992.

SEEMILLER, C.; GRACE, M. *Generation Z Goes to College*. San Francisco: Jossey-Bass, 2016.

SILVEIRA, D. X. *Dependência*: compreensão e assistência às toxicomanias. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

SIMMEL, G. Sociabilidade – um exemplo de Sociologia Pura ou Formal. In: MORAES FILHO, E. (Org.) *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983. p.165-81.

SMETANA, J. G.; ASQUITH, P. Adolescents' and parents' conceptions of parental authority and personal autonomy. *Child Development*, Medford, v.65, p.1147-62, 1994.

SOUZA, J. *A tolice da inteligência brasileira ou como o país se deixa manipular pela elite*. São Paulo: LeYa, 2016.

SOUZA, M. L. de. *Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SPOSITO, M. E. B. et al. O estudo das cidades médias brasileiras: uma proposta metodológica. In: SPOSITO, M. E. B. (Org.) *Cidades médias*: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p.35-67.

STAREPRAVO, F. A. et al. O esporte universitário no Brasil: uma interpretação a partir da legislação esportiva. *Esporte e Sociedade*, Niterói, v.5, n.14, 2010.

THOMBS, D. L. *An introduction to addictive behaviors*. New York: Guilford Press, 1999.

TURRA NETO, N. *Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava*: territórios e redes de sociabilidade. Presidente Prudente, 2008, 533fl. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

______. Vida Noturna, a construção de um objeto de estudo para a Geografia. *Terr@ Plural*, Ponta Grossa, v.11, n.1, p.31-41, jan./jun. 2017.

WECHSLER, H. et al. Health and behavioral consequences of binge drinking in college: A national survey of students at 140 campuses. *JAMA*, Chicago v.272, n.21, p.1672-7, 1994.

WEIDMAN, J. C. Undergraduate socialization: a conceptual approach. In: SMART, J. C. (Org.) *Higher education*: handbook of theory and research. New York: Agathon Press, 1989. p.289-322.

WEIDMAN, J. C.; DEANGELO, L.; BETHEA, K. A. Understanding student identity from a socialization perspective. *New Directions for Higher Education*, Bloomington, v.2014, n.166, p.43-51, 2014.

4
"Vida Madalena":
os papéis do noturno no ordenamento do espaço público

Rodrigo R. H. F. Valverde

A Zona Oeste de São Paulo é a menor em área entre as divisões funcionais da cidade, mas concentra hoje a maior renda *per capita* e a maior expectativa de vida. Mais importante para este trabalho é considerada uma centralidade da vida noturna da cidade, envolvendo bairros como Vila Madalena, Butantã, Morumbi, Alto da Lapa e Pinheiros.

A escolha do bairro da Vila Madalena como área de enfoque deste trabalho é justificada pela continuidade de sua vida noturna desde os anos 1970 (Figura 1). Como veremos, mesmo antes de a Vila Madalena ser compreendida como uma área da boemia na cidade de São Paulo, ela já apresentava uma vida noturna intensa, animada pela localização das repúblicas estudantis e dos ateliês artísticos. Não se trata apenas de um reconhecimento da tendência econômica de aumento na quantidade de bares, restaurantes e boates na área nos últimos 40 anos: a vida noturna é central para toda a organização econômica e política do bairro. Configura-se nesse bairro uma contínua requalificação do território, na qual o que ocorre no período da noite pauta e orienta a organização da vida diurna. A força da vida noturna parece, nesse caso excepcional, condicionar e hierarquizar o que acontece durante o dia.

Essa rara continuidade da vida noturna em uma área que se tornou valorizada dentro do mercado imobiliário da cidade de São

Paulo tem potencializado o poder de atração material e simbólica do bairro. Estar na Vila Madalena parece qualificar o que se constrói como ação social, conferindo popularidade, humor, transgressão, caráter artístico, sociabilidade – é a isso que nos referimos como "vida Madalena". Durante eventos de grande visibilidade, ainda que sem maiores tentativas de organização por parte dos moradores do bairro, dos seus empresários ou do poder público, a Vila Madalena tem sido apropriada diariamente por dezenas de milhares de cidadãos oriundos de outros bairros. Esse é o caso observado durante o carnaval de rua em São Paulo ou da sociabilidade em espaços públicos durante os jogos da Copa do Mundo.

Os conflitos entre o entendimento de um bairro residencial valorizado e um alto lugar da vida social paulistana se multiplicam. Ao mesmo tempo em que a associação de moradores (Savima) realiza ações junto ao Ministério Público de São Paulo e à Câmara de Vereadores do município, ativistas e artistas manifestam defesas enfáticas do interesse e da necessidade da vida noturna na Vila Madalena. O que acontece todas as noites do bairro ganha sentido de debate público na cidade, com participação da sociedade como um todo. Questões referentes à moralidade, às regras de convivência, ao barulho, à imagem do bairro e aos "tipos de cidadão" se multiplicam, para além de um simples respeito às normas ou de uma total liberdade de ação.

A operacionalização desse debate e de suas oscilações ao longo dos últimos 40 anos depende de um entendimento de espaço público que não se limita ao ordenamento urbanístico e tampouco apenas reflete a questão do acesso. Sugerimos que o espaço público é maior do que aquilo que consta no Plano Diretor e que também vai além da existência de cancelas ou da presença policial. Essas duas balizas tão frequentes em sua definição possuem relevância, mas não deveriam ser barreiras para a definição dessa noção. Para além de um domínio material contínuo da ordem, dos seus códigos de propriedade, da normatização do seu uso, o espaço público se configura em um contínuo jogo de apropriações e flutuações de domínio material e simbólico, com particular ênfase em certas partes da cidade.

Figura 1 – A Vila Madalena e seus arredores.

Fonte: autoria própria, a partir do Google Earth.

Entendemos que em alguns altos lugares da vida social, o espaço público parece ter uma importância especial, que sugere inclusive novos entendimentos para a cidade como um todo. Como um exemplo dessa reflexividade, podemos lembrar do peso do grafite na Vila Madalena e da sua visibilidade nos fóruns e debates públicos na cidade de São Paulo nos últimos 30 anos. Enquanto em boa parte da cidade de São Paulo o grafite resiste como uma prática marginal, a presença e a força do grafite na Vila Madalena desde os anos 1980 configuraram sociabilidades suficientemente fortes ao ponto de estimular sua absorção dentro dos códigos da cidade e dos usos do espaço público no bairro (Valverde, 2007, 2017).

O espaço público se configura neste trabalho em uma disputa com flutuações de domínios entre agentes (Valverde, 2007), com particular centralidade naquilo que se desenvolve no período noturno (Góis, 2015): o que há de mais vivo, central e polêmico na "vida Madalena" se realiza após o pôr do sol. Como apontou Góis (2015), trata-se de um processo histórico e dinâmico, no qual a vida noturna ganhou particular sentido público recentemente. Em suas palavras:

> Esta conquista progressiva da cidade pela noite representou ao mesmo tempo uma conquista da noite pelos cidadãos, uma forma de dar publicidade noturna a lugares que estavam relegados ao silêncio. Esse processo se manifesta sob diversas circunstâncias e tem ganhado visibilidade a partir de significativas transformações. (Góis, 2015, p.13)

Aquilo que, por vezes, surge como uma prática social marginal, subversiva ou imoral pode ganhar regularidade e codificação, sendo absorvida pelas normas institucionais em momento posterior (Turra Neto, 2017). Concordamos com Turra Neto (2017) quando observa que devemos evitar o que chamou de "essencialização da noite" e nos momentos em que sugere as conexões entre o debate da vida noturna, do consumo e da fragmentação socioespacial. A assimetria entre os agentes é algo que deve ser destacado, assim como os usos que o suposto caráter subversivo pode ter para a renovação dos poderes

projetados sobre o espaço público. Porém, tais assimetrias e apropriações de discurso não invalidam a consideração de que os limites da publicidade apresentam nuances que qualificam diferentemente a geografia da Vila Madalena. Como elemento de fundo, consideramos então que o debate da publicidade possui certo grau de plasticidade, no qual as ações dos agentes sociais podem interferir sobre os contornos daquilo que classificamos como relativo à copresença.

A sociabilidade noturna intramuros: limites da transgressão universitária

O suposto caráter transgressor, boêmio e imoral da vida noturna da Vila Madalena no final do século XX teve, como ato fundador, uma ação repressora por parte das forças do Exército brasileiro. De fato, de acordo com os próprios envolvidos, foi a invasão do Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo (Crusp) em dezembro de 1968 que transformou um antigo e periférico bairro da cidade em um importante ponto das culturas jovens e das suas territorialidades. O Relatório do Inquérito Policial Militar da referida ação conduzida pelo Exército considerava o Crusp como um gueto do pensamento subversivo e avaliava os problemas para cumprir os objetivos da invasão. Em suas palavras, a desorganização e a falta de registros sobre os residentes da Residência Universitária, que havia sido produto da luta por moradia do Movimento Estudantil e era autogerida, evitaram que as consequências dessa ação fossem ainda mais graves do que o previsto pelo Exército:

> O Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo (CRUSP) teve as suas instalações interditadas, com exceção do Restaurante e as dependências de sua Administração, tendo sido determinado a evacuação de seus alunos residentes. Foram constituídas várias comissões militares do Exército e Força Pública de São Paulo para revistarem todas as dependências do CRUSP, interditando aquelas em que fosse encontrado material subversivo e apreendendo

> imediatamente qualquer arma ou explosivo que fosse encontrado lavrando-se na ocasião o termo respectivo de "Busca e Apreensão". [...] a revista de apartamentos e apreensão de documentos constituíram uma operação trabalhosa e demorada. Havia uma grande desordem nos apartamentos, provocada pela retirada precipitada de seus ocupantes, o que deu margem a reclamações de extravios de objetos, dificultando em muito os trabalhos das comissões. [...] Este IPM é muito complexo, pelas suas implicações envolvendo uma comunidade estudantil de mais de 1.400 pessoas, comunidade que se marginalizou às leis do país constituindo-se em um "ghetto", onde foi destruído totalmente qualquer resquício de princípio de autoridade. Não se sabia quem aí residia. (Ministério do Exército, 1968-1969, p.3)

Até 1968, a Vila Madalena era apenas um bairro de classe média que, anteriormente ao processo de urbanização conduzido ao longo dos anos 1950, constituía-se ainda numa parte importante do antigo cinturão agrícola da cidade de São Paulo. Às vésperas da invasão do Crusp, a Vila Madalena apresentava uma paisagem bucólica de casas e terrenos baldios, com pequeno valor imobiliário e certa dificuldade de acesso. No Decreto n.8.622 de 20.10.1970, o então prefeito de São Paulo, Paulo Maluf, declarava a Vila Madalena como um bairro estritamente residencial. Nada apontava ainda para as mudanças intensas pelas quais passaria o bairro a partir da década de 1970. Em 1970, a população residente no Distrito de Pinheiros, que engloba bairros como Vila Madalena, Pinheiros, Sumarezinho, entre outros, reunia 77.097 habitantes e apresentava uma tendência de crescimento a partir da expansão e diversificação do padrão de ocupação da cidade São Paulo. De acordo com dados da Secretaria Municipal de Planejamento de São Paulo (Sempla), o Distrito de Pinheiros alcançaria a maior concentração no número de habitantes ao longo dessa década, contando com 94.679 no registro realizado no ano de 1980.

A interdição do Crusp lançava sobre o distrito cerca de 1.400 alunos em uma situação de marginalidade, seja pela detenção, seja pela perda da residência. Após períodos variáveis de detenção, algumas

centenas de alunos se juntaram ao grupo que havia conseguido escapar aos controles da Polícia do Exército. Suas novas residências se encontravam muitas vezes na Vila Madalena, pelo baixo custo do aluguel e pela proximidade em relação à Universidade de São Paulo (USP). Os terrenos das casas que dominavam a paisagem do bairro pareciam também contribuir para essa escolha: muitos deles possuíam pequenas casas de fundo de terreno em soma à casa principal, sendo essas últimas alugadas para complemento de renda por parte de seus proprietários. Os estudantes se camuflavam à vida bucólica da Vila Madalena do período, tentando escapar aos controles da repressão.

De acordo com Mouzar Benedito, jornalista, estudante do curso de Geografia à época da invasão do Crusp e morador da Vila Madalena no período subsequente, o bairro foi reinventado pela intervenção militar. O perfil de origem portuguesa dos moradores e as características de um bairro operário e periférico passaram a dividir espaço com as marcas de uma contracultura, de um espírito de contestação e de um rejuvenescimento geral. Em suas palavras:

> Quem inventou a Vila Madalena como ela é hoje foram os militares, sobretudo o Ato Institucional nº 5, porque nós morávamos no CRUSP, éramos 1.200 estudantes morando no CRUSP [...], no dia 17 [de dezembro de 1968] houve uma invasão militar para valer [...] fomos todos presos, levados para o presídio Tiradentes. De lá, quem foi saindo não tinha mais lugar para morar e era tudo gente dura. Então, precisava arrumar lugar que fosse perto da USP e que fosse barato. A Vila Madalena era um bairro muito barato na época. [...] Os estudantes foram tomando as casinhas dos coitados dos operários! [...] Virou um bairro [...] de estudantes da USP praticamente... ocupadas por uma pessoa, ou republicazinhas... Esse pessoal foi se formando e ficando por aqui. (Benedito, 2016)

Aos poucos, organizaram-se repúblicas estudantis em adição às casas de fundo de terreno. Parte da autogestão promovida no Crusp nos anos 1960 se reproduzia então na Vila Madalena dos anos 1970.

Entre os muros das repúblicas, sobretudo em período noturno, após os horários das aulas e das atividades de trabalho, a subversão ganhava uma abertura. Uma vez que qualquer aglomeração de pessoas representava um risco diante dos olhares da ditadura militar, tais concentrações ocorriam preferencialmente em áreas fechadas, com menor visibilidade. No entanto, o prosseguimento das práticas repressivas dentro do aparelho estatal brasileiro limitava a relativa liberdade observada anteriormente ao Ato Institucional n.5 (AI-5). O arrefecimento da luta armada na primeira metade da década de 1970 e o assassinato ou exílio de lideranças do movimento estudantil definiam limites diferentes para a subversão.

Ao invés de exercitar de modo aberto oficinas e encontros que promovessem atos diretos de rebeldia que tinham como objetivo claro transformar o Estado brasileiro, a subversão parecia estar direcionada a outras linguagens e processos. Falamos de uma preferência de uma forma indireta de crítica, na qual se partia da cultura, dos comportamentos e das crenças como base de ação. Tratava-se então de uma forma de alterar sensibilidades a partir de um certo estranhamento, de um certo choque com uma concepção de mundo. A Vila Madalena e a sua vida noturna passavam a traduzir a partir de 1970 uma conexão com a contracultura e com a boemia. Alguns a definem inclusive como um "bairro *hippie*" nas folhas dos seus jornais, e passava a ter certa legitimidade diante de outras partes das cidades pelos seus produtos artísticos (feiras de artesanato, pinturas etc.). Se o noturno não era ainda matéria mais clara de um debate público ou de ampla aceitação social, pelo menos era tratado como uma peculiaridade que poderia ter valor estético para a cidade de São Paulo.

A psicóloga Maria Rita Kehl retratou esse momento vivido de transferência de partes dos sentidos da política e de seu conjunto de ações para os limites do cotidiano e dos seus micromovimentos, ao mesmo tempo em que tratou da discussão observada na Zona Oeste de São Paulo. Em suas palavras:

> A militância política dentro das organizações clandestinas de esquerda ficou quase impossível. A ditadura, acuada, prendia e

> matava sem hesitação. Por efeito do medo ou das sucessivas derrotas, a luta armada contra a ditadura esvaziou-se e surgiram outros modos de resistência: táticas de convencimento, luta ideológica; debate público. [...] Para mim, a década de 1970 para valer começou em 1974, quando deixei a casa de meus pais para viver com um grupo de amigas num pequeno apartamento em Pinheiros, São Paulo. Naquele momento descobri que existia uma outra cidade dentro da cidade que eu imaginava conhecer. Uma cidade de jovens morando em comunidades, ocupando em bandos sobradinhos e sobradões no Butantã, em Pinheiros e na Vila Madalena (bairros preferenciais, por serem vizinhos da Cidade Universitária e ainda oferecer aluguéis baratos), e que se reuniam com frequência em grandes festas armadas de uma hora para outra, de produção baratíssima, para celebrar nada além da nossa liberdade recém-conquistada. (Kehl, 2005, p.34)

As sociedades alternativas das repúblicas estudantis tentavam expandir e redefinir os limites do que era praticado como autogestão no contexto do Crusp. Os moradores de média e baixa renda desses ambientes defendiam que era possível e necessário estabelecer práticas cooperativas para diminuir os custos da habitação em São Paulo e talvez encontrar novos laços de solidariedade entre os indivíduos. Em documento publicado recentemente a partir das atas e documentos dos ex-cruspianos da época, nota-se a diversidade de atividades sugeridas. Tais atividades envolviam práticas culturais variadas, muitas delas desenvolvidas no período após as aulas e o dia de trabalho, verdadeiros rompimentos com o ritmo cotidiano. Os talentos e cooperações dos residentes, desenvolvidos no contexto da vida noturna, eram então fundamentais à sobrevivência simbólica e afetiva:

> A realidade cruspiana desenvolveu-se de tal forma que se pode concretizar o aproveitamento das potencialidades da comunidade, tais como: banca da cultura, bar, show, teatro, curso de línguas, laboratório fotográfico, jornais, barbeiro, sapateiro etc., fruto de trabalho único dos residentes. Por outro lado, existe em nível orgânico um Instituto a que caberia estas realizações, mas que fundado

> numa organização burocrática ineficiente, e estando seus dirigentes distanciados da comunidade cruspiana, não tinham condições de atender as exigências desta comunidade. Vimos, portanto, que surge a necessidade de uma mudança radical nas formas de participação nesta estrutura por parte dos residentes, pois são estes os reais interessados no aproveitamento das potencialidades existentes nas relações do quotidiano, uma vez que são estes os verdadeiros conhecedores da realidade. (Crusp 68, 2019)

As festas, sociabilidades e paqueras, por um lado, e as articulações políticas, movimentos sociais e artísticos subversivos, por outro, conferiam à noite de São Paulo algo que era particularmente difícil de ser encontrado nos Anos de Chumbo: o rompimento momentâneo de um cotidiano repressor e anti-intelectual. Entre os muros das repúblicas estudantis e atrás das cortinas, compensava-se um pouco o *déficit* de vida pública que a ditadura militar havia imposto à sociedade brasileira. Nas ruas, o encontro desses novos moradores com antigos configuravam novos limites para o entendimento de uma Vila Madalena diferente: uma contracultura festiva, irônica e boêmia.

Em paralelo aos jovens estudantes da USP, a Escola de Samba Pérola Negra se formava na mesma época, contando em grande parte com encontros noturnos em áreas públicas (como a Praça Benedito Calixto) para realizar ensaios – quando ocorria repressão a essa prática, os encontros eram feitos nas garagens das casas ou nos terrenos baldios, uma vez que a Escola não possuía barracão. Uma reportagem da *Folha de S.Paulo* de 19.2.1974 comentava as particularidades dessa nova Escola, que ganhou notoriedade pelos temas diferentes, pela irreverência e pela irregularidade nos resultados:

> Numa pequena rua, cheia de curvas, bem atrás do Cemitério São Paulo, em Vila Madalena, uma porção de gente se aglomera, todas as noites, em torno de alguns rapazes, com seus instrumentos. São operários e estudantes, médicos, engenheiros e jornalistas [...]. Uma das críticas da escola é quanto a impossibilidade de ensaiar na Praça Benedito Calixto, mais central que a rua em que se encontram todas

> as noites. "É que ali – diz desanimado um sambista – é polícia na certa". (*Folha de S.Paulo*, 1974, p.L-1)

De modo semelhante, na Figura 2, vemos o registro de novos encontros entre os novos e velhos personagens da Vila Madalena: a 1ª Feira de Artes da Vila Madalena, que passou a ser realizada a partir de 1978. Seus tipos de produtos e personagens passaram a ser compreendidos como a imagem renovada do bairro da Vila Madalena. Por exemplo, em coluna na *Folha de S.Paulo,* Miguel de Almeida (1983, p.39) falava da Vila Madalena como um dos exemplos de uma "geografia oculta" da cidade de São Paulo, na qual: "Residem todos os filhos bastardos dos Beatles. Pelos quarteirões e casas de fundos, cartomantes, feiticeiras, leitores de mapas astrais, astrólogos, naturalistas [...], médicos homeopáticos, compositores de um compacto simples [...] poetas desbundados também versejam na Madalena".

Figura 2 – Artesãos na 1ª feira de artes da Vila Madalena, 1978.

Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/centroculturalvlmadalena/photos/a.637596016415430/639244422917256/?type=3&theater>. Acesso em: 30 abr. 2019.

Antes mesmo de a Vila Madalena poder ser identificada pelos seus bares, boates e a copresença de tribos urbanas, a vida noturna já era ativa no cotidiano da contracultura estudantil. Aos olhos de um visitante, o bairro talvez ainda não apresentasse maior centralidade na vida pública da cidade. O clima do cotidiano diurno era o de uma cidade de interior, com casas, operários e um pequeno comércio; o clima do noturno era de contestação e boemia, normalmente restrita aos circuitos dos novos moradores e escondida dos olhares dos aparelhos repressivos do Estado.

O saciamento dos desejos em espaços públicos: a vida Madalena

Já abordamos em outros trabalhos os efeitos de uma repressão política sobre as manifestações públicas (Valverde, 2017). Se o próprio ato da concentração de pessoas é subversivo e toda forma crítica é ilegal, ainda que não revolucionária, uma parte das ações pode ser direcionada a outros campos da vida social. Em parte, quando os fóruns da política se encontram restritos a poucos, as formas de manifestação passam a acontecer no cotidiano, no banal, no plano das artes e dos comportamentos. Esse é o contexto no qual a Vila Madalena ganha visibilidade dentro da cidade de São Paulo como uma área de um comportamento transgressor, a partir do final da década de 1970.

Tal comportamento transgressor não deve ser entendido aqui como uma forma de ação que tem por objetivo derrubar os limites políticos da ditadura militar então instalada no Brasil. O tipo de comportamento ao qual nos referimos sugere que uma parte da moralidade e do bom gosto poderia ser atingida por grupos jovens a partir de suas sociabilidades que se projetavam sobre os espaços públicos durante o período noturno na Vila Madalena. O grafite, as festas, a boemia, os pontos de paquera, a musicalidade e as formas de se vestir apontavam em direções muito distintas daquelas que eram vivenciadas em outros pontos e momentos da cidade de São Paulo.

A Vila Madalena passava então a ser procurada como um espaço excêntrico no qual a cidade se renova a partir de aspectos da sua vida social particular.

Falamos aqui de um contexto de relativa e lenta abertura, a partir do final da década de 1970, no qual os primeiros movimentos de desconstrução do aparelho repressivo da ditadura militar começam a ganhar visibilidade nos espaços públicos. A chamada Anistia de 1979 permitia o retorno dos exilados e maior liberdade a parte dos agentes subversivos do regime, ainda que não estabelecesse um cronograma mais claro para o processo de democratização ou maiores garantias aos presos classificados como "terroristas". Se os partidos políticos se organizavam e os movimentos sociais se articulavam em prol do processo geral de abertura, ainda não havia garantias da estabilidade e do significado do processo, combatido ainda por segmentos expressivos das Forças Armadas brasileiras. O desmantelamento da rede do Departamento de Ordem Política e Social (Dops/Deops) no início da década de 1980 ocorria em paralelo a uma onda de atentados a bomba realizados por agentes militares descontentes com o processo de abertura.

Ao discutir as propriedades da vida pública e seus espaços, Gomes (2013) sugere que a reflexividade seria uma delas. Para o autor, certos espaços públicos possuiriam estímulos à copresença, aos diferentes usos e aos julgamentos mútuos. Tais formas de interação mediadas pelo espaço público são mais intensas quando esse possui o sentido de uma cena, de uma imagem mobilizada diferentemente pelos agentes ali presentes. Fazer-se presentes por intermédio dessa propriedade do espaço público significa que a reflexividade sugere que os agentes se tornem parte da cena, e que a cena qualifique as ações de seus agentes – até o ponto em que ambos sejam confundidos. De acordo com Gomes (2013, p.31): "Denominamos de 'reflexividade' essa propriedade dos espaços públicos de gerar uma infinita e recíproca cadeia de observadores. Notemos que essa interação é, antes de tudo, forjada em uma cena, a partir de imagens cruzadas. Essas imagens são, portanto, estruturantes dos espaços públicos e da vida pública".

Para os fins dessa presente discussão, é possível afirmar que uma parte daquilo que ocorria preferencialmente entre muros no contexto da Vila Madalena dos anos 1970 poderia agora ganhar maior visibilidade no espaço público. O Plano Diretor de São Paulo (1988) e leis complementares posteriores reconheciam a Vila Madalena, tendo, por exemplo, protegido parte de sua extensão como zona de preservação de caráter histórico, artístico, cultural e paisagístico (Z8-200, Lei n.10.759, 5.10.1989). Muitos dos bares, restaurantes, boates, clubes, ateliês, festas, feiras e outros eventos que conferiram notoriedade ao bairro, a partir de uma vivência noturna, teriam iniciado suas atividades neste momento. Uma cena se formava, na qual o consumo cultural e a sociabilidade ganhavam reputação dentro da cidade de São Paulo. Tomava forma a reflexividade entre estar na Vila Madalena e viver a sua vida noturna. Parecia não haver outra razão para ali estar, pois este ainda era um bairro pouco valorizado da cidade de São Paulo.

O "Empanadas Bar", o "Sujinho", o "Bar da Terra" e o "Bar Bartolo" eram exemplos da conexão dos seus consumidores com o espírito da época e do bairro. Outro exemplo de uma vivência nova associada à Vila Madalena pode ser encontrado pela criação do "Teatro Lira Paulistana", em 1979. Seria ainda possível destacar o surgimento do "Polo Cinematográfico da Vila Madalena" e do "Beco do Batman" e seus grafites mais ou menos no mesmo período. Tal era a repercussão desta cena na cidade durante a década de 1980 que suas formas de consumo e serviços especializados eram agora celebradas nos grandes jornais de São Paulo, discutidas pelas suas contribuições originais à vida pública da cidade. No sítio eletrônico do "Memorial da Resistência de São Paulo", instituição ligada à Secretaria Estadual de Cultura, criado nos anos 2000, a partir da musealização do prédio do Deops de São Paulo e que se auto atribui a tarefa de promover a memória, a cidadania e a defesa dos direitos humanos, consta o seguinte registro do "Bar Bartolo", qualificado como um lugar da memória:

> Um dos primeiros bares da Vila Madalena, o Bartolo foi frequentado inicialmente por universitários, muitos deles vinculados ao movimento estudantil, dada a proximidade entre o bairro e a USP. Em seguida, o bar passou a atrair outros personagens frequentadores do bairro: artistas plásticos e músicos, mais presentes após a inauguração do Teatro Lira Paulistana em 1979, cineastas e atores atraídos pelas produtoras de cinema que também foram ali se instalando. Com o tempo, os bares se multiplicaram, mas o Bartolo manteve-se como um dos mais importantes. Servindo à boêmia tanto quanto a reuniões, à produção de informação, e à criação de arte contra o autoritarismo, atraindo artistas que pretendiam se manter à margem da indústria cultural e da censura, o Bartolo se fez um espaço de agentes contestadores da ditadura, na mesma medida em que a Vila Madalena foi sendo pensada como um polo de resistência boêmia, cultural e alternativa. Por conta das mudanças no bairro, o bar fechou. (Memorial da Resistência de São Paulo, 2019)

Mouzar Benedito revela um pouco da mudança de cenário que passou a animar as noites do bairro. Na medida em que a Vila Madalena ganhava visibilidade na vida social, parte da sociabilidade que dominou os anos 1970 era desafiada por novas formas de vivenciar os espaços públicos, de se identificar como parte de suas dinâmicas e de valorização imobiliária. Alguns bares e mercearias antigas fecharam suas portas e outros apareceram no lugar. Nesse processo de estranhamentos, conflitos e transformações, a vida pública durante o período noturno passou a se caracterizar como a própria imagem da Vila Madalena. De acordo com Benedito:

> A Vila Madalena começou a ficar famosa pelos seus moradores, gente alternativa, no início da década de 1970, e atingiu o auge por volta de 1980. Nesse auge, pessoas de outros bairros vinham aqui e não achavam graça nenhuma. A graça da Vila era um frequentar a casa do outro, encontrar amigos nas ruas, por aí. Não havia bares e restaurantes atraentes. Fora o Bar da Terra, de curta duração, não havia um lugar que atraísse gente desconhecida. Nossos pontos

> eram o Sujinho, ponto de "bicho-grilo", no conceito dos moradores mais antigos, e uns armazéns e vendas tradicionais, em que se podia também tomar cerveja ou cachaça sentado em sacos de batatas ou em engradados. Íamos ainda ao "Bar do Dominó", ponto de aposentados brincarem com esse joguinho o dia todo, mas com uma vantagem aos sábados: ficava bem no meio da feira livre, que na época atraía todo mundo [...]. O Sujinho sobreviveu mais, mas foi mudando de estilo e acabou fechando. Os armazéns e as vendas fecharam ou se descaracterizaram e o Bar do Dominó foi forçado a fechar pelo dono do prédio, que vendeu o ponto pro Olívia, um bar chato que fechou também, e o local atualmente abriga o Posto 6, na esquina da Mourato Coelho com a Aspicuelta. (Benedito, 2011)

A sociabilidade que se desenvolvia a noite na Vila Madalena parecia ganhar importância para a vida social e política da cidade de São Paulo como um todo. Ali se reuniam agentes políticos para beber, discutir e comer. Também se concentravam áreas de sociabilidades homoafetivas; artistas trocavam impressões sobre seus projetos; tribos urbanas se apropriavam dos espaços do bairro para verem e serem vistos por outros; e jovens se deslocavam por grandes distâncias para experimentar a vida noturna do bairro. O simples fato de as ações se apresentarem na Vila Madalena parecia então qualificar o que acontecia, conferindo um caráter jovem, renovado, subversivo e boêmio. Registros jornalísticos comprovavam essa conexão: a coluna social de Joyce Pascowitch (1989, p.E2) registrava em 1989 o *Réveillon* de lideranças do PT no bairro "uma penca de caciques passa a última noite do ano imersa em um reduto *zen*. Entre cervejas e samambaias, brindam 90 no restaurante Cozinha da Vila, situado na barbuda Vila Madalena". Em área vizinha, por vezes reconhecida como parte da Vila Madalena de modo informal, notícia de 1979 já apontava os novos bares da Avenida Henrique Schaumann "como aqueles da Vila Madalena", concentrando políticos como Fernando Henrique Cardoso e Eduardo Suplicy, ativos agentes da reabertura, entre os seus frequentadores. Em artigo assinado por José Arthur Giannotti (1982, p.3), professor do curso de Filosofia da USP, no

jornal *Folha de S.Paulo*, afirmava-se que "para que o PT não perca no ABC e apenas ganhe na Vila Madalena", seria preciso consolidar concretamente os seus princípios através de um sistema efetivo de representação.

No que interessa aos fins desse artigo, o bairro passou a ser confundido como próximo aos partidos de esquerda, ao mesmo tempo em que desenrolava seu verdadeiro espírito no período noturno a partir da sociabilidade jovem. Importante salientar que parte dos antigos moradores do bairro permaneceu ali e tinha experiência de vida distinta: conservadora, filha de imigrantes e usuária do bairro em período diurno. Para além da imagem, ficava também marcado que, nas eleições de 1982 comentadas por Gianotti, o candidato do PT ficou apenas na quarta posição quando contabilizados os votos recebidos na Zona Eleitoral em que a Vila Madalena se encontrava.

Em paralelo, a vida artística se diversificava e a Vila Madalena se ampliava para além dos limites previstos pelos códigos urbanísticos. O "Teatro Lira Paulistana", situado na Rua Teodoro Sampaio, na altura da Praça Benedito Calixto, trazia, ainda que sem nenhuma estrutura mais adequada, uma abertura para artistas como a "Vanguarda Paulista", "Mário Masetti", "Premeditando o Breque", "Língua de Trapo", "Ira!", "Ultraje a Rigor", "Titãs", "Arrigo Barnabé", "Tetê Espíndola", "Itamar Assunção", "Cólera", "Ratos de Porão", entre muitos outros. Durante os seus sete anos de funcionamento, entre 1979 e 1986, quando foi fechado por ordem do prefeito Jânio Quadros por "falta de estrutura e alvará", o "Lira" atraía para o bairro centenas de jovens "descolados". Tais artistas não eram, na época em questão, unanimidades nacionais e não contavam com grande impacto comercial. Eram os estudantes, artistas e excluídos do grande circuito artístico nacional que procuravam ali espaços de representação. Suas musicalidades ganhavam oportunidades em um mercado fonográfico que crescia, se renovava e se diversificava a partir de então. Na Figura 3, é possível ver representação realizada pelo artista Ricardo Brandini e que foi publicada na contracapa de um vinil lançado pela Continental Discos em 1980, que tinha como artistas (Itamar Assunção, Arnaldo Antunes e Paulo Miklos, entre

outros) os vencedores de um festival realizado a partir da "Feira da Vila Madalena". O casario da Vila Madalena aparece em contraste com a tendência de verticalização na cidade de São Paulo.

Figura 3 – Contracapa do LP Festival da Feira da Vila Madalena, 1980.

Fonte: Disponível em: <https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-731856193-festival--feira-da-vila-madalena-1980-lp-vinil-_JM?redirectedFromSearch=true>. Acesso em: 2 jul. 2020.

Os muros grafitados começavam ganhar espaço no contexto da Vila Madalena. Muito antes da perspectiva de um "museu a céu aberto" que é pensada a partir da Prefeitura de São Paulo nos dias de hoje, que protege os grafites da localidade conhecida como Beco do Batman, esses eram em grande parte vistos com maus olhos por parte de proprietários e pelo poder público durante a década de 1980. Rui Amaral, artista e morador da Vila Madalena, comenta que parcela importante dos primeiros grafites da Vila era realizada sem

consentimento, um ato de rebeldia e de subversão que criava situações de conflito e, por vezes, repressão policial. Para tanto, o grafite era realizado em momentos de menor circulação, de modo acelerado, e contando com a participação de um grupo de pessoas.

Enquanto alguns pintavam as paredes, outros se certificavam da ausência de possíveis delatores. Se o *Beco do Batman* serve hoje de modelo para a patrimonialização, para o turismo urbano e para o controle do "pixo", na época se tratava de um espaço sem maiores qualidades, "maldito", ou, como foi descrito, como uma área com garrafas vazias, preservativos usados e restos de drogas espalhados pelo chão. Amaral revelou que: "no final da tarde, o *Bar das Empanadas* e as padarias eram pontos de encontro de todos os artistas. Todo mundo trabalhava o dia inteiro, chegava no final da tarde [...] e ia pros bares tomar cerveja e conversar. Era uma delícia!" (Viva Madalena, 2019a).

Criava-se ainda um Polo Cinematográfico na Vila Madalena, que congregava artistas decididos a realizar produções de conteúdo e qualidade distintos daqueles observados pela famosa Boca do Lixo em décadas anteriores. Suas produções de conteúdo politizado, estetizado e de cunho autoral ambicionavam alcançar formas inovadoras a partir dos filtros e cores locais de um cinema paulistano (entre outros registros, se destacam *Feliz Ano Velho, O homem que virou suco* e *A marvada carne*). Nas formas pelas quais o cotidiano das produtoras se desenvolve, as conexões com os demais agentes do bairro da Vila Madalena se projetavam sobre a sociabilidade noturna nos espaços públicos. Podemos ver a proximidade entre a boemia e a produção cinematográfica da Vila Madalena nos anos 1980 por intermédio dos jornais da época. Por exemplo, Gonçalves Filho registrou tais conexões em reportagem publicada na *Folha de S.Paulo* em 13.4.1985:

> [...] a Vila Madalena foi identificada como uma espécie de ersatz geográfico do bairro boêmio nova-iorquino, Greenwich Village. Por ali circulavam os mais exóticos tipos, de remanescentes do movimento hippie a ex-guerrilheiros [...]. Para "sorte" dos tradicionais

> moradores desse bairro-aldeia, a instalação de produtoras cinematográficas na "Vila" e o modismo que sempre acompanha o nada discreto charme da "gente de cinema" transformaram a vila numa área privilegiada, cuja verticalização pode ser medida pelo vertiginoso aumento dos aluguéis. [...] Quando ainda não fechara suas portas, o Bar da Terra, pioneiro no bairro, era o principal fornecedor de refeições para as equipes de filmagem da "Vila". Hoje, entre uma empanada e outra no "Martin Fierro", os cineastas sempre descolam algum junto aos produtores para o aluguel e as noitadas no "Sujinho" [...] (Gonçalves Filho, 1985, p.41)

Pelo caráter alternativo (ainda que não necessariamente subversivo), de baixo investimento e pela própria sazonalidade do mercado cultural, esses ambientes muitas vezes eram fechados após um período de cinco a dez anos de atividade, dando lugar a iniciativas diferentes. Crescia e se diversificava, no entanto, o interesse na vivência da vida noturna da Vila Madalena. Nela, ocorria o saciamento de desejos, da procura de visibilidade para práticas de sociabilidades latentes na cidade: grafites, tatuagens (loja da Tattoo You foi inaugurada em 1982), cinema (ali se localizavam as produtoras Gira, Barca, Tatu, Super), rock, teatro de vanguarda, ateliês, feiras hippies, sociabilidade de políticos de partidos ainda em formação, entre muitas outras possibilidades.

Pelo caráter excêntrico, imoral diante do *status quo* da época ou simplesmente ilegal, a Vila Madalena havia sido alçada, de modo informal, à condição de espaço público noturno. Eram justamente os desafios de uma jovem classe média que se apropriava do casario e das ruas da Vila Madalena que a colocavam em destaque diante da São Paulo da década de 1980. A vida noturna do bairro era a matéria da discussão da publicidade, presente na sociabilidade, na mídia, no consumo cultural, e até mesmo na política da cidade. Porém, tais novos valores, materiais e simbólicos, a partir de um espaço público noturno, levavam a uma série de transformações do bairro. Em 1990, a Sempla contabilizou uma concentração de 78.644 habitantes no Distrito de Pinheiros, apresentando uma inversão de tendência

no padrão de distribuição antes constatado. A valorização imobiliária e o processo de verticalização que se iniciavam nessa década e se consolidariam nas décadas seguintes marcavam uma mudança significativa no perfil dos moradores. A "sociedade alternativa" e o "junta tribos" que marcavam a Vila Madalena perdiam parte dos elementos aglutinadores. De fato, o interesse na vivência dos espaços públicos noturnos na Vila Madalena não significava que todos poderiam ali morar: um processo de elitização do bairro estava em curso, com efeitos para a sociabilidade noturna.

A ressaca: superexposição e conflitos a partir do noturno na Vila Madalena

A década de 1990 marca o auge da vida noturna da Vila Madalena, a consolidação do bairro como um polo da vida noturna de São Paulo. O processo de popularização e diversificação do noturno e o seu reconhecimento como uma questão pública já havia sido iniciado no final dos anos de 1980, mas se tornava mais claro a partir dos anos 1990. Frequentar seus bares, restaurantes, boates, ateliês, feiras, lojas, ruas e praças, sobretudo no período da noite, passava a ser entendido como ser um pouco mais paulistano. Nesse momento, há claro domínio da dinâmica noturna sobre a imagem do bairro: é boêmio, antes de ser residencial; é descolado, antes de ser familiar; é da cidade, antes de ser de seus moradores; é agitado, antes de ser pacato; é cultural, antes de ser funcional. Tal imagem é difundida também por grandes veículos midiáticos, como demonstra a exibição da novela *Vila Madalena* transmitida pela Rede Globo de Televisão entre novembro de 1999 e maio de 2000. Em paralelo, a concentração populacional do Distrito de Pinheiros medida pela Sempla registrou os seus menores indicadores ao longo das décadas subsequentes: 62.997 em 2000 e 61.711 em 2010. A Vila Madalena ganhava valor imobiliário, aumentava a área construída, contava agora com estação do Metrô, adensava a sua vida noturna, ao mesmo tempo em que a população tendia a diminuir. O Loft West Hills foi

um exemplo de lançamento imobiliário na Vila Madalena, no qual a vida noturna do bairro é mobilizada como elemento de valorização financeira. De acordo com a publicidade apresentada na página 8 do jornal *O Estado de S. Paulo* de 19.4.1993, a própria escolha de termos como estilo de vida e *loft* como base do *marketing* para o projeto revela o aproveitamento da proximidade com a imagem do bairro ao citar os "barzinhos da moda". De modo contraditório, o anúncio ainda afirma que o empreendimento se localizará em "rua tranquila". Enxergar os problemas desse bairro significava pensar, à luz dos usos dos espaços públicos noturnos, de quem era a dominância sobre a imagem do bairro: daqueles que ali residiam, ou daqueles que ali usavam o bairro. A resposta não era simples, uma vez que a movimentação de frequentadores do bairro poderia expressar e atingir uma quantidade de pessoas maior do que o número de moradores e, simultaneamente, quem teria que lidar com os efeitos da vida noturna seriam esses últimos.

A consolidação dessa imagem significava um estágio diferente daquele descrito para os anos 1970 e 1980, no qual a vida noturna do bairro era tratada como um ato transgressor, relativo à contracultura de um grupo alternativo, contrário ao *status* quo da cidade. A Vila Madalena ultrapassa esse encontro com a subversão e ganha publicidade e função urbana como espaço público consagrado à sociabilidade, para além de sua tarefa residencial e de serviços. Em entrevista, o músico e morador da Vila Madalena Edgard Scandurra, membro do grupo Ira! e de vários de seus antigos pontos de sociabilidade noturna, afirmou que o bairro: "tinha antes uma cara um pouco mais de esquerda, [...] de resistência no perfil dos moradores, que acabaram se dispersando e virou uma outra coisa por causa dos bares" (Viva Madalena, 2019b). Saciar os desejos a partir de uma vivência noturna na Vila Madalena passava a ser uma função, matéria de debate público relativo ao bairro e às suas contribuições para a cidade como um todo.

Nesse processo, multiplicam-se bares, restaurantes, lojas, boates e o público em geral da Vila Madalena. Falamos de centenas de eventos e localidades, divulgadas regularmente nos jornais e na

televisão, com alvarás e licenças de trabalho, regulados pela lei do silêncio. Suas áreas de controle territorial ultrapassavam os limites da propriedade e ganhavam as ruas: mesas, cercas, barris e vasos de plantas se projetavam no período noturno para ocupar as calçadas e ampliar temporariamente a influência dos estabelecimentos comerciais; carros paravam em fila dupla, bloqueando a circulação em um bairro conhecido pelas ruas estreitas e de mão dupla; "fumódromos" e áreas de estacionamento ilegal sobre calçadas e em frente às saídas de garagem se multiplicavam pelo bairro. Se no período diurno seria improvável uma quebra regular da rotina e do ordenamento urbanístico, o período noturno parecia permitir maior diversidade na morfologia e nos comportamentos. A Vila Madalena é confundida com o uso noturno que é feito dela, com a própria ideia da quebra da ordem.

O público não se limitava mais aos consumidores de arte, intelectuais, agentes da política, influenciadores da moda, grafiteiros e tribos urbanas. Toda uma nova variedade de usuários do bairro se fazia notar, oriundas de diversas partes da cidade e de diversas classes sociais. O ver e ser visto a partir de uma vivência noturna passou a ser maior do que o caráter alternativo do bairro: a Vila Madalena não pertencia mais a eles. A reflexividade do espaço público exigia então uma ampliação no alcance dos julgamentos e interações. Frugoli Jr. (2016) destacava os conflitos da diversidade de usuários do bairro, para além dos moradores ou dos "intelectuais, artistas e hippies" que o haviam caracterizado no passado, tratando em específico de uma etnografia realizada a partir da vivência dos espaços públicos durante os jogos da Copa do Mundo de 2014. Segundo o autor, a diversidade do público era:

> Vista como positiva quando referente aos estrangeiros (e intensificada sobretudo no início do torneio), mas problemática quanto ao aumento dos funkeiros, camelôs, "desordeiros" etc.; a constatação de uma variedade de manifestações no mesmo espaço (strip-tease; rodas de funk, hip-hop e samba; "boiadeiros" portando laços de corda; um rapaz com uma boneca inflável (vestida com camisa da

> seleção brasileira); moços "bombados" sem camisa; rapazes com cartaz que propunha trocar cervejas por beijos; um australiano que dizia já estar cansado de tanto beijar etc.). (Frugoli Jr., 2016, p.12)

Tais observações realizadas no contexto da Copa do Mundo parecem se projetar para uma série de outros eventos e momentos da vida social paulistana, uma vez em que o noturno da Vila Madalena era forte também durante o Carnaval, os finais de campeonatos esportivos, os períodos de festas, eleições, entre outros eventos, e, ainda que com menor afluência, em cada final de semana, como pode ser ilustrado pela Figura 4. A mobilização dos espaços públicos da Vila Madalena em período noturno não são então fenômenos eventuais, dependentes de uma circunstância excepcional e são reconhecidos como parte do cotidiano da cidade.

Figura 4 – Sociabilidade noturna na Vila Madalena durante a Copa do Mundo de 2018.

Fonte: Acervo de Paulo Anshowinhas, que permitiu o uso da imagem.

Disponível em: <https://noticias.bol.uol.com.br/fotos/copa-do-mundo/2014/06/26/a-copa-na-vila-madalena.htm#fotoNav=12>. Acesso em: 20 mar. 2019.

O movimento regular dessas milhares de pessoas em direção ao bairro acumulava a partir de então certos efeitos negativos, notados e criticados por parte dos moradores do bairro, e mesmo por segmentos dos comerciantes. Parte dos comerciantes que operava a partir da ordem diurna reclamava da sujeira acumulada ou dos problemas de acesso ao bairro em um período que deveria servir ao abastecimento de seus estabelecimentos. Outros, que cumpriam suas atividades comerciais durante o período noturno, se queixavam da desordem, da concorrência dos camelôs ou da violência que afastava o seu público. Em notícia de 1994, nota-se o mal-estar dessa Vila Madalena institucionalizada como local da vida noturna paulistana, o que ultrapassaria os interesses dos locais. Nesse contexto, passa-se a questionar o próprio modo pelo qual o bairro é vivenciado e imaginado. Em reportagem do jornal *O Estado de S. Paulo*, confere-se voz as queixas acumuladas pelos moradores do bairro:

> Quase meia-noite de uma sexta-feira. Os moradores otimistas da Vila Madalena apostam na noite tranquila, os realistas pressentem a chegada dos mauricinhos e patricinhas, migrantes de várias regiões. Aos poucos, os mais de 100 bares começam a lotar. Mesas nas calçadas, trânsito lento, música alta, buzinas, gritos: a festa não tem hora para acabar. Há quem diga que o lugar já foi mais agitado. Um integrante da turma Michórdia, que tem 50 filiados, diz que o movimento diminuiu porque a polícia andou passando por lá. [...]. para a maioria dos moradores, as músicas incomodam menos que a algazarra das ruas. (*O Estado de S. Paulo*, 1994, p.43)

Chamamos aqui esses conflitos trazidos pela vida noturna da Vila Madalena de ressaca, em que os exageros dos usuários são matéria de debate público. Acumulam-se reclamações por parte dos moradores acerca do lixo, da poluição sonora (ver "mapa do SOSsego", desenvolvido por moradores do bairro a partir de oficina realizada com Raquel Rolnik), de atos imorais (nudez e atos sexuais), de situações de assédio e estupro, do tráfico de drogas em áreas públicas (tal qual ocorre durante os bailes funk das favelas de

São Paulo; ver Araujo, 2015), da violência, dos engarrafamentos e infrações de trânsito, entre outros ações.

Na Figura 5, nota-se o caráter particularmente intenso da poluição sonora noturna percebida em parte do bairro, formada pelo quadrilátero das ruas Mourato Coelho, Inácio Pereira da Rocha, Harmonia e Wizard. O agito da vida noturna nesse pequeno trecho da Vila Madalena extrapolou o sentido do saciamento dos desejos dos anos 1980 e ultrapassou o caráter de "esquerda" que era associado ao bairro – a Vila Madalena se tornou a portadora da boemia paulistana como um todo. Nesse processo, a escala dos conflitos se multiplica para além do conjunto de choques entre as experiências e valores dos novos e antigos moradores do bairro.

Tais reações deixam de figurar apenas nas páginas dos jornais e começam a se tornar eixos de ações via canais públicos, ao mesmo tempo em que a vivência do noturno continua. Seja pelas petições realizadas por indivíduos, seja pela mediação da Associação dos Moradores, a ressaca da Vila Madalena ganha representações no Ministério Público do Estado de São Paulo, intervenções em fóruns do Plano Diretor, audiências variadas para conciliação de conflitos. Em data recente, o então prefeito de São Paulo João Doria deu entrevistas em que afirmava que as celebrações de rua na Vila Madalena já haviam "dado o que tinham que dar", ao comentar a transferência do Carnaval para o eixo da Avenida 23 de Maio e para o Parque do Ibirapuera (2017). Cassio Calazans, presidente da Sociedade Amigos da Vila Madalena (Savima), discursou na tribuna popular da Câmara dos Vereadores de São Paulo acerca desses conflitos:

> A Vila Madalena é um carnaval todo final de semana. Todo final de semana tem pancadões, todo final de semana tem bares com som batendo a 90 decibéis ou passando disso; e a gente não tem as coisas efetivamente acontecendo. A gente sabe que os fiscais são poucos e que os bares, em sua maioria, têm licença, mas não alvará; outros não têm, mas continuam funcionando. Temos um problema sério de ruído e som todo final de semana. Espero que vocês vereadores, políticos, olhem com mais seriedade para esse bairro, que é um bairro

> residencial antes de ser um bairro cultural, antes de ser um bairro boêmio. Ali existem moradores, e muitos moradores. É um bairro bacana, é um bairro descolado, é um bairro onde você tem várias opções culturais, e tudo isso não pode acontecer em um bairro bacana como esse. Falo também sobre o Carnaval, que é um problema muito sério. Desde a Copa do Mundo, tivemos na Vila Madalena oitenta mil pessoas, não na Vila, mas em um quadrilátero pequeno. Alguns Vereadores, como o Sr. Nabil, hoje Secretário da Cultura, que deveria estar aqui e não está, disseram que não se pode murar a Vila Madalena. Mas a Vila Madalena é murada por seres humanos, e os moradores não conseguem sair de suas casas. Se alguém passar mal lá, vai morrer. Nem SAMU chega. Ninguém chega, ninguém sai. Então, ela é murada de fato por pessoas que vão a esses eventos e não são frequentadores do bairro. (Calazans, 2015)

A perspectiva tomada pelo presidente da associação de moradores é reveladora, uma vez que assume que a vida noturna se projeta contrariamente aos interesses dos moradores e do bairro em geral. O apelo que o Sr. Cássio Calazans faz é por uma reversão, no qual o bairro volte a ser entendido e tratado publicamente como um bairro residencial, um bairro regido pelos ritmos do dia, pelas regras de convivência do horário comercial. Boa parte do que o bairro simbolizou ao longo dos últimos 40 anos é então combatida, após ter sido um dos poderes de atração e adensamento do bairro. De modo adicional, Calazans manifestou interesse na contenção do processo de adensamento urbano por intermédio da defesa de um código urbanístico mais severo em relação à verticalização do bairro. Seu argumento é que o próprio Plano Diretor prevê uma certa caracterização do bairro a partir da predominância de casario e, de um modo mais geral, de um gabarito baixo. Com isso, o objetivo seria garantir a manutenção de uma certa experiência do bairro a partir da permanência das casas e de uma defesa de maior fluidez na circulação dos seus moradores.

A tentativa de contenção desse adensamento material e simbólico da Vila Madalena obteve resultados irregulares e limitados.

Figura 5 – Mapeamento de poluição sonora na Vila Madalena, São Paulo.

Fonte: SOSsego Vila Madalena, 2016.

Os códigos urbanísticos que concernem ao controle da especulação imobiliária no bairro tiveram apenas pequenas vitórias, como o maior grau de controle estabelecido sobre parte da Vila Madalena a partir de ação promovida pelo prefeito Fernando Haddad em 2015:

> A gestão [...] excluiu 22 quadras do perímetro previsto para verticalização na Vila Madalena e no Sumarezinho, bairros da zona oeste da capital paulista. A nova proposta de zoneamento para a região reduz de 700 mil para 400 mil metros quadrados a área permitida para o mercado imobiliário construir espigões sem limite de altura. (Ferraz, 2015)

Não há, no entanto, registro de tombamento ou de legislação complementar que garantisse a permanência das formas que existem atualmente, apenas foi mantido o gabarito máximo de oito andares, que prevalecia até então nas áreas com grande declividade. No que tange à Vila Madalena e à pressão do mercado de terras, trata-se de uma ação de pequeno porte, tendo em vista a valorização crescente do metro quadrado e de elitização em curso. De acordo com estudo conduzido pelo urbanista Francisco Scagliusi, noventa casas foram demolidas na Vila Madalena apenas no ano de 2014, e essa é uma tendência do bairro no início do século XXI. A verticalização induz uma mudança no perfil dos moradores e um crescimento nas demandas de serviços e vivências para servi-los, que se choca em parte com a experiência da vida noturna no bairro.

O adensamento simbólico parece ter sofrido um conjunto maior de intervenções, sobretudo no que se refere à vida noturna na Vila Madalena. A transferência de uma parte importante dos blocos de Carnaval para o corredor viário da Avenida 23 de Maio é um exemplo, assim como as multas estabelecidas para os blocos que passassem do tempo de atividades, ou vendessem bebidas e abadás, práticas proibidas por uma nova legislação direcionada ao carnaval de rua. A presença ostensiva da Polícia Militar do Estado de São Paulo em dias de grandes eventos tem sido frequente, com recorrência de conflitos com os usuários do bairro. O controle da vida noturna no bairro, a "vida Madalena", parece ser uma questão própria ao debate da publicidade paulistana.

Não se trata de um caso único no contexto de São Paulo: bairros como Bixiga e Santa Cecília já viveram momentos de intensa vida noturna e foram reordenados posteriormente, seja pela efemeridade

e competitividade entre os espaços de consumo cultural, seja pelo adensamento dos códigos urbanísticos e práticas repressivas associadas. A proeminência de um bairro como um espaço público pela sua vivência do período noturno costuma vir associada a uma situação prévia de desvalorização imobiliária e pequeno grau de articulação das associações de moradores. Porém, o crescimento de sua expressividade pública e o aquecimento de um mercado cultural se desdobram em processo de valorização imobiliária, conflitos e saturação da sua estrutura urbana. A noite na Vila Madalena se torna então uma vítima de si mesma.

Referências

ALMEIDA, M. Painel da ilustrada*, Folha de S.Paulo*, 17.12.1983, p.39.

ARAUJO, G. Traficantes fazem trenzinho da droga em carnaval na Vila Madalena, em SP. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/carnaval/2015/noticia/2015/02/traficantes-fazem-trenzinho-da-droga-em-carnaval-na-vila-madalena.html>. Acesso em: 18/ mar. 2019.

BENEDITO, M. *De bar em bar II: Sujinho, Empanadas e Bartolo's*. 2011. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2011/05/17/de-bar-em-bar-ii-sujinho-empanadas-e-bartolos/>. Acesso em: 8 mar. 2019.

________. *Viva Madalena, Jornalismo 360º*. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rhgTReLaulo>. Acessado em: 3 mar. 2019.

CALAZANS, C. *Diário Oficial do Estado de São Paulo (DOESP)*, de 30 de maio de 2015, p.129-30. Disponível em: <https://www.imprensaoficial.com.br/DO/BuscaDO2001Documento_11_4.aspx?link=/2015/diario%2520oficial%2520cidade%2520de%2520sao%2520paulo/maio/30/pag_0001_4N51390BV690Ae1MLGAOMDGKA2P.pdf&pagina=1&data=30/05/2015&caderno=Di%C3%A1rio%20Oficial%20Cidade%20de%20S%C3%A3o%20Paulo&paginaordenacao=100001>. Acessado em: 8 fev. 2019.

CRUSP 68. *Carta de Princípios (1968)*. Disponível em: <https://crusp68.org.br/node/9>. Acesso em: 11 de mar. de 2019.

FERRAZ, A. Haddad recua e reduz verticalização no bairro da Vila Madalena. *O Estado de S. Paulo*, 9.12.2015. Disponível em: <https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,haddad-recua-e-reduz-verticalizacao-da-vila-madalena,10000004273>. Acesso em: 1 mar. 2019.

FOLHA DE S.PAULO. A escola que vai sair com um circo. *Folha de S.Paulo,* 19.2.1974, L-1.

FRUGOLI JUNIOR, H. Copa do mundo de 2014 nas ruas da Vila Madalena (São Paulo) e usos ampliados dos espaços públicos. *Anais do 40º Encontro Anual da Anpocs*. São Paulo: Anpocs, 2016. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro/st-10/st23-5/10377-copa--do-mundo-de-2014-nas-ruas-da-vila-madalena-sao-paulo-e-usos-ampliados-dos-espacos-publicos/file>. Acesso em: 7 mar. 2019.

GÓIS, M. P. F. *Paisagens noturnas cariocas*: formas e práticas da noite na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015. Tese (Doutorado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

GOMES, P. C. C. A produção de imagens para a pesquisa em Geografia. *Revista Espaço e Cultura*, n.33, p.27-42, 2013.

GONÇALVES FILHO, A. Chope, celuloide e empanadas. *Folha de S.Paulo,* 13.4.1985, p.41.

KEHL, M. R. As duas décadas dos anos 1970. In: *Anos 70: trajetórias*. São Paulo: Iluminuras; Itaú Cultural, 2005. p.31-8.

MEMORIAL DA RESISTÊNCIA DE SÃO PAULO. *Bar Bartolo*. Disponível em: <http://www.memorialdaresistenciasp.org.br/memorial/default.aspx?c=bancodedados&idlugar=144&mn=59>. Acessado em: 25 fev. 2019.

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO. *Relatório do Inquérito Policial Militar – Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo*, 1968-1969. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/ipmcrusp.html>. Acesso em: 5 fev. 2019.

O ESTADO DE S. PAULO. Seu Bairro: Oeste. Neotransviados arruínam a noite da Vila Madalena. *O Estado de S. Paulo,* 15.5.1994, p.43.

PASCOWITCH, J. Coluna Social. *Folha de S.Paulo*, 31.12.1989, p.E-2.

SOSSEGO VILA MADALENA. Mapa de Poluição sonora noturna, Vila Madalena, São Paulo – SP, 2016. Disponível em: <http://3.bp.blogspot.com/--c9pje2xUBSA/Uho5Q2sACjI/AAAAAAAAAOQ/5HqFW_a6oRM/s1600/mapa+curva+25-08-2013b.jpg>. Acesso em: 8 mar. 2019.

TURRA NETO, N. Vida noturna, a construção de um objeto de estudo para a Geografia. *Terr@Plural,* Ponta Grossa, v.11, n.1, p.31-41, jan./jun. 2017.

VALVERDE, R. R. H. F. *A transformação da noção de espaço público*: a tendência à heterotopia no Largo da Carioca. Rio de Janeiro, 2007. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

_______. Transformações da Feira de São Cristovão: recriando o lugar do migrante. *Mercator* (Fortaleza. Online), v.10, p.81-90, 2011.

_______. Os limites da inversão: a heterotopia do Beco do Batman, São Paulo. *Boletim Goiano de Geografia*, v.37, n.2, p.223-44, 2017. https://doi.org/10.5216/bgg.v37i2.49153.

VIVA MADALENA JORNALISMO 360º. A boemia na Vila Madalena. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pDQ5NCNLx3Y&list=PLMxzMq5jDrxHsz79ftJ5SMhX9DTdEnwL5&index=6>. Acesso em: 1 fev. 2019a.

_______. Edgard Scandurra. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fAfCT3JzZwM&list=PLMxzMq5jDrxHsz79ftJ5SMhX9DTdEnwL5&index=7>. Acesso em: 2 fev. 2019b.

5
Dias e noites no Arouche: narrativas sobre as regiões gays

Antonio Bernardes
Benhur Pinós da Costa

Que eu sou uma bixa, loka, preta, favelada
Quicando eu vou passar e ninguém mais vai dar risada
E se tu for esperto, pode logo perceber
Que eu já não de brincadeira (eu vou botar é pra fuder)
Ques bixistranha, insandecida
Arrombada, pervertida
Elas tomba, fecha, causa
Elas é muita lacração...
Mas daqui eu não tô te ouvindo, boy
Eu vou descer até o chão...

(*Bixa preta – Linn da Quebrada*)

Preambulando

Nossas paixões e medos da capital paulista nos levam pelas proximidades da Rua do Arouche. O seu Largo, as ruas fétidas e sujas. Moradores em situação de rua e usuários de drogas esbarram entre sujeitos apressados para o trabalho ou para pegar o metrô. Lá estávamos nós, trançando as ruas e calçadas. Nada era desconhecido ali. Quando Benhur está em São Paulo ele se hospeda no mesmo hotel nas proximidades do Largo do Arouche. Eu sempre me desloco pela

metade da cidade para encontrá-lo. Seja para papear, fazer projetos de pesquisa e, até mesmo, para trabalhos de campo.

Encontrei-me diversas vezes com Benhur no Arouche. Em diferentes anos e em suas diferentes estações. A cada encontro exploramos mais seus recônditos. Aos poucos, o Arouche foi se tornando lugar e região para mim, pois raramente, quando adolescente ou adulto, havia ido lá. Todavia, para Benhur ali era uma região e lugar há tempos.

Fiquei pensando se isso se deve ao fato que sou homem heterossexual, branco e de classe média que carregava (se é que ainda não carrego) uma série de preconceitos quanto a certas regiões de São Paulo, dentre elas, o Arouche. Achava a região perigosa. Por outro lado, Benhur é gay, branco e do sul, adorava as ruas do Arouche pelas diferentes possibilidades que ela oferece. Foi com e por Benhur que as ruas, vielas, bares, cinemas, praças e largos do Arouche passaram a ter uma vivacidade para mim em que cada canto e esquina se revelava uma colorida alteridade povoada pelos gays, michês, travestis e algumas lésbicas.

Imergindo na região do Arouche percebemos que há diferentes formas de sociabilidade dos sujeitos LGBT. Por suas identidades, pelo dia e pela noite e por classes socioeconômicas. No primeiro tópico deste texto abordaremos cada uma dessas diferenças, mas atribuímos relevo para as temporalidades entre o dia e a noite e como elas influenciaram as relações sociais cotidianas nessa região e como isso implica mudanças das relações de identidade dos sujeitos LGBT. Já no segundo tópico, debatemos algumas concepções de região (e/ou de regiões) levando em conta as experiências que tivemos no Arouche, marcadamente, vinculadas ao homoerotismo e a identidade gay.

Na terceira parte deste texto, retomamos algumas de nossas experiências no Arouche que nos levou a propor um trabalho de campo com os estudantes do Curso de Mestrado em Geografia da UFSCar (Universidade Federal de São Carlos). Em verdade, depois de tantas experiências na região do Arouche e com a necessidade de realizar um trabalho de campo que pudesse propiciar aos estudantes uma

experiência metodológica, em conversas com Benhur, ele sugeriu que o fizéssemos no Arouche. Assim, o fizemos!

Propusemos que o trabalho de campo fosse feito em duplas e que a partir da metodologia da deriva (Debord, 2018), se desenvolvesse a observação participante. A deriva como uma experiência psicogeográfica em que o perambular e o sentir os lugares são as principais motivações. Depois, a observação participante entra em cena, não como aquela em profundidade, como preconiza Geertz (1978), pois não teríamos tempo, mas uma em que a alteridade se fizesse vibrante e que tivessem que exercitar a política da diferença.

Eu e Benhur fizemos o mesmo, imergimos mais. Privilegiamos o Largo do Arouche, a Rua Vieira de Carvalho, a Praça da República até as imediações da esquina entre as avenidas Ipiranga e São João, pois nessa área é onde se concentravam as relações homoafetivas e/ou homoeróticas. À medida que caminhávamos e parávamos nos bares, dialogávamos sobre os fenômenos a nossa volta. Foi assim que construímos este texto, como uma espécie de síntese de narrativas de experiência pessoais dos autores ancoradas em determinadas posições teóricas, mas que se desenvolve pela perspectiva de um deles.

A teoria comparece com mais vigor no último tópico, especialmente, questionando como as relações baseadas no homoerotismo implicam delimitadores de identidade ou perspectivas contraditórias a esses delimitadores, apontando para a espontaneidade dos sujeitos e suas corporeidades que não necessariamente se identificam com determinados rótulos e restrições simbólicas, para o desenvolvimento de regiões e lugares.

Os dias e as noites no Arouche

Dentre as inúmeras atividades acadêmicas nos idos de 2017, certo dia Benhur me disse que viria a São Paulo e que poderíamos nos encontrar para trabalhar no restaurante do hotel em que estava hospedado. De pronto, concordei. Perguntei o endereço e fui me encontrar com ele. Causou-me certa estranheza o fato de que ele se

hospedara próximo ao Largo do Arouche. Desde a minha adolescência nunca fui muito afeito ao centro de São Paulo. Circulava por lá tanto pelo dia como pela noite, mas nunca me sentia confortável. Não era o meu lugar.

Os lugares que conhecemos e gostamos são todos lugares únicos, e suas particularidades são determinadas por suas paisagens e espaços individuais e por nosso cuidado e responsabilidade, ou ainda, pelo nosso desgosto, por eles. Se conhecemos lugares com afeição profunda e genealógica, ou como pontos de parada numa passagem através do mundo, eles são colocados à parte porque significam algo para nós e são os centros a partir dos quais olhamos, metaforicamente pelo menos, através dos espaços e para as paisagens (Relph, 1979, p.17-18).

O meu lugar na infância e adolescência era a periferia de algumas cidades da Região Metropolitana de São Paulo e da própria capital paulista. O centro da cidade de São Paulo não despertava muito afeto em mim, até porque era uma espécie de "ponto de parada numa passagem através do mundo" (ibidem). Para Benhur, era o inverso. Era um lugar. Um lugar como pausa, não porque é inerte, e sim porque é vivenciado e possui profundidade significativa (Tuan, 1983). Ora, mas Benhur não vive no Arouche! Sim, mas ele desenvolve o habitar, no sentido colocado por Heidegger (2011), pois vivencia o lugar com cuidado e responsabilidade, desenvolvendo uma afeição profunda, especialmente na medida em que se identifica com os sujeitos que ali habitam e seus lugares.

Eis que isso poderia ser um ponto de inflexão entre nós, pois o Arouche é lugar para Benhur, dentre muitos aspectos, porque ele é gay e eu, não. Mas, desde a adolescência, convivi com homossexuais e os admirava e admiro. Então, a inflexão entre nós não era quanto às sexualidades, e sim que o centro de São Paulo nunca foi o meu lugar.

Vez ou outra, Benhur vinha para São Paulo e ficava no mesmo hotel. Aos poucos fui aceitando a ideia e comecei a explorar as calçadas e ruas das cercanias do Arouche com ele. Em verdade, não sei se se tratou de uma aceitação, pois

> Estar arraigado em um lugar é uma experiência diferente da de ter e cultivar um "sentido de lugar". [...] O esforço para evocar um sentimento pelo lugar e pelo passado frequentemente é deliberado e consciente. Até onde o esforço é consciente, é a mente que trabalha, e a mente – se lhe permitirmos exercer seu domínio imperial – anulará o passado, transformando tudo em conhecimento presente. (Tuan, 1983, p.218-9)

Pelas palavras de Tuan, eu diria que não me sentia arraigado, mas que o Arouche passou a ter um sentido de lugar. O passado vivido no centro da cidade de São Paulo era ressignificado em benefício das experiências presentes. O Arouche era outro, eu era outro. Assim, num certo dia, nos idos de janeiro de 2018, eu e Benhur fomos almoçar pelos arredores do Arouche e, então, ele relatou e teorizou algumas de suas experiências:

> A região em que estamos abriga inúmeros lugares, situações e oportunidades de se encontrar alguém para fazer sexo homossexual, tornando abertas e livres essas possibilidades. Os lugares que abrigam pessoas vinculadas a quaisquer identidades da variabilidade de vivências identitárias gays também estão fortemente ligadas aos interesses de cunho, quase que somente, das práticas sexuais, mas existem práticas outras além do sexo, como: a comunicação demorada entre grupos de amizades e a expressão demorada de afetividades entre namorados apaixonados que se encontram em determinado lugar da região e lá permanecem trocando carícias por um tempo longo. As vivências específicas das práticas sexuais homossexuais ocorrem quase que solitárias e se constituem como formas de "derivas" em circuitos e lugares específicos da região (principalmente os cinemas pornográficos e as saunas, mas podem também se organizarem nos bares e misturarem-se entre as sociabilidades gays). (Comunicação pessoal)

Dentre os diferentes lugares, Benhur me apontou alguns cinemas pornográficos, saunas e casas para sexo localizados na região.

Percebemos que havia uma intensa atividade de circulação de homens que se destinavam a esses lugares para práticas homossexuais. Os michês (garotos de programa) também se utilizam desses lugares para ganhar dinheiro em troca de sexo. Todavia, não havia somente gays nesses lugares, havia muitos homens que exercem práticas homossexuais e não se identificam como gays ou não vivem uma vida vinculada aos círculos de sociabilidade e lugares gays.

Eu não percebia na paisagem aquilo que Benhur indicava. Era dia e essas dinâmicas sociais não eram explícitas, e meu olhar era pouco treinado para percebê-los. Não seria por menos, pois durante o dia a região é de circulação de diferentes pessoas nas atividades cotidianas do comércio e do trabalho. Mas, Benhur destacou que:

> Pela noite, quando o comércio de consumo comum se fecha, concentra-se o funcionamento do comércio noturno de bares e lugares de diversão, eminentemente para as pessoas identificadas como LGBT. Verificamos que durante o dia, devida à intensa circulação, há outra forma de se vivenciar as práticas homoeróticas da região: os michês e as travestis se concentram na praça, pois há mais clientes que no período da noite; os lugares para sexo, como cinemas pornográficos e casas de sexo e saunas estão lotados. As práticas homoafetivas e/ou homoeróticas acontecem em ambos os períodos, mas percebemos que durante o dia muitos homens, não necessariamente se identificando como gays, procuram a região para manterem práticas homossexuais (atividades de sexo homossexual propriamente dito). Durante a noite isso também acontece, mas temos mais a presença de uma homossociabilidade de bares beirando as calçadas e de boates/danceterias LGBT (estabelecimentos fechados). Há um espaço identitário mais forte e variado durante a noite. O dia, por entre a multidão, àqueles que querem sexo homossexual e preocupam-se em não revelarem suas identidades. (Comunicação pessoal)

Benhur ainda emenda:

> Podemos perceber que existe, principalmente na praça da República, um maior número de homens exercendo atividades de prostituição que à noite. Também a presença de travestis, mas em menor número. As práticas sexuais entre homens durante o dia vinculados ao mercado da prostituição são, certamente, mais intensas durante o dia do que à noite. A noite temos os grupos de homens gays em determinados bares que distinguem seus aspectos diferenciados de apresentação de seus corpos e de suas estéticas: os estabelecimentos de homossociabilidade de forte identidade se distinguem a cada esquina, a cada pequena distância. (Comunicação pessoal)

Fui para casa pensativo em relação a tudo o que Benhur me disse. As paisagens e a região do Arouche para mim eram uma grande incógnita.

No dia seguinte de trabalho, fomos almoçar no mesmo local do dia anterior e andamos por muitas das ruas já exploradas. A diferença para esse dia é que também saímos ao final da tarde para tomar um café e adentramos pela noite entre as ruas, calçadas e bares do Arouche. Os bares já estavam abertos no começo da tarde e foi aumentando o número de sujeitos, tanto dentro dos bares como nas ruas e calçadas.

Pela noite, pudemos observar mais nitidamente a existência de sociabilidades de rua vinculadas aos bares da Rua Vieira de Carvalho, da Rua Aurora e do Largo do Arouche, nos quais as convivências se dão por homens gays, principalmente, de idade mediana e mais avançada. Muitos deles se utilizam das saunas e cinemas pornográficos para as práticas homossexuais, e após tais atividades se deslocam para esses bares para relaxar, encontrar amigos ou simplesmente estabelecer sociabilidades mais amigáveis além do puro e simples interesse sexual. Sobre esse último ponto, é interessante notar que, de forma geral, eles nos pareceram levar uma vida mais vinculada a afirmação da identidade gay e nas ruas e bares estão mais abertos aos encontros amigáveis e para relacionamentos amorosos, não exatamente ligados especificadamente as práticas sexuais. Digamos que nos bares de sociabilidade gay há um conhecimento mútuo

dos frequentadores assíduos e há uma necessidade de sair desse círculo de conhecimento e encontrar homens (sobretudo másculos) não gays e menos comuns. Assim, o Benhur o emendou:

> A região possibilita estas relações e estes interesses diversos entre sujeitos de forte apego identitário gay e outros que transitam somente pelo desejo homoerótico. Percebemos que o dia é eminentemente propício ao encontro dos "diferentes" e à noite os sujeitos procuram àqueles que se identificam melhor para construírem suas homossociabilidades amigáveis e românticas. Aliás, na noite existe muito romance nas mesas dos bares pelas calçadas da Vieira de Carvalho. Homens apaixonados por entre seus amigos são muito evidentes. As práticas sexuais e as derivas para se procurar parceiro sexual eventual acontecem, mas o dia é o tempo delas. (Comunicação pessoal)

O trabalho de Perlongher (1987), por exemplo, analisa muito as atividades e formas de práticas e vivência dos michês na noite da capital paulista, especialmente no Arouche. Ele destacou que as atividades de prostituição ocorrem no período da noite, em especial nas esquinas das ruas dessa região. Atualmente, podemos perceber essas práticas noturnas de alguns michês na Rua do Arouche, principalmente, entre as esquinas da Rua Aurora e do Largo do Arouche, assim como nas esquinas da Rua Vieira de Carvalho e nesse mesmo Largo há, também, de dois bares localizados perto ao Hotel Itamarati, nos quais eles se misturam por entre a sociabilidade de homens gays e das travestis.

A prostituição diurna ocorre, principalmente, na praça da República, como lugar de trânsito e perto da estação de metrô. À noite esse espaço é mais frequentado pelas travestis. A Rua do Arouche durante o dia apresenta uma intensa circulação de trabalho e de atividades comerciais. Muitos homens gays transitam nessa rua para consumir produtos essenciais. Durante a noite essa rua se torna deserta em virtude do fechamento do comércio. Por outro lado, nessa mesma rua, não existem bares de diversão noturna como na outra rua paralela e próxima (Rua Vieira de Carvalho). A Rua do

Arouche se torna, assim, um lugar de localização de homens michês em busca de seus parceiros que, ao se deslocarem para um bar de homossociabilidade nas proximidades, podem, em seus carros, manter a busca de alguma atividade sexual com tais michês. Torna-se uma rua conectada com a região de bares gays de diferentes frequências de identidades e estilos, mas não de homossociabilidade: e sim de circulação de carro pela presença dos homens que exercem prostituição nas suas calçadas.

Penso que poderíamos contribuir com o trabalho de Perlongher (1987) pelas experiências de nossas andanças na região. De todos os dias que Benhur ficou em São Paulo no mês de janeiro de 2018, o verão se fazia presente com altas temperaturas, e para quaisquer caminhadas o sol castigava os nossos pés. Mesmo assim, as tardes eram feitas por idas e vindas aos cafés, e nesse trajeto encontrávamos alguns michês. Eles estavam de *shorts* e camisetas curtas, escorados em muretas pela Praça da República e próximos aos banheiros públicos. O nosso descompromisso nas andanças era atravessado por olhares sobre nós como potenciais clientes. Os michês estavam numa localização que era caminho para a Rua Vieira de Carvalho. Não por coincidência, é o trajeto que liga alguns cinemas pornográficos localizados nas proximidades da esquina entre a Avenida São João e a Avenida Ipiranga e outros localizados nas proximidades do Largo do Arouche e Rua Aurora. Percebemos uma espécie de circuito (Magnani, 2005) homossexual na região, ou seja, uma conexão entre os cinemas pornográficos, saunas e casas nos quais homens transitam em busca de sexo.

Havia não só michês nesse circuito, eles dividiam seus pontos de prostituição com as travestis. Ali há a proximidade entre as atividades de prostituição das travestis e dos michês. Não necessariamente estão juntos e compartilhando conversas e sociabilidades: seus clientes são diferentes. Alguns michês praticam suas esperas de clientes sozinhos. Mas, por outro lado, aqueles mais frequentes no local estão juntos com as travestis e se sociabilizam de forma muito alegre.

Já em meados do mês de junho de 2018, o outono se avista e me reencontro com Benhur para finalizarmos um projeto de pesquisa.

As temperaturas estão mais amenas na capital paulista, mas não as dinâmicas da região do Arouche. Vou de carro ao encontro de Benhur, aproximo-me da região pela Rua Aurora e lanço vista pelos seus vidros do carro e, ao mesmo tempo, me distancio dela pelos seus vidros fumês. Ao que me parece, o fluxo de pessoas, símbolos e intencionalidades continuam, independente da estação do ano no Arouche. Então, paro o carro e adentro o hotel. Reencontramo-nos no mesmo lugar e no mesmo horário. Em uma conversa descontraída que antecede aos trabalhos, afirmo a Benhur em tom irônico: "nem parece que é outono lá fora!". Então, ele me respondeu:

> Fico impressionado com isso! Ainda mais como aqui a noite e o dia transformam a região. De dia, temos mais michês nas praças, saunas, cinemas e casas para sexo. É interessante notar que muitas práticas sexuais estabelecidas durante o dia (nos trajetos e lugares) querem exatamente fugir das formas de identidade e dos circuitos de sociabilidade gay e a região permite este paradoxo, pois pela noite os bares estão vinculados aos grupos de sociabilidade de homens gays, muitos deles relacionados a estética *bear*. As relações estabelecidas se vinculam ao sexo, mas são muito mais mediadas pelos grupos de amizade e afetividades em formas de namoros entre tais homens. Existe, assim, geografias distintas devido as formas de encontros e vivências que se estabelecem na região entre o dia e a noite. (Comunicação pessoal)

Por mais que o dia e a noite definam alguns modos de relação entre os sujeitos na região, não podemos deixar de notar que ela é definida por certa continuidade temporal dos encontros e convivências, assim como a constante circulação de sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo. Não podemos deixar de falar que muitos desses sujeitos com os quais deparamos, perambulando nas ruas e calçadas do Arouche, estabeleceram moradia por ali para viverem suas relações amorosas baseada no exercício livre do homoerotismo e nas perspectivas culturais e identitárias (embora vagas e diversas) LGBT. Isso sempre nos apareceu no horizonte como

uma possibilidade, mas que só foi confirmada quando encontramos um grupo de amigos de Benhur em um dos bares. Eram gays que se mudaram do Rio Grande do Sul para o Arouche e, espontaneamente, um deles nos relatou isso e afirmou como era comum esse perfil de gays na região. Além do mais, não podemos deixar de frisar que notamos certo número de turistas que frequentam a região e outros tantos sujeitos que se deslocam de cidades da Região Metropolitana e das periferias da cidade São Paulo. Notamos que alguns deles fazem uma espécie de transformação estética desde que saem do metrô até chegarem nas ruas. Mudam suas roupas e trejeitos.

É certo que essas vivências se misturam em qualquer hora do dia e estão presentes também na região, mas não há como não notar que certos bares congregam maior número de sujeitos que afirmam uma identidade gay e estão mais conectados a outros lugares nos quais as afetividades, as formas de comunicação e expressão e as situações e conhecimentos se relacionam a uma cultura gay. Essa cultura está conectada a uma rede de bares e boates gays da cidade e apresentam atributos específicos definidos por um conjunto de gírias, de formas de expressão corporais e artísticas, de perspectivas de vida e diferenciações de segmentos específicos, de fatos vividos e transformados em pequenos "mitos" e "ritos" etc.

As regiões do Arouche

O leitor deve ter notado que tratamos o Arouche como uma região. Afinal, foram tantas andanças em quase dois anos indo para lá, mesmo que esporadicamente, e, sobretudo, devido à afeição de Benhur aos seus lugares, à sua região, que não poderia ser diferente. Mas, como poderíamos considerar o Arouche como uma região? Tempos atrás eu estava num debate com orientandos sobre como vincular o sentido de lugar e região. Não encontrava caminhos, pois sempre deparava com a região entendida no seu sentido fisiográfico e funcional que agrupa e distingue áreas homogêneas e heterogêneas. Então, um amigo da Universidade Estadual de Campinas

(Unicamp), Eduardo Marandola, me indicou os trabalhos de Frémont (apud Seemann, 2013, p.67), num dos quais afirma que "a região, caso ela exista, é um espaço vivido. Visto, percebido, sentido, amado ou rejeitado [...] redescobrir a região, então, é procurar capturá-la onde ela existe, vista pelo homem". Seguindo na mesma linha, Price (apud Seemann, 2013, p.68) afirmou que região deriva de

> [...] um ato de imaginação que atribui um sentido a um espaço não diferenciado. [...] Como nações, regiões são comunidades imaginadas, [...] construídas por múltiplos atores que, intencionalmente ou não, estimulam um sentido de relacionamento ou pertencimento físico e humano através do espaço.

A região, então, ganhou os tons de espaço vivido que é desenvolvida pelos sujeitos e eles a constroem no lugar com um sentido de pertencimento. Ora, esse seria o Arouche! Como mencionamos há pouco, por mais que lá tenham gays e sujeitos LGBT de diferentes estéticas e identidades, aquela área é entendida como LGBT. Suas praças, saunas, cinemas e bares são LGBT. É no Arouche que muitos dos sujeitos que conversamos, esbarramos e observamos se sentem livres para expressarem suas identidades sexuais. Mas, percebam que o que apresentamos aqui como região não o era quando começamos essa caminhada, o Arouche era tão e simplesmente o Arouche, o lugar de nossas andanças e sentimentos. O Arouche de região dos *Outros*, passou também a ser nossa região!

Não se pense, contudo, que Benhur concordou com essa minha perspectiva para região. De pronto ele me questionou ao telefone quando mencionei esse sentido de região, principalmente porque a tratei sem considerar as escalas geográficas. Ele inicia a sua argumentação utilizando Lefebvre (2013) e diferenciando "as representações de espaços" e "os espaços de representações". Para a primeira concepção, ele disse:

> Definem as ordens das relações sociais, interações e ações práticas para se produzir e se organizar algo objetivado, mantendo o

> funcionamento de um sistema de engrenagem concebido além da escala local. Seriam, então, o conjunto de pensamentos objetivados na materialidade e funcionamento dos espaços planejados por um conjunto de instituições fora do local sensível das relações sociais, mas que compõe tal materialidade. Isso agrega corpos que se adequam, paulatinamente, a conjuntos de relações que não são próprias, definindo um espaço "outro", comandado por um "outro", algo de difícil definição local, que oprime o sujeito que vive nesse local, forçando-o ao conjunto de "fazeres". (Comunicação pessoal)

Continuando, ele diferenciou as ditas representações de espaços para os espaços de representações:

> Nesse espaço ocorrem relações espaciais autênticas, desprovidas ou transgressivamente produzidas por ordens sensíveis das intersubjetividades sociais, quase que isentas das ações e orientações hegemônicas sobre o "pensar", o "agir" e o "fazer" em sociedade. Os "espaços de representações" são produtos da manipulação simbólica e da ação dos sujeitos sociais em interações localizadas e autênticas, dissidentes de comandos representativos superiores, que os definem com certa identidade e os levam a tomar certas decisões e ações. (Comunicação pessoal)

Então respondo que não vejo muita diferença entre a concepção de Lefebvre e aquela humanista que mencionei, pois a região é percebida e vivida. Ela é uma região transgressora e isso incorre que os processos opressores são ressignificados por suas fissuras em cada uma das transgressões dos sujeitos que lá habitam a partir de ressignificações simbólicas sobres os "seres" e "estares" em movimento no "aqui" e "agora" das suas emoções corpóreas (espaço vivido). Quando estamos imersos nessa região, os alhures são distantes. Então, Benhur contra-argumenta que não estou levando ao limite os lugares "fora da região", e afirma que:

> Rose (1993) diz que o espaço da modernidade está intimamente relacionado ao patriarcado, sendo principalmente um projeto e um privilégio masculino, base da sociedade burguesa moderna, mas também é europeu, é branco, é heterossexual e é urbano. Qualquer diferença aquém desses polos de hegemonia irá representar um "ponto" de ação e representação não civilizado e algum "patamar" que o aproxima de uma condição de selvageria ao que se pretende normal. A existência de espaços de representação de diferenças étnicas, de gênero, de sexualidade, são caminhos diversos entre condições polarizantes de civilizado e selvagem: são formas um tanto selvagens e assim condicionadas a um conjunto de interdições espaciais de regramento e aprisionamento.

Entramos em acordo ao entendermos que essa região manifesta alguns dos conflitos decorrentes das instabilidades humanas quanto à sexualidade. Por um lado, o "lado de fora" dessa região, que é o preponderante na cotidianidade de boa parte dos paulistanos, as relações entre os sujeitos se fazem baseadas nos polos de heterossexualidade e homossexualidade, assim como entre os polos binários dos gêneros feminino e masculino. Por outro lado, imerso na região, durante qualquer época do ano e qualquer horário do dia, podemos perceber a frequência de práticas e identidades homossexuais. Boa parte dos sujeitos que por lá circulam perturba, questiona e frisa as definições binárias entre masculino e feminino. À primeira vista, temos os lugares públicos abarcados pelas transgressões homoeróticas e/ou cujo heteroerotismo e o sistema binário dos gêneros são perturbados pelos encontros com sujeitos transgêneros e homens gays que "cortam" e "colam", de múltiplas maneiras, as condições expressivas dos gêneros nos seus corpos e gestos. Nos lugares privados, como os cinemas (para sujeitos de menor poder aquisitivo), há encontros para práticas sexuais homossexuais e heterossexuais, assim como nos espaços privados das saunas, mais destinadas ao público de homens gays e de outros homens não gays que buscam sexo com outros homens (para homens de maior poder aquisitivo). Já quanto aos bares (que também utilizam o espaço das calçadas para

alocar mesas e cadeiras), podemos afirmar que as sociabilidades estão relacionadas aos delimitadores de identidade como de encontro de homens gays.

Em meio à conversa percebemos que falamos o tempo todo de uma região, o Arouche. Generalizamos um conjunto de relações complexas e específicas sob o rótulo da homoafetividade e da homossexualidade. O inverso também é verdadeiro, como se os lugares e regiões marcadamente heteronormativos fossem simplesmente os "de fora". Não temos dúvidas de que regiões como a do Arouche emergem porque as diversidades (no nosso caso, as de gênero e orientação sexual) sofrem uma série de interdições ao movimento e à permanência, e se desenvolvem como lugares de inclusões subalternas nas quais novas relações de poder se produzem. Mas, interno ao Arouche, não há cândidas relações homoafetivas e homossexuais. Uma primeira aproximação foi lembrarmos das andanças no próprio Arouche onde nos lugares públicos há uma mistura de referências.

Na Praça da República encontramos a maior visibilidade da diferença, em que as travestis estão próximas dos garotos de programa, assim como de uma diversidade de pessoas que circulam ou que se utilizam da praça para descanso e lazer. Há sujeitos marcadamente heterossexuais que estão na Praça a lazer, descanso ou mesmo a utilizando como local de passagem. As travestis desenvolvem uma alteridade radical (Baudrillard, 1996) quanto à configuração dos binarismos de gênero pela visibilidade do corpo transgênero. Os michês também produzem essa alteridade pela evidência da exacerbação do masculino (que fazem de seus corpos também um produto a ser consumido). Já de difícil constatação e que somente uma interpretação mais profunda, vivenciando o lugar, pode nos oferecer, são aqueles sujeitos que circulam pela Praça na busca de eventuais programas: por ser um lugar público e não delimitado mercadologicamente para algum tipo de convivência, podemos dizer que há uma diversidade de homens não identificados como gays que procuram as travestis e/ou os garotos de programa para relações sexuais.

Assim, as restrições identitárias sobre o heterossexual ou homossexual são perturbadas pelo exercício prático do desejo estabelecido

em situação: as configurações normativas que identificam "o que é ser o quê" caem por terra. Notadamente, essas relações se tecem, principalmente, durante o período diurno. Isso também irá se repetir nos lugares privados dos cinemas pornográficos, nos quais supostos homens não gays estão muito presentes e se misturam entre práticas sexuais com homens gays e com as travestis.

Já no Largo do Arouche pudemos observar uma configuração de identidade mais marcante. É um lugar por excelência de encontro de homens gays com baixa renda, principalmente aqueles que não conseguem consumir em algum bar da Rua Vieira de Carvalho. Podemos observar também uma maior frequência de jovens gays da periferia que estão ali localizados no período noturno, antes das "altas horas da noite", nas quais iniciam-se as festas nas boates LGBT.

Eu sequer tinha notado que o Largo do Arouche era frequentado por gays com renda mais baixa comparativamente aos da proximidade da Praça da República, na Rua Vieira de Carvalho. De pronto, eu sabia que a região do Arouche era frequentada por sujeitos LGBT com menor renda do que aqueles das cercanias da Avenida Paulista, como a Rua Augusta e a Rua Frei Caneca. Benhur me chamou a atenção para esse fato, e foi além:

> Existe uma diversidade de bares na região, alguns estão mais vinculados a homens de classe média e são mais velhos, nos quais as relações afetivas são mais marcantes para a incidência de casais amorosos, entre homens mais velhos ou entre homens mais velhos e jovens (há uma característica do estabelecimento de relações intergeracionais entre homens gays). Muitos desses bares são frequentados pelos *bears* de diferentes idades. Outros bares, porém, podemos observar uma diversidade maior de frequentadores, como homens mais velhos, gays mais jovens, travestis e garotos de programa, principalmente, um conjunto de bares na calçada do lado direito quando caminhamos da praça da República ao Largo do Arouche. Na esquina da Rua Vieira de Carvalho há um dos bares mais tradicionais da cidade e do Brasil para lésbicas. (Comunicação pessoal)

Com isso, ele prosseguiu:

> Certo dia fui numa boate nas cercanias do Arouche, a Danger. Fui porque amigos de meu companheiro nos convidaram. Chegando lá, percebi, ao ouvir algumas conversas, que ela era frequentada por um grande número de jovens LGBT e negros vindos da periferia paulista e paulistana. É forte o sentimento de identidade gay destes jovens, principalmente suas expressões gays que transmitem o sentido de manter-se vinculado a um corpo masculino, mas cujas diversões grupais tendem a expressões transgressivas de gestos e formas de expressão afeminadas. (Comunicação pessoal)

Por fim, terminamos a ligação telefônica e fiquei tentando organizar aquela série de informações. Ainda meio confuso, conclui que não estamos falando especificamente de uma região, e sim de regiões no Arouche, ou melhor, na região do Arouche, haveria regiões. Mas, por quê? Porque temos:

Lugares públicos

- Na Praça da República há sujeitos heterossexuais e que estão em busca de relações homossexuais bem como os michês, as travestis e sujeitos heterossexuais que estão na praça para lazer, descanso ou passagem;
- No Largo do Arouche há gays jovens vindos da periferia paulista e paulistana.

Lugares privados

- Os circuitos dos cinemas e saunas são frequentados, em geral, por gays e homens heterossexuais em busca de relações sexuais homossexuais;
- Os bares frequentados pelos *bears* e gays de meia idade;

- Os bares frequentados pelos *bears* e gays jovens e de meia idade e michês;
- Os bares frequentados pelos gays de diferentes gerações, michês e travestis;
- Os bares frequentados por lésbicas.

Quando me dei conta, estava classificando os lugares e as regiões. Mas ainda persistia a dúvida: por que seriam regiões? A princípio pensei porque cada lugar se desenvolveu com certa identidade que, ao mesmo tempo, reforça e é reforçada pelos sujeitos que lá frequentam. Ainda mais, frequentam determinados lugares que muitas vezes não possuem relações com seu vizinho. Por exemplo, não é incomum que certos gays, especificamente os *bears* que frequentam os bares do lado esquerdo da Rua Viera de Carvalho, na direção do Largo do Arouche, se identifiquem muito mais com certos lugares na Rua Frei Caneca e proximidades da Augusta do que com aqueles gays do Largo do Arouche.

Passaram-se os dias e em meio aos trabalhos cotidianos fui esquecendo dessas problemáticas. Então, recebo uma ligação de Benhur e conversamos descontraidamente, até que em certo ponto da conversa, eu lhe apresento a classificação que fiz e como pensei as regiões do Arouche. Ele emudeceu e ficou pensativo. Naquele silêncio estarrecedor, surge: Gostei! Então, ele complementou:

> Rose (1993) desenvolve a ideia da política das espacialidades paradoxais, cujas relações espaço-temporais não estão configuradas por um conjunto de insiders e outsiders e prevê que o espaço "do mesmo" não está isento do espaço "do outro", sendo que existem diferentes dinâmicas e jogos de poder em espaços de localização de relações. Esses jogos compõem posições diferenciadas dos sujeitos ora no "centro" ora na "margem", dependendo das realidades situacionais das disputas sociais e dos controles e descontroles exercidos tanto pelos dispositivos de normalização social como pelas táticas de reconhecimento de identidades antes suprimidas. (Comunicação pessoal)

Ao mesmo tempo em que consideramos que as relações entre os sujeitos e entre esses e os lugares podem definir uma região que se contrapõe a uma lógica que busca normatizar uma cultura heterossexual, as vivências diferenciadas da região do Arouche resistem por suas originalidades, como uma eterna disputa entre as situacionalidades (Marandola Jr., 2018) autênticas do vivido pelos sujeitos e as concepções (baseadas na heteronormatividade e no princípio binário de gênero), que procuram instaurar uma estabilidade sobre as maneiras de agir e de se apresentar para esses sujeitos.

Essa disputa permite o desenvolvimento de uma região singular quando consideramos o alhures em que predominam as concepções heteronormativas. Mas, quando interpretamos de maneira mais próxima, percebemos que ela é muito mais que isso. As sensibilidades criativas e de dispositivos de ordenamento que se constroem e reconstroem constantemente, faz essa região ser múltipla (Foucault, 1988). Não se trata somente de ser um sujeito LGBT no Arouche, e sim, ser *bear*, michê, travesti, gay jovem ou de meia idade, lésbica etc. no Arouche. Isso incorre em estar mais ou menos à margem ou ao centro, conforme Benhur apontou, baseado em Rose (1993).

Ao mesmo tempo que essa região é marcada pela frequência de sujeitos que perturbam a ordem sexual binária dos gêneros e das sexualidades, ela também expressa horizontes normativos das identidades sexuais desviantes. A região perturba configurações normativas e, ao mesmo tempo, mantém certo horizonte ao reforçar identidades que se vinculam ao polo normativo da heterossexualidade ou das representações binárias de gênero. Como isso? Em outras palavras, por exemplo, num bar em que os frequentadores são majoritariamente *bears*, algumas representações heteronormativas se fazem presentes na estética desses sujeitos e aqueles que conflitam com ela podem ter uma certa inclusão marginal (Demo, 1988) nas relações, como para os gays mais afeminados. Nesse caso, a feminilidade e a masculinidade estão baseadas em alguns preceitos heteronormativos, mesmo que a própria estética, orientação e sexualidade dos sujeitos que a desenvolvem sejam desviantes. É um fenômeno paradoxal que pode ser notado em outros âmbitos da cultura LGBT.

Um outro exemplo, é a diferença notória entre os gays com menor renda e aqueles mais abastados. A classe social daqueles mais pobres é um requisito de exclusão ou inclusão marginal para certos bares e saunas. Nesse último caso, um fenômeno notório são os gays e os michês que frequentam a Praça da República e o Largo do Arouche, como citamos.

Em campo no Arouche

Alguns meses depois, no mês de outubro de 2018, Benhur me ligou e me disse que iria passar as festas de final de ano em São Paulo. De pronto, convidei-o para fazermos um trabalho de campo com os estudantes do curso de Mestrado em Geografia da UFSCar. Ele aceitou. Lembro que eu havia sugerido um campo aos estudantes com o intuito de desenvolver algumas estratégias metodológicas, ao mesmo tempo, em que poderíamos desenvolver a alteridade por meio de aproximações com os *Outros*.

Eu estava cheio de dúvidas sobre onde poderíamos realizar o campo e perguntei a ele. Foi quando ele sugeriu a região do Arouche. Fiquei reticente com a proposta, pois os estudantes residiam em Sorocaba. Na semana posterior, após conversar com os estudantes, aceitamos a proposta de Benhur.

Desse modo, tomei alguns princípios da observação participante e da teoria da deriva como parâmetros para a organização do trabalho de campo. Pensei em ambas as metodologias de pesquisa porque elas contemplam relações proximais com os Outros e com os lugares.

A primeira aproximação, colocando os estudantes em situação, foi pela metodologia da deriva. A deriva é uma metodologia de pesquisa (Debord, 2018, p.1) e, também,

> [...] um comportamento "lúdico-construtivo"; ligada a uma percepção-concepção do espaço urbano enquanto labirinto: espaço a "decifrar" (como decifrando um texto com características secretas) e a descobrir pela experiência direta. [...] ligado ao conhecimento

> dos efeitos de natureza psicogeográfica, e à afirmação de um comportamento lúdico-construtivo, o que o opõe em todos os pontos às noções clássicas de viagem e de passeio. Uma ou mais pessoas se entregando à deriva renunciam, por uma duração mais ou menos longa, às razões de se deslocar e de agir que elas conhecem geralmente, às relações, aos trabalhos e aos lazeres que lhe são próprios, para se deixar ir por solicitações do terreno e dos encontros que lhe correspondem. A parte do aleatório é aqui menos determinante que se crê: do ponto de vista da deriva, existe um relevo psicogeográfico das cidades, com correntes constantes, pontos fixos, e turbilhões que tornam o acesso ou a saída de certas zonas muito difíceis.

A deriva só é possível como uma espécie de perambular pelos lugares e pela região se deixando levar pelos lugares que se está e pelos sujeitos com quem se encontra. O seu caráter psicogeográfico ocorre porque o pesquisador é colocado em situação, e o fato de ser/estar dessa maneira chama à baila no procedimento metodológico a sua corporeidade, seu modo de ser-no-mundo, seus sentimentos, imaginação, sensações, intuições etc. Há algum tempo, penso que expliquei melhor isso que quero dizer agora, como segue:

> O centro de referência para a perspectiva do pesquisador situado no mundo são os sujeitos e suas relações com o mundo e não o mundo destituído dos sujeitos e tampouco o mundo pelas intencionalidades objetivadas na matéria. A corporeidade do sujeito é um dos fundamentos que indica a sua situação, tanto para as coisas como para os outros sujeitos no mundo e é pela ação humana que o mundo e os sujeitos nos aparecem cheios de significações e de territorialidades. Essa relação é unívoca, indissociável e perpétua, pois a existência humana é um modo de comprometimento com o mundo e é, sob outros termos, a relação íntima entre o meio e sujeito, a qual desenvolve significações e territorialidades. (Bernardes; Turra Neto, 2016, p.44)

Em resumo, a deriva é se permitir ao perambular, à experiência, ao comprometimento e cuidado com os *Outros* e com os lugares.

A observação participante possui princípios similares àqueles da deriva, mas com a diferença que o foco está na participação do pesquisador com a comunidade ou grupo que ele pretende estudar. Ele deve ficar tão próximo dos Outros como se fosse um membro do grupo que está estudando, além disso, ele deve participar das atividades propostas pelos membros do grupo. A principal fonte de informação na observação participante é o próprio contexto em que está inserido, sendo a experiência que o investigador tem com os Outros e o diálogo que consegue estabelecer, o principal instrumento de produção da informação. Trata-se de um procedimento metodológico em que pode haver o questionamento de sua corporeidade de seu modo de ser (Turra Neto; Bernardes, 2013).

Não seria muito difícil lembrarmos as situações no Arouche em que tivemos nossa corporeidade e nosso modo de ser postos em questão. Vez ou outra notei um ou outro olhar mais interessado de gays e michês nas ruas e calçadas na região do Arouche. Foi então que recorri a Benhur...

> É na rua que o "lance" acontece. É claro que as práticas são mais explícitas e visíveis em estabelecimentos fechados que servem para isso: cinemas pornográficos, saunas etc. Mas, até mesmo nestes lugares fechados, as práticas de "paquera" se repetem como aquelas da rua. Na região em questão, existe uma "aura" que nos remete a possibilidades "mil". Sabe-se que há presença de pessoas que circulam em busca de algum encontro e elas estão disponíveis a isso. Os encontros podem acontecer em toda São Paulo, mas nesta região ocorrem como que em situações privilegiadas. Além do mais, inúmeras formas de apresentação e expressão de corpos aparecem, dadas pelas variabilidades de pessoas que vêm de todos os lugares da cidade e além dela. Há inúmeras possibilidades e aberturas à experiência sexual inusitada. A região possibilita o encontro com as diferenças e ao inusitado. As pessoas fizeram dela isto! Ao longo do tempo. A cada esquina é um olhar e um jogo de sedução, tanto na objetividade e rapidez das apresentações e dos contatos, como nos jogos que se estabelecem entre mostrar e mascarar o desejo e o interesse. Os olhares

> se cruzam entre aqueles sentados as mesas às calçadas, entre aqueles que vagueiam de um lugar para outro, entre aqueles parados à espera de uma "presa" interessante. O circular é uma prática comum. Assim, pode-se observar de forma mais dinâmica as diferenças e as possibilidades de algum encontro. Vagueando, encontramos alguém aqui e outro acolá. O ato de andar reflete a constante necessidade de experimentar a variabilidade de lugares muito próximos e o tanto de diferenças de pessoas que eles agregam. Mas, em algum momento, interesses mútuos se estabelecem e o encontro/parada rompe a constante necessidade de circular. Assim, observamos as imagens, que se demora no tempo, da visibilidade de casais entrelaçados, nas esquinas, nas calçadas perto/dos bares destas ruas. Se tornam contrastes em relação a agitada dinâmica da frenética circulação de pessoas e suas excitações ao vaguear. O encontro amoroso acalma os corpos, mas, ao mesmo tempo, estimula ainda mais as energias, dadas aos calores emitidos dos seus contatos... (Comunicação pessoal)

Benhur possui uma vivência maior que a minha no Arouche, afora que a relação de identidade que ele possui com os Outros sujeitos que ali frequentam é mais estreita. Todo meu comprometimento e cuidado com os gays não é o suficiente para que a alteridade seja amarrada com a identidade de uma maneira forte como é para um sujeito que é gay.

Foi assim, tendo esses princípios metodológicos como base e as experiências no Arouche, que eu e Benhur propusemos o campo aos estudantes. No dia 21 de dezembro de 2018, no final da tarde e início da noite, nos encontramos em frente ao hotel que Benhur sempre se hospeda. Havia estudantes do curso de Mestrado em Geografia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), do curso de Geografia do Instituto Federal de São Paulo (IFSP) e da Universidade de São Paulo (USP). A proposta inicial foi para os estudantes do curso de Mestrado em Geografia da UFSCar, mas que acabou se estendendo a outros que eu não conhecia. Éramos quase quinze pessoas. Eu e Benhur explicamos a proposta de trabalho de campo para os estudantes baseada na deriva e, depois, na observação participante.

Ficamos de nos reencontrarmos a cada duas horas em frente ao hotel por uma questão de segurança e para trocarmos, brevemente, algumas ideias sobre as nossas experiências. Assim, em duplas, nos enveredamos pelas ruas da região do Arouche.

Pela Figura 1, apresentamos os locais em que estivemos naquela noite. Utilizei o Google Earth para indicar os lugares (pontos destacados em verde), tendo como referência a Praça da República e o Largo do Arouche (pontos destacados em amarelo). A região do Arouche ficou destacada por um polígono avermelhado.

Figura 1 – Lugares do trabalho de campo na região do Arouche.

Fonte: Elaboração própria, a partir do Google Earth, 21 de dezembro de 2018.

Conhecíamos a região e nem por isso deixamos de experimentá-la novamente. Realizamos uma breve deriva, justamente por conhecê-la, mas não era o caso dos estudantes. Era uma noite quente que se iniciou com uma garoa, mas que se dissipou. Experimentamos novos bares e novas relações. O primeiro a que nós fomos se tratava de um bar frequentado por gays *cults*, ou seja, gays mais afeitos aos aspectos culturais e as artes. As mesas desse bar ficavam dispostas nas calçadas e ele está em frente ao Largo do Arouche. Ficamos lá por um tempo. Os sujeitos lançavam olhares, mas não conseguimos estabelecer relações para diálogos. Logo

depois atravessamos o Largo e fomos a um bar mais simples, em que boa parte dos homens era de média idade. Nesse, também, ficamos pouco tempo por não conseguirmos estabelecer diálogos. Então, paramos em uma padaria para jantar e nos encontramos com os estudantes. Eles relataram suas experiências e imergimos novamente no Arouche.

Nessa segunda imersão, fomos aos bares da Rua Viera de Carvalho. Eles estavam cheios de pessoas. Paramos num bar que era frequentado por imigrantes nigerianos. De pronto percebemos certo estranhamento e saímos. Foi então que, perambulando pela rua em direção à Praça da República, encontramos alguns conhecidos de Benhur. De imediato o diálogo fluiu e fomos para um bar em que havia michês, travestis e gays de meia-idade. Ficamos lá por tempo papeando com os conhecidos de Benhur e outros que por lá passavam. Nesse momento, tivemos que reencontrar os estudantes e os deixamos, e um deles nos disse para o encontrarmos num bar para *bears* na mesma rua, próximo à esquina.

Os estudantes estavam bem e relataram suas experiências de forma bastante empolgada. Apenas uma das duplas de estudantes foi lacônica. Seguimos na imersão. Reencontramos os conhecidos de Benhur e continuamos a papear com eles e alguns *bears* que passavam. A noite foi se encerrando e decidimos finalizar o trabalho de campo. Quando nos demos conta, os estudantes estavam todos próximos a nós e interagindo com os outros sujeitos da região, exceto uma das duplas. Essa, fomos entender depois, teve problemas ao tentar entrar num bar para lésbicas.

Desse modo, encerramos o trabalho de campo. Meses depois, no início do ano 2019, fomos ao Arouche novamente. Passamos a pensar na região, também, como uma possível área de estudo. Então, surgiu o convite para escrevermos um texto: este. Assim, resolvemos relatar nossas experiências no Arouche. Procuramos desenvolver teorizações a partir da interpretação do pequeno. O pequeno não no sentido de menor, e sim de uma escala geográfica menor, porém mais complexa devido à sua multiplicidade de relações. Por isso, a teorização não se afasta muito do estudo de caso.

Considerações: teorizando nossas experiências

Há alguns meses que não vamos ao Arouche e já estamos em meados de 2019! Esse afastamento possibilitou amadurecermos algumas ideias acerca das tantas e diversas experiências que tivemos na região do Arouche, "geograficizamo-as". Em outras palavras, teorizamos um pouco de nossas experiências pela perspectiva geográfica.

Primeiramente, chegamos à conclusão que acabamos por regionalizar uma área do centro da cidade de São Paulo nos baseando em processos de identificação homoeróticos. À primeira vista foi uma regionalização simplória, pois levamos em conta a unicidade da identificação aqui estabelecida, mas ela se demonstrou complexa quando a tratamos pelo cotidiano dos sujeitos. Ao afirmarmos que se trata de uma região pautada pelos encontros de pessoas LGBT, estamos dizendo que todos que convergem à região apresentam alguma identidade gay, lésbica, travesti, transgênero, bissexual etc., mas se dissermos que tal regionalização é produzida por encontros de cunho homoerótico (Costa, 1992) estamos fissurando a configuração identitária e nos pautando pelo desejo para o mesmo sexo. Isso não agrega nenhuma das siglas presentes no LGBT, mas poderá manter a visibilidade, por exemplo, daqueles homens que mencionamos que buscam encontros com outros homens e estão busca de sexo, mas não se identificam como LGBT.

Ao tratarmos o Arouche como uma região homoerótica não deixamos de lado os diferentes sujeitos que perambulam por suas ruas e calçadas em busca algum encontro afetivo-sexual homossexual. O perambular é motivado pelo conhecimento regional de um cotidiano no qual os encontros sexuais entre os sujeitos do mesmo sexo são facilitados, mas o ato de andar e de espreitar os *Outros* que passam e que estão parados em algum ponto dessa região é estimulante ao desejo sexual. A região estimula os encontros inusitados e nessas circunstâncias não estão exatamente em jogo os processos de identidade, mas de encontro com o *Outro* e com a diferença, como um processo de singularização. Tal região funciona estimulando, assim, processos de singularização, conforme argumentam Guattari e Rolnik (2007, p.80),

> Identidade e singularidade são completamente diferentes. A singularidade é um conceito existencial; já a identidade é um conceito de referenciação, de circulação da realidade a quadros de referência, quadros esses que podem ser imaginários. [...] Em outras palavras, a identidade é aquilo que faz passar a singularidade de diferentes maneiras de existir por um só mesmo quadro de referência identificável.

A região por nós estabelecida funciona como um quadro de referência identificável, mas os encontros inusitados configuram diferentes maneiras de existir dos sujeitos presentes, ou seja, produzem diferenças ou encontro com diferenças. As diferenças desconfiguram quadros de referências coletivas de identidades, ou seja, produzem relações com diferentes sujeitos, identificados ou não como homossexuais, de classes, proveniências e racialidades. Muitos homens que não se identificam como gays estão no lugar buscando alguma prática homossexual, tanto sendo pelo próprio desejo como se relacionando a algum interesse financeiro. Isso se dá pela circulação nos espaços públicos, como a Praça da República, Largo do Arouche e ruas, como Vieira de Carvalho, Ipiranga, São João e do Arouche, principalmente durante o dia, mas também em estabelecimento de práticas (homo) sexuais, como os cinemas pornográficos e saunas da região. Durante o dia as convivências estão mais dispersas, não menos intensas, por entre os desejos e práticas homossexuais sem necessariamente fortalecer as diferenças identitárias entre sujeitos homossexuais ou não. Já durante a noite os estabelecimentos de consumo de diversão fortalecem aspectos identitários de grupos LGBT.

Além da diversidade de cinemas pornográficos e saunas da região, os estabelecimentos de bares também reproduzem processos de singularização, principalmente aqueles localizados na calçada do lado direito da Rua Vieira de Carvalho, quando estamos andando da Praça República ao Largo de Arouche: lá é palco da diferença onde homens gays de diferentes idades, classes e racialidades convivem com travestis, garotos de programa e homens não gays, mas propensos às práticas sexuais homossexuais. Também existem bares de calçada nos quais os processos de identidade são mais restritos e fixos,

principalmente nas sociabilidades noturnas, como é o caso dos bares na calçada da esquerda da Rua Vieira de Carvalho entre a praça da República e Rua Aurora, assim como estabelecimentos localizados na Rua Aurora, quase esquina com a Rua Vieira de Carvalho e aqueles também localizados em uma das esquinas dos Largo do Arouche e na própria Rua Vieira de Carvalho de frente a esse Largo. Notadamente, estão presentes homens de idade mediana a mais avançada, com razoável poder aquisitivo, muitos turistas gays e muitos deles são *bears*.

É notável nesses bares uma semelhança muito forte dos corpos presentes, mas também existem muitas possibilidades de diferenciação dos corpos, já estabelecidas pela própria cultura *bear*, como as relações entre homens *bears* mais velhos e garotos jovens, não necessariamente *bears*. As relações intergeracionais são muito evidentes nesses bares e representam formas de produção de autoimagem dos homens presentes, principalmente em círculos de amizade. Isso se dá sobretudo nos lugares de diversão noturnos. Além da configuração de encontros inusitados de diferenças em quadros de referência, tais bares são marcados pelo encontro de grupos de amigos e casais apaixonados, o que reforça os processos de referência das pessoas presentes e a partilha coletiva da identidade.

Essa região se configura mais como um quadro de referência para os encontros homoeróticos do que pelos processos de construção fixa de identidades LGBT. É lugar por excelência do câmbio homoerótico e da busca de práticas homossexuais nos quais diferentes sujeitos se encontram e, por esses, novas configurações de comportamento poderão acontecer, ou seja, processos de singularização. É claro que por entre os caminhos dessa região há lugares em que as paradas configuram o estabelecimento de uma identificação mais forte. Por outro lado, certos lugares dependem dos caminhos das "derivas", como os pontos de prostituição das travestis e dos garotos de programa na Praça da República.

Desse modo, quanto mais nos aproximamos da vivência desses sujeitos do e no Arouche, percebemos que a região do Arouche se desenvolve por diferentes identidades e, ao mesmo tempo, se compõe em outras tantas regiões baseadas nessas singularidades dos

sujeitos. É uma questão de escala e de onde estou situado para interpretação. Trata-se de uma região homoerótica quando nos afastamos um pouco das nossas experiências do Arouche, porque generalizamos um conjunto de identidades e singularidades dos sujeitos que lá estão e a desenvolvem. Mas, quando retomamos a nossa experiência de forma situada, sem afastamentos e privilegiando singularidades dos sujeitos e regiões (desenvolvida por diferentes referências homossexuais e heterossexuais), o que generalizamos sob o cunho de homoeróticos se esvai e desenvolvemos conhecimentos situados (Marandola Jr., 2018; Haraway, 1995) considerando os diferentes modos de ser homossexual no Arouche. Uma perspectiva estaria mais certa que a outra? Não! Mas é importante mantermos os pés no chão e os braços abertos para o Outro.

Por fim, foi na ânsia de nunca perdermos de vista a situação em que estivemos no Arouche (corporeidade, racialidade, sexualidade e as mais diversas influências culturais atinentes a cada um dos autores) que desenvolvemos este texto por meio de uma narrativa. Esta, como um recurso poético que permitiu a organização cronológica dos fatos e as argumentações teórico-metodológicas que contemplaram de forma vívida as situações que experienciamos no Arouche, sem destituir os nossos modos de ser e estar no mundo em benefício de uma perspectiva pretensamente neutra que desenvolve uma análise de sobrevoo e distante da alteridade que é o Outro. Com isso, pode-se ter a falsa impressão de que desenvolvemos este texto privilegiando um dos autores como narrador. Contudo, não foi esse o caso! Cada uma de suas linhas e entrelinhas é, de fato, a narrativa das experiências conjuntas que tivemos no Arouche.

Referências

BAUDRILLARD, J. *A transparência do mal*: ensaio sobre fenômenos extremos. Campinas: Papirus, 1996.

BERNARDES, A.; TURRA NETO, N. *O lugar dos sujeitos na pesquisa qualitativa em Geografia*. Porto Alegre: Compasso Lugar-Cultura, 2016.

COSTA, J. F. *A inocência e o vício*: estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.

DEBORD, G. Teoria da deriva. In: *Internationale Situationniste*. Disponível em: <http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio_Fani/flg0560/2010/Teoria_da_Deriva.pdf>. Acesso em: 10 set. 2018.

DEMO, P. *Charme da exclusão social*. Campinas: Autores Associados, 1998.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade*: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988. v.1.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978;

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica*: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2007.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos pagu*, Campinas, n.5, p.7-41, 1995.

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 2011.

LEFEBVRE, H. *La producción del espacio*. Madrid: Capitán Swing Libros, 2013.

MAGNANI, J. G. C. Os circuitos dos jovens urbanos. *Tempo Social (Rev. de Sociologia da USP)*, São Paulo, v.17, n.2, p.173-205, 2005.

MARANDOLA JUNIOR, E. Olhar encarnado, geografias em formas-de-vida. *GeoTextos*, Salvador, v.14, n.2, 2018.

PERLONGHER, N. *O negócio do michê*: a prostituição viril. São Paulo: Brasiliense, 1987.

RELPH, E. As bases fenomenológicas da geografia. *Revista Geografia*, Rio Claro, v.4, n.7, p.1-25, 1979.

ROSE, G. *Feminism and geography*: the limits of geographical knowledge. Cambridge: Polity Press, 1993.

SEEMANN, J. Estratégias pós-fenomenológicas para cartografar uma região: narrativas, mapeamentos e performance. *Geograficidade*, Niterói, v.3, n.2, 2013.

TUAN, Y.-F. *Espaço e lugar*: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

TURRA NETO, N.; BERNARDES, A. Relações de interface e centralidade de lazer noturno em Presidente Prudente – São Paulo. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, XIII, *Anais*... Rio de Janeiro: UERJ, 2013, p.1-29.

6
Diversão noturna e fragmentação socioespacial: o caso de Ribeirão Preto (SP)

Nécio Turra Neto

Carrego o peso da lua,
Três paixões mal curadas,
Um saara de páginas,
Essa infinita madrugada.
Viver de noite
Me fez senhor do fogo.
A vocês, eu deixo o sono.
O sonho, não.
Esse, eu carrego comigo.

Sirene, bares em chamas,
Carros se chocando,
A noite me chama,
A coisa escrita em sangue
Nas paredes das danceterias
E dos hospitais,
Os poemas incompletos
E o vermelho sempre verde dos sinais.

(*Paulo Leminski, 2013*)

Introdução

O poeta boêmio, que ao mesmo tempo sofre e sonha enquanto os outros dormem, figura como um ser superior, "senhor do fogo", diferente daqueles cuja experiência de vida limita-se ao dia, ao trabalho, à rotina. A noite é abertura para o encontro, o amor e o devaneio; e quem vive nesse universo é um ser de outra natureza, crítico em relação aos que de noite só têm sono, cansados da labuta diária, sujeitados à ordem. A noite, então, comporta algo de contracorrente, de idílico e de utópico.

Mas há também uma aura de caos que ronda a noite, de embriagues, de extremos que podem levar à morte. "O vermelho sempre verde dos sinais" revela certa ilusão que ronda a cabeça daqueles que se atiram na noite, como se não houvesse mais amanhã. Uma experiência visceral, ao mesmo tempo perigosa e intensa, que deve ser vivida toda de uma única vez, como parecem revelar as imagens dos bares em chamas e da "coisa escrita em sangue" nas danceterias.

Essas imagens da noite, que o poeta curitibano delineou, revelam parte significativa do imaginário que cerca o tempo social da noite e que informa, ainda hoje, políticas públicas de segurança, estratégias de cuidado de famílias e práticas sociais de consumidores de vida noturna, mesmo num momento histórico, sobretudo em cidades a partir de certo porte, em que o tempo da noite tem sido gradativamente conquistado por uma série de atividades comerciais e de serviços, que fazem dela também um tempo de vida pública, de trabalho e de consumo.

Neste texto, vamos trazer um debate sobre a relação entre o tempo da noite e a cidade, com enfoque sobre a oferta e o consumo de vida noturna, ou seja, sobre aquilo que tem se convencionado chamar na literatura de "economia da vida noturna" (Shaw, 2010; Góis, 2015), ou seja, não vamos abarcar todas as atividades noturnas, como aquelas ligadas a serviços médico-hospitalares, farmácias, postos de combustível e conveniências 24 horas, serviços de táxi ou mesmo de limpeza urbana, que envolvem trabalhadores e consumidores em seus fluxos e permanências no espaço urbano. Estamos interessados, mais especificamente, na noite enquanto tempo de diversão e festa,

enquanto experiências do tempo livre ligadas cada vez mais a uma oferta, para compreender, a partir dessa articulação, como nesse tempo social da noite a cidade tem sido produzida e consumida. Nossa proposta de pesquisa se aproxima daquela desenvolvida por Hollands e Chatterton (2003), que abordam a vida noturna como uma produção programada por uma nova economia urbana do entretenimento, num contexto de segmentação do mercado.

Com isso, estamos estabelecendo um recorte muito específico no amplo e complexo funcionamento da cidade à noite. E, por termos a perspectiva da complexidade, as imagens desenhadas pelo poeta não podem ser tomadas como uma "essência" do que seja a noite urbana, pois, tal como Góis (2015), preferimos encarar a vida noturna como diversificada e sem fronteiras rígidas que a separam da vida diurna.

O movimento que realizamos neste texto, de construção do tempo social da noite, mais especificamente da diversão noturna, como objeto de estudo, resulta de um longo e dialógico processo de pesquisa, que se desenrolou dentro de um projeto maior, intitulado "Lógicas Econômicas e Práticas Espaciais Contemporâneas: cidades médias e consumo",[1] cujo objetivo principal era reconhecer as transformações recentes pelas quais passavam algumas cidades médias, que as estariam conduzindo à ampliação das desigualdades socioespaciais e da segregação, a ponto de hoje falarmos mais apropriadamente de fragmentação socioespacial[2] (Sposito, 2011a).

---

1 Trata-se de uma pesquisa realizada no âmbito do GAsPERR e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), na modalidade de Projeto Temático, cujo foco empírico recai sobre as cidades de Presidente Prudente, Marília, São Carlos, São José do Rio Preto, Ribeirão Preto, no estado de São Paulo, e Londrina, no Paraná. Para uma explicação mais detalhada do movimento de construção desse tema como objeto de pesquisa, como uma das frentes de investigação do Projeto Temático, conferir Turra Neto (2017).

2 Para uma definição inicial, trazemos a seguinte citação de Sposito (2011b, p.142): "[...] para se compreender a realidade contemporânea [...] pode-se falar de um processo que não é mais apenas de segregação socioespacial, nela incluída as iniciativas de autossegregação. Trata-se de aprofundamento das desigualdades, negando as possibilidades de diálogo entre as diferenças, o que justifica a adoção da noção de fragmentação socioespacial [...]".

Nesse sentido, perguntamos: em que medida a oferta e as práticas espaciais ligadas à vida noturna participam do movimento mais amplo de produção do espaço urbano? Seu estudo poderia revelar nuanças da fragmentação socioespacial ou apresentaria uma outra cidade, cujas lógicas de produção e dinâmicas tenderiam a embaralhar as lógicas e dinâmicas predominantes na "cidade diurna"?

As primeiras evidências das pesquisas exploratórias nos levaram a elaborar estas perguntas, bem como as seguintes hipóteses:

> – as lógicas locacionais de estabelecimentos que oferecem diversão noturna seguem parâmetros semelhantes às lógicas locacionais de estabelecimentos que oferecem comércio e serviços durante o horário comercial, ou dos novos espaços de consumo, como hipermercados e shopping centers. Tendem a buscar coesão no espaço urbano, ou tendem a promovê-la, pela sua implantação seletiva e, ao fazê-lo, produzem áreas centrais com maior ou menor grau de centralidade, que pode variar da escala de bairros, até a escala regional;
> – como argumenta Margulis (1997), "à noite outra cidade emerge, cujo público é marcadamente juvenil e as práticas que impulsionam o movimento são aquelas ligadas a uma 'cultura da noite', que envolve diversão, festa, encontros e usos diversos do tempo livre" [...]. Contudo, essa outra cidade que emerge, tende a reforçar, em linhas gerais, aquela cidade produzida pelas lógicas contemporâneas de produção do espaço urbano, apontando, também na vida noturna, para as mesmas tendências de [...] fragmentação socioespacial ou, ao menos, apresentando os embates e contradições que resultam deste processo. (Turra Neto, 2014b, s.p.).

Essas questões e hipóteses orientaram então a pesquisa no conjunto das cidades estudadas no âmbito do projeto maior. Os procedimentos metodológicos foram variados e nem todos aplicados a cada uma das cidades, visto que estudadas em momentos diferentes e por diferentes pesquisadores, o que ao final acabou dificultando o trabalho comparativo e a visão do conjunto. Neste capítulo, vamos trabalhar apenas com a cidade de Ribeirão Preto (SP), a maior cidade

do conjunto, cuja complexidade do seu espaço urbano aponta para uma fragmentação socioespacial mais evidente, como foi verificado em várias das outras frentes do projeto temático.

Os dados que serão aqui analisados dizem respeito ao conjunto das entrevistas com donos e/ou funcionários de estabelecimentos de diversão noturna, consumidores/frequentadores das noites de Ribeirão Preto.[3] Nessa cidade foram privilegiados bares e casas noturnas,[4] identificados como representativos tanto da oferta de vida noturna que acontece no centro da cidade quanto daqueles considerados "mais luminosos". Por "mais luminosos" estamos chamando os estabelecimentos que têm maior visibilidade na vida noturna da cidade, auferida pela sua capacidade de atração de público, além de sua inserção nas redes sociais e em websites de divulgação/promoção

---

3 Foram entrevistados cinco representantes de estabelecimentos de diversão noturna e duas frequentadoras, algumas das quais realizadas pelo autor em parceria com Laila Zombine, por conta de sua pesquisa de iniciação científica, outras realizadas apenas pela estudante. As entrevistas foram categorizadas, considerando o próprio roteiro. Desse modo, para os representantes de estabelecimentos, as categorias mais relevantes que orientaram a seleção dos trechos das entrevistas foram: histórico do estabelecimento e motivações, perfil do público, características do estabelecimento, estratégias e dinâmica cotidiana, conexões empresariais, redes sociais, sobre a área da cidade (motivos para a escolha da localização e características da área), circuito da noite, perspectiva sobre a vida noturna da cidade, relação com jovens pobres e outros temas. As entrevistas com os frequentadores foram categorizadas da seguinte forma: trajetória pessoal, locais frequentados anteriormente, locais frequentados atualmente, relação entre centro e zonas norte e sul da cidade, dinâmica da noite da cidade, amigos e redes sociais, outras informações relevantes.

4 Também chamadas no senso comum de *baladas*, que aqui serão tratadas como sinônimos. Esses termos são entendidos como estabelecimentos voltados para a diversão noturna, com foco no público marcadamente juvenil. As principais atrações estão atreladas a própria estrutura, desenhada especialmente para a experiência de "balada", que é um formato de festa que se desenrola na noite/madrugada, com música em alto volume, iluminação especial (com *flashes, lasers* coloridos, globos de espelho etc.) e até mesmo o desenho arquitetônico que permita grandes eventos, com apresentações musicais, pista de dança etc. É uma modernização das danceterias das décadas de 1970, um modelo tanto de festa quanto de espaço de eventos que pode ser encontrado no mundo todo.

da vida noturna,[5] que se confirmaram como estabelecimentos que realizam investimentos profissionais em propaganda e que têm se constituído em referência de diversão à escala da cidade como um todo e mesmo da sua região de influência – ou seja, estabelecimentos implicados na produção e reorganização da centralidade urbana.

Diante disso, é importante fazermos algumas ressalvas:

- Aquilo que buscamos identificar nas cidades em termos de oferta de vida noturna não tem a pretensão de abarcar a totalidade da oferta de vida noturna, mas tão somente daquela que, pelo seu modo de implantação na cidade, coloca-se de forma coesa a outros estabelecimentos de mesma natureza, aproveitando de economias externas de aglomeração e reforçando a centralidade de certas áreas, ou daquela que, sozinha, tem o poder de gerar centralidade, por representar forte atratividade à escala da cidade e da região. Nesse sentido, muita da oferta de diversão noturna dispersa em bares, restaurantes e eventos esporádicos e das periferias pobres ficaram de fora do estudo.
- Do mesmo modo, do ponto de vista das práticas espaciais dos citadinos, nosso foco recai sobre aqueles sujeitos implicados no consumo desta oferta "mais luminosa", que responde

---

5 A primeira aproximação com a dinâmica da vida noturna de cada cidade foi por meio da Internet, considerando a rede social do Facebook, bem como sites de divulgação das atividades culturais e de entretenimento nas cidades. A partir desse contato inicial, produzia-se o primeiro mapeamento da oferta e se realizava um trabalho de campo para confirmar a existência dos estabelecimentos e para a implantação de outros no mapa, que não estavam visíveis pelas redes sociais e sites. Nesse primeiro trabalho de campo, já eram realizadas entrevistas com representantes dos estabelecimentos previamente identificados. Posteriormente, os trabalhos de campo já tinham foco mais direcionado para estabelecimentos representativos da noite da cidade e de certas áreas em que havia alguma concentração. Nesses se realizavam entrevistas com representantes dos estabelecimentos, entrevistas com frequentadores, além da aplicação de uma enquete com frequentadores. Todos os dados produzidos encontram-se disponibilizados na Plataforma de Gerenciamento de Informação, criada no âmbito do Projeto Temático e estão disponíveis para todos os pesquisadores e pesquisadoras envolvidos.

aos seus apelos e que aceita fazer parte do jogo de representações e elaborações discursivas e identitárias que são ali encenados. Não trabalhamos, portanto, com todo o público que sai à noite nas cidades.

- Os dados aqui analisados foram produzidos entre os anos 2014 e 2016. Essa informação é relevante pois estamos trabalhando, conforme desenvolveremos mais adiante, com um ramo da economia caracterizado pela volatilidade dos investimentos, cujo retorno é programado para acontecer em no máximo dois anos. Ou seja, é muito comum os estabelecimentos que oferecem diversão noturna terem vida muito curta, o que faz com que os dados produzidos se tornem obsoletos em pouco tempo e tenham pouco poder de revelar a dinâmica da cidade para além daquele momento histórico. Representam, contudo, lógicas que se repetem ao longo do tempo.

No que segue, primeiro vamos apresentar a conformação do fenômeno como objeto de estudo e os recortes teóricos que estabelecemos para circunscrevê-lo, notadamente a relação entre juventudes, culturas juvenis e cultura da noite, a conquista da noite na cidade e a relação dos espaços luminosos com a multiplicação de áreas centrais e a tendência à fragmentação socioespacial. Depois apresentaremos o caso da dinâmica da vida noturna de Ribeirão Preto, abordando a sua estruturação urbana e situando a oferta de vida noturna no contexto de uma cidade com aumento das disparidades socioespaciais, a partir dos dados produzidos pela pesquisa empírica. Por fim, fazemos um apanhado das principais questões que julgamos pertinente aprofundar, articulando o referencial teórico e os dados da pesquisa, apresentando algumas conclusões, mas também inferências e novas questões de pesquisa.

Trajetórias constituidoras do fenômeno da economia da vida noturna

Temos então, três pontos a tratar:

A noite é dos jovens

O primeiro ponto que gostaríamos de evidenciar, pois tem significativo peso nas análises que empreendemos, é que a "cultura da noite" tem um inegável corte geracional (Margulis, 1997; Hollands; Chatterton, 2003), ou seja, ainda que não exclusivamente, mas certamente de forma preponderante, o público que vive e consome diversão noturna é caracteristicamente juvenil. Quando adentramos alguns dos bares e restaurantes pesquisados em Ribeirão Preto, é evidente que deparamos com diferentes gerações coexistindo no mesmo local. Há casais com crianças, casais e grupos de meia idade, casais jovens e grupos especificamente de jovens – entre agrupamentos mistos ou específicos de certo gênero.[6] Um dos fatores que demarcam a diferença da relação que cada um desses perfis estabelece com a dinâmica da noite das cidades é o que eles vão fazer depois, madrugada adentro: se seus trajetos se orientam para a casa e o descanso, ou se são orientados para o circuito mais amplo da oferta de diversão noturna,[7] que envolve outros bares e casas noturnas, cuja proposta e o público são mais especificamente juvenis.[8]

---

6 Podemos citar, a título de exemplo, em Ribeirão Preto, o Bar Paddock, no centro tradicional, que possui um amplo cardápio, que satisfaz tanto o público do *happy hour* quanto famílias que querem sair para jantar e ouvir música no final de semana. O bar conta, inclusive, com *espaço kids* (cf. Zombine, 2017). Essa constatação foi reforçada pela pesquisa nas demais cidades estudadas no âmbito do Projeto Temático.

7 A ideia de circuito (de diversão noturna) nos vem sobretudo de Magnani (2010), para quem a ideia de circuito remete a uma visão do conjunto da cidade e das conexões entre diferentes áreas que oferecem diversão noturna. Nas palavras do autor: "[...] trata-se de uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial; ele é reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais" (Magnani, 2010, p.18)

8 Trata-se de bares e casas noturnas com uma proposta de serem "baladas", cujo funcionamento se estende até 4 ou 5 horas da manhã e cujo público pode permanecer a noite toda, sem precisar ir para outros locais, ou pode chegar ali mais tarde, vindo de outros estabelecimentos, de modo que estes bares tanto podem ser parte de um circuito mais amplo, quanto serem um "estabelecimento total"

É, portanto, justamente o público juvenil que tomamos como referência para nossas análises, visto que reconhecemos uma íntima relação entre a experiência da juventude e o espaço, tanto como produção de espaços pelas suas práticas espaciais, quanto pela produção de espaços voltados a esse público, por agentes econômicos que se reproduzem pela exploração desse nicho de mercado. Em ambos os casos, temos: i. a afirmação de que as juventudes participam da estruturação do espaço urbano e, portanto, são sujeitos sociais que interessam à Geografia e mais especificamente à Geografia Urbana e Cultural; ii. a circunscrição do foco de análise àqueles sujeitos jovens que estão na verdade confirmando a intencionalidade dos agentes hegemônicos no campo da diversão noturna. Nossa análise, portanto, não irá abordar agrupamentos juvenis que, participando da dinâmica da vida noturna da cidade, estão mais em contraponto às normas, barreiras e símbolos contidos e colocados em circulação nestes espaços de oferta de vida noturna.

Por envolver vivência em grupos de semelhantes, do contrário dificilmente se poderia pensar em uma experiência plena da condição juvenil, juventude é um conceito sociológico que tem no seu âmago uma dimensão espacial, pois esta vivência demanda espaço como condição de existência, ao mesmo tempo produz espaço ao acontecer. Como argumenta Robinson (2009), é praticando o espaço que os jovens têm seu espaço de ação definido. As práticas geram espaços, ao passo que esses contêm, formatam e permitem as práticas.[9]

(com oferta de bebida, comida, música e diversão que adentra a madrugada). Um exemplo em Ribeirão é o bar Vila Dionísio – um bar estilo PUB Irlandês, especializado em música rock.

9 Para uma reflexão mais aprofundada sobre juventudes e sua relação com o espaço, bem como sobre a ideia de espaço subjacente a esse argumento, conferir Turra Neto (2015a, 2015b). Nesses textos, buscamos geografizar o conceito sociológico de juventude, bem como apresentar uma ideia de espaço bastante inspirada nos trabalhos de Doreen Massey, que permite pensar os jovens como sujeitos que participam da sua produção.

Culturas juvenis e mercado de diversão noturna

Um segundo ponto que precisamos abordar, para melhor circunscrever o objeto de estudo que construímos, diz respeito ao processo histórico pelo qual foi se estabelecendo a articulação entre culturas juvenis e mercado da diversão noturna, trazendo para a cidade novos conteúdos e fazendo que o espaço urbano também seja estruturado por este conjunto de relações que se dão no campo da diversão e no tempo da noite.

Se considerarmos as pesquisas sobre as práticas, os espaços e tempos de sociabilidade juvenil de diferentes gerações, que realizamos em outros momentos (Turra Neto, 2012, 2014a), veremos que nas cidades que estudamos anteriormente,[10] até os anos 1970, não havia espaços e tempos de sociabilidade e encontro que fossem especificamente juvenis. Os passeios, as poucas festas que pontuavam o cotidiano, ligadas à igreja ou aos clubes sociais, eram espaços/tempos de toda a família e quando a família se retirava da cena pública, levava a moça consigo, pois não era socialmente permitido às "moças de família" participarem de práticas de interação social desacompanhadas, sob pena de ficarem mal faladas.

Foi a partir dos anos 1970 que identificamos a emergência de uma oferta de vida noturna, caracterizada por bares e casas noturnas, especificamente juvenil, que conquistou o final de semana, especialmente a sexta e o sábado à noite, como tempo privilegiado para o encontro, a diversão e a festa. Espaços e tempos nos quais a família e a igreja já não tinham centralidade, organizados a partir de então segundo referências culturais recém-difundidas pelos meios de comunicação de massa, especialmente a TV que passou a ter maior inserção no cotidiano das cidades brasileiras no período.[11]

---

10 Foram estudadas as cidades de Guarapuava, no Paraná (2012) e Presidente Prudente, em São Paulo (2014).

11 Os trabalhos de Comas Arnou (2000) e Pallarés e Feixa (2000) apontam esse processo para o caso de cidades espanholas, em que a indústria do ócio veio oferecer um modelo de diversão para as juventudes urbanas, com um formato preestabelecido, mediado pelo consumo, regido por agentes (os proprietários),

Conquista da noite na cidade e centros de vida noturna

O terceiro ponto que precisamos abordar para compor nosso objeto de estudo tem relação com o movimento histórico de conquista do tempo da noite na cidade e sua relação com a estruturação do espaço urbano. Como nos apresenta Góis (2015) e Alves (2010), a literatura sobre o tema é bastante vasta e são muitas as perspectivas de abordagem. Aqui vale a pena destacar o fato de que, apesar de a noite nunca ter sido um tempo completamente vazio na história das cidades, foi somente a partir da invenção da eletricidade que as atividades urbanas se difundiram para além do período diurno, adentrando a noite.

Como argumenta Paquot (2000), a modernidade é elétrica – uma tecnologia que, aliada à vontade política, foi capaz de transformar a noite em dia nas cidades. Trata-se de uma mudança de tal monta que Challéat (2011) a qualifica como uma verdadeira poluição. Para esse último autor, a iluminação urbana é a antítese da noite e, de certa forma, vem domesticar esse tempo-espaço, retirando dele um pouco da sua aura de mistério, de subversão e medo, o que dá à iluminação também uma função política de controle, sob o manto do discurso da segurança. Desde então, a iluminação tem uma participação crescente na fabricação da vida urbana e da própria cidade, na medida em que tanto está envolvida na criação de uma atmosfera que envolve os lugares quanto na valorização diferencial dos locais da cidade (Challéat, 2011).

E essa é uma questão que nos interessa particularmente, pois remete à produção de centros de vida noturna, já que os espaços da cidade não são igualmente iluminados e quanto mais iluminação, seja pública, nas ruas, praças e prédios públicos, seja privada, relacionada a estabelecimentos que desenvolvem atividades econômicas

---

que controlam a dinâmica e os graus de "liberdade" e/ou espontaneidade, suprimindo até mesmo o aspecto contestatório, outrora associado à algumas práticas de diversão juvenil. Para maiores informações sobre o processo de consolidação da indústria cultura no Brasil, ver Ortiz (1988).

à noite, maior o poder de visibilidade e, portanto, de atração, que essas áreas exercem sobre o conjunto da cidade à noite.

Nessa direção, Góis (2015) e Alves (2010) argumentam que desde a difusão da iluminação elétrica, uma verdadeira "vida pública noturna" passou a existir na cidade. Houve um movimento temporal de expansão das práticas sociais e atividades econômicas noite adentro, dinamizando as relações nessa temporalidade do espaço urbano. Assim, alguns locais da cidade ganharam notoriedade e sobre eles se estabeleceram valores e representações, a exemplo da emergência de centros de vida noturna, locais de grande visibilidade pública, altamente iluminados – certamente também submetidos aos "regimes de visibilidade" e controles diurnos –, o que evidencia que a vida noturna é altamente seletiva, diferenciando espaços luminosos de espaços opacos.[12]

O tema das áreas centrais e da produção da centralidade intraurbana é o que nos permite articular a "economia urbana do entretenimento" (Hollands; Chatterton, 2003) ao contexto mais amplo de reestruturação recente das cidades, de modo a reconhecer o papel da economia da vida noturna nos processos de fragmentação socioespacial, identificados como tendência hegemônica nas cidades estudadas pelo Projeto Temático Fapesp. E, por isso, o tema exige um pouco mais de atenção.

A formação de áreas centrais e a dinâmica das centralidades são temas caros aos estudos urbanos em geral, e à Geografia Urbana em particular, contando com uma vasta tradição e ampla bibliografia (Whitacker, 2017). Nos limites do texto, seremos mais sucintos e traremos uma definição que seja ao mesmo tempo objetiva e operacional às análises que pretendemos empreender.

Nesse sentido, entendemos por centro a área da cidade em que se concentram comércio e serviços (Sposito, 2001). Essa área, produzida pelo processo espacial de centralização (Corrêa, 1989), tende a

12 Metáfora empregada por Milton Santos e que, nesse contexto, parece fazer muito sentido. No capítulo 1, Marcos Paulo Ferreira de Góis, ao discutir a hierarquização dos espaços urbanos à noite, leva essa ideia de Milton Santos mais além.

gerar e orientar fluxos, cuja escala confere o grau de centralidade da área, que pode variar do bairro, passando pela cidade e mesmo chegar à escala global. Desse modo, "[...] não há centro sem que se revele sua centralidade, assim como essa centralidade não se expressa sem que uma concentração se estruture. Se o centro se revela pelo que se localiza no território, a centralidade é desvelada pelo que se movimenta [...]" (Sposito, 2001, p.238). A centralidade, portanto, é um atributo do centro, uma condição do que é central (Whitacker, 2017).

Para Barata-Salgueiro (2012), o centro pode ser analisado a partir de três dimensões: a geométrica, a funcional e a simbólica. A primeira remete aos efeitos de distância no contexto da cidade, mas sobretudo à acessibilidade da área, à rapidez do deslocamento até ela, a articulação com modais de transporte público e à facilidade de estacionamento. A dimensão funcional remete ao seu conteúdo propriamente dito, àquelas funções que têm poder de atração de fluxos, em busca do que elas oferecem. Enquanto a dimensão simbólica se refere aos sentidos que são atribuídos à área pelo conjunto da sociedade, bem como ao movimento de produção desses sentidos, materializado em arquitetura, desenho urbano, monumentos que demarcam usos simbólicos do espaço. O centro seria, então, a área em que essas dimensões se realizam de forma mais acentuada, diferenciando-a e destacando-a do conjunto da cidade.

Ainda que a combinação dessas três dimensões numa área produza uma raridade dentro das cidades, ou seja, uma única área central que é referência para o seu conjunto, como lembra Sposito (2001), a urbanização da segunda metade do século XX é marcada pelo processo de multiplicação de áreas centrais, resultando em processos que reestruturam a centralidade intraurbana e fazem com que os fluxos sejam agora multidirecionais. Para a autora, essa dinâmica produz dois processos correlatos: a *descentralização* e a *recentralização*, que ocorrem em razão de duas ordens de fatores: o surgimento de novas atividades comerciais e de serviços fora da área central e a relocalização de atividades tradicionalmente centrais em outros espaços da cidade, seja estendendo o centro, seja estabelecendo uma nova centralidade longe dali (Sposito, 2001). Nesse movimento,

temos a produção de uma cidade mais complexa, em que a situação de monocentralidade é suplantada por uma poli(multi)centralidade – uma estrutura espacial não só com vários centros, mas com centros diferentes entre si (Whitacker, 2017), seja na sua dimensão funcional, seja na escala da sua centralidade.[13]

Para esse último autor, o próprio centro tradicional (ou consolidado) não permanece ileso ao movimento de redefinição da centralidade. Ele se transforma tanto pela criação de novas formas com novos conteúdos quanto por novas funções que ocupam e remodelam as formas preexistentes, de modo que esse centro passa a expressar variados conteúdos de centralidade (Whitacker, 2017).

Para fecharmos essa questão e antes de adentrarmos o caso estudado, um último ponto precisa ainda ser abordado, qual seja, os desdobramentos da multiplicação de áreas centrais no contexto de cidades brasileiras marcadas por profundas desigualdades socioespaciais. Tema que foi foco de reflexão de Dal Pozzo (2015), Sposito (2011a, 2011b), Sposito e Góes (2013), dentre outros, para quem a configuração de uma poli(multi)centralidade, como parte de um movimento mais amplo de reestruturação da cidade, tem sido meio e condição para a fragmentação socioespacial, pois alia-se agora à segregação socioespacial, que apartava as diferentes classes sociais segundo locais de moradia, também a possibilidade de essas diferenças não mais coexistirem nas mesmas áreas centrais e de consumo, visto que não há mais uma única área central articuladora de todo o espaço urbano, para onde convergiriam todos os fluxos. As diferentes áreas centrais podem tanto circunscrever a vida social de bairros inteiros, quanto serem referência para segmentos específicos de renda.

Em outros termos, a estrutura urbana poli(multi)cêntrica, articulada a outros processos espaciais contemporâneos, como a dispersão

13 Sposito (2012, p.46) sugere que "[...] para compreender as transformações e permanências dos centros urbanos das cidades, é preciso trabalhar com a articulação entre escalas, relacionando diversos planos, desde o nível de sistemas urbanos, passando pelas redes e aglomerações urbanas, até os mais imediatos, ou seja, os espaços das cidades, todos eles, em alguma medida, articulados com a escala internacional".

urbana, a ampliação da mobilidade (como necessidade e como possibilidade) e o maior acirramento da segregação socioespacial, seja distanciando as diferentes classes de renda, seja separando-as por uma série de mecanismos de evitação, dos quais os espaços residenciais fechados são paradigmáticos, tem produzido uma cidade mais desigual, de modo que o conceito de segregação socioespacial já não expressa completamente a atual complexidade do espaço urbano. Para esses autores, estamos presenciando processos que são já de fragmentação socioespacial, no plano territorial e social e político.

Os estudos que exploram esse tema e que têm trazido o debate para pensar os processos de reestruturação contemporâneos de cidades médias – uma vez que na origem do conceito de fragmentação socioespacial está a referência a espaços metropolitanos (Prevôt-Shapira; Pineda, 2008) –, como os que acabamos de citar, normalmente, adotam como referência empírica a dinâmica urbana que podemos qualificar como "diurna", ou seja, que se refere à oferta de bens e serviços que acontece no horário comercial consagrado, entre 8 e 18 horas, ou aos novos espaços de consumo, que estendem esse horário até 23 horas o mais tardar, como os shopping centers e hipermercados. Desse modo, pensamos haver um amplo campo a descoberto pelas análises, ou seja, a dinâmica urbana de cidades que têm caminhado para terem, cada vez mais, oferta de bens e serviços durante as 24 horas do dia, o que até bem pouco tempo atrás (o que é difícil precisar aqui) era uma realidade só encontrada nas grandes cidades. Nesse campo, nosso foco recai, conforme já explicitamos, sobre as atividades ligadas à oferta e consumo de diversão noturna, em sintonia com a reflexão sobre a tendência de fragmentação socioespacial nos processos recentes de reestruturação de cidades médias. Com isso, pretendemos identificar, em Ribeirão Preto, em que medida as escolhas locacionais, os processos espaciais que orientam a ação dos agentes econômicos, bem como as práticas dos citadinos articuladas a essa oferta participam da tendência à fragmentação socioespacial, seja confirmando-a, seja negando-a.

Dinâmica da vida noturna em Ribeirão Preto

A cidade de Ribeirão Preto (Figura 1), assim como as demais cidades estudadas no Projeto Temático, pertence à formação socioespacial conhecida como complexo cafeeiro, ou seja, cidades e respectivas redes urbanas, cuja origem e desenvolvimento estão intimamente ligadas à marcha de expansão do café – pelo binômio café-ferrovia –, incorporando a porção oeste do território paulista e a porção norte do estado do Paraná (Sposito, 2011a).[14] Em ambos os estados brasileiros, essa incorporação de novas áreas à principal atividade econômica do Brasil, entre fins do século XIX e início do século XX, deu origem e/ou impulsionou o desenvolvimento de núcleos urbanos articulados em rede, formando a mais densa e interconectada rede urbana do Brasil. Sua dinâmica conferiu a primazia para o estado de São Paulo e para a metrópole paulistana, no movimento mais amplo de articulação do território brasileiro, no contexto de formação da economia nacional (Santos, 2003).

De acordo com o IBGE Cidades,[15] Ribeirão Preto, em 2018, tinha a população estimada em 694.534 habitantes e, como cidade média, exerce influência direta sobre um conjunto amplo de cidades próximas, e os dados da *Região de Influência das* Cidades do IBGE (Regic – 2007)[16] a classificam como "Capital Regional B".[17] Isso faz que o mercado consumidor que se articula em torno da oferta de comércio e serviços implantados em Ribeirão Preto seja amplo, estimada a área de influência do município, que abrange 2.439.516 pessoas (cf. Regic, 2007, p.118). Conforme salienta Zombine (2017, p.14), Ribeirão Preto apresentou "[...] o décimo maior PIB do estado

14 A cidade de Ribeirão Preto foi fundada no ano de 1856.

15 Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/ribeirao-preto/panorama>. Acesso em: mar. 2019.

16 Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=240677>. Acesso em: mar. 2019

17 Segundo a Regic, Capital Regional é uma cidade na hierarquia urbana "com capacidade de gestão no nível imediatamente inferior ao das metrópoles, têm área de influência de âmbito regional, sendo referidas como destino, para um conjunto de atividades, por grande número de municípios" (IBGE, 2008, p.11).

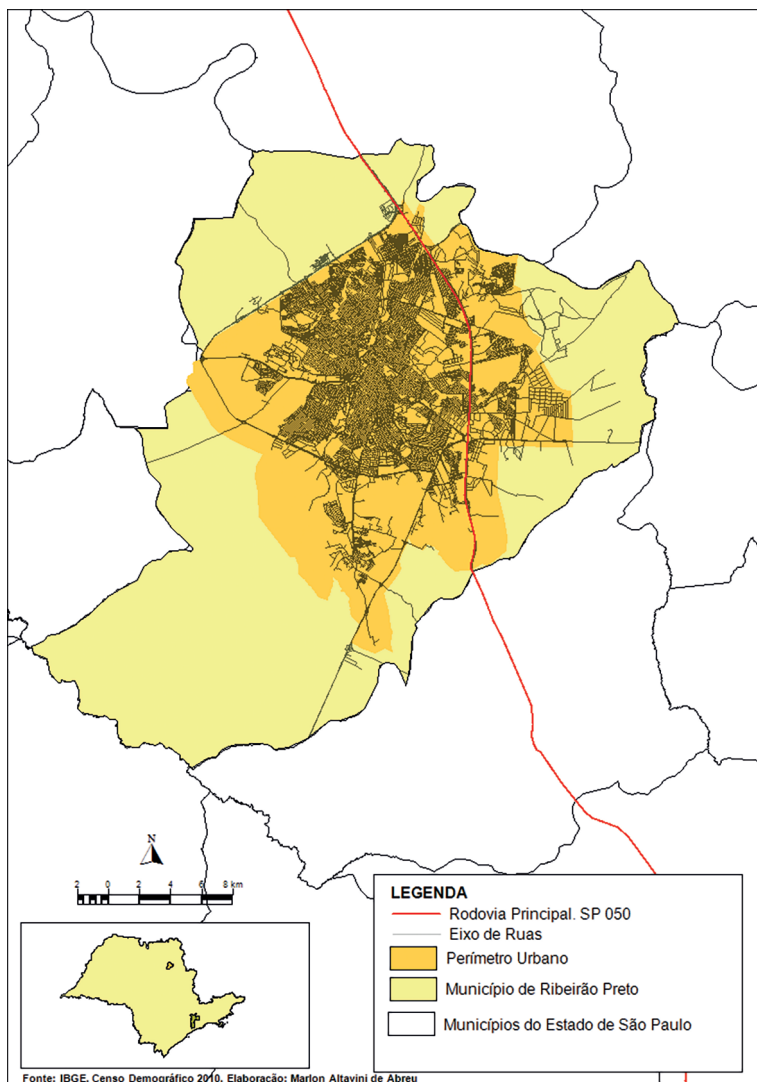
[de São Paulo] e vigésimo oitavo maior no país [...] do ano de 2012. É também um centro universitário importante no estado de São Paulo [...] com mais de 18 universidades entre públicas e particulares [...]".

Para os propósitos deste texto e dado o que é possível ser desenvolvido nos limites que lhe cabem, não vamos traçar um panorama histórico de desenvolvimento e expansão urbana desta cidade.[18] Interessa-nos apenas afirmar que desde os seus primeiros tempos, foi se configurando uma polarização entre os setores norte e sul, cuja divisão se acentuava pela presença da linha férrea, como uma espécie de barreira espacial.

Como argumentam Dal Pozzo (2015) e Zombine (2017), os setores mais privilegiados da sociedade de Ribeirão Preto tenderam a se concentrar no centro da cidade e se expandir em direção ao sul, com a abertura de novos loteamentos, largas avenidas e, mais recentemente, a descentralização de comércio e serviços em busca desse público consumidor, estabelecendo outras áreas centrais, com forte característica de segmentação do mercado consumidor, na zona sul. A esse movimento, agregou-se a partir dos anos 1990 a implantação de *shopping centers* e de espaços residenciais fechados de alto padrão na porção sul da cidade. Enquanto na porção norte, como lembra Dal Pozzo (2015), concentravam-se os conjuntos habitacionais populares e as áreas de periferia pobre. O mapa da Figura 2 sintetiza bem essa estruturação bipartida e o seu reforço nos primeiros anos do século XXI. Quando comparamos as imagens, percebemos uma tendência ao deslocamento e concentração de população de mais alta renda no setor sul da cidade.

---

18 Para maiores detalhes, consultar os trabalhos de Dal Pozzo (2015) e Zombine (2017), ambas as pesquisas foram realizadas no âmbito do Projeto Temático Fapesp, apresentado na nota 1, e o trabalho de Zombine sob nossa orientação.

Figura 1 – Situação Geográfica da Cidade de Ribeirão Preto.

Fonte: Abreu (2014, p.31).[19]

---

19 Pesquisa de mestrado realizada no âmbito do Projeto Temático Fapesp, apresentado na nota 1.

Gomes (2009, apud Zombine, 2017) afirma que a zona sul de Ribeirão Preto é uma construção histórica que foi se constituindo num "sonho de consumo" para grande parte dos habitantes da cidade, marcada por grande seletividade e homogeneidade socioeconômica.

Três Avenidas servem como eixo de conexão dessa área ao centro da cidade, a Avenida Independência (a mais importante delas) e as avenidas Presidente Vargas e Caramuru. Dos bares/baladas e casas noturnas pesquisadas, todas se localizavam entre as avenidas Independência e Caramuru, mais especificamente em uma área conhecida como Boulevard, logo ao sul da Avenida Nove de Julho, ainda que na área a concentração de estabelecimentos seja bastante grande.

Segundo podemos constatar pelo texto de Micheli (2017), das vinte baladas extintas em Ribeirão Preto, que marcaram época, instaladas desde 1980 até início dos anos 2010, vemos uma predominância da localização nas avenidas Nove de Julho, Treze de Maio e Presidente Vargas, já apontando uma tendência de concentração no entorno do centro tradicional. Essas informações corroboram com a ideia de que

> [...] aqui é muito de época. Nós viemos aqui pra Ribeirão em oitenta e oito. Aí era a Treze de Maio, então era tudo barzinho na Treze de Maio, era o que funcionava. Ai depois foi pra Nove de Julho. Aí outro período foi a Nove de Julho. E agora que foi pra zona sul. Mas assim, é uma região tá, concentrado numa região, já ampliou bastante, antes eram em avenidas, alguns pontos da avenida. Já teve a época da Presidente Vargas também, e agora que foi pra zona sul. E aqui no centro nós sobrevivemos... (Proprietário do Bar Padoock, localizado no centro de Ribeirão Preto)

No ano 2014, quando a pesquisa em Ribeirão Preto foi concluída, tínhamos a configuração da oferta que foi registrada no mapa da Figura 3. Ainda que alguns estabelecimentos da cidade possam ter ficado de fora desse levantamento, colocamos no mapa aqueles com

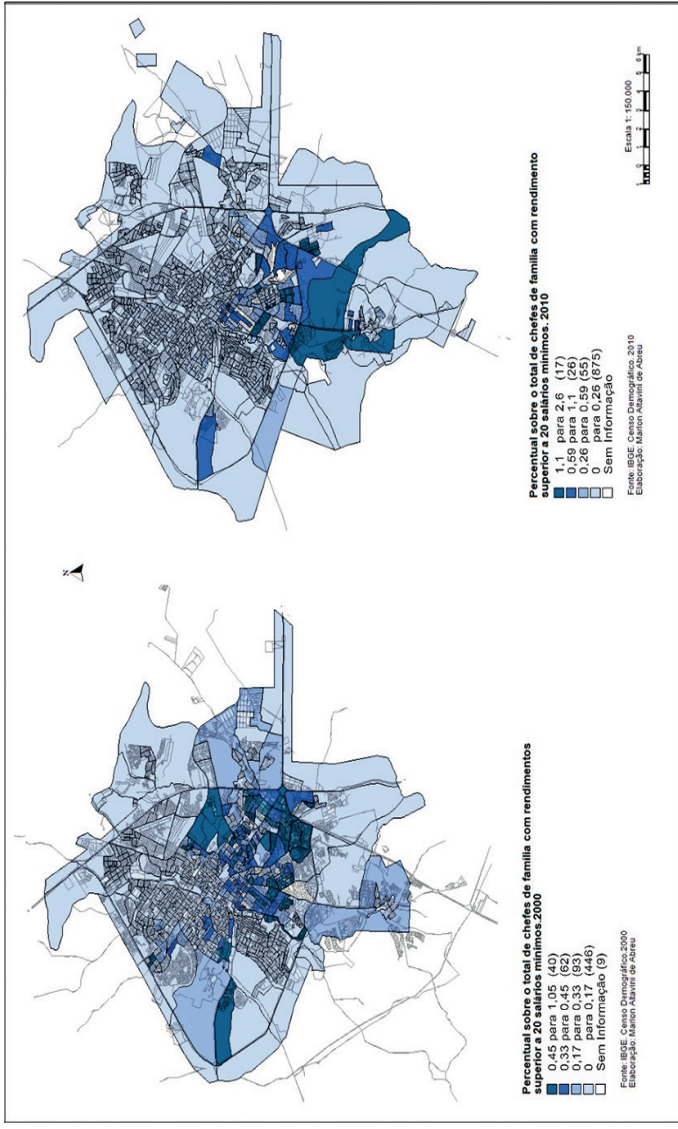
maior destaque,[20] confirmados pelas conversas informais com trabalhadores da noite e entrevistas com donos de estabelecimentos e frequentadores. Esse mapeamento nos ofereceu uma forte evidência empírica de deslocamento da diversão noturna do centro tradicional para a zona sul, promovendo ali um novo processo de centralização a ponto de gerar uma área central de diversão noturna na cidade. Tal evidência teve um grande peso no delineamento das hipóteses anteriormente apresentadas, especialmente quando comparamos este mapeamento com aquele realizado por Abreu (2016) e apresentado no mapa da Figura 2.

Entre os cinco sócios ou gerentes de estabelecimentos de Ribeirão Preto entrevistados, estão: dois bares do centro da cidade (Paddock e Empório Brasília); e duas casas noturnas (Sky Room e Kiss&Fly) e um bar/balada, estilo PUB (Vila Dionísio) na zona sul – certamente os estabelecimentos que eram fortes referências de diversão noturna nesta nova área central da cidade.

Ainda que seja difícil generalizar a partir desses poucos casos, os estabelecimentos estudados nos oferecem pistas importantes para pensarmos tanto o movimento de reestruturação da cidade, quanto a participação da vida noturna no processo de fragmentação socioespacial em curso.

Os dois bares do centro se destacam por serem estabelecimentos já consolidados na noite de Ribeirão Preto. O Paddock, como desdobramento de um estabelecimento menor, existe como tal desde pelo menos o ano 2000. Enquanto o Empório Brasília existe há mais de 40 anos, primeiro como um bar ligado a um minimercado, depois como um "boteco elitizado", como classificou seu proprietário. Ambos derivam de empresas familiares, sem sócios, e que foram se firmando aos poucos, num contexto em que a diversão noturna de Ribeirão

20 O leitor deve perceber que o mapa da Figura 3 não representa toda a cidade de Ribeirão Preto, mas traz um zoom no centro e zona sul, evidenciando que a oferta mais luminosa de vida noturna está justamente nessa porção da cidade. Como dissemos, isso não significa que não haja oferta em outras áreas, como a zona norte, mas esta oferta não goza da mesma coesão espacial, centralidade e visibilidade que aquela que aparece no mapa.

Figura 2 – Distribuição dos chefes de família com rendimentos superiores a vinte salários-mínimos, em 2000 e 2010.

Fonte: Abreu (2016, p.87).

Preto estava concentrada no centro principal. Ambos também se ressentem das mudanças recentes na centralidade da vida noturna da cidade, com a emergência e consolidação da zona sul.

Como afirmou o proprietário do Empório Brasília, quando havia casas noturnas no centro, havia uma relação de complementariedade entre elas e seu estabelecimento, pois era comum os clientes passarem por ali, antes da balada. O proprietário do Paddock foi mais enfático, ao afirmar que "[...] um cara assim de sã consciência não investiria isso [que ele está investindo] num bar no centro da cidade". Para ele, permanecer no centro e ainda realizar investimentos em ampliação do negócio, como ele fazia à época da pesquisa, era estar na contramão do atual movimento da vida noturna da cidade, com estabelecimentos fechando no centro e reabrindo com outro formato na zona sul.

Ambos se localizam numa porção do centro principal considerada "nobre", na proximidade de edifícios residenciais de médio a alto padrão, "[...] se você andar uns três quarteirões pra lá (em direção ao ribeirão que dá nome à cidade) já não tem condição...", afirmou o proprietário do Paddock. Ocupam esquinas de cruzamentos importantes do centro tradicional da cidade, usando o passeio público como uma extensão de seus estabelecimentos, com mesas e cadeiras para acomodar seus clientes.

Segundo depoimento do proprietário do Paddock, o ribeirão-pretano tem fama de "gostar de mesa na calçada e cerveja gelada", o que amenizaria o desconforto térmico provocado pelo intenso calor das noites de verão.[21] Além disso, esses dois estabelecimentos também têm em comum o fato de atenderem a um público socialmente diversificado, desde grupos de jovens adultos solteiros até grupos familiares, com indivíduos mais velhos e até mesmo com crianças. O

21 Curiosamente, os trabalhos de campo de observação e reconhecimento da oferta de diversão noturna em Ribeirão Preto revelaram que na zona sul predominam bares não só voltados a um público de maiores ingressos, mas que também já não aderem à essa tradição de mesas na calçada. São bares com uma separação clara com a rua, ainda que mantenham o contato visual, pelas amplas janelas e mesmo pela varanda aberta. Seguranças na porta, controlando o acesso, também são presença comum.

Paddock, inclusive, criou um "Espaço *Kids*", pensando na demanda de um espaço dedicado às crianças, para que os adultos possam se sociabilizar no ambiente e as crianças em outro, com brinquedos e segurança do espaço privado.

Por isso, esses dois estabelecimentos são, ao mesmo tempo: a) os principais locais de diversão noturna para alguns consumidores; b) parte de um circuito de diversão noturna mais amplo. No segundo caso, fazem parte de uma "etapa preparatória" (os chamados "esquentas") para uma parcela do público, que inicia suas noites nesses bares, associando comida e bebida, antes de rumar para as baladas da cidade, na zona sul. O Paddock funciona até por volta da 1 hora da manhã, enquanto o Empório Brasília fica até um pouco mais tarde.

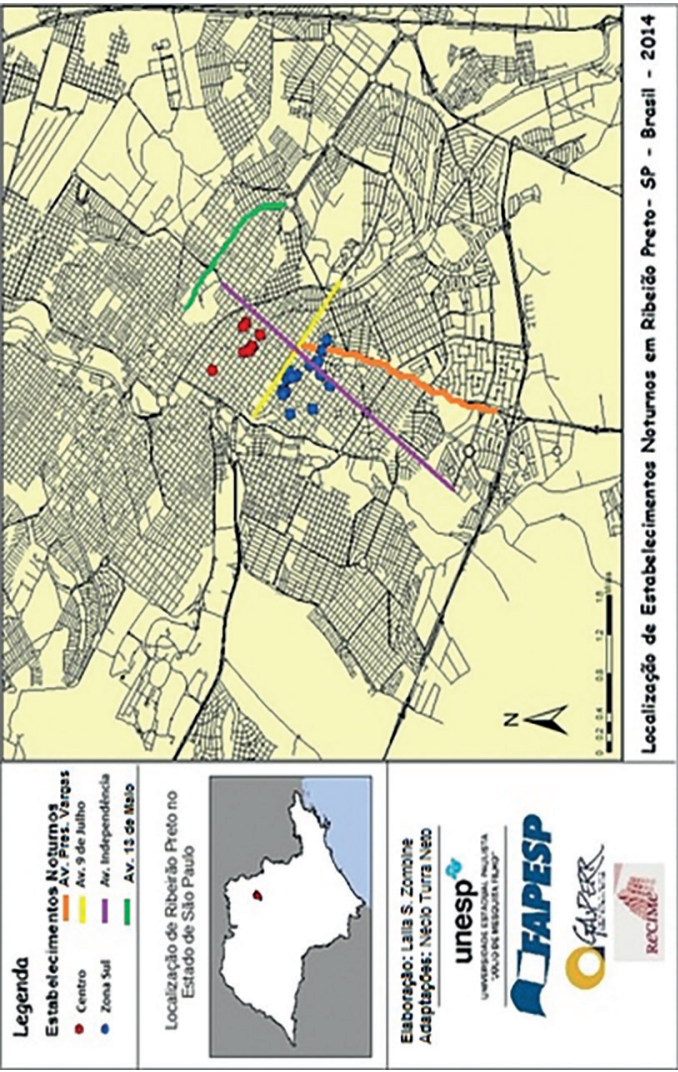
Por outro lado, os estabelecimentos pesquisados na zona sul de Ribeirão Preto têm como característica comum o fato de serem empreendimentos bastante recentes na cidade. O mais velho deles, Vila Dionísio, data de 2008, os outros dois (Sky Room e Kiss&Fly) não possuíam sequer três anos, no momento da pesquisa.[22]

Outro ponto em comum entre esses três estabelecimentos é o fato de serem empresas que já atuavam no setor de diversão noturna em outras cidades[23] e terem realizado cuidadosa pesquisa de mercado, para orientarem seus investimentos em direção à Ribeirão Preto. Pesquisas que indicaram tanto que Ribeirão Preto era um centro

---

22 Ambas as casas noturnas já se encontravam fechadas quando da conclusão deste texto, no ano 2019, o que indica a volatilidade do investimento nesse ramo da economia. De acordo com o Sebrae-SP, 27% das empresas de diversão noturna abertas em 2010 fecharam antes de completar um ano (Lombardi, 2011a).

23 O proprietário da Sky Room iniciou em 2002, com um bar em Poços de Caldas. Ele possuía também uma empresa de *marketing*. Fez pesquisa de mercado no interior de São Paulo e viu que Ribeirão Preto apresentava potencial (a pesquisa também indicou o local da cidade que as pessoas têm como referência para vida noturna). Fez um investimento de 4 milhões de reais. Patenteou a marca. O sócio do estabelecimento Vila Dionísio informou que a casa é resultado de uma sociedade de cinco investidores, que iniciaram suas atividades na cidade de São José do Rio Preto, em 2004. Em 2008 abriram a filial em Ribeirão. Kiss&Fly é uma franquia de Nova York, fundada em Ribeirão Preto por uma articulação de onze sócios, alguns dos quais já trabalhavam com diversão noturna na capital paulista, segundo nos relatou a gerente do estabelecimento.

Figura 3 – Localização dos principais estabelecimentos de diversão noturna em Ribeirão Preto – 2014.

Fonte: Zombine (2017, p.58).

consumidor importante,[24] quanto para decidirem pela área em que iriam se instalar. A zona sul foi uma escolha intencional dos três estabelecimentos estudados, pois congregava alguns dos requisitos que acreditavam fundamentais para o sucesso do investimento: a área que já possuía reconhecimento como centro de vida noturna na cidade; presença de importantes avenidas que conectavam esse centro às áreas residenciais de prestígio social; portanto, proximidade em relação ao público para o qual se orientava a oferta.

Para o sócio do Vila Dionísio, não havia a intenção de instalar o bar em outra área da cidade, que não fosse na zona sul. Os sócios ficaram um ano procurando o imóvel ideal, até que encontraram uma casa que havia sido um *buffet*, muito próximo à Avenida Independência. Na mesma direção, o proprietário da Sky Room afirmou que:

> [...] tem uma denominação que a gente fala no mercado, que é os *clusters,* a região do *Boulevard* se tornou um *cluster*: vários segmentos da mesma área num determinado local. E claro, através da nossa pesquisa, eles falam muito de avenidas, foi quando a gente teve oportunidade, surgiu um ponto, a zona sul aqui [...], é um lugar também nobre, acaba favorecendo o mercado nosso e isso daí acaba contribuindo pra ter um sucesso a mais.

Também a gerente da Kiss&Fly afirmou que os sócios "[...] escolheram aqui porque realmente é um ponto. É totalmente favorável porque todo mundo que sai, o primeiro lugar de avenida aqui em

24 Na pesquisa de mercado da Sky Room, chamou a atenção o poder de consumo da cidade e, principalmente, da região. "Ribeirão Preto o que fortalece a Sky, não é setecentos mil, oitocentos mil habitantes da cidade, é os dois milhões e meio, três milhões de pessoas que tem em volta. E isso daí fortalece o mercado, mas o mercado mesmo sendo fortalecido ele é pra poucos, porque não adianta inflar o mercado que ninguém ganha, e se vem aventureiro atrapalha a gente no mercado um pouco, e quebra". O sócio do Vila Dionísio afirmou que identificaram em Ribeirão a existência de 24 instituições de ensino superior, que era o grosso do público que queriam atingir com a proposta do bar – um PUB estilo irlandês, com variedade de cervejas e especializado em música rock.

Ribeirão que eles passam é na Independência, e aqui era um lugar [o prédio] que tava abandonado há muito tempo[...]".[25]

O que o empresário da noite chama de *clusters* ("aglomerados", em tradução literal do inglês) se aproxima da ideia de coesão ou magnetismo funcional de Correa (1989), pois se referem aos processos espaciais de coesão e centralização, em que estabelecimentos de mesmo tipo buscam estarem próximos uns dos outros para gerarem e/ou buscarem uma centralidade na cidade que, sozinhos, talvez não tivessem força de criar. Aproveitaram de um movimento já preexistente e, ao mesmo tempo, o reforçaram. Como lembra o sócio do Vila Dionísio, desde que se instalaram na área, viram outros estabelecimentos serem abertos nas imediações, desde restaurantes japoneses até casas noturnas especializadas no público LGBTQIA+.

Dal Pozzo (2015) já havia identificado nessa porção da cidade de Ribeirão Preto, conhecida como *Boulevard*, uma expansão da área central do centro tradicional, pela contiguidade que estabelece em relação a ele. Entretanto, se consolidou como uma área marcada pela oferta segmentada de bens e serviços voltados ao público de maiores rendimentos da cidade e região, ilustrado pela presença de *boutiques* e lojas de grifes. Nesse sentido, o que vemos a partir da oferta de vida noturna na zona sul de Ribeirão não é tanto a emergência de uma área central noturna "a partir do nada", mas a expansão temporal da centralidade de uma área que já é central durante o dia. Esse processo também aconteceu no centro tradicional, em que os bares, desde o *happy hour*, contribuem para que a centralidade da área conquiste também fatias do tempo noturno. Como argumentou Whitacker (2015), são vários conteúdos de centralidade que se manifestam nas mesmas áreas centrais, sobrepondo-se centralidades e fluxos de distintas naturezas, que convergem para a mesma área central.

25 Ligada a questão da volatilidade do investimento, foi muito comum encontrarmos nas cidades pesquisadas estruturas de casas noturnas abandonadas que recebiam novos investimentos, mudanças na fachada e passavam a abrigar a mais recente novidade na vida noturna das cidades. Os investimentos não eram tanto na compra do imóvel, mas no seu aluguel e na sua reforma.

É importante chamarmos a atenção também para o fato de que todos esses estabelecimentos se apropriam de estruturas já preexistentes e as remodelam, segundo o formato da empresa – seja ela individual, seja da rede ou da franquia – trazendo novos conteúdos para velhas formas urbanas. Além disso, passam a se colocar no mercado como uma inovação, como uma modernidade que chega à cidade e que a coloca em sintonia com o que há de melhor nos grandes centros urbanos.

Nos levantamentos do grupo de sócios do Vila Dionísio, o sócio nos informou que fizeram muita pesquisa de mercado em São Paulo, para ver o que estava acontecendo na capital. Também o proprietário da Sky Room se vangloria de ter sua casa noturna entre as seis principais casas do Brasil e que seu público tem a sensação de estar em outro país no interior de seu estabelecimento. A Kiss&Fly, mais explicitamente, como franquia norte-americana, traz os mesmos formatos de música e decoração da matriz e daquelas casas da marca já instaladas em outros grandes centros.[26] Essa característica do capital que realiza o investimento na vida noturna de Ribeirão Preto aproxima nossos achados empíricos do movimento identificado nas cidades inglesas por Hollands e Chatterton (2003), dos *pubcos* (empresas do ramo da diversão noturna, que possuem redes de bares e franquias), mas apenas como uma tendência ainda tímida, embora

26 Numa postagem de um trabalhador da noite, na sua página pessoal do Facebook, em 2013, se pode ler: "Uma das boates mais badaladas de Nova York, a Kiss & Fly, terá uma unidade inaugurada em Ribeirão Preto [...]". O investimento realizado foi da ordem de 3 milhões de reais, segundo esse mesmo post. (Disponível em: <https://www.facebook.com/kelvin.fernando.716/activity/549236458448572>). De acordo com Lombardi (2011a, 2011b), a Kiss and Fly, que na cidade de São Paulo se localiza no prédio da Daslu, pertence a um grupo empresarial de entretenimento, chamado A Life Entertainment Group – "empresa de capital fechado, de *private equity* [...], foca[do] no público A, com casas modernas e luxuosas" (Lombardi, 2011a). O grupo é formado por quatro gestores e setenta investidores e, no ano 2011, o faturamento médio anual era de 75 milhões. Entre os planos do Grupo, nesse ano, estava a expansão dos negócios, para capitais como Rio de Janeiro e Belo Horizonte, além de cidades com até 500 mil habitantes [como é o caso de Ribeirão Preto].

não sem importância para a transformação da centralidade na cidade de Ribeirão Preto.

Nas entrevistas com donos, sócios ou representantes dos estabelecimentos de diversão noturna, também foram feitas questões sobre o perfil do público, sobre as mudanças de público ao longo da semana e mesmo ao longo dos anos. As respostas apontam para diferenças entre o centro e a zona sul, que revelam um pouco mais dos desdobramentos dos processos de reestruturação da cidade em curso e de segmentação do mercado consumidor.

Os bares do centro ofereceram uma visão de mais longa duração. O Empório Brasília, cuja configuração atual remonta aos anos 1970, segundo seu proprietário, teve uma mudança de público ao longo dos seus mais de 40 anos, passando de exclusivamente masculino, para um público mais diversificado, principalmente famílias. Durante a semana, funciona mais para *happy hour*. Final de semana, sábado, começa para o almoço, com feijoada, e funciona noite adentro. Atende público de todas as classes sociais e público gay. Já o Paddock é um bar que atendeu sempre o público de *happy hour*, com uma média de idade de 40 anos. Com as reformas mais recentes do bar, as famílias passaram a ser frequentadoras constantes. Sempre oferece música ao vivo, aos finais de semana. E percebe uma variação no perfil do público ao longo dos dias, sendo que aos sábados, por oferecer samba raiz, acredita que recebe um público mais popular, em que há maior mistura de classes de renda. Seu projeto, no momento da entrevista, era fazer uma pequena balada aos domingos, entre 19 e 23 horas, com DJ, com vistas a atrair o público jovem da zona sul.

Ambos os bares se colocam no mercado como tendo um diferencial em sofisticação e qualidade de produtos e atendimento. Como o dono do Empório Brasília o definiu, trata-se de um "boteco elitizado", ou como argumentou o proprietário do Paddock, quando se instalou, na área só havia botecos. Alguns botecos ainda existem, mas não um bar assim como o Paddock: "bem frequentado", "confiável nos produtos, no atendimento". As observações realizadas em ambos os estabelecimentos confirmam essa orientação, pois deparamos com um público que portava no corpo as marcas de distinção

social, expressas pelos tons da pele, grifes de roupas, sapatos e acessórios, e mesmo nos aparelhos celulares (muitos de última geração). Ainda assim, em nenhum momento da entrevista os donos desses dois estabelecimentos do centro foram categóricos em afirmar seu foco em algum estrato de renda específico.

Entre os estabelecimentos da zona sul, apenas o Vila Dionísio não afirmou uma orientação para um público de nível de renda específico, dada a própria proposta do bar que é ter uma identidade musical ligada ao rock.[27] Um aspecto interessante da entrevista foi sua percepção quanto à rotatividade do público. Segundo ele, são poucos os clientes que vêm desde o começo do bar em Ribeirão, seja porque se casam, têm filhos, seja porque vão embora da cidade (depois que terminam os estudos), o que vincula a frequentação da vida noturna ao elemento geracional (e aos cursos de vida).

Por outro lado, as duas grandes casas noturnas (Kiss&Fly e Sky Room) foram explícitas ao afirmarem que o propósito era atender a um público das camadas de renda A e B. Segundo o proprietário da Sky Room, no momento da pesquisa, sua casa atendia um público diversificado, justamente porque não conseguiu se sustentar com um único público. Os projetos da casa, as promoções e a diversidade de propostas musicais ao longo da semana tinham como objetivo "pegar" públicos diferenciados. Contudo, quando se instalou em Ribeirão Preto, o foco era o público de mais altos rendimentos. Inclusive, afirmou que, no começo, havia forte estratégia de seleção do público, já na portaria,[28] pelo valor dos ingressos cobrados: "Eu

---

27 Apesar disso, reconhece que não se trata de um estabelecimento popular, ao comparar aquilo que observa de oferta de diversão noturna na zona sul de Ribeirão Preto: "[...] na região que a gente se encontra aqui tem bastante coisas, tem coisa mais classe AB, tem coisa classe C. Se for na Independência mesmo, que é a avenida, fica umas quatro quadras pra baixo, [...] tem um bar que eu olho pra ele, eu acho que ele não combina com nada, inclusive o público que frequenta é mais simples [...]".

28 O trabalho de Pereira (2016), cuja dissertação, sob nossa orientação, faz parte também do Projeto Temático apresentado na nota 1, em sua descrição sobre a dinâmica de quatro casas noturnas na cidade de Londrina (PR), apresenta as estratégias de barrar a entrada de consumidores que não se enquadravam

cheguei aqui 'canetando' o povo, botando mata burro na porta, 'ah não, você quer entrar é setenta reais, oh homem é cento e sessenta, consome cem'". Contudo, na sua avaliação, "[...] o cliente AA ele é o primeiro a te deixar na mão, porque qualquer feriado, qualquer folga, ele tem dois mil, três mil, cinco mil reais e toda semana tá indo torrar. Nosso público mais fiel é o cara que vem aqui só pra gastar o seus cenzinho, cento e cinquenta, todo final de semana [...]".[29]

Para a gerente da Kiss&Fly, o público sempre foi o mesmo desde o começo. "Tem a questão também de valores entendeu? Porque, querendo ou não, as boates aqui agregam um valor maior de produtos, de bilheteria, de tudo. Então, querendo ou não, o pessoal que sai aqui já é um público... que é o público que a gente sempre teve, que é o público A e AB." Contudo, "[...] mesmo você selecionando ao máximo, você fazendo..., mas vem...", ou seja, há sempre aqueles sujeitos que, apesar de não pertencerem aos estratos de renda almejados pelas casas noturnas estão dispostos a realizarem um investimento (mesmo que não seja todos os finais de semana), para consumirem esta oferta.

Um exemplo significativo nos foi dado pelo proprietário do Paddock, ao afirmar que as meninas que trabalham na lotérica [também de sua propriedade, em frente ao bar] não se incomodam em gastar tudo que ganham para sair e frequentar os locais mais badalados da cidade, mesmo porque, podem "arrumar um *cara* [homem] pra pagar". Como passaremos a expor, nossas entrevistadas, frequentadoras da noite de Ribeirão Preto, apresentam as mesmas

---

no padrão social desejado pela casa. Como relata um de seus entrevistados, segurança de uma casa noturna: "A maioria dos seguranças dá uma desculpa, do tipo: 'a festa é particular, só entra com nome na lista!'. Aí a pessoa discute, fica te enchendo o saco... Eu não sou uma pessoa muito paciente. Eu já falava: 'Parceiro, não entra!!! É um estabelecimento fechado, é um clube só para sócios, você não preenche os requisitos para entrar na casa e você não vai entrar'" (Pereira, 2016, p.184).

29 A faixa etária do público da Sky Room está entre 23 e 33 anos. Universitários representam cerca de 30% dos frequentadores, segundo nos informou seu proprietário.

práticas espaciais de cruzar as invisíveis fronteiras da fragmentação socioespacial.

Em Ribeirão Preto, as duas frequentadoras entrevistadas tinham em comum o fato de estarem solteiras e desimpedidas, saídas de relacionamentos estáveis recentemente. Relataram que no momento do compromisso saíam pouco ou frequentavam lugares diferentes daqueles que passaram a frequentar quando voltaram a ser solteiras. As baladas incluem-se nessa segunda situação. A Entrevistada 1 mora num bairro afastado na zona norte (noroeste da cidade), enquanto a Entrevistada 2 reside num bairro da zona sul,[30] ambas pertencem ao mesmo estrato de renda intermediário e possuem renda auferida pelo seu próprio emprego.

Nossa Entrevistada 1 afirmou: "Eu moro longe, eu não moro na Zona Sul, mas eu frequento, mas assim aqui é afastado, não é bairro ruim, mas é bem afastado da cidade. E aqui da minha rua quem vai nesses lugares é eu, a D., minha vizinha, e acho que só. O resto eu sei que tem muita festinha em casa de um, aí ficam bebendo na calçada, ou vão nos bares que tem aqui [no bairro], só quando tem evento grande, tipo show...".

Segundo ela, "Eu não tenho condição de ficar bancando lugar caro, mas também não vou nos mais baixos [baratos]. Eu não vou por causa do tipo de seleção de pessoas e porque não faz o meu estilo. Vamos dizer assim, não é minha praia". "[...] eu não sei nem dizer o nome dos lugares mais baixos".

Como se pode perceber, nossa Entrevistada 1 apresenta certo "preconceito de classe" ao comparar a oferta de diversão noturna da zona norte e sul. Para ela, a zona norte não tem a concentração que tem na zona sul. Lá "é mais espalhado", ou seja, não apresenta a mesma coesão espacial da oferta que se identifica na zona sul. "Tem, mas é assim, é mais rampeiro mesmo, eu não sei te falar porque eu

---

30 Entrevistada 1: residente no Jardim Procópio; auxiliar administrativa, em clínica estética no shopping center; superior incompleto; vive numa casa com mais duas pessoas (da família); renda declarada entre 6 e 8 mil reais. Entrevistada 2: residente no Jardim Irajá; administradora; superior completo; mora sozinha; média de renda mensal 2.500 mil reais.

não vou, mas tem *Os Caipiras,* não chega a ser tão rampeiro mas eu não frequentaria." É "mais povão". Prefere lugares mais "TOP", "mais selecionados", pelas pessoas, pela música, pelo que acontece ali. As baladas, inclusive as LGBTQIA+, ficam todas na zona sul. "É, tudo pra esses lados, da *Sky Room*, tem a *Sky Room*, tem a *Kiss*...".

Para ela, o pessoal da zona norte:

> [...] não vêm na Zona Sul, porque têm medo, vergonha, não se encaixa, não têm grana pra bancar, se sente um peixe fora d'água. E quando eles vão, não tem o pessoal mais rico. Quando tem evento de funk por exemplo, eles vão, e o pessoal com grana sai fora, mas em casas como a *Kiss*... Lá na *Sky,* mesmo com funk, o público ainda tem grana, porque a entrada continua a mesma, eu acho. Mas também não é qualquer povo, é um pessoal mais simples, mas não é os manos, nem as piriguetes, igual tem no *Porcada 77*,[31] por exemplo... (Entrevistada 1)

Frequentando esses espaços mais elitizados da cidade, nossa Entrevistada 1 procura se controlar nos gastos. Tem já estipulado o que pode e o que não pode consumir, bem como a quantidade. E para poder frequentar esses lugares, ou come em casa, antes de sair, ou quando come na rua, vai em algum lanche, depois da balada.

Já a Entrevistada 2 afirmou que frequenta o Paddock no centro durante os dias da semana, no *happy hour*. Aos finais de semana ela se dirige para a zona sul. Nesse sentido, também fez um balanço da oferta de vida noturna nas diferentes áreas da cidade. Sobre a zona norte, afirmou:

> [...] eu particularmente gosto de sertanejo, então a gente ia bastante assim, tipo sexta a gente ia no Sampa,[32] mas assim há muito tempo,

31 Como aparece na página do estabelecimento no Facebook, o Porcada 77 se define como "a balada sertaneja mais tradicional de Ribeirão Preto. *Open bar* completo com 13 tipos de bebidas". Localiza-se na zona norte da cidade.

32 Outra balada de música sertaneja localizada na zona norte da cidade. Em Ribeirão parece haver também uma distinção social em relação à música. Muito

e era totalmente diferente. Eu nunca tive problema lá. Assim, é um pessoal mais simples, então, se você não gostar de sertanejo, você não fica lá, que o pessoal não é muito bonito, tem que ir pela música mesmo. Dá de tudo, você encontra sim gente da alta sociedade de Ribeirão lá, mas a maioria é um pessoal mais simples... (Entrevistada 2)

Afora essas casas noturnas, não sabe de bares badalados na zona norte onde predominam, segundo ela, estabelecimentos menores, sem muitos atrativos. Para ela, o público da periferia de Ribeirão Preto frequenta muito os eventos e esses são mais esporádicos.

Duas questões mais especificamente chamam nossa atenção nessas falas: a) a forte percepção das nossas entrevistadas em relação aos diferentes públicos segundo os estabelecimentos e locais da cidade, ou segundo dias da semana nas casas noturnas da zona sul; b) o fato de realizarem um alto investimento, em relação aos seus rendimentos, para acessarem a oferta de diversão noturna da zona sul da cidade, onde está o público com quem querem se identificar, pelo menos no plano simbólico, até porque há uma recusa em frequentar os locais onde predominam pessoas da sua própria classe ou de classe de renda inferior. Ambas as questões nos revelam certa dinâmica de distinção social presente na vida noturna, o que profundaremos a seguir.[33]

---

sutilmente, os representantes dos estabelecimentos de diversão noturna, no centro e zona sul, fizeram questão de demarcar uma distinção entre o tipo de música que predomina em seus estabelecimentos e a música sertaneja, que é de gosto popular na cidade. Também nas casas Kissy&Fly e Sky Room, quando se faz programação com música funk e hip hop, estes estilos são para atrair outro tipo de público para a casa e, normalmente, são colocados em dias em que o movimento seria baixo, como quarta ou quinta feira, por exemplo.

33 Quando olhamos para as enquetes aplicadas por Zombine (2017), das 23 que foram aplicadas na casa Noturna Kiss&Fly, a grande maioria é de bairros da própria da zona sul e do centro, os bairros periféricos não apresentaram muita relevância. Enquanto na casa noturna Sky Room, dos bairros citados pelos onze respondentes, há predominância considerável (de mais de 90%) de moradores da zona sul. Vale ressaltar aqui que, por vezes, os respondentes não dizem o nome do bairro em si, mas do espaço residencial fechado – condomínio – onde moram.

Centralidade e fragmentação socioespacial na vida noturna de Ribeirão Preto: conclusões, inferências e novas hipóteses

Primeiramente, vale remarcar a coincidência entre o que Hollands e Chatterton (2003) viram no Reino Unido e o que identificamos em Ribeirão Preto, resultado não somente da identidade temática, mas também da difusão dos mesmos formatos de diversão à escala global:

- a difusão de marcas e de ambientes temáticos, como o PUB irlandês;
- uma oferta voltada a jovens adultos;
- a ligação dessa oferta com a elaboração de distinções sociais – a vida noturna sendo usada para distinguir e, portanto, trata-se de uma oferta que também exclui, o que se confirma, sobretudo, pelo preço dos ingressos;
- uma oferta "higienizada", padronizada, com forte dose de previsibilidade para seus frequentadores – uma garantia de que nada vai sair da ordem do esperado, oferecida, inclusive, pela presença, as vezes ostensiva, de seguranças privados –, que cria a ilusão de oásis de riqueza, de seletividade, de segurança;
- a racionalização crescente dos investimentos, calculados com base em pesquisas de mercado consumidor e da dinâmica do próprio mercado da vida noturna.

Pelo que conseguimos produzir de informações sobre a dinâmica da vida noturna em Ribeirão Preto no tempo e no espaço, podemos perceber o quanto o centro tradicional conheceu uma mudança de conteúdo a partir do início do novo século, com uma migração gradativa da novíssima oferta, primeiro para o limite sul da área central, depois estendendo-se para o Boulevard, conformando ali uma nova área central de diversão noturna.

Em ambos os casos, no centro e na zona sul, a oferta de vida noturna se dá estendendo a centralidade de áreas já densamente comerciais para além do período diurno, noite adentro e, especialmente aos finais

de semana, fazendo com que essa centralidade perdure até a manhã do próximo dia, evidenciando o que Sposito (2001) denominou de "centralidade cambiante" – que migra ao longo do dia, acompanhando o movimento temporal da oferta concentrada em certas áreas.

A contiguidade entre o centro tradicional e o Boulevard indica uma expansão do centro. Ao mesmo tempo, a significativa presença de lojas de grife e boutiques, indica que se trata de um conteúdo voltado ao um segmento de renda específico.

Assim, do ponto de vista da oferta de vida noturna, claramente identificamos na zona sul a pretensão dos investidores de ocuparem uma área de prestígio social, consolidada com as marcas da distinção que ao longo do tempo foram ali se fixando: área de expansão mais recente, com novos formatos de urbanismo, as largas avenidas, novas formas comerciais e novos habitats urbanos. A novíssima oferta de vida noturna se deu na área capitalizando também esses signos. Tal dinâmica da oferta vem confirmar nossas hipóteses iniciais, evidenciando que, de fato, a oferta da diversão noturna participa da produção mais ampla do espaço urbano, reforçando as tendências hegemônicas de fragmentação socioespacial, em que o novo se implanta considerando e reforçando as segmentações sociais.

Do ponto de vista das práticas espaciais, contudo, as evidências que conseguimos produzir, ainda que poucas, permitem relativizar essa intencionalidade da oferta. Para tanto, apresentamos uma conclusão e uma inferência: a conclusão é de que, de fato, as fronteiras são cruzadas e há diversas estratégias para isso – como as credenciais de classe de que fala Ramos (2017),[34] para quem certos sujeitos sociais possuem alguns facilitadores para acessar espaços que são de uma classe de renda superior – como as jovens de bairro mais pobres que seguem o padrão de beleza e os códigos de vestimenta destes espaços; a inferência, que emerge aqui como uma nova hipótese para pesquisas futuras, é que a fragmentação socioespacial nunca é um processo total, mas que é colocado em xeque por práticas espaciais de sujeitos

34 A tese de Ramos (2017) também foi desenvolvida no âmbito do Projeto Temático Fapesp – nota 1 – e contou com nossa orientação.

que se recusam a não participar do "espetáculo do consumo" em áreas centrais voltadas a classes de renda as quais não pertencem. Se ela é um processo total talvez seja para aquela parcela da sociedade para quem há uma maior coincidência entre locais de moradia, as novas e distintivas áreas centrais e suas práticas espaciais, em sintonia e confirmando a intencionalidade dos agentes econômicos – como pudemos ver pelas enquetes entre frequentadores das duas casas noturnas que já não mais existem nos dias de hoje (Kiss&Fly e Sky Room), em que a grande maioria dos respondentes são moradores da própria zona sul, com destaque para os espaços residenciais fechados.

De todo modo, as duas jovens frequentadoras da vida noturna de Ribeirão Preto, ao mesmo tempo embaralham as lógicas da oferta e a confirmam, uma vez que suas escolham têm forte relação com a seletividade do público das casas noturnas, expresso em termos como "gente bonita", "bem-vestida" em contraponto ao "povão", ao "rampeiro", aos "manos" e às "piriguetes", frequentadores dos lugares "mais baixos".

Impossível não lembrar aqui de Bourdieu (1990), quando afirma que as classes sociais precisam ser politicamente construídas e que este trabalho passa pelo jogo das distinções sociais. De certo modo, as distinções produzidas à noite reforçam o trabalho político de produzir as classes sociais, pois ao mesmo tempo que as casas noturnas e bares permitem a reunião de pessoas que estão próximas no espaço social, oferecem contraste com os outros dos quais se deve distinguir. Todo um sistema de classificação se coloca em ação. Afinal, na noite também se vende *status*, como também constatou Pereira (2016), o que não é necessariamente uma novidade. Talvez o que seja novo é o fato de que esse *status* pode ser performatizado por sujeitos de classes sociais subalternas.

Outra questão relevante para compor esse quadro que estamos desenhando, com múltiplos desdobramentos, é a evidente vinculação da dinâmica da vida noturna com a cultura de massa. Como identificamos nas cidades de Presidente Prudente (SP) e Guarapuava (PR), desde pelo menos a década de 1970, ocorreu uma mudança na dinâmica da sociabilidade juvenil, com a difusão de

novos aparatos da comunicação de massa e formatos de diversão em sintonia com a indústria cultural (Turra Neto, 2012, 2014a). Esse vínculo nunca mais deixou de existir, o que faz que os espaços mais luminosos da cidade à noite sejam também os espaços de realização mais plena da cultura global de massa, como elaborou Diógenes (1998). Espaços em que as novas gerações de jovens são sociabilizadas na ampla cultura de consumo (Castro, 2004).

Essa característica, somada ao fato de que a oferta de diversão noturna é predominantemente direcionada ao público juvenil talvez ajude a explicar por que esse é um investimento bastante volátil. Primeiramente, porque o público envelhece e, seguindo seu curso de vida, tende a deixar de consumir essa oferta (tal como constatado pelo sócio do Vila Dionísio e tal como demonstrou a trajetória biográfica de nossas entrevistadas – quando em relacionamentos estáveis deixaram de frequentar as casas noturnas), o que leva a uma alta rotatividade do público, com o tempo. Segundo, porque as modas e os formatos de diversão envelhecem com seu público. Dessa forma, há a necessidade de estar permanentemente "antenado" não só às últimas tendências do mercado, da indústria cultural, mas também aos gostos das novas gerações, que não param de afluir como consumidores da vida noturna.

Referências

ABREU, M. A. de. *Diferenciando o espaço e produzindo cidades*: lógicas e agentes da produção do espaço urbano em Ribeirão Preto/SP e Londrina/PR. Presidente Prudente, 2014, 171fl. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

_______. Diferenciando o espaço e produzindo cidades: lógicas e agentes da produção do espaço urbano nas cidades de Ribeirão Preto/SP e Londrina/PR. *GeoTextos*, v.12, n.1, p.77– 104, jul. 2016.

ALVES, T. *Geografia da Noite*: conhecer, compreender e repensar os territórios. Lisboa: CEG – Centro de Estudos Geográficos. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2010.

BARATA-SALGUEIRO, T. Do centro às centralidades múltiplas. In: FERNANDES, J. A. V. R.; SPOSITO, M. E. B. (Org.) *A nova vida do velho centro nas cidades portuguesas e brasileiras*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto/Cegot, 2012. p.13-29.

BOURDIEU, P. Espaço social e poder simbólico. In: ___. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p.149-68.

CASTRO, L. R. de. *A aventura urbana*: crianças e jovens no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.

CHALLÉAT, S. La nuit, une nouvelle question pour la géographie. *Bulletin de l'Association de Géographes Français*, v.88, n.2, p.183-96, 2011.

COMAS, D. A. Agobio y normalidad: una mirada critica sobre el sector "ocio juvenil" en La España actual. *Estudios de Juventud,* n.50/00, p.9-22, 2000.

CORRÊA, R. L. *O espaço urbano*. São Paulo: Ática, 1989.

DAL POZZO, C. F. *Fragmentação socioespacial em cidades médias paulistas*: os territórios do consumo segmentado de Ribeirão Preto e Presidente Prudente. Presidente Prudente, 2015, 400fl. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

DIÓGENES, G. *Cartografias da cultura e da violência*: gangues, galeras e movimento hip hop. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e do Desporto, 1998.

GÓIS, M. P. F. de. *Paisagens noturnas cariocas*: formas e práticas da noite na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015, 332fl. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

HOLLANDS, R.; CHATTERTON, P. Producing nightlife in the new urban entertainment economy: corporatization, branding and Market segmentation. *International Journal of Urban and Regional Research*, v.27.2, p.361-85, jun. 2003.

IBGE. *Região de influência das cidades – REGIC – 2007*. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv40677.pdf>. Acesso em: março 2019.

_______. Cidades. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: março 2019.

LEMINSKI, P. *Toda poesia*. São Paulo: Cia. das Letras, 2013.

LOMBARDI, M. Jovens deixam carreira em grandes empresas para investir em entretenimento. *Do UOL Economia*, em São Paulo 21.9.2011a. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2011/09/21/

jovens-deixam-carreira-em-grandes-empresas-para-investir-em-entretenimento.htm>. Acesso em: ago. 2018.

_______. Bares e casas noturnas: veja riscos e vantagens de investir num negócio. *Do UOL Economia*, em São Paulo 21.9.2011b. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2011/09/21/bares-e--casas-noturnas-veja-riscos-e-vantagens-de-investir-num-negocio.htm>. Acesso em: ago. 2018.

MAGNANI, J. G. C. Os circuitos dos jovens urbanos. *Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP*, v.XX, p.13-38, 2010.

MARGULIS, M. La cultura de la noche. In: ___. et al. *La cultura de la noche*: la vida nocturna de los jóvenes en Buenos Aires. Buenos Aires: Biblios, 1997. p.11-30.

MICHELI, F. *20 baladas extinta em Ribeirão Preto que marcaram sua história*. 2017. Disponível em: <www.farofamagazine.com.br/materia/tira-gosto/20-baladas-extintas-em-ribeirao-preto-que-marcaram-sua-historia>. Acesso em: jul. 2019.

ORTIZ, R. *A moderna tradição brasileira*: cultura brasileira e indústria cultural. São Paulo: Brasiliense, 1988.

PALLARÉS, J. G.; FEIXA, C. P. Espacios e itinerarios para el ocio juvenil nocturno. *Estudios de Juventud*, n.50/00, p.23-41, 2000.

PAQUOT, T. Le Sentiment de la Nuit Urbaine aux XIXe et XXe Siècles. *Les Annales de la Recherche Urbaine*, n.87, p.7-14, set. 2000. Disponível em: <http://www.annalesdelarechercheurbaine.fr/sous-rubrique.php3?id_rubrique=40>. Acesso em: out. 2016.

PEREIRA, M. C. *Geografia da noite*: oferta e consumo de diversão noturna em Londrina – PR. Presidente Prudente, 2016, 214fl. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

PREVÔT-SHAPIRA, M.-F.; PINEDA, R. C. Buenos Aires: la fragmentación en los intersticios de una sociedad polarizada. *Revista Eure*, v.XXXIV, n.103, p.73-92, dic. 2008.

RAMOS, E. C. M. *Tudo junto e misturado, rolês e fluxos dos jovens das periferias:* capital espacial construído por redes juvenis no campo da diversão e geometrias de poder na cidade. Presidente Prudente, 2017, 476fl. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

ROBINSON, C. Nightscapes and leisure spaces': an ethnographic stud of young people's use of free space. *Journal of Youth Studies*, v.12, n.5, p.501-14, oct. 2009.

SANTOS, J. de M. *As relações de interface nas práticas de diversão noturna nas cidades de Presidente Prudente – SP e Londrina – PR*: um estudo a partir do Facebook. Relatório de Pesquisa Iniciação Científica Fapesp. Presidente Prudente, 2013. 172f.

SANTOS, M. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Hucitec, 2003.

SHAW, R. Neoliberal subjectivities and the development of the night-time economy in British cities. *Geography Compass*, v.4, n.7, p.893-903, 2010.

_______. Beyond night-time economy: affective atmospheres of the urban night. *Geoforum*, v.51, p.87-95, 2014.

SPOSITO, M. E. B. Novas formas comerciais e redefinição da centralidade intraurbana. In: ___. (Org.) *Textos e contextos para a leitura geográfica de uma cidade média*. Presidente Prudente: s. n., 2001. p.235-53.

_______. *Lógicas econômicas e práticas espaciais contemporâneas: cidades médias e consumo.* Presidente Prudente, 2011a, 43f. Projeto Temático Fapesp (Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

_______. A produção do espaço urbano: escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais. In: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L.; SPOSITO, M. E. B. (Org.) *A produção do espaço urbano*: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2011b. p.123-45.

_______. Centro e centralidades no Brasil. In: FERNANDES, J. A. V. R.; SPOSITO, M. E. B. (Org.) *A nova vida do velho centro nas cidades portuguesas e brasileiras*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto/Cegot, 2012. p.45-59.

SPOSITO, M. E. B.; GÓES, E. M. *Espaços fechados e cidades*: insegurança urbana e fragmentação socioespacial. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

TURRA NETO, N. A noção de geração no estudo das transformações do espaço urbano: contribuições para pensar a relação entre geografia histórica e práticas culturais na produção da cidade. In: OLIVEIRA, F. G. *Enterrado vivo*: identidade punk e território em Londrina. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

_______. *Múltiplas trajetórias juvenis*: territórios e redes de sociabilidade. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

______. A noção de geração no estudo das transformações do espaço urbano: contribuições para pensar a relação entre geografia histórica e práticas culturais na produção da cidade. In: OLIVEIRA, F. G. et al. (Org.) *Geografia urbana*: ciência e ação política. Rio de Janeiro: Consequência, 2014a. p.317-42.

______. Áreas centrais de lazer noturno e estruturação do espaço urbano em cidades médias. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, VII, *Anais*..., Vitória, 2014b.

_______. Espaço e lugar no debate sobre território. *Geograficidade*, v.5, n.1, p.52– 59, verão 2015a.

_______. Definir juventude como ato política: na confluência entre orientações de tempo, idade e espaço. In: CAVALCANTI, L. de S.; CHAVEIRO, E. F.; PIRES, L. M. (Org.) *A cidade e seus jovens*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2015b. p.119-36.

WHITACKER, A. M. Centro da cidade, centralidade intraurbana e cidades médias. In: MAIA, D. S.; SILVA, W. R. da; WHITACKER, A. M. (Org.) *Centro e centralidade em cidades médias*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017. p.149-77.

ZOMBINE, L. da S. *Centralidades do lazer noturno nas cidades de Ribeirão Preto e Presidente Prudente – SP*. Presidente Prudente, 2017, 163fl. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

7
Registros etnográficos da noite londrinense: um mergulho nas baladas[1]

Marcelo Custódio Pereira

Introdução

Ao longo da história, o tempo diurno regeu a maior parte das relações humanas. O trabalho, a política, a economia, a sociabilidade, toda sorte de atividade era exercida à luz do dia. A escuridão nos impunha, quase sempre, o recolhimento. Era e ainda é o tempo do silêncio, do descanso, mas também do ócio. No entanto, o avanço da tecnologia, gradativamente, tornou possível nos alongarmos em nossas atividades, especialmente a luz elétrica. Essa mudança

1 O presente capítulo é uma adaptação do capítulo "Mergulho no campo: as principais características da Noite de Londrina" da dissertação de mestrado intitulada *Geografia da noite*: oferta e consumo de diversão noturna em Londrina – Paraná (Custódio Pereira, 2016), defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT Unesp de Presidente Prudente – SP no ano de 2016. A pesquisa foi desenvolvida no âmbito do Projeto Temático "Lógicas Econômicas e Práticas Espaciais Contemporâneas: cidades médias e consumo", levado a cabo pelos membros do Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GAsPERR) e financiado pela Agência Fapesp (Projeto de n.2011/20155-3) que abarca seis cidades: Presidente Prudente, Marília, São Carlos, São José do Rio Preto e Ribeirão Preto, em São Paulo e Londrina, no Paraná (cf. Sposito, 2011). Outros tópicos importantes são discutidos com maior profundidade na dissertação, que está disponível em <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/147062>.

paradigmática fez também com que as práticas no tempo se modificassem, permitindo que se estendesse a possibilidade do uso do tempo da noite para a produção, o consumo e para o lazer (Alves, 2010).

Assim, a noite ganha importância socioeconômica e passa a representar um tempo propício para determinadas atividades, formando um circuito econômico que passa a criar e a atender novas demandas, a cada dia mais diversificadas, intimamente ligadas ao consumo de bens culturais (Carrano, 2003; Comas Arnau, 2000; Alves, 2010). Essa dinâmica tem rebatimentos espaciais evidentes, pois na cidade, onde a conquista da noite é mais intensa, mudam-se as lógicas, os fluxos, as centralidades, com desdobramentos na própria dinâmica da noite. Contudo, a dimensão da cidade à noite ainda tem sido negligenciada na discussão da geografia urbana brasileira, ao passo que outras áreas das ciências humanas já se dedicam a observá-la, especialmente pela riqueza de suas dinâmicas sociais.

A oferta e o consumo de diversão noturna globalizado, especialmente orientada para o público juvenil (Margulis, 1997; Pais, 2003; Dayrell, 2005), toma formas na cidade através de estruturas que a viabilizam, como as baladas,[2] bares, *pubs*, lanchonetes, lojas de conveniências, cinemas, entre outros formatos que passam a constituir um ou vários circuitos de diversão, formados por pontos distribuídos na cidade e conectados pelas práticas de diversão dos jovens (Magnani, 2005). É com foco nessa relação de oferta/consumo e práticas espaciais na cidade que desenvolvemos algumas pesquisas correlacionando a produção do espaço urbano e as práticas espaciais de diversão noturna das Juventudes.

2 Termo utilizado atualmente pelos jovens para remeter às danceterias, *night clubs*, boates ou casas noturnas. Esses últimos não devem ser confundidos com a conotação de espaços de prostituição ou encontros sexuais. Aqui estes termos são tidos como sinônimos, representando os estabelecimentos e suas estruturas apropriadas para o exercício deste modelo de diversão juvenil, com pista de dança, palco, bares, camarotes, iluminação apropriada etc.

Para tal, decidimos investigar a "Economia da Vida Noturna" (Shaw, 2014; Malbon, 2005),[3] através de pesquisas etnográficas na noite das cidades médias,[4] sendo este capítulo baseado na experiência de campo na cidade de Londrina, no Paraná.

Para melhor circunscrever o universo de estudo, realizamos uma primeira etapa de reconhecimento do terreno, buscando identificar circuitos ou centralidades de lazer articulados pelas práticas espaciais dos jovens à noite. Esse movimento inicial nos conduziu a delimitar como foco da pesquisa quatro principais casas noturnas/baladas[5] de Londrina, todas situadas na zona sul da cidade. Essa área é onde também se localizam universidades (públicas e particulares), os principais shopping centers da região, grandes franquias fora dos shoppings (Tok Stok, Pizza Hut, Subway, Decathlon etc.), representando uma área já bastante verticalizada e com franca expansão imobiliária voltada aos setores mais abastados.

Foram selecionadas quatro casas noturnas que estabelecem relações de concorrência e de complementariedade, tanto entre si quanto com bares situados no centro da cidade e em outros eixos de concentração de vida noturna. Elas disputam fatias de um público potencialmente comum, que percorrem esse circuito em busca de diversão. Sendo assim, será inevitável, em muitos momentos do texto, não fazer referência ao conjunto dos estabelecimentos do circuito.

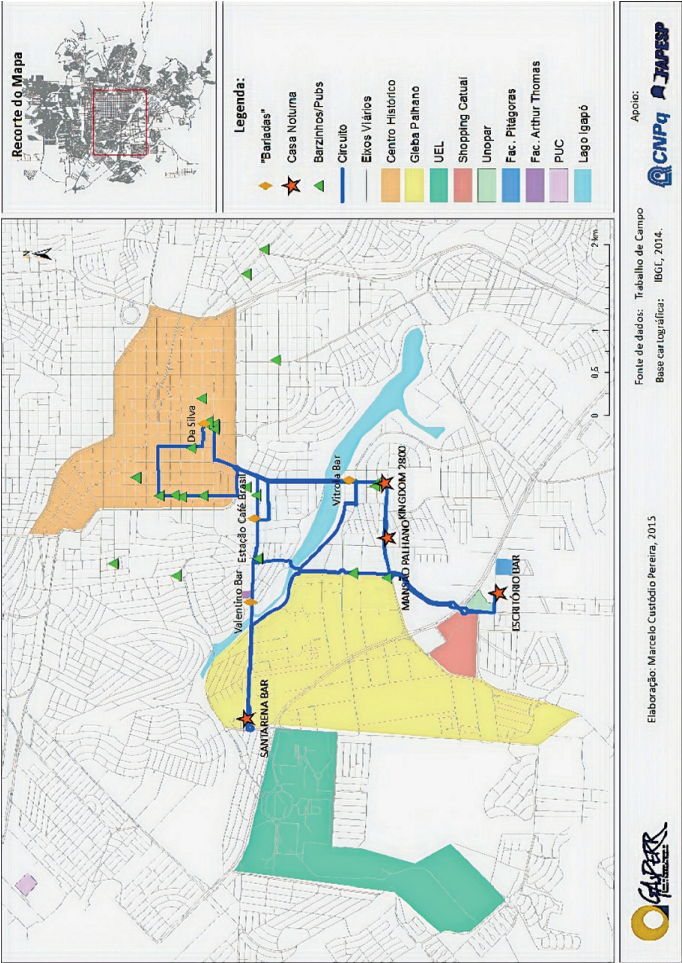
O mapa da Figura 1 apresenta tanto a localização dessas baladas, bem como do circuito mais amplo, conectado pelas práticas espaciais do público. São elas: o Santarena Bar, uma balada cujo principal foco é a música sertaneja, responsável por inserir Londrina num circuito

---

3 Shaw (2014) utiliza o termo *night-time economy* e Malbon (2005) utiliza *Nightclub Industry*, ambos remetendo à ideia de economia da vida noturna.

4 No âmbito do Projeto Temático acima referido, essa pesquisa fez parte de um conjunto de outras pesquisas de diferentes níveis, seja de iniciação científica, seja de mestrado e doutorado, cujo foco era a relação entre oferta e consumo de diversão noturna.

5 Faz-se necessário dizer que foram procurados também circuitos de diversão de jovens na periferia da cidade. No entanto, não encontramos estabelecimentos ou circuitos que tivessem um funcionamento perene a ponto de ser investigado, o que nos levou a um recorte das principais casas noturnas da cidade.

Figura 1 – Londrina – 2015 – Circuito e principais estabelecimentos de diversão noturna.

Fonte: Custódio Pereira (2016, p.160).

de shows com artistas do gênero à escala nacional; o Escritório Bar, que prefere não ter nenhuma identificação específica de gênero musical ou identidade, trabalhando com o que é considerado o *mainstream*;[6] a Kingdom 2800 e a Mansão Palhano que possuem perfis parecidos, alternando entre as sextas-feiras com o gênero sertanejo e música eletrônica aos sábados. Em Londrina, as sextas-feiras são quase exclusivamente dedicadas ao gênero sertanejo nas quatro casas noturnas, salvo algumas exceções no Escritório Bar, que por vezes alternou com propostas voltadas ao "pop rock".[7]

Apresentamos então uma caracterização geral do cenário e do público que encontramos, padrões que foram sendo identificados ao longo do processo, somado a algumas ideias centrais que emanam das práticas observadas – tanto dos jovens quanto dos empresários da noite – que nos auxiliam na compreensão da dinâmica da economia da vida noturna e sua correspondente correlação com a produção do espaço na cidade.

Assim, no que se segue, trataremos das principais questões que emergiram em campo, sendo resultado da mescla das análises teóricas, das experiências empíricas de observação participante e das análises de entrevistas e dados de um questionário socioeconômico, aplicado na entrada das casas noturnas estudadas. Pelo volume de elementos, abordaremos os principais em tópicos.

---

6 *Mainstream* é uma categoria que se aplica "[...] às 'maiorias convencionais' que não se estruturam em torno de um gosto musical seletivo e não se recusam à mídia e ao consumo" (Almeida; Tracy, 2003, p.181).

7 Essas baladas não representavam a totalidade da oferta de diversão noturna de Londrina, nesse formato, no período. Havia também, por exemplo, a New York Lounge. Contudo, essa, por ser especificamente voltada ao público LGBT, mereceria um estudo específico. Nosso olhar voltou-se, portanto, para a oferta mais *mainstream*. Também vale a pena registrar que, no presente momento, enquanto escrevemos este texto (em meio a pandemia de covid-19), apenas o Escritório Bar continuava com o mesmo nome e no mesmo local. As outras baladas ou deixaram de existir, ou foram reconfiguradas, o que é ilustrativo de certa volatilidade do mercado da diversão noturna, que vende também a ideia da "novidade".

Script da noite

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.

(Fernando Pessoa, "Autopsicografia")

A seguinte narrativa deste tópico tem formato literário ficcional, com o propósito de ilustração. Poderia ser um trecho do diário de campo. Mas é a soma de muitos dos relatos registrados, condensados numa ficção que ilustra uma sequência de ações, práticas e falas, tantas vezes observadas em campo. A intenção é situar o leitor sobre como se desenrola um certo "*script* da noite" (para usar uma expressão de Magnani, 1996), ou seja, o roteiro do exercício prático da diversão noturna na cidade de Londrina sob a perspectiva de seus protagonistas: os jovens.

– E aí? Bora pro rolê?

Anoitece. Os fluxos se acalmam. Depois da "hora do rush", após o horário comercial, a cidade ganha outras cores. Iluminada pelos postes, fachadas dos estabelecimentos, faróis dos veículos e a lua.

Emergem novos fluxos. Os carros e motos vagam em outra velocidade. A velocidade da noite.

A pressa e a falta dela são antagônicas. A ansiedade por passar por todos os lugares, para ver o que está rolando. Na frente deles, toda calma do mundo... passando bem devagar... para observar o que é possível naquele momento fugaz... e logo em seguida sair patinando.

Nas redes sociais ventilam os "flyers" das casas noturnas: O que está rolando? Qual é a boa da noite?

Promoções, a divulgação das atrações, comentários... é no meio cibernético que as informações voam em alta velocidade para os computadores, celulares e tablets dos jovens.

"– O que vai rolar?"

As decisões pendulam.

A influência das atrações (se são boas ou não) toma contraste com os gostos musicais dos amigos... que se tensiona com a predileção do grupo por determinados lugares... ou talvez por aproveitar aquela promoção imperdível!

São muitos os elementos que compõem estas decisões, mas, via de regra, a influência do grupo de amigos é maior e a decisão tende a ser coletiva.

– Bora?

– Ah não... lá tem uma galera feia!

– Nada a ver! Vai ser legal!

– Não! Vamos para o Santarena!

– Aff... Sertanejo ninguém merece...

– Então bora passar na conveniência do posto, depois a gente sobe pra Mansão!

– Demorou!

Se organizam como podem. Nos celulares, várias mensagens a esperar.

Alguns vão de taxi. Outros passam para buscar os amigos de carro. Alguns poucos de moto. E "bora pro rolê"!

Os circuitos começam a tomar forma.

Os trajetos, repetidos pelos veículos várias vezes, dão corpo para um desenho que não tem um fim se não ele mesmo.

Os pontos que ligam estes circuitos não precisam ser de parada. Às vezes, só a passagem basta, pra ver "o que está rolando", ver "qual é".

– Vamos pegar um barzinho, depois a gente passa no posto pra encontrar a Ana!

– Fechou!

E lá se vão para os bares, beber algumas e comer uma porção enquanto conversam animadamente.

A Ana foi de mototáxi para casa da Paula, onde está se arrumando. As duas vão esperar o André, namorado da Paula, que vai passar para pegá-las mais tarde.

André está no posto com alguns colegas da faculdade, bebendo cerveja e jogando conversa fora, ouvindo um som, enquanto as meninas se aprontam.

Antes de passar para pegá-las, dá uma passada na frente dos bares do centro pra ver o movimento. De dentro do carro vê alguns amigos em um dos barzinhos e acena, dizendo que mais tarde dá uma passada ali, com as meninas.

– Alguém falou com o Guga?

– A Ana ficou de falar com ele!

– Manda um WhatsApp pra ele, Ana, vê se ele consegue as cortesias pra'gente!

– Beleza

Guga, que é 'promoter' de uma das casas noturnas, tem o celular abarrotado de mensagens. Muita gente se vale do contato com estes sujeitos para conseguir benefícios neste universo. E este é justamente seu papel: intermediar a relação entre o público e a casa noturna.

Depois de meia hora ele responde:

– E aí Ana, vocês vêm pra cá hoje?

– Vamos sim!

– Vocês estão em quantos?

– Em 6!

– Mas quantas meninas?

– 4

Mais alguns minutos e:

– Então... eu só consigo liberar as pulseiras para as meninas. Pra rapaziada é R$ 35,00 pista + R$ 20,00 da pulseira.

– Ai... não consegue mesmo Guga???

– Hoje não rola! Vai bombar!

Entre o pessoal:

– E aí Ana, conseguiu?

– Então, só para as meninas! Pros rapazes é R$ 35,00 pista + R$ 20,00 pulseira do camarote. E pelo jeito na hora eles vão aumentar. Antecipado estava 15 reais e já está 35!

– E vai ter alguma promoção de bebida?

– Eu vi no flyer que vai ter combo de Smirnoff + 5 Energéticos por R$ 99,00.

– Ah, então demorou!

Na frente da balada o pessoal se encontra, animado. As meninas todas muito produzidas: vestidos curtos e colados ao corpo, sugerindo todas as curvas de suas silhuetas, saltos altos, bem maquiadas, brincos, colares, pulseiras, bolsas a tira colo, propostas a "arrasar"!

Entre os rapazes há mais diversidade. Calças jeans, sapatênis ou sapatos, camisetas polo ou camisas com cortes modernos das grifes famosas (e caras), alguns com colares e relógios. Dependendo da atração, chapéus, bonés, moletons, brincos e outros acessórios aparecem.

Vários fumando e alguns com os copos e longnecks ou latinhas que trouxeram do esquenta, aguardam na fila, dando risadas e já observando os possíveis flertes que podem acontecer ali mesmo.

– Nossa... você viu que tesão aquela mina ali...

– Demais... se ela me der moral eu pego ela aqui fora mesmo, duvida?!

Olhares se entrecruzam, risadas, assuntos... tudo num fluxo constante e ansioso para a entrada. Na portaria seguram a fila em ritmo lento propositalmente, para dar volume na frente da casa.

Os carros passam devagar; motoristas, passageiros e a galera que está na fila se entreolham.

Músicas distintas emanam e o burburinho das conversas toma conta do lugar.

Os motoristas se enfileiram calmamente para ter seu momento de passagem na frente das baladas. Cada carro toca uma música diferente. Mas sempre as mesmas. Não importa nem de quem e nem o quão caro ou barato é o carro. Do sertanejo, passando pelo funk e chegando à música eletrônica. São variações do mesmo tema, repetindo infinitamente.

– Nossa, hoje vai ser o regaço! A casa vai bombar!

– Vai mesmo Guga, essa dupla é top demais!

– E tem o DJ[8] *ainda, que vai tocar eletrônico! No final ainda vai soltar um funk batidão pras meninas dançarem, que elas adoram.*

– Eu não curto não, mas é da hora pra zoar!

– Ah, para! Eu sei que você curte ver as meninas rebolando!

– Hahahaha, a gente entra na dança né?! Quem nunca?

O pessoal entra na balada, mas alguns ainda estão por chegar. Os encontros da galera que gosta da noite são inevitáveis. Sempre tem aquelas figurinhas carimbadas que estão em todas! Muitas vezes, passam por todas as casas na mesma noite.

– Conseguiu a pulseira?

– Uhum!

---

8 Sigla para a expressão do inglês *disc jockey*, que de forma genérica remete ao artista responsável pela sonorização do ambiente, que pode reproduzir músicas de outros artistas fazendo uma *playlist*, criar misturas com outras canções (na hora ou previamente), fazer adições de efeitos e equalização, ou mesmo ser um criador de músicas próprias.

– Pegou uma pra mim?
– Só do camarote lateral
– Já era!

A galera bebe esperando a dupla começar, enquanto um DJ residente solta uma playlist variada, com as músicas do momento.

– Meu, o Paulinho me mandou uma foto do Escritório no WhatsApp, falou que lá está "da hora"!
– Nossa, tá lotado também hein! O que está rolando!?
– Hoje é festa da galera da Psicologia da UEL, mas vai ter uma banda de pop rock e uma dupla sertaneja no final.
– Será que vira ir pra lá?
– Acho que não! Vamos ficar aqui mesmo que vai ser da hora!

A dupla começa e chega jogando o astral da galera pra cima:
"– Quem tá solteiro aí geeeeeente?"
"– Eu quero saber quem vai beber até o dia amanhecer!!!?"

E a galera ri e responde positivamente!
"– Então bora que a festa está só começando!"

Dentro da balada os trânsitos aumentam de um lado pro outro, a maioria em direção ao bar. Todos vão procurando se acomodar e arranjar seu canto, marcando minimamente uma referência de onde sua galera vai ficar.

Os camarotes se abarrotam. Alguns ficam mais apertados até mesmo que a pista, mas têm sofás e garçons que atendem exclusivamente o setor, com seguranças controlando quem entra e quem sai. De cima, nas bordas das grades que os separam, o pessoal se debruça levemente olhando para as pessoas na pista e para o palco. Outros trocam ideias enquanto reclamam para o garçom a demora da chegada dos combos de vodca com energéticos, garrafas de whisky ou mesmo de "Champagne".

– Você viu?! A Carla mal chegou e já está ficando com um menino ali no canto!

– Cadê?! Nossa... olha que ligeira que ela tá!

– Hahahaha, a Carla não tem jeito! Daqui a pouco ela fala que vai no banheiro e desaparece da vista do rapaz!

A dupla toca diversos "hits", cantando o enredo da balada:

Curtir, beijar na boca, beber, esquecer dos problemas, zoar!

É disso que se trata!

A dança em casais ajuda nos flertes, dando pretexto para convidar alguém para dançar.

Todos altos, depois de vários copos e alguns até mesmo de um doce, uma bala ou um raio, escondidos no banheiro[9]*...*

No fumódromo,[10] *enquanto o DJ se prepara, há congestionamento! Todos querem respirar um pouco (por controverso que seja isso na área de fumantes) conversar com algum colega longe da música ensurdecedora e fumar um cigarro.*

– Luana?

– Não! Paula! (respondendo surpresa)

– Nossa, você é a cara da Luana, da minha faculdade, você conhece?

– Luana... de que curso? [...]

E com essa estratégia barata, André ajudou o Carlos a puxar assunto com moça que ele estava interessado, que estava sozinha digitando no celular.

A conversa vai rolando e o André sai de fininho, fingindo que alguém lhe chama, deixando os dois sozinhos no corredor.

Cigarros, risadas, algumas fofocas e assuntos triviais. Não importa. O importante é estar conversando. ("– E bebendo!!!", provavelmente alguém completaria se me ouvisse contar).

---

9 Gírias para drogas como o LSD (ácido lisérgico), o Ecstasy e a Cocaína, respectivamente.

10 Área externa dedicada aos fumantes. É proibido fumar em locais fechados neste momento da história no Brasil.

Olhos intercalam entre os rostos, corpos e as telas dos celulares.

Fotos em grupo para as redes sociais!

– Vai!!! Essa vai pros stories!

– Moço, você não pode tirar aqui pra a gente?

E é claro que o rapaz não perde a oportunidade de se aproximar. Em vão... depois de tirada a foto faltou desenvoltura pra "chegar na mulherada" e desenrolar um papo que pudesse render alguns beijos, ou quem sabe adicionar no Facebook ou pegar o WhatsApp?!

O DJ começa lá dentro. Alguns se apressam pois querem voltar logo.

Grande parte continuou lá dentro. Alguns já ficando com alguém, outros na fila do bar, xavecando alguém ou se maquiando no banheiro, enquanto conversam animadamente.

– Você viu que agora eles colocaram chapinha de cabelo no banheiro da Mansão?

– Nossa, amei!

– Tô vendo que vai dar até confusão pra usar!

Paulo comenta:

"– Hunf... agora a mulherada vai passar mais tempo no banheiro do que na balada!", e cai na gargalhada!

A música agora é outra: o som eletrônico tem outra pegada, com um andamento diferente, com um ritmo bem demarcado com as notas graves que se repetem constante e longamente.

As letras quase inexistem. Os efeitos sonoros são o principal, que vão criando a atmosfera que todos ali inalam e sentem com seus corpos.

Luzes estroboscópicas emitem flashes constantes que deixam tudo em câmera lenta. Enquanto o som bate rápido as coisas parecem se mover devagar. Me sinto estranhamente conectado a tudo que se move. Eu faço parte do movimento. Todos fazem. Nós somos o movimento!

Esse balé coreografado tem o movimento dos corpos aleatoriamente organizado. Cada movimento imprevisto ou espasmódico feito pelos

corpos soltos neste espaço compõe exatamente os movimentos que se espera da coreografia dessa dança. Quem dita os movimentos da dança e dos pensamentos é o andamento da música, que tem sua cadência constante e bem demarcada pelos sons graves que podem ser sentidos pela pele e por todo o corpo.

O maestro desta peça é o DJ, que rege do palco, com o braço para cima e para baixo, coordenando os movimentos da dança de um público ensandecido e ávido por mais! Mais música! Mais conexão! Mais prazer! Mais!!!

Já não sei se posso ouvir as cores ou ver os sons. Tudo é confuso na minha cabeça. Todo esse movimento... não consigo parar de dançar! [...]

Cadê a galera? Que horas são? Nem vi o tempo passar!

– Ei, ajuda aqui, a Ana tá passando mal!
– O que tá acontecendo?
– Ela bebeu não sei quantas doses de vodka! Deu 'perda-total'!
– Vixe... O André tá em condições de dirigir?
– Tá, ele já foi lá buscar o carro e deve estar chegando ali na frente!

O pessoal se mobiliza pra ajudar a Ana, mas querem voltar pra balada. A festa está no ápice! O André e a Paula se responsabilizaram de levá-la pra casa. Talvez nem voltem mais. Na saída, veem gente chegando de outras baladas, animados pra entrar.

A noite continua, a galera dança. Vários já tem nítidos sinais de embriaguez. As ousadias também são maiores.

Os sofás agora viram palcos,[11] *onde o próprio público se apresenta, dançando intensamente, fazendo fotos, mexendo com o pessoal da pista, rindo.*

A pegação também ganha volúpia. Beijos e amassos nos cantos, corredores, camarotes, pista...

---

11 Muitas baladas já fazem sofás e mesas reforçados para esse propósito. O exagero é esperado e estimulado. Mas há controle e as equipes de segurança estão sempre a postos para intervir.

– Você viu os caras brigando aqui na frente?

– Não, que horas?

– Ah, não sei, acho que era umas 3 e pouco, aqui no fumódromo!

– Sério?!

– Uhum! Um cara que estava lá no backstage muito louco, se achando, mexeu com a namorada do outro aqui e deu a maior confusão! Mas falaram que ele não sabia que a menina tinha namorado, mas já chegou beijando a moça e ela empurrou ele...

– Nossa! E aí?!

– O namorado dela veio aqui fora pegar ele e os seguranças tiveram que separar! Chegaram a rolar no meio naquele monte de bitucas de cigarro, copos de plástico e toda aquela sujeira que o pessoal deixa na calçada!

– Afff... os caras vem pra balada pra arrumar confusão!?

A essa altura da noite, vários já estão exaustos e começam a esvaziar a casa.

O DJ vai gradativamente diminuindo a pegada e não tarda a anunciar o fim do setlist, já quase por amanhecer o dia. Termina a apresentação e a música continua em uma playlist tocada por um DJ residente, que vai tocar músicas variadas que vão do Funk ao Pop, mas já com um volume mais baixo, em clima de despedida.

Vários vão saindo para evitar a fila, mas ficam batendo papo na frente da casa, enquanto esperam os amigos e encontram outros conhecidos, com quem falam de qualquer assunto.

Fumam seus últimos cigarros antes de sair, trocam ideias com os seguranças e com os promoters enquanto os funcionários já começam a varrer a calçada. Ficam a observar os derradeiros carros que passam, vindos de outras baladas, para ver se trombam alguém para perguntar como foi a noite.

No WhatsApp:

– E aí André, a Ana melhorou?

– Melhorou, mas ainda tá meio zonza. Levamos ela na farmácia para tomar glicose mas ela não quis. Comeu um chocolate, tomou água e ficou na frente da casa dela até dar uma melhorada, depois foi deitar.

– De boa então! E vocês, vão pra onde agora? Já comeram?

– Já está tarde! Na volta da casa dela nós passamos na frente do Escritório, mas já tava miado. Só passamos para ver como estava mesmo. Acabamos de voltar do Pátio São Miguel,[12] *estamos cheios.*

– Fechou então! Nós estamos indo comer alguma coisa e talvez vamos passar lá na casa da Bianca, que fez um churrasco e disseram que a galera virou a noite e está lá até agora.

– Beleza, eu vou dormir que estou acabado!

– Fechou! Vai lá mano!

– Boa noite!

Esta pequena narrativa, apesar de fictícia, provavelmente foi vivida inúmeras vezes, ilustrando um pouco a ideia de *script* da noite (Magnani, 1996), ou seja, as regularidades dessas práticas vão delineando uma espécie de roteiro que sempre se repete. Apesar de não abarcar todas as nuances, buscamos trazer os principais elementos que o compõe, baseando-nos na experiência de campo que nos permitiu observar estas práticas juvenis com profundidade.[13]

Perfil do público e algumas características da noite em Londrina

As saídas de campo exploratório se estenderam de 17 de janeiro de 2014 a aproximadamente 29 de março de 2014. A etapa da Observação Participante mais aprofundada nas principais "baladas" de Londrina se estendeu entre abril e julho de 2014, somando, no total, 65 saídas de campo e aproximadamente 19 horas e 53 minutos de registro de áudio que, somadas as transcrições aos registros escritos

12 Uma padaria e conveniência 24 horas, situada na Avenida Higienópolis, no centro de Londrina, bastante tradicional e altamente frequentada pelos consumidores da noite da cidade.

13 Faz-se necessário mencionar que o mergulho na experiência de campo foi feito com a permissão dos proprietários das casas noturnas, com rigidez metodológica e sem uso de nenhuma substância que alterasse a percepção do pesquisador, mantendo a total sobriedade ao longo de todo o processo.

geraram cerca de 220 páginas de diários de campo,[14] Nesse período, além da rica produção de dados em campo, foram realizadas onze entrevistas semidiretivas com donos de estabelecimentos e informantes-chave (seguranças, fotógrafos, *promoters*) e frequentadores, além de um acervo de fotografias e vídeos feitos durante o processo de investigação empírica.

O caminho para interpretarmos a noite em Londrina de maneira ampla teve como esteio elementos da ciclicidade com que as coisas se repetem e o que é exceção à regra. Buscamos olhar sistematicamente para a noite de Londrina, fazendo uma observação mais geral, para apropriarmo-nos dos principais elementos que a compunham, para depois fazermos um recorte mais específico nas baladas.

Elementos como a quantidade de pessoas que frequentava cada casa (descrito pelos proprietários de forma mais genérica como "movimento"), os fluxos que afluíam para essas áreas da cidade, os picos e baixas desses últimos, o perfil estético desses públicos (desde o *território corpo*[15] até o vestuário dos sujeitos e conjunto de signos e elementos que o compõem).

Para obter uma caracterização geral do público, foi aplicado um questionário[16] aos frequentadores das quatro baladas investigadas: Santarena Bar, Mansão Palhano, Escritório Bar e Kingdom 2800,

---

14 Importante mencionar que, ainda que as saídas de campo sistemáticas (todos os finais de semana) na forma de observação participante tenham formalmente acabado em julho, houve uma continuidade de experiências de campo menos formais, para a coleta de dados, realização de entrevistas e questionários, permitindo últimas observações. Essas se estenderam durante os meses subsequentes, até início de dezembro de 2014, totalizando uma longa experiência de campo.

15 Conceito de Glória Diógenes (2008), que entende o próprio corpo do indivíduo como território, que é carregado de estigmas que são lidos socialmente com a finalidade distinção social de classe e até de origem no espaço.

16 A equipe que aplicou os questionários era, em sua maioria, formada por acadêmicos de Geografia da Universidade Estadual de Londrina – UEL, além de outros colaboradores de outras áreas que tivemos contato no período em que estivemos em campo, que se dispuseram a ajudar na aplicação deles. Houve revezamento de alguns membros durante as aplicações, que aconteceram nos finais de semana do mês de novembro de 2014.

com um total de 79 respondentes, sendo 29 mulheres (36,71%) e 50 homens (63,29%).[17]

Cerca de 70% dos respondentes possuem residência fixa na cidade de Londrina, havendo ainda a presença de cerca de 20% de respondentes de cidades da região, como Arapongas, Cambé, Santa Mariana, Assaí e Ibiporã, sendo o restante de outras cidades. Esses dados vão ao encontro das falas dos entrevistados e do que pudemos observar em campo, mediante as conversas informais com diversos informantes (desde frequentadores, até os próprios empresários da noite). Os empresários ligados às baladas estudadas confirmam a significativa presença de público da região nas suas casas.

D., sócio/proprietário da Kingdom 2800:

> Pergunta: Você nota se o público da região, das cidades do entorno, compõe uma parcela considerável da clientela?
>
> Resposta: Em torno de uns 15%.
>
> P: Em um raio de quantos quilômetros, aproximadamente?
>
> R: 50 quilômetros! Nesse raio, mais ou menos, a gente consegue atrair [para a casa noturna]

F., sócio/proprietário do Santarena Bar:

> P: Você acha que o pessoal das cidades vizinhas vem muito para Londrina para consumir diversão?
>
> R: Tem bastante cara... [...] Eu sou de cidade vizinha daqui né. Quando chega final de semana não tem nada para você fazer lá. Aí você vai andar cinquenta quilômetros para estar em Londrina... [risos] É melhor vir para cá do que ficar na sua cidade. Depende da atração e tal. Sem contar que Londrina é "a capital do norte do Paraná!" [enfatizando]

---

17 Esta porcentagem não tem relação direta com o volume de homens e mulheres que frequentam as baladas, que durante as observações de campo se mostrou relativamente equilibrado. Esta diferença se revelou apenas pela maior receptividade por parte do público masculino em relação à aplicação dos questionários.

O pessoal estuda nessa região aqui... Aqui tem gente de muitas cidades. É muito populosa. Muita gente vem estudar em Londrina. Eu sou de uma época... Quando eu tinha meus 17 anos, a gente estudava em Londrina, quando era sexta, estávamos loucos para ir embora. Queríamos fazer festa na cidade nossa. Hoje é o contrário: O povo fica louco para chegar sexta-feira, mas eles ficam aqui. Eles não ficam indo e voltando, entendeu!? Eles aproveitam aqui...

M., sócio/proprietário do Escritório Bar:

O pessoal vem e eles vêm em grupo mesmo. [...] Sábado vem bastante gente da região, até porque o pessoal trabalha [no sábado de manhã]; sábado e domingo acaba sendo mais tranquilo pra eles virem. Vem bastante, mas varia muito, varia muito de acordo com a nossa programação.

R., da Mansão Palhano:

R: Tem, bastante gente. Maringá, Apucarana, Ibiporã, Cornélio, Bela Vista, Sertanópolis...
P: Mas isso dá quantos por cento?
R: 25% ou 30% [do público] da Mansão Palhano.

Estes trechos ilustram como o circuito de diversão noturna representa não só um centro de lazer para as juventudes locais, mas também para sua região de abrangência, com participação importante do público universitário que estuda em Londrina.

Como mencionado, o público universitário é uma parcela considerável do mercado da diversão noturna de Londrina. Segundo o estudo intitulado "O top universitário 2013 Londrina",[18] na cidade há cerca de 30 mil estudantes universitários, sendo aproximadamente

18 "O top universitário 2013 Londrina" é um "projeto desenvolvido pela parceria entre a Litz – Estratégia e Marketing e a Business Consultoria – Empresa Júnior de Administração da UEL", que traçou o perfil do público universitário da cidade no ano de 2012, a partir de um espaço amostral de 1.008 entrevistados.

55% mulheres e 45% homens, em sua maioria solteiros (cerca de 9 em 10) e as faixas etárias predominantes são entre 16 e 20 anos (cerca de 52%), de 21 a 25 anos (cerca de 37%). Alguns dados dessa pesquisa confirmam as tendências que foram se evidenciando em campo em relação à expressividade do chamado público universitário na noite. A título de exemplo, revela que a predileção dos universitários (ao responderem à questão "onde mais costuma sair") divide-se em "barzinho" (com 36,4%), "baladas" (com 18,4%), "*Shopping*" (com 15,3%) e "república / casa de amigos" (com 8,5%).

Outro elemento importante refere-se aos dias da semana que esses jovens saem. Aproximadamente 50% dos respondentes saem nas sextas-feiras, 80% saem nos sábados e 30%, aos domingos, sendo de pouca expressão as saídas durante os dias de semana – e como os números levam a pensar, muitos deles frequentam estabelecimentos de diversão noturna mais de um dia por semana.

Voltando ao nosso questionário, pouco mais da metade dos respondentes se identificaram como estudantes de graduação e pós-graduação, sendo cerca de um terço formado por estudantes e pouco mais de 1/10 já formados.[19] Destacam-se as universidades: Universidade Estadual de Londrina (UEL), com 27%, Universidade do Norte do Paraná (Unopar) (particular) com 33%, e Centro Universitário Filadélfia (Unifil) (particular) com 12%, aproximadamente.[20]

No que se refere aos dados de renda as informações que obtivemos não são plenamente confiáveis, pois houve, a nosso ver, uma percepção de "invasão de privacidade" por parte dos respondentes. No contexto da aplicação do questionário, que foi feito na própria noite (inevitavelmente com os amigos por perto), as respostas acabaram sendo relativamente inibidas e, em alguns casos, claramente

19 Ainda assim, o público de não estudantes não deixa de ser expressivo. No questionário formava mais de 34% dos respondentes.

20 Apesar de serem muitos e conseguirem abarrotar tanto as baladas quanto as festas organizadas por eles mesmos, o poder de consumo dos jovens estudantes universitários, na maioria dos casos, é bem inferior ao que se propõe como padrão de consumo dentro das baladas em Londrina, ainda que algumas delas estejam situadas nas proximidades das Universidades.

distorcidas. Entretanto, a busca por uma informação precisa a esse respeito não é central para a compreensão das práticas de diversão noturna.[21]

Ao serem questionados sobre os lugares que costumam sair para se divertir para além de baladas, predominaram as seguintes respostas: barzinhos (44%), casa de amigos (41%), barzinhos com música ao vivo (32%), festas universitárias (20%) e festas em repúblicas (19%), além de outras práticas com menor relevância.

Quando a questão é em torno de "*o que procuram*" quando saem na noite, as respostas mais recorrentes são "divertir-se com os amigos", "beber" e "paquerar/ficar/flertar/beijar", questões que aprofundaremos adiante. Quando perguntados sobre *com quem* faziam os trajetos pela cidade, as respostas obtidas apontam para uma maioria que sai com os amigos, sendo que apenas 10 do total (79) responderam que saem sozinhos, e 5, com os/as namorados(as)/esposo(as).

Com relação a como os respondentes *combinam de sair com os amigos*, 70 disseram combinar via *redes sociais* (WhatsApp),[22] 15 via telefonemas, 10 pessoalmente, 12 através do Facebook, e 5 por "SMS". As redes sociais se revelaram como um importante mecanismo de comunicação e ventilação de informações acerca da dinâmica da noite, não só para os frequentadores, mas também como

---

21 É importante compreender que os questionários não são nossa principal fonte de informação. É feita uma triangulação com outros elementos além da renda que denotam as filiações de classe dos sujeitos, como as roupas, os carros, as práticas de consumo dentro da balada e até mesmo os valores que foram revelados nas conversas informais e entrevistas. Assim, destacamos que estes dados não têm intenção de quantificar exatamente as faixas de renda dos frequentadores da noite londrinense, mas apenas de ilustração em relação a nossa amostragem.

22 Importante mencionar que essa rede social praticamente substituiu os serviços de mensagens de texto oferecidos pelas companhias telefônicas, antes representados pelo "SMS". A grande velocidade (e quase gratuidade) de compartilhamento de informações de diferentes naturezas (áudios, fotos, vídeos e textos) em caráter privado com os amigos fez dessa rede um grande sucesso não só entre os jovens da noite, mas se popularizou entre quase todos que possuem *smartphones*.

parte importante das estratégias de publicidade das casas noturnas, que têm o contato facilitado com seus consumidores pela internet.

Mais da metade dos respondentes disse sair apenas uma ou duas vezes por semana. Como já esperávamos (e confirmamos em campo), a maioria esmagadora tem predileção por sair nas noites de sextas-feiras e sábados, sendo a segunda-feira o dia menos movimentado.[23]

A forma de locomoção mais utilizada entre os jovens é o *veículo próprio e/ou da família, táxi ou carona com os amigos*. Nenhum respondente mencionou se locomover a pé; contudo, houve alguns que utilizam o transporte público ou mototáxis.

Quanto ao estilo musical preferido dos respondentes, o questionário confirmou a hegemonia entre os respondentes dos gêneros mais populares na noite de Londrina, sendo o circuito investigado por nós especializado em *sertanejo e eletrônico*, com forte presença do *funk*, mas esse último raramente é a atração principal. Apesar algumas casas voltadas para rock na noite de Londrina, sua visibilidade e poder de atração de fluxos da noite é bem menor, distinguindo-se do restante do circuito e mereceria um estudo específico, pois configura um circuito próprio.[24]

A idade do público que predomina nas baladas de Londrina se assemelha com o que as autoras Almeida e Eugênio (2006), ao tratarem dos "Jovens Tranceiros"[25] de classe média do Rio de Janeiro, chamaram de *twenties something* ("vinte e alguma coisa", em tradução livre). Para elas, essa ideia representa

---

23 Alguns bares e pubs funcionam durante os dias da semana, mas com movimento diminuto. As baladas, com raríssimas exceções, tinham algum evento específico que não fosse aos finais de semana ou vésperas de feriados.

24 Casas como o Valentino, Hush Pub, Vitrola Bar, Estação Café Brasil, Mansão Pub, Flanningans Irish Pub têm frequentemente (mas não exclusivamente) trabalhado com atrações ao vivo dos gêneros que estão dentro do universo do rock como atrações principais de suas casas. Além dessas casas, vários bares e pubs também exploram esse universo estético (especialmente na decoração) como atrativo de seus públicos, mas apenas com música ambiente e/ou televisores com a transmissão de shows e videoclipes dessas culturas juvenis.

25 Jovens de classe média do Rio de Janeiro que se reconhecem como "Tranceiros", um subgênero da música eletrônica.

> [...] uma escala etária inscrita em um certo padrão de autodefinição que trafega pelas imprecisões estatísticas traçadas entre a faixa que vai dos 20 aos 30 anos. A formatação de valores, padrões de conduta, estilos de vida e opções existenciais do grupo em questão estará aqui subsumida ao universo mais amplo de suas adesões a um *ethos* jovem que opera como uma espécie de frouxo amálgama. (Almeida; Eugênio, 2006, p.36)

Quando falamos da juventude enquanto signo de modernidade que pode ser consumido, temos em mente um elemento que se evidenciou nas noites de Londrina. Pudemos identificar que uma parcela, ainda que pequena do público, era de pessoas que ultrapassavam os 30 anos de idade, havendo alguns acima dos 40 ou 50 anos, apesar do predomínio da faixa entre os 20 e os 30 anos. Entre os mais velhos, a maior parte é composta por homens solteiros (ou divorciados). Esses homens, ainda que estejam na noite, tendem a demonstrar certa sensação de "deslocamento", tendo em vista que há aparente dificuldade de interação com o público mais jovem. Geralmente, tendem a ficar nos camarotes, agindo com mais discrição e cometendo menos exageros que os mais jovens.

Padrões de horários: "*happy hour*", "esquenta" e "*after*"

Durante as saídas de campo, pudemos identificar também alguns *padrões de horários* que se repetiam na dinâmica da noite. Esses padrões são flexíveis e podem demonstrar como se dão os altos e baixos do ponto de vista da maior intensidade das atividades e dos fluxos na diversão noturna de Londrina.[26]

26 Padrões de horários dessa natureza e estratégias semelhantes já foram identificadas por nós em pesquisa anterior, em Presidente Prudente (SP) (ver Custodio Pereira, 2012).

Pelo questionário, foi identificado que o perfil de consumo na categoria de barzinhos e pubs inicia-se em horários diferentes do perfil das casas noturnas. Alguns barzinhos e pubs começam suas atividades mais cedo,[27] predominantemente ao final da tarde e começo da noite, com a proposta de "*happy hour*" – expressão em inglês para uma prática de confraternização, pós-expediente, entre pessoas que trabalham juntas, para relaxar, conversar, beber e comer.

O *happy hour* foi incorporado na prática dos empresários da noite como uma estratégia para aumentar os lucros e a rotatividade de clientes nos estabelecimentos, com promoções específicas para os fins de tarde, visando atrair mais clientes em diferentes momentos do dia e, assim, otimizar o investimento em infraestrutura e pessoal.

Entretanto, na prática, a proposta do *happy hour*, segundo um dos entrevistados, não se aplicaria a Londrina, tendo em vista que um dos elementos marcantes para justificar essa prática é o contexto metropolitano, cujas distâncias percorridas na cidade fariam com que as pessoas desistissem de se encontrar se tivessem que voltar para suas residências (para se preparar para uma confraternização durante a noite) e de lá fossem para os locais de encontro. Essas dificuldades de mobilidade, o tempo, despesa e cansaço que esses deslocamentos impõem nos contextos metropolitanos, justifica esse encontro logo após o expediente.

Assim, a prática do *happy hour* como uma confraternização pós-expediente talvez seja pouco utilizada no contexto das cidades médias, tendo em vista que esses deslocamentos são relativamente mais fáceis e menos onerosos e cansativos. Desse modo, para que a prática do *happy hour* fosse incorporada na rotina da cidade, os estabelecimentos investiram em estratégias para atrair a clientela, como promoções, música ao vivo etc. E como se trata de promoções

27 Apesar do movimento da maioria se intensificar a partir das 20h, alguns deles funcionam até mesmo na hora do almoço, como o Beer House que, durante o processo de investigação, passou também a funcionar como restaurante durante o dia; ou o Da Silva, que tem promoções específicas para horários de almoço, servindo por exemplo, feijoadas aos sábados.

com horário para acabar, os clientes são tentados a ir para o estabelecimento mais cedo.

Indagado sobre o assunto, R. (sócio/proprietário do Da Silva Bar – bar do centro da cidade – e do Santarena Bar) questiona quanto tempo de carro eu levei até o estabelecimento dele – no centro – onde foi realizada a entrevista, para desenvolver seu argumento:

> Entrevistado (E): [...] dá uns 5... 10 minutos daqui?
>
> Pesquisador(P): De carro é 5 minutos.
>
> E: E do aeroporto, dá quanto tempo [de carro até sua casa]?
>
> P: Até o aeroporto? Deve ser uns 15 minutos?!
>
> E: Para que você vai fazer *happy hour* se você cruza a cidade em 20 minutos?! Tem 3 vias arteriais monstruosas! Eu falo para meus funcionários: "Ah, chegou alguém no aeroporto!". Eu mal tomo dois chopps e o cara buscou a pessoa [no aeroporto] e voltou. A ideia do *happy hour* é isso: o cara está longe de casa... "_vou perder tempo no trânsito ou vamos nos reunir..."
>
> O cara, aqui em Londrina, não tem por que fazer isso.
>
> "_Estamos na empresa? Olha, vamos daqui duas horas no bar?".
>
> Pô, vamos para casa, tomar banho, se arrumar. Há facilidade de se [locomover]... Daí vem esses doidos [da concorrência], ficam brigando, tentando fazer um *happy hour*... (demonstra indignação)
>
> P: Quer empurrar [a proposta] à força, não é?!
>
> E: Se não der coisa de graça o cara não tem por que vir; Se eles vão sair depois, não é?!

Vê-se que esse período é mais atrativo pelas promoções de bebidas e porções do que de fato pela prática do *happy hour*, como uma confraternização pós-expediente, tendo como pano de fundo a questão da rotatividade de clientes durante a noite.

Apesar das diferenças entre cada estabelecimento, essas promoções costumam se iniciar aos fins de tarde (entre as 17h e as 18h) e se prolongar até, aproximadamente, 21h. Isso atrai clientes que, por vezes, demoram-se no bar até horários mais avançados, mas, no

geral, acabam deixando os estabelecimentos, havendo uma entrada de novos clientes a partir da faixa das 21h.

A maior parte do público inquirido no questionário[28] frequenta os barzinhos após as 21h, e esses que têm baixíssima procura após a meia-noite. Aos finais de semana, o movimento tende a se estabilizar em seu ápice entre a meia-noite e a 1h, tendo, a partir desse momento, progressiva diminuição até as 3h, o mais tardar 4h. Em dias menos movimentados (geralmente chuvosos e frios), as atividades se encerram mais cedo, em torno das 2h da madrugada.

Ainda que os barzinhos e pubs tenham seu público próprio, vários dos frequentadores das baladas vão para fazer o "esquenta", ou "aquece", que seria uma espécie de preparação para a festa principal. Via de regra, são as próprias baladas, mas também podem ser festas universitárias, grandes eventos (como *shows* e feiras de exposição no Parque de Exposições Ney Braga, que atraem milhares de pessoas), festas em chácaras etc.

A prática do "*esquenta*"[29] consiste basicamente em encontrar com um grupo de amigos/colegas, que vão para a mesma festa, para confraternizar antes do evento. Geralmente, junta-se para comer e, principalmente, beber, muitas vezes no intuito de economizar com bebidas alcoólicas,[30] que têm preços extremamente elevados dentro das baladas e eventos. Assim, o "esquenta" pode ser feito em diferentes lugares, como na casa de amigos, nos arredores de conveniências de postos de gasolina, barzinhos e pubs, ou algum outro lugar onde os amigos possam se reunir, "aquecer" e irem juntos ao evento considerado principal para a noite deles.

Como pudemos identificar pelo questionário e nas observações, a faixa de horário principal da prática do "esquenta" é entre as 20h e

---

28 Com a ressalva de que o espaço amostral das enquetes foi selecionado apenas nas baladas.

29 Essas práticas do "esquenta" e do "*after*" também são identificadas por Almeida e Tracy (2003, p.35).

30 Nesse caso, para economizar com bebidas, os jovens preferem ir às conveniências de postos de combustíveis, que praticam preços mais em conta do que os barzinhos, pubs e baladas.

a 0h, que é a que precede o início do funcionamento das casas noturnas e, geralmente, dos grandes eventos e festas, coincidindo com os horários de maior frequentação dos barzinhos e pubs.

Já no que se refere aos horários de chegada nas baladas, os jovens começam a sair e se dirigir para elas na faixa entre as 22h e 23h, aumentando gradativamente até o ápice entre a meia-noite e 1h da madrugada, tendo ainda grande expressão a faixa de horário entre 1h e 2h da madrugada. Após esses horários, vemos uma queda drástica, ainda que existam alguns poucos que chegam à balada em horários mais avançados (geralmente vindos de outra balada).

Essa temporalidade da noite também foi observada em campo e revela algumas peculiaridades das práticas dos jovens e das lógicas dos estabelecimentos. Das quatro baladas observadas, apenas o Escritório Bar tem suas atividades iniciadas antes da meia-noite. Mesmo assim, raramente as atrações musicais ao vivo começam a tocar antes desse horário, sendo animadas apenas por música ambiente ou um "DJ". As outras casas começam a receber seus clientes após a meia-noite, tendo o ápice do fluxo de chegada de clientes entre meia-noite e 2h, tal qual o padrão desenhado no questionário e confirmado em campo.

Contudo, nos dias em que abriam mais cedo, tanto o Escritório Bar quanto o Santarena Bar (seguindo a mesma lógica do *happy hour* utilizado pelos bares e pubs para atrair clientes mais cedo para o estabelecimento), faziam promoções em que os clientes deveriam chegar até determinados horários, geralmente sendo finalizadas as promoções entre as 23h e 1h da madrugada. Esse mecanismo, além da intenção de atrair o público mais cedo para as casas noturnas, gerava a impressão, para quem está praticando o circuito da noite, de que a casa já está lotada e com bastante procura, ainda que esteja no começo dos trabalhos. Isso atrai o interesse do público e é positivo para a imagem do estabelecimento, que parece estar sempre movimentado e disputado.[31]

31 O Santarena Bar tinha estratégias na rede social Facebook, divulgando promoções em determinados dias e horários, estipulando geralmente o horário limite

No questionário também ficou evidente a prática do "*after*"[32] ou do "pós-*rolê*", o que acontece, normalmente, na casa de amigos, no horário entre 5h e 7h da manhã. Essa é uma prática comum entre os consumidores das baladas, que consiste – assim como no "esquenta" – em reunir os amigos em outro local, depois do evento principal, geralmente para comer, continuar se sociabilizando e se divertindo, tecendo conversas (geralmente em torno de como foi a noite) e, muitas vezes, continuar consumindo bebidas alcoólicas antes de, finalmente, voltar para casa ou consumar encontros resultantes das interações na noite.

Apesar das respostas ao questionário mostrarem que a maioria dos jovens começa a voltar para casa a partir das 4h da manhã, e alguns se estendendo até depois das 9h, esses dados parecem se revelar um pouco fantasiosos quando comparados às observações do campo. De fato, o que identificamos é um menor exagero quanto ao avanço das horas. O esvaziamento do movimento na noite de Londrina se inicia entre as 4h da manhã e chega a ser quase completo nas casas noturnas entre as 5h e 6h, não havendo quase qualquer movimento nas ruas após esses horários. Apesar de alguns saírem das baladas para o *after*, através das conversas informais com os jovens, a maioria pareceu apontar que, após a balada, vai direto para casa.

Assim como o esquenta, o *after* pode ser realizado em diversos lugares, sendo em Londrina evidente, como confirmado em campo, a centralidade exercida pela Padaria Pátio San Miguel, no centro da cidade, na Avenida Higienópolis. A padaria é local de encontro de muitos jovens que saem das baladas e já não têm lugar para comer, sendo esse um dos únicos lugares em funcionamento depois da meia-noite que atende as demandas desse público. Por diversas vezes acompanhamos a dinâmica do local durante a madrugada, que recebe

---

de 23h para que os clientes retirassem pessoalmente suas cortesias ou benefícios de promoções. Tendo em vista que o funcionamento da balada começa em torno da 0h30 e 1h da madrugada, isso fazia que grandes filas se formassem na frente da casa noturna.

32 Termo nativo oriundo da língua inglesa, que remete à ideia de "depois da festa", para os últimos momentos com os amigos antes de voltar para casa.

centenas de jovens baladeiros aos finais de semana, muitas vezes chegando com claros sinais de cansaço e embriaguez, mas ainda conversando animadamente, flertando, fazendo brincadeiras entre eles e com outros grupos que sequer conhecem.

Segurança

Dentro do contexto da experiência da *noite* em Londrina, percebemos que há uma preocupação dos empresários em criar uma atmosfera de segurança e controle para seus frequentadores, e até mesmo para os pais desses, que se preocupam com a segurança dos filhos. Carrano (2003, p.19) argumenta que a rua vai perdendo a importância como espaço de sociabilidade em detrimento dos espaços privados, representando apenas um espaço de circulação programada e fonte de insegurança coletiva. Esse raciocínio reforça cada vez mais a valorização dos espaços privados de consumo e sociabilidade, regidos pelo capital que os produziu, como é o caso da ampla difusão de espaços como os *Shopping Centers* e, no nosso caso, da vida noturna sob o modelo mercantilizado que investigamos.

O elemento da segurança, do controle e até mesmo da proximidade com o centro é diferencial em relação aos "festivais" e festas que são distantes, organizados com menos rigor e segurança. Para os empresários, as casas noturnas, por não serem itinerantes, "terem todos os alvarás", cumprem uma série de exigências que passam uma maior sensação de segurança para os clientes.[33]

Ao longo dos trabalhos de campo, fomos percebendo a quantidade de seguranças presentes nas casas noturnas e na frente dos bares, sendo exceções aqueles estabelecimentos que não possuíam ao menos um agente em sua portaria. Os seguranças, via de regra,

---

33 Depois de um incêndio trágico em uma casa noturna no ano de 2013, em Santa Maria (RS), que resultou na morte de centenas de jovens, preocupações com a segurança se redobraram. Mais informações sobre o caso em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/tragedia-incendio-balada-santa-maria/platb/>.

trajavam ternos e gravatas, calças e camisas pretas, aparentando formalidade e expressões sisudas. Nas casas noturnas, em especial, havia verdadeiras equipes, com chefes de segurança, comunicação via radiotransmissores, acompanhamento via câmeras de vigilância etc. Havia até mesmo a presença de pessoal não caracterizado, para sondar possíveis abusos sem chamar atenção dos clientes ali presentes.[34]

A grande presença de seguranças, somada ao pouco uso dos espaços públicos na noite londrinense, chamou a atenção. A prática de se abarrotar as calçadas nos arredores dos estabelecimentos de lazer noturno, muito comum em outras cidades, foi quase ausente em Londrina, durante o período em que investigamos.

Isso levou à reflexão sobre a preocupação com a violência urbana em Londrina entre os jovens. Em conversa informal, a professora Dra. Leila Jeolás[35] mencionou a questão da violência urbana, exemplificando com uma onda de sequestros-relâmpago de jovens na noite, que assustou a população. Entretanto, ainda que haja um discurso midiático com apelo sensacionalista sobre a violência na cidade, a pesquisa de Carvalho (2008) mostra que a maior parte dos casos de violência dessa natureza em Londrina está circunscrita a bairros de periferia pobre da cidade, crimes esses relacionados intimamente com o tráfico de drogas.

Um suposto medo da violência urbana na noite foi sendo desmistificado no decorrer do processo, pois a maioria dos jovens demonstrou nas conversas estar muito à vontade na cidade durante a noite. Inclusive os proprietários dos estabelecimentos demonstram que a preocupação deles é mais no sentido criar uma atmosfera de

---

34 A presença de policiais militares e civis fazendo "bicos" de segurança é frequente, ainda que irregular. Eles são contratados para se passarem por clientes, à paisana, mas portando suas armas dissimuladamente. O objetivo principal é proteger a casa de tentativas de roubo, sendo o controle dos exageros e confusões entre a clientela responsabilidade dos seguranças. Um desses seguranças se tornou um colaborador importante da pesquisa, com o qual nos encontramos em muitos momentos do trabalho de campo.

35 À época, professora sênior do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e pesquisadora da temática das juventudes.

segurança dentro da casa noturna – evitando confusões, abusos e exageros indesejados – do que em relação à possível violência da cidade. Além disso, a presença de viaturas percorrendo o circuito da diversão noturna, ou permanecendo algum tempo na frente das baladas, faz parte também da dinâmica, contribuindo para a criação dessa atmosfera de controle e segurança, vendida junto com a diversão. Há frequentes *blitz* nas principais avenidas da cidade; entretanto, as paradas na frente das baladas são apenas para conversar (geralmente com os policiais à paisana) e ver o movimento.

Clima de festa: a "*vibe*"

Na noite, por parte dos empresários, há a clara intenção de gerar um "clima de festa", também chamado pelos frequentadores de "*vibe*", remetendo à expressão em inglês *vibration*, como se todos estivessem alinhados na mesma sensação/vibração positiva de diversão, alegria, disposição. Como se os presentes, de alguma forma, estivessem conectados por uma euforia, um bem-estar coletivo que é (ao menos no plano do ideal) compartilhado por todos que estão na festa. A produção intencional da *vibe* remete à ideia de simulacro de festa, tal como Margulis (1997) identificou na noite portenha.

Para isso, esses estabelecimentos investem em iluminação especial e decoração, e a música tem papel fundamental para compor esse cenário. Com um volume ensurdecedor, a música nas baladas de Londrina pode ser literalmente "sentida" na pele e nos órgãos internos, fazendo o corpo entrar em ressonância com o som.[36] "A habilidade da música (e do som de maneira geral) de criar uma atmosfera (um espaço dotado de carga emocional) tem crucial importância, pois é, em grande parte, esta 'atmosfera' que os 'baladeiros'

36 Com o tempo, tive a necessidade de usar protetores de ouvido intra-auriculares dentro das baladas por conta da longa exposição à música em alto volume, que causava incômodo, sensação de "zumbido" nos tímpanos por horas após a noite, dores de cabeça e até mesmo vertigem.

pretendem consumir. Mas não é só a música: a resposta do público em relação à música é extremamente importante"[37] (Malbon, 2005, p.271, tradução livre), sendo a dança a expressão mais importante da interação com a música e representa fortemente a resposta do público.

É importante mencionar que a experiência de ouvir a música dentro da balada é distinta de se ouvir em casa, nos fones de ouvido ou no carro, por exemplo. A intensidade do volume altera muito a experiência da música, e o ambiente – cheio de outras pessoas experienciando a mesma música neste volume –, com seu jogo de luzes e dança dos corpos, acaba somando para a sensação de sintonia, de fazer parte de um "todo", um coletivo, ali contagiado pelo mesmo ritmo que permeia cada centímetro do ambiente.

A maneira como o público interage dentro da balada é o que vai definir se a festa vai ser percebida como boa ou não. Uma casa noturna com capacidade para mil pessoas com apenas trezentas é considerada "miada", ainda que seja o público "elitizado" que os proprietários aguardam e que a atração musical esteja boa.

O pouco volume de pessoas não permite com que se crie a atmosfera necessária para a noite ser divertida em seu potencial máximo. Um lugar "miado" remete à ideia do silêncio, em que se pode ouvir os gatos da rua miando, lugar com poucas chances de sociabilidade, de diversão, de encontros, sendo urgente procurar outro lugar para ir. Como disse R. (sócio/proprietário do Da Silva Bar e Santarena Bar) em entrevista, "onde tem gente, atrai gente". A balada com poucas pessoas nunca vai estar "*top*",[38] não vai atender justamente a expectativa do clima de festa que se considera o ideal. Assim, a

37 "[...] *is the ability of music (and sound more generally) to create an atmosphere (an emotionally charged space) which is of crucial importance, for it is largely this atmosphere that the clubbers consume. But it is not the music alone – the crowd is extremely important in its response to the music*". Para uma discussão sobre a atmosfera afetiva da noite, vale conferir também o trabalho de Shaw (2014).

38 Termo nativo que passa a ideia de "topo", de representar algum item ou evento que é o melhor daquele universo. "_Essa bebida é a top da balada"; "_A festa estava top ontem!"; "Esse DJ é top, hein?!".

lotação da casa é elemento importante para criação da *vibe*, ou seja, uma experiência positiva da balada que garante o retorno do público a cada nova edição da festa e, consequentemente, o próprio sucesso do empreendimento comercial.

Ao falar sobre o que procuram ao sair na noite, alguns jovens que entrevistamos[39] mostram a importância da presença dos amigos, da música, e da procura pelo flerte, por "alguém para ficar", como elementos para constituição do que entendem por *vibe*. Como ilustra o trecho seguinte:

> P: E quando vocês saem para se divertir, o que vocês procuram na essência da coisa... vocês estão saindo pro rolê, qual é a essência?
>
> Ed: Eu acho que é uma música boa!
>
> G: É música boa...
>
> Fr: A música, os amigos...
>
> Ed: Por exemplo: Tem um festival da hora, com umas músicas e bandas da hora, que a música vai ser firmeza... Ah, não pensamos duas vezes: a gente tenta ir, sem ver qualquer outra coisa!
>
> P: Mais importante que mulher? [*o entrevistado já havia mencionado que para ele é importante]
>
> Ed: Eu acho que... é... [fica sem jeito, mas ri]
>
> Gu: Ahá! Aqui ó... [gesticulando e negando o argumento do amigo, enquanto ria]
>
> Go: É uma combinação de tudo, tá ligado?
>
> Gu: Eu também acho, cara.
>
> Fr: Por que as vezes tem um som legal, mas o seu pessoal vai em outra festa... Você acaba indo na onda.
>
> Ed: Música... mulher também influencia bastante... e onde a galera vai também...

---

39 Entrevista realizada na república de jovens universitários frequentadores da noite de Londrina no dia 23 de novembro de 2014. Os prefixos identificam os nomes ou apelidos dos entrevistados "Go", 22 anos; "Ed", 21 anos; "Fr", 20 anos; "Gu", 21 anos, estudantes de Economia, Administração e Jornalismo da Universidade Estadual de Londrina (UEL), respectivamente. Todos com as famílias de fora de Londrina.

Go: Combinação de tudo!

P: E a escolha do lugar é importante também pro grupo, pra vocês, ou acaba...(interrompido)

Fr: É importante... é importante sim!

Ed: Eu não gosto muito de lugar apertado.

Gu: Eu também não gosto não...

Ed: Tem que ter área de fumante! [risos]

Go: É importante sim!

Fr: Se você escolher uma balada muito zoada... tipo assim... tem meio um lance de liderança. Então se você escolher uma balada muito furada, ninguém acaba "comprando o rolê" [acompanhando a proposta] e você acaba agitando sozinho e ninguém vai.

Como se vê, a presença dos amigos é importante, e há de haver uma negociação para que você não vá para uma balada sozinho, muitas vezes cedendo às decisões do grupo. Isso também se reflete nas promoções que, muitas vezes, só se aplicam a grupos com um número mínimo de pessoas. Outros elementos são apontados, como entrada franca e bebidas baratas, além da recorrente procura por "mulheres" na fala dos homens, como ilustram outros jovens entrevistados:[40]

P: O que vocês procuram quando vocês saem?

Ma: Bebida baraaaataaaa! [em tom de comemoração]

Rha: É, bebida barata!

Ma: Não é à toa que eu ia toda quarta, por que...

Va: Bebida barata e entrada free [gratuita]! é ou não? [rindo]

Ma: É... é verdade! Mas depende da música! Por exemplo: eu nunca fui no Folks [Pub Sertanejo]

40 "Va", pequeno empresário, 28 anos; "Rha", universitária, 22 anos; "Ma", universitária, 20 anos. Entrevista realizada no dia 30 de outubro de 2014, no Santidade Bar, por sugestão dos entrevistados. Os três são frequentadores da noite londrinense, sendo Va morador de Londrina e Ma e Rha moradoras como estudantes universitárias, vindas de outras cidades.

Va: Quando ele perguntou isso antes de vocês chegarem, chuta o que eu respondi?

Ma: Mulher!

Va: Obviamente! [rindo]

Ma: É... por que aqui tem tipo o Santarena, tem o Valentino...

Rha: [...] Eu jamais escolheria o Santarena, por que eu não gosto da música. Eu escolho muito pela música, também!

Va: Eu escolho pela densidade! [em tom de piada]

Ma: Densidade... Você gosta de mulher! Você só vai no Santarena por causa disso!

Os empresários da noite entendem que o que os jovens procuram na noite é "se divertir", "estar com os amigos", "esquecer dos problemas", "beijar na boca", "beber", como ilustra a fala de R., sócio da Mansão Palhano:

P: E como é que você descreveria o comportamento do pessoal aqui na casa? Por exemplo: num barzinho o cara vai sentar, vai tomar alguma bebida, e aqui dentro?

R: Aqui dentro é: soco, pulo e grito [ambos riem]. Tô brincando, cara! É... dançar, diversão, beber, festar, beijar na boca, se divertir. Diversão! O cara sai atrás de diversão!

P: Dançar...

R: Dançar, festar... [...] Reunir os amigos, mexer com a mulherada

Quando perguntamos a esse respeito, D., sócio da Kingdom 2800 diz:

P: Tem várias maneiras de se divertir. Essa é uma das maneiras: a balada, o ambiente com iluminação especial, som alto... Por que você acha que esse público escolhe esse tipo de diversão?

R: *Porque aqui eles têm liberdade para se divertir da maneira que eles gostam. Porque é um ambiente preparado pra isso, com música boa, som bom, bebida de qualidade, grupos se encontrando...* então,

> eles acabam procurando esse tipo de balada por esses motivos e por segurança também. Não sai na rua, não tá no festival onde acontece um monte de "cagada" [se refere a brigas e confusões]. Sabe que aqui tem todas as licenças, todos alvarás – por isso tá funcionando. *Tá no centro da cidade... o deslocamento é fácil: pode pegar um taxi, pode vir a pé, pode vir de qualquer maneira.*
>
> R: O que você acha que esse público está procurando quando sai para procurar esse tipo de diversão?
>
> R: Cara... diversão! Independente se é com amigo, com amiga... Diversão! Eles querem se divertir, festar... beber... é isso que eles querem! E "pegar"! Se pegar, pegou! Se não pegar...
>
> P: "Pegação" também, né? Flertar... é um ambiente que favorece, né?
>
> R: *Pegação faz parte, né? O ambiente é propenso pra isso, mas eles querem mais é se divertir, independe de qualquer coisa. [...] bebendo e ouvindo música boa, dançando, paquerando, flertando... essas coisas...*

Há o entendimento do ambiente da balada ser o ambiente propício para esse tipo de práticas, de exageros, da "pegação", das bebedeiras. Quando perguntado sobre elementos que poderiam estimular o consumo dentro da balada, L., sócio do Santarena Bar, revelou uma faceta importante que estimula os frequentadores, remetendo à importância da atmosfera da festa, como fica evidente no trecho seguinte: "[...] É o clima da balada... É a 'vibe' como a gente fala. E é essa que é a minha preocupação, entendeu? Da 'vibe' ser boa!".

Se para os proprietários dos empreendimentos da noite é importante para o seu negócio tentar fazer o máximo possível para proporcionar boa "*vibe*" para seus clientes, para os frequentadores essa é a contrapartida que eles procuram quando consomem esse modelo de diversão. É se divertir, sem preocupações, estar com seus pares e sentir a mesma sensação boa de estarem alinhados na mesma frequência, na mesma vibração, na mesma boa "*vibe*".

Se levarmos a análise para outra escala, a *vibe* é o resultado de um processo de identificação coletiva com alguns elementos que compõem uma subcultura (gosto por um gênero musical ou artístico, fãs

de algo em comum, como super-heróis, times de futebol etc.). Essa identificação causa um processo empático que resulta em um sentimento de grupo, de comportamento gregário. Essa "comunidade" (pois é um grupo de sujeitos que comungam de um mesmo valor) permite criar essa atmosfera quase ritualística de "boa vibração", tal qual aquela que os membros de uma religião são capazes de chegar quando estão em "comunhão" ou em seus rituais espirituais. Ou quando os torcedores de um time de futebol assistem a uma final de um campeonato importante e comungam aquele momento e aquelas emoções de forma coletiva.

Como já dissemos, para a balada estar boa, quase como regra, tem que estar "lotada". Isso, por algum motivo – talvez de potencializar o maior número de encontros com pessoas, novas interações –, permite que haja a condição para a *vibe* boa, de todo mundo estar na mesma "vibração", em "alto astral", se divertindo.

Quando a balada está relativamente vazia, ainda que a atração seja boa, as pessoas aparentemente ficam mais acanhadas, bebem menos, dançam mais timidamente, se movem menos dentro da balada, flertam menos, exageram menos nos comportamentos. Isso explica a prática rotineira de distribuição de cortesias (especialmente para as mulheres), pois fatia considerável dos lucros da casa é advinda da venda de bebidas. Então, há uma conjuntura para estimular esse consumo, sendo um dos elementos importantes como desinibidor para facilitar a sintonia da *vibe* coletiva.

A *vibe*, além de depender da casa estar cheia, também depende da atração, que geralmente estimula as pessoas a entrarem num clima de diversão, animação, descontração, sugeridos não só pelo ritmo e volume, mas também pelo conteúdo lírico das músicas, danças e gestos dos próprios artistas, que convidam o público a interagir e constantemente estimulam com frases como: "todo mundo pra cima!", "comigo!", "vamos agitar galera!", "joguem as mãos pra cima", "quem está solteiro aí dá um grito!", "Quem tá bêbado dá um grito/levanta o copo!" etc. Esses elementos vão corroborando para a desinibição generalizada do público, que fica mais à vontade para cometer exageros, numa espécie de catarse hedonista e permissiva.

_Meu, se a casa tá na vibe, é a casa inteira, não é um grupinho! [...] Normalmente quando a casa entra na vibe é o clima inteiro ou nada. [...]Eu acho que o que faz a pessoa gastar o dinheiro, ostentar... É a festa estar boa. A festa está "bombando", cheia de mulher bonita. Essa é a melhor receita [para a noite ser boa e lucrativa] que tem. Quando você tem um artista bom, que o público gosta, que a balada enche e que tudo se encaixa, do show ser bom e o público estar no clima do show... é a melhor receita! (L., sócio/proprietário do Santarena Bar)

A fala de M., sócio do Escritório Bar, complementa:

P: Então você acha que a ambiência, o clima da balada também influencia no consumo?

R: Com certeza.

P: Se estiver bombando, se a galera estiver "pra cima", acaba consumindo mais?

R: Ninguém pede vários Champagnes quando tem dez pessoas... Graças a Deus sempre tem bastante gente [...]

Considerações finais: consumo e diferenciação social

Nesta breve discussão, pudemos tratar de alguns tópicos importantes para compreender um pouco da dinâmica da vida noturna de Londrina; sobretudo aquela ligada ao circuito *mainstream* das baladas. Expandindo essa discussão para além do exposto e estabelecendo uma correlação com a produção mais ampla do espaço urbano de Londrina, pudemos identificar que as lógicas que ficam evidentes por parte dos promotores desse modelo de diversão (os empresários da noite) estão intimamente correlacionadas com as lógicas que regem a produção imobiliária, carregadas também dos valores de classe que se exprimem na fragmentação socioespacial.

O vocabulário presente nas falas, com palavras como *diferenciado*, *selecionado*, *exclusivo*, e as próprias entrevistas com os

proprietários ou sócios reproduzem a intenção de apartação e a não convivência com os desiguais. Há interesse por fazer parte de uma classe distinta, fazendo parte dos valores que são consumidos pelos clientes. Esses valores também são identificados por Spósito e Goes (2013, p.289) ao tratar das lógicas de fragmentação socioespacial nas cidades médias.

A escolha locacional está alinhada geralmente a frentes de expansão da malha urbana voltadas para as elites e classes médias; áreas valorizadas, com grande *status* do ponto de vista social e imobiliário (especialmente no caso dos estabelecimentos menores como os bares e *pubs*); áreas não densamente ocupadas (no caso das casas noturnas); proximidade com instituições de ensino superior e proximidade com eixos viários (e comerciais) importantes. Essas escolhas e as próprias falas dos empresários mostram uma intimidade com a lógica da própria expansão urbana e a especulação imobiliária na cidade. Essa mesma lógica também compareceu no estudo de Turra Neto, apresentado neste livro, sobre a cidade de Ribeirão Preto.

Assim, a disposição espacial (e toda a carga simbólica que isso exprime) faz parte do consumo de mercadorias culturais, que são, nesse caso, formatadas sob um modelo de diversão globalmente difundido pela grande mídia, *internet*, artistas, influenciadores digitais, cinema e toda sorte de meios que ventilam estes valores e modelos.

Para exercitar esses modelos, as baladas têm como parte do produto a ser oferecido a própria *experiência*, que potencializa as melhores emoções, a "curtição", os encontros, a sociabilidade, a diversão, o extravasamento catártico das tensões (como aponta Malbon, 2005), a "pegação", a embriaguez e os exageros. Há uma escalada ao ponto de um clímax, que vai causar a satisfação do cliente, que deve voltar para casa com a sensação de que viveu uma noite inesquecível.

O consumo desse modelo de diversão tem importância simbólica para a maioria dos sujeitos, pois remete a um estilo de vida ostentado nas redes sociais. Criam, através de fotos, vídeos e textos, uma personalidade alinhada a esses valores, geralmente ligados também ao consumismo e à ostentação de riqueza. Fazer parte desse circuito e ventilar nas redes sociais já se torna um signo de distinção de

classe almejado por muitos jovens. É estar incluído e alinhado a um valor de classe mundialmente difundido, quase como um ideal a ser alcançado.

Como argumenta Margulis (1997, p.17-18):

> [...] a exclusão é o inverso da distinção, indica quais os elementos simbólicos estão em jogo. A exclusão torna-se uma mercadoria e é um elemento central na criação de valor de troca de muitos ambientes da vida noturna. Você pode escolher dentro de uma determinada gama, condicionado pelo setor social que é pertencente, por *habitus* de classe, pelo corpo e etnia. Maneiras de influência, vestido, penteado, em geral, a "onda". [...] a cultura da noite tende a reproduzir, desvendar e até mesmo agravar os sistemas de dominação e força legitimação na sociedade. A forma de diferenciação e exclusão social são talvez mais brutais e óbvias do que as observadas no tempo de vida diurna. (tradução livre)[41]

Assim, encontramos similaridades dos valores de apartação socioespacial que são expressos na produção do espaço das cidades, reproduzidas microterritorialmente dentro das baladas. Há apartação tanto de quem pode ou não fazer parte da noite quanto internamente, em setores.

Dessa forma distingue-se quem pode acessar determinadas áreas e benefícios, como o *backstage* (atrás do palco, com acesso aos artistas), os camarotes com mesas, sofás e garçons exclusivos, os mezaninos, as pista de dança e os bistrôs. Os que podem pagar mais (ou tem melhores contatos) têm benefícios atrelados ao espaço que podem

---

41 *"[...] la exclusión es el reverso de la distinción, indica qué elementos simbólicos están en juego. La exclusión se convierte en mercancía y constituye un elemento central en la constitución del valor de cambio de muchos locales de la noche. Se puede elegir dentro de una cierta gama, condicionada por el sector social al que se pertenece, por los habitus de clase, por el cuerpo y la condición étnica. Influyen los modales, la vestimenta, el peinado, la edad, la 'onda' [...] la cultura de la noche tiende a reproducir, a develar y aun a exacerbar los sistemas de dominación y de legitimación vigentes en la sociedad. Las formas de diferenciación y de exclusión social son tal vez más brutales y manifiestas que las que se aprecian en la vida diurna".*

ocupar, recebendo tratamento diferenciado do restante e, portanto, podendo exibir signos (pulseiras) que os diferenciam dentro daquele espaço, sendo estas nuances lidas pelos sujeitos como sinais de distinção e posicionamento social dentro daquele contexto.

Por fim, vale destacar que a dinâmica da noite de Londrina, descrita neste texto, bem poderia ser a dinâmica de qualquer outra cidade do mesmo porte, em que os mesmos formatos de oferta de vida noturna estão sendo colocados no horizonte dos jovens, como opções para suas experiências nessa fase de vida.

Referências

ALMEIDA, M. I. M.; EUGÊNIO, F. Sob a regência da presença: subjetividade e cálculo entre jovens consumidores de ecstasy no Rio de Janeiro. In: ROCHA, E.; ALMEIDA, M. I. M. de; EUGÊNIO, F. (Org.) *Comunicação, consumo e espaço urbano*: novas sensibilidades nas culturas jovens. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Mauad X, 2006. p.35-53.

ALMEIDA, M. I. M. de; TRACY, K. M. de A. *Noites nômades*: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ALVES, T. *Geografia da noite*: conhecer, compreender e repensar os territórios. Lisboa: CEG – Centro de Estudos Geográficos. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2010.

CARRANO, P. C. R. *Juventudes e cidades educadoras*. Petrópolis: Vozes, 2003.

CARVALHO, M. S. de. Violência urbana: breves considerações sobre a cidade de Londrina. COLOQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA, X, *Anais...*, Barcelona, mayo de 2008. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/-xcol/97.html>.

COMAS ARNAU, D. Agobio y normalidad: una mirada critica sobre el sector "ocio juvenil" en la España actual. *Revista de Estudios de Juventud: identidades y alternativas*, n.50, p.9-22, 2000. Disponível em: <http://www.injuve.es/observatorio/ocio-y-tiempo-libre/n%C2%BA-50-ocio-y-tiempo-libre--identidades-y-alternativas#sthash.sDdYZqtW.dpuf>.

CUSTÓDIO PEREIRA, M. *Diversão noturna das juventudes prudentinas*: o caso da mancha de lazer do Jardim Bongiovani. Presidente Prudente, 2012. Monografia de Bacharelado (Graduação em Geografia) – Faculdade

de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

_______. *Geografia da noite*: oferta e consumo de diversão noturna em Londrina – Paraná. Presidente Prudente, 2016. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

DAYRELL, J. *A música entra em cena*: o rap e o funk na socialização da juventude. Belo Horizonte: Humanitas, 2005.

DIÓGENES, G. *Cartografias da cultura e da violência*: gangues, galeras e movimento hip hop. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e do Desporto, 2008.

FEIXA PAMPOLS, C. La ciudad invisible: territorios de las culturas juveniles. In:

MAGNANI, J. G. C. *Quando o campo é a cidade*: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, J. G. C.; TORRES, L. de L. (Org.) *Na metrópole*: fazendo antropologia urbana. São Paulo: Edusp; Fapesp, 1996. p.12-53.

_______. Os circuitos dos jovens urbanos. *Tempo Social – Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v.17, n.2, p.173-205, 2005.

MALBON, B. *The Club*: Clubbing: Consumption, Identity and the Spatial Practices of Every-Night Life Ben Malbon. In: SKELTON, T.; VALENTINE, G. (Org.) *Cool Places*: Geographys of Youth Cultures. London: Routledge; Taylor & Francis e-Library, 2005. p.267-98.

MARGULIS, M. *La cultura de la noche*: la vida nocturna de los jóvenes en Buenos Aires. 1ª ed. 2ª reimpr. Buenos Aires: Biblos, 1997. p.11-30.

MARGULIS, M. et al. (Org.) *Viviendo a toda*: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades. Santafé de Bogotá: Siglo del Hombre Editores/ Departamento de Investigaciones Universidad Central, 1998. p.83-109.

PAIS, J. M. *Culturas juvenis.* Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.

SHAW, R. Beyond night-time economy: affective atmospheres of the urban night. *Geoforum*, n.51, p.87-95, 2014.

SPOSITO, M. E. B. *Lógicas econômicas e práticas espaciais contemporâneas*: cidades médias e consumo. Presidente Prudente, 2011, 43f. Projeto Temático Fapesp (Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

SPOSITO, M. E. B.; GOES, E. M. *Espaços fechados e cidades*: insegurança urbana e fragmentação socioespacial. São Paulo: Ed. Unesp, 2013.

8
As mudanças no sentido de periferia urbana e de seu lazer noturno: o caso das cidades não metropolitanas de Bauru e Marília

Élvis Christian Madureira Ramos

Introdução

O foco deste capítulo é a compreensão das mudanças na economia e na geografia do lazer noturno nos espaços periféricos de cidades não metropolitanas, nesse caso, com atenção nas cidades de Bauru (SP) e Marília (SP), numa abordagem comparativa. Para tanto, combinarei meus argumentos e descrições a partir de três planos que se articulam, a saber:

- O *plano externo* (interurbano), destacando num nível mais alto e contextual, como os espaços periféricos vieram a se situar no âmbito das relações interespaciais entre espaços metropolitanos e não metropolitanos. Contextualizo como as mudanças no conteúdo dessas relações (econômica, tecnológica e sociocultural) também rebateram nas periferias das cidades não metropolitanas, em termos de aberturas a conteúdos culturais e na dinâmica do lazer noturno. Esse plano é discutido inteiramente na primeira parte desse capítulo.
- Já o *plano interno* (intraurbano) visa especificar as mudanças estruturais e de perfil socioeconômico e cultural dos espaços periféricos. O que faz da periferia um espaço mais complexo que aquele que tradicionalmente era concebido como um

espaço não urbano, e que hoje abrange além dos bairros populares, outras formas de inserções socioespaciais e assentamentos urbanos.

- E o *plano dos agentes econômicos e sociais* (práticas espaciais), que busca destacar quais mudanças e agenciamentos se sucederam no lazer noturno de Bauru e Marília ao longo das últimas décadas, e como isso gerou impactos nos espaços periféricos. Essas mudanças são apresentadas numa trajetória histórica e espacial, cujas descontinuidades marcam os rumos das alterações mais significativas em termos de lazer e economia do lazer noturno.

É preciso destacar que há neste capítulo três argumentos importantes que se ancoram nas descrições e dos planos de análise aqui enunciados. O primeiro deles está no fato de que as cidades e as periferias das cidades não metropolitanas, como as das duas cidades deste estudo, vêm passando por redefinições em termos habitacionais, econômicos e na abertura a novos padrões de consumo e conteúdo cultural. Tornando esses espaços lugares de maior heterogeneidade socioespacial e cultural.

O segundo argumento é que essas mudanças abrangem também aquelas específicas da economia do lazer noturno. E naquilo que é central neste capítulo, se estendendo aos extensos e populosos espaços periféricos dessas cidades.

O terceiro argumento é que a periferia urbana não pode ser considerada um espaço introvertido e isolado na cidade. Como busco demonstrar no âmbito do lazer noturno, a periferia, por meio de redes juvenis e de suas práticas espaciais ao longo das últimas décadas, teve e ainda tem um papel importante na geração de demandas e na construção de circuitos de lazer noturno na cidade.

Por último, na parte final, busco destacar quais tendências parecem estar se consolidando em termos da penetração da economia do lazer noturno nos espaços periféricos e suas consequências sociais e economicamente mais imediatas.

As aberturas técnicas e culturais no contexto das cidades não metropolitanas

Ao abordar as mudanças no lazer das periferias em cidades não metropolitanas, o que já se coloca de início é uma diferenciação com o lazer das cidades metropolitanas. Ainda que não seja intuito deste trabalho realizar um estudo sistemático e comparativo entre essas duas realidades urbanas em torno do lazer, é preciso, ao menos, contextualizar as relações interespaciais que existem entre elas e, assim, gerar uma visão mais clara dos processos de transformações, que vão abranger aquilo que nos interessa aqui, que é a dinâmica do lazer noturno e mudanças socioculturais a partir das periferias das cidades não metropolitanas.

Sobre essa relação, pode-se destacar de início a força econômica e cultural das cidades metropolitanas na produção e no multidirecionamento de conteúdos para os mais remotos lugares, constituindo um vasto circuito nacional e/ou transnacional. Essa é uma relação em princípio significativamente hegemônica, com diferentes alcances e intensidades no espaço geográfico. Porém, é uma relação que depende também das aberturas locais a esses conteúdos extralocais. Isso é algo importante a ser ponderado, pois cada cidade e região vive sua própria formação espacial e sócio-histórica e que são determinantes no grau de porosidade aos produtos, costumes e valores externos.

Aliás, tal como argumentou Massey (2008), essa história, mesmo considerando uma cidade situada em uma região remota, não ocorre de maneira isolada e fechada constantemente. Em realidade, seu desenvolvimento e sua história se fazem sob inúmeras formas de contatos e aberturas que se sucedem no tempo e espaço.[1] Sem contar que os lugares estão de alguma forma enredados e situados num contexto geográfico e político com outras unidades socioespaciais.

---

1 Além disso, Massey (2008) destaca também que a história do lugar não é constituída de uma única narrativa, em face dos diferentes grupos que, apesar de não terem talvez uma história contada, vivem no espaço múltiplas relações e negociações, impressas pelas diferenças, como de caráter geracional, étnico e identitário.

E é justamente o tipo de abertura e relação interespacial que se deu no espaço urbano brasileiro nas últimas décadas que nos interessa aqui primeiramente, pois são essas mudanças que permitem entender num quadro ampliado como as cidades não metropolitanas e suas periferias se desencaixaram de contextos, outrora mais restritos de troca material e simbólica, para um espaço muito mais amplo de interações econômicas e socioculturais. O que vai afetar, por exemplo, a receptividade mais ampla da periferia para conteúdos e repertório cultural, com impacto direto na economia do lazer noturno.[2]

Inicialmente, vamos nos concentrar na rede urbana brasileira que é regida por uma dinâmica funcional e econômica mais complexa atualmente do que em períodos anteriores. Em décadas atrás, a hierarquia urbana era mais rígida e com uma clara subordinação das cidades não metropolitanas às metrópoles regionais e nacionais. Essa dinâmica já vinha se alterando desde os anos 1970 com o processo de implantação no território de novas ligações rodoviárias e comunicacionais, mas foi nos idos de 1990 que esse processo se intensificou ainda mais, com as novas tecnologias informacionais, que vão proporcionar um aumento dramático do fluxo de informações e conteúdos em larga escala, tanto no espaço nacional como na sua relação com espaços transnacionais.

Essas novas tecnologias comunicacionais e informacionais se tornaram vetores de uma maior fluidez do capital, serviços e conteúdos culturais na rede urbana. O que também veio a resultar numa maior complexidade e diferenciação das relações interespaciais urbanas.

A razão principal disso é que esses complexos, enredados e de fluxos superpostos já não estavam mais presos a estruturas e

2 A expressão "economia do lazer noturno" tem uma conotação mais econômica em referência à indústria do lazer nesse trabalho, embora se inspire no artigo de Robert Shaw (2010). Para esse autor e no contexto britânico, a "economia da vida noturna" se destacou pela política de liberalização de diversas formas comerciais na noite e na desregulação de práticas que também resultaram em impactos sociais. Atualmente, esses estudos se orientam também para os aspectos culturais e ideológicos na noite.

hierarquias solidificadas, mas se flexibilizaram no espaço. Desse modo, redes informacionais passaram a coexistir e se complementar no território com as redes técnicas físicas. Estamos falando das vias de transporte e circulação que potencializaram sua logística e fluxo ao se servirem de outras redes, como o sistema de navegação por satélite (Global Positional System) e a rede mundial de computadores (World Wide Web). Como definiu Santos (2006), o território se informatizou, acelerando a economia, os ritmos das mudanças dos lugares, redefinindo de forma flexível as formas de interações espaciais da rede urbana.

No caso das cidades médias – mais particularmente das cidades deste estudo –, a teia de relações econômicas e culturais rompeu os limites regionais e da contiguidade física com outras cidades. Em face da conectividade informacional, essas cidades passaram a manter articulações em diferentes escalas, assim como ter um papel importante na intermediação dos fluxos, trocas e investimentos econômicos entre as metrópoles e outros centros urbanos espalhados na rede urbana.[3]

Essas mudanças, contudo, não ficaram restritas à redefinição da rede urbana e dos fluxos econômicos. As novas tecnologias informacionais não somente uniram pontos, como também, pela sua ubiquidade e fluidez, passaram a viabilizar o trânsito de diversos conteúdos. O que veio a favorecer que pluralidade de locais estivessem numa zona ampliada ou até global de interações espaciais, permitindo uma proximidade com outros diferentes estilos de vida e formas de consumo, graças a essas aberturas.

Isso significa dizer que, não somente as metrópoles, mas também os espaços não metropolitanos passaram a se servir e a tomar parte de ampla diversidade de conteúdos culturais e simbólicos, gerados e absorvidos em diferentes lugares do espaço-mundo. A tradução disso, no nível do cotidiano, é que o horizonte espacial e cultural

---

3 Apoio-me nas conclusões do trabalho de Sposito et al. (2007), que destacam a importância da conectividade na redefinição do papel das cidades médias na atualidade.

daqueles que viviam em cidades não metropolitanas pôde se ampliar para muito além das relações e referencias locais, ou até nacionais.

É nesse sentido que as cidades não metropolitanas passaram a fazer parte de uma teia de relações econômicas e socioculturais mais complexa e flexível que anteriormente. E é nessa via que a indústria do lazer e do entretenimento passou a investir e a conquistar novos mercados, graças à maior articulação da rede urbana e da fluidez informacional e comunicacional. Na senda desse processo, muito de uma nova oferta de consumo e de lazer, que era quase exclusivamente encontrada nos grandes centros urbanos, encontrou inserção e receptividade nas cidades não metropolitanas. Como a interiorização dos circuitos de shows musicais de grandes artistas; a instalação de casas noturnas sofisticadas em variadas cidades além da metrópole; a implantação de shopping centers, com redes de franquias e salas de cinemas modernas e integradas às grandes produções cinematográficas internacionais.

Outro efeito, não menos importante, se deu na esfera das comunicações mediadas e não mediadas[4] (Thompson, 2011) no nível das relações interpessoais, isto é, da coexistência das interações face a face ou daquelas que dependiam da contiguidade espacial e das formas de comunicação a distância. Os indivíduos deixaram de estar presos às interações sociais locais para que, sob mediações digitais e a distância, encontrassem outros grupos e oportunidades para se relacionarem, atraídos por diferentes interesses e gostos.

Em resumo, essas novas formas de conectividade e mudanças nas interações urbanas constituem-se numa geometria das relações e das aberturas que incorporam as cidades não metropolitanas num quase inesgotável fluxo de mercadorias, informações e interações sociais sob articulação multiescalar. Indivíduos ou agentes econômicos

4 Segundo Thompson (2001), as interações mediadas se dão pelo uso do meio técnico. Elas podem surgir em contextos espaciais e temporais distintos, não compartilham o mesmo referencial de espaço e tempo. Por sua vez, a interação quase mediada (livros, jornais, rádios etc.) tem extensa possibilidade de informação e conteúdo simbólico. É uma interação monológica que se difunde no espaço e no tempo e cria diferentes situações de interação e intercâmbio.

locais podiam agora manter interações diretamente com agentes situados em nível global do espaço geográfico, sem necessariamente passar pelos níveis de escalas intermediárias.

Um dos efeitos práticos foi que as juventudes dessas cidades obtiveram uma maior abertura às várias culturas juvenis, estilos de vida e conteúdos musicais que se produziam pelo mundo afora. E, tão importante quanto, esse acesso passou a ser mais rápido, se não até simultâneo, quando comparado com o acesso das gerações anteriores, cujas informações e conteúdos simbólicos sofriam um atraso entre o tempo de sua ocorrência e o tempo de chegada nas cidades do interior.

É indispensável salientar, todavia, que a produção desses conteúdos e sua difusão também resultam de forças racionais e da intencionalidade de agentes e seus agenciamentos que, de forma sintética, são os agentes produtores de conteúdos (criadores), divulgadores (publicidade, marketing) e os próprios agentes econômicos (que transformam esses conteúdos em mercadorias). Muitas culturas urbanas que surgiram nos grandes centros conseguiram transpor suas escalas locais e, por assim dizer, ganhar o mundo, em face de uma indústria cultural e do lazer ancorada numa rede técnica e informacional articulada e fluída no espaço.

Para que essas "culturas viajantes" (Clifford, 2000) de fato façam parte da vida social de cidades médias e pequenas do interior, é preciso, porém, que se estabeleçam redes de sociabilidades nesses locais e, de forma complementar, que a própria cidade tenha aberturas internas. O que pode só vir a ocorrer num grande intervalo de gerações. Por isso a importância dos estudos das redes de sociabilidades, pois são essas redes locais que tecem os fios de ligações com as referências de conteúdo e consumo extralocais que, de fato, as "aterram" como parte da vida social do lugar.

Como demonstra o trabalho de Turra Neto (2012) com as culturas juvenis e suas transterritorialidades, não basta existir a difusão cultural por meio de interações espaciais e comunicacionais. Esses conteúdos precisam encontrar agentes sociais que elejam e incorporem esses conteúdos nas suas trajetórias de vida e com esses

conteúdos e estilos formar polos agregadores em torno de interesses e gostos comuns. E que podem ou não resultar em microculturas e/ou redes sociais com base territorial nas cidades.

Nesse norte, como veremos mais à frente, as periferias urbanas não são simplesmente pontos de aterrissagem cultural que independem do grau de receptividade local. Em realidade, as culturas precisam ser absorvidas mediante as condições socioespaciais locais e serem corporificadas, isto é, precisam adquirir visibilidade, *performance* e sentido por intermédio dos indivíduos e/ou redes sociais que se identificam com elas.

Agora, com base nesses elementos, podemos formular a pergunta central deste capítulo: qual ou quais foram os efeitos dessas mudanças na escala dos espaços periféricos das cidades não metropolitanas no âmbito da cultura e lazer noturno? Para tanto, o recorte aqui feito se projeta de modo articulado entre as mudanças do lazer noturno que afetam os bairros das periferias urbanas e, depois, nas práticas sociais e espaciais dos seus agentes sociais – e nesse caso, toma como foca as microculturas juvenis –, que vão a partir da periferia popular impactar a economia do lazer noturno em escalas mais amplas.

Para tanto, deve-se logo dizer que fazer esse recorte implica situar e definir um objeto socioespacial de estudo, que histórica e sistematicamente recebeu um tratamento predominantemente econômico e estrutural, e que, além disso, esteve mais voltado às periferias pobres das cidades metropolitanas. Portanto, é central naquilo que propomos abordar empiricamente, que são as mudanças do lazer e economia do lazer noturno na e a partir das periferias de Bauru e Marília, destacar como a própria noção de periferia urbana vem se redefinindo na atualidade e abrindo caminho para outras formas de abordagem.

A redefinição da periferia urbana e uma forma de abordar o lazer nesses espaços

Bauru e Marília, ambas cidades do interior do estado de São Paulo, estão dentro do perfil de cidades médias,[5] isto é, cidades que têm um papel de referência econômica e institucional destacado regionalmente, e que ao mesmo tempo se inserem numa rede urbana de relações multiescalares.[6] Logo, são lugares cujas aberturas vêm proporcionando mudanças significativas de várias dimensões e descontinuidade com o passado dessas cidades em termos não apenas demográficos, como também socioespaciais e culturais.

São mudanças que se traduzem na paisagem urbana, o que vai desde o aumento do número de áreas centrais de comércio e serviços, empreendimentos e investimentos em diversos setores (educacional, lazer, industrial), até a extensão do seu tecido urbano, como o aumento de assentamentos periféricos, ainda que esse último não decorra apenas dessas mudanças atuais unicamente.[7]

E o lazer noturno é um desses setores que não estão restritos ao aspecto quantitativo, tais como na sua densidade de serviços. Mas igualmente se estende para um aumento variado de ofertas de produtos de forma multissegmentada em diversas áreas centrais, além de contar com uma temporalidade de atividades mais ampla que em outros períodos anteriores. Encontram-se concentradas nessas cidades em suas diversas áreas centrais do lazer noturno: shopping centers com suas salas de cinema e praças de alimentação; ruas e

---

5 A maior parte das descrições deriva do estudo em torno de minha tese de doutorado (Ramos, 2017), a diferença aqui é que foram adicionadas informações que não fizeram parte daquele trabalho, e, mais importante, neste estudo atual, faço uma reconsideração mais ampla de como o lazer e sua economia vêm alterando a vida na periferia urbana nessas cidades médias.

6 São relações de diversas naturezas (econômica, cultural, social, institucional) com variados alcances na escala do espaço geográfico.

7 Por exemplo, o aumento dos espaços periféricos também decorre da intencionalidade lucrativa dos agentes econômicos locais, que buscam incorporar terras para diversos empreendimentos. E são uma força considerável na dinâmica da expansão e formas de hábitat nas periferias urbanas.

avenidas que concentram bares, pubs, clubes, casas noturnas e cervejarias; além de ofertas de lazer e serviços espalhados nas zonas periféricas, como alguns serviços de conveniência em postos de combustíveis, boates, motéis, e até superfícies comerciais bem equipadas direcionadas ao entretenimento, como já se observa em Bauru.

Ainda que o foco empírico sejam dois espaços periféricos de duas cidades médias, portanto, um estudo de natureza comparativa, a intenção definitiva não é uma comparação que busque destacar as diferenças, ainda que elas de fato existam. Todavia, a intenção maior é a de demonstrar aspectos convergentes e comuns quanto ao seu desenvolvimento e para o fato de que as transformações no âmbito do lazer e cultura se deram também com certa simultaneidade e semelhança. O que permite suspeitar de que esse processo, de maneira mais geral, *mutatis mutandis*, ocorra em outras periferias do espaço urbano brasileiro.

Em relação especificamente às periferias de Bauru e Marília, certamente que há diferenciações quanto a conteúdo, estrutura e práticas espaciais numa escala espacial dessa natureza. Mas isso também visa colaborar com a tese de que as periferias urbanas são lugares de multiplicidade quanto à vida urbana, contrastando com as narrativas mais generalistas, que apesar de suas contribuições heurísticas, sobretudo em apontar desigualdades socioespaciais numa escala mais abrangente, falham ao abandonar as descrições mais profundas do cotidiano de vida da periferia urbana e sua relação com a vida urbana da cidade como um todo.

Para não nos esquivar, porém, de um posicionamento, a noção de periferia que se desenvolve aqui busca articular alguns avanços na discussão sobre esse tema. Primeiro, não esvaziando essa noção de seu conteúdo espacial e, na sequência, afirmando um quadro ampliado de formas e dinâmicas espaciais que impactam esses espaços, ou seja, sua abertura às externalidades culturais e estéticas, como destacamos anteriormente. Assim como, de considerar o aprofundamento das clivagens sociais que vêm ocorrendo nesse espaço urbano. Nesse sentido, consideramos aqui a periferia como um espaço polimórfico quanto às suas formas, e plural quanto às sociabilidades produzidas nesse espaço.

Esse posicionamento permite fazer algumas revisões, como em torno daquela perspectiva que insiste em que a periferia popular é o não urbano, lugar inerte culturalmente, ou isolado espacialmente. Se, por um lado, a periferia pode ser considerada segregada do ponto de vista econômico, espacial e social na cidade, por outro, ela nem sempre está isolada quanto às atividades culturais e de lazer em relação às outras periferias do mundo. Além disso, a periferia urbana também se corporifica nos seus agentes sociais que se movem no espaço e ainda criam territorialidades na cidade como um todo.

Com efeito, a periferia popular é parte de um espaço periférico que passou a ser sede de aportes econômicos, que se materializam com a instalação de diversas superfícies comerciais (hipermercados, atacarejos, feiras de automóveis etc.). Assim como da aglutinação de lojas comerciais e até serviços médico-hospitalares nesses bairros. É o que se poderia chamar de um processo de terceirização na periferia. Esses conteúdos e equipamentos urbanos implicam outros sentidos de circulação e concentração de seus moradores, e que abrangem movimentos interbairros e até interurbanos.

Outro ponto que merece ser explorado, é que muito do que é consumido nos bairros periféricos não resulta de trocas apenas com as áreas centrais da própria cidade. O comércio *online* e as rotas virtuais desse comércio abrangem em suas malhas as áreas periféricas, incluso os bairros populares. O morador da periferia também está muito mais conectado à internet[8] e, também, motorizado. Desse modo, seu capital espacial[9] é mais efetivo e suas relações emocionais e materiais já não se limitam ao seu entorno imediato. São novas

8 Vale ressaltar, contudo, que, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), de 2013, o acesso à internet é muito maior entre as classes sociais com maior rendimento econômico. Além disso, o acesso global atinge apenas 49% da população. Isso pressupõe que, na periferia, onde está concentrada grande parte da população de baixa renda, esse acesso ainda é restrito em termos de uma plena inclusão digital.

9 Num sentido amplo, é um recurso e/ou competência que os agentes usam para elaborar espacialidades. O capital espacial é um conceito que se inspira na teoria dos capitais em Bourdieu, e a qual aplico um tratamento mais amplo quanto a sua elaboração e uso. Ver Ramos (2017, 2018).

tecnologias também manipuladas por seus moradores, inclusive como ponte para entrada e difusão de novos modelos de costumes e comportamentos.

É o caso de microculturas juvenis que se espelham e disseminam formas de expressões, conteúdos e códigos culturais em consonância com modelos vindos de outras periferias, de diversos outros centros urbanos. Isso é um sinal de que os espaços urbanos em seus fragmentos, na verdade, se rearticulam em outros níveis, numa escala muito mais ampla do que aquelas mais próximas e contíguas. É uma cultura hiperurbana, pois são conexões que já saltam as escalas do intraurbano e nas quais o senso de pertencimento pode estar muito mais vinculado às referências extralocais.

Tão importante quanto o que entra na periferia, portanto, também é preciso considerar o que sai dela. Não é um aspecto menor, que se torna comum à expressão "cultura da periferia", dado que muitos moradores dos bairros populares, sejam de cidades do interior, sejam das metrópoles, se veem a partir de matrizes culturais e estéticas comuns e intercambiáveis.

Isso, todavia, não quer dizer que a diferenciação socioespacial e as desigualdades se apagaram pela inserção da periferia popular num novo contexto tecnológico e cultural mais amplo. Disfuncionalidades, precariedades materiais e fortes desníveis socioeconômicos ainda são presentes nos espaços periféricos, sobretudo nos assentamentos mais pobres onde se concentram enormes contingentes demográficos e sob exclusão social. Outras diferenciações se dão também em torno das próprias fronteiras simbólicas e sociais dentro da periferia, que dizem respeito a estilos e modos de vida que se fracionam em face de ligeiras ou médias distâncias socioeconômicas entre essas populações.

Outro aspecto negligenciado diz respeito ao desconhecido peso da periferia no cenário político local e nacional. Ainda que persistam formas de compadrio e clientelismo, fato é que o habitante periférico já não deveria ser visto como um assujeitado ou alienado de sua própria condição social e espacial de vida. Ou ainda, desprovido de projetos de ascensão social e desorganizado politicamente. A

periferia também é um espaço politizado e que já não tem um papel passivo, tal como sempre aparece nas narrativas mais convencionais. Não se pode fechar os olhos para uma periferia que surge com base em diversas organizações comunitárias, militância política, frentes populares e movimentos sociais etc.

Tal como se depreendeu até aqui, a pluralidade das periferias urbanas com sua heterogeneidade espacial e clivagens socioculturais impõe amplos desafios para a análise. Os estudos aqui apresentados em torno do lazer noturno se inserem nesse desafio, porém não têm a pretensão de trazer um modelo ou tipologia geral.

A base de construções das informações para as descrições sobre os cenários de lazer no e a partir dos espaços periféricos das duas cidades deriva de entrevistas com moradores de diferentes gerações, observações das práticas de diversão contemporâneas, sobretudo entre os jovens, além da experiência observacional e descritiva em bairros da periferia nessas cidades.

Outro elemento que muito contribuiu foi o uso das ferramentas netnográficas (Kozinets, 2014), como entrevistas a partir de plataformas sociodigitais (Facebook) e observação de grupos abertos e fechados nessas plataformas, em torno dos lazeres em bairros e áreas centrais das duas cidades. Um exemplo desses grupos era o "Memória de Marília", que oferecia postagens de fotos antigas sobre lazer e atividades terciárias desde os anos 1970. Todas essas informações, observações e trabalho de entrevistas constituíram-se na base da narrativa que vem a seguir.

As transformações do lazer noturno nas periferias de Bauru e Marília

•Abordar as transformações do lazer noturno nas periferias de Bauru e Marília demanda inicialmente marcar alguns pontos de descontinuidade, que se dão entre transições. O primeiro desses cenários – apesar de talvez existirem outros cenários anteriores – vai até a segunda metade dos anos 1970; o segundo cenário resulta de um

forte processo de periferização e que diretamente impactou o lazer noturno dessas cidades como um todo; e um terceiro quadro, que se dá na virada dos anos 1990, no esteio de várias mudanças conjugadas entre si e que estabelecem um cenário de lazer noturno muito mais denso e mercantilizado que nos períodos anteriores e também consideravelmente dispersos pelos espaços periféricos. Por último, podem-se identificar algumas tendências atuais que parecem se consolidar quanto à mudança da economia do lazer noturno e sua penetração nos espaços periféricos.

Outra característica nas mudanças do lazer noturno e que aqui não poderemos nos aprofundar,[10] mas que buscaremos pontuar algumas vezes, diz respeito à força da dinâmica e dos agenciamentos sociais e espaciais, com matriz de uma cultura popular periférica, que vai estabelecer um circuito paralelo de lazer noturno, difuso e multiterritorial na cidade ao longo dos anos.

Comecemos pelo primeiro cenário do lazer noturno. Embora não nos seja possível descrever o início de sua formação, que recua muito antes dos anos 1970, as entrevistas, as consultas a jornais da época e o trabalho netnográfico permitiram traçar algum contorno e contextualização quanto ao seu apogeu e transição.

O que se pode afirmar até a primeira metade dos anos 1970 é que alguns bairros que naquele período poderiam ser considerados periféricos[11] estão sob variadas distâncias do centro urbanizado, uns contíguos e outros bem distantes. O que aqui chamamos de "periférico", nesse período, inclui em realidade uma gama disforme de assentamentos, tais como: moradias de madeira, casas para trabalhadores ferroviários, casas semiconstruídas, cortiços, casas com quintais extensos, outras com criação de animais, casas entre ruas de terra batida e outras em ruas de paralelepípedo etc. Além disso, as distâncias espaciais se entrelaçavam também com as assimetrias

10 O leitor pode se aprofundar nessa temática em específico a partir de outros trabalhos de Ramos (2014, 2015a/b, 2017, 2018).

11 Alguns desses bairros ainda existem e fazem parte da memória dessas cidades, é o caso do bairro do "Morro do Querosene" em Marília; "Jardim Europa" e "Vila Zilo" em Bauru.

sociais e simbólicas, derivadas das diferenças na forma de ocupação e renda entre as classes e segmentos sociais. Em geral, muitos bairros das áreas mais periféricas e pobres eram mal afamados e com deficiências de equipamentos públicos.

Por sua vez, o centro urbano, mais especificamente sua área central, exercia uma centralidade de primeira ordem nos direcionamentos internos e externos na cidade. Eram fluxos que se dirigiam para as casas de comércio, serviços e instituições públicas. O centro exercia uma função simbólica nas distinções sociais, em face da concentração da camada social mais notável e afluente economicamente, que ali predominava e que circulava nos ambientes de consumo, cultura e lazer mais prestigiados.

Esse lazer na área central, desde o período dos clubes sociais até chegar às comerciais casas noturnas dos anos 1980, era rigidamente segmentado socialmente. Em Marília, nos anos 1970, os clubes sociais e recreativos estavam destinados aos jovens originados de estratos socioeconômicos mais afluentes, e os jovens mais pobres e negros, por sua vez, frequentavam clubes mais modestos, para dançar e se divertir.[12]. As relações interclasses não eram tão comuns e mescladas como ocorrerá com alguma frequência em períodos posteriores. Em outros trabalhos (Ramos, 2017, 2018), destaco como essa "geometria de poder" (Massey, 2008) se instala no âmbito do lazer noturno, distanciando segmentos sociais, a partir das diferenças etárias, raciais e econômicas.

Nesse tempo, a mancha urbana não tinha ainda grandes sinais de expansão periférica significativa, o que somente vai ocorrer quando surgirem os grandes e populosos conjuntos habitacionais. Por isso, excetuando as áreas periurbanas, ou seja, as terras próximas à zona rural, onde existiam alguns clubes de campo, chácaras

12 Utilizo aqui como referência uma entrevista cedida pelo Dr. José Vicente, atual reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, que viveu a juventude em Marília nos anos 1970, cujo embalo de final de semana junto com os amigos era realizado no Clube dos Alfaiates, no centro tradicional. Outra fonte é a rede sociodigital do Facebook, "Memória de Marília" que destacava nos comentários a importância desse clube para diversão noturna dos jovens mais pobres.

e casas voltados às classes de maior renda e projeção social para fins recreativos, o fato era que o anel que se seguia a partir do centro era composto de assentamentos e de vida urbana que se relacionavam com o etos das classes populares dessa época. E em alguns pontos desse entorno ainda se encontrava um cotidiano mesclado com a ruralidade. Era nesse entorno periférico que também se concentravam algumas atividades fabris.

Quanto ao lazer noturno, podiam-se distinguir nesse período dois circuitos, com temporalidades e espacialidades distintas nessas duas cidades: aquele de visibilidade social de maior abertura pública, no centro da cidade, e um outro circuito, que exigia uma menor exposição social de seus consumidores e frequentadores. O lazer da noite no centro era o de maior frequentação e visibilidade social. Girava em torno dos cineclubes, dos clubes poliesportivos, de sorveterias e outros estabelecimentos de consumo, onde se reuniam a família, casais de namorados, rodas de amigos. O aproveitamento das atividades de lazer e cultura na noite não costumava avançar para muito além das 22 horas.[13]

Em polo oposto se configurava outro circuito, com casas de jogos de carteado e sinuca e casas de prostituição que em geral estavam localizados em áreas distantes do centro, ou, em alguns casos, em ruas pouco frequentadas em transição com as periferias. Esse lazer mais boêmio era mais voltado ao público adulto e masculino, em que o consumo alcoólico e libidinoso era mais constante.[14] Também havia em Bauru casas de prostituição voltadas exclusivamente para as classes altas e figuras notáveis da política.[15]

---

13 É preciso lembrar que nessa época se viviam os anos da ditatura militar. No plano do cotidiano, eram comuns o toque de recolher e a constante intervenção policial nas formas de aglomeração civil, sobretudo de jovens à noite.

14 Ainda se observa que esse circuito se espalha para áreas menos densas e periféricas, mas isso também agora decorre da própria busca por condições de acessibilidade que são determinantes nesse tipo consumo.

15 Historicamente se destaca a Casa da Eny, que era uma casa de jogos e prostituição que funcionou durantes os anos 1960 e 1970, atraindo figuras notáveis da política e do empresariado. Merece referência a obra *Eny e o grande bordel brasileiro*, de Lucius de Mello (2015).

Outro fato importante era que esse lazer em áreas adjacentes ao centro urbano era mais prolongado e ultrapassava a meia-noite. Diferente de períodos subsequentes, o avanço desse lazer noturno nos espaços periféricos não resultou de uma dinâmica exclusivamente econômica e espacial, mas de uma sociedade urbana que, num forte consentimento de base conservadora, além de ditar a predominância de certas regras e costumes, também influía na sociabilidade e espacialidade do lazer nessas cidades desse período.

É preciso destacar que, apesar de ignorado,[16] existia lazer noturno nos bairros populares. Era um lazer em que jovens e adultos se misturavam nas festas juninas, em quermesses e nos parques e circos mais modestos que faziam um circuito pelas cidades do interior. Contudo, não há aquilo que vamos encontrar nesse período e que existirá em período posterior, que são as grandes concentrações de jovens em festas e uma pluralidade de modos de diversão na e a partir dos agenciamentos da periferia popular.

Tomando como linha de raciocínio a primeira parte deste capítulo, o grau de conectividade era mais incipiente ao externo nessas cidades. Destacavam-se as transmissões radiofônicas AM, embora nem todos tivessem condições de ter aparelhos receptores de rádio; além disso, o conteúdo dessas transmissões era mais voltado aos adultos. A televisão estava ainda chegando em algumas residências e era um artigo de luxo entre os mais pobres. Nesse sentido, os filmes e os desenhos projetados nas salas de cinema dessas cidades costumavam ser a fonte principal de referência extralocal dos jovens da periferia nesse período.

16 Os jornais e suplementos cujas reportagens trazem menção às formas de lazer nessas cidades ignoram totalmente o lazer nos bairros pobres e da periferia. Os dados que encontramos surgiram das entrevistas. Há raríssimos registros fotográficos. Essa população quase não tinha acesso a esses equipamentos. Além disso, não era comum os jornais da época, e quiçá isso ainda se repita, darem cobertura à vida cultural e de lazer da periferia, para além do tratamento que criminaliza e estigmatiza.

A periferização das cidades de Bauru e Marília e seu impacto no lazer noturno

É na segunda metade dos anos 1970 que as cidades de Bauru e Marília passam a indicar sinais claros de um processo abrangente de periferização, com o surgimento de alguns bairros mais afastados do núcleo urbano central. São novos assentamentos urbanos destinados às classes populares, na forma de núcleos habitacionais, e que tiveram o efeito no amortecimento das migrações para as metrópoles, tendo em vista os efeitos do êxodo rural (Alves; Silva e Souza; Marra, 2011).

Esses novos conjuntos habitacionais surgem em áreas distantes do centro urbano. No caso do Jardim Redentor, em Bauru, já existia próximo à sua localização o distrito industrial da cidade. Portanto, o sentido de assentamento residencial se fez posterior a outras implantações nesse espaço periférico. Em Marília, o sentido de periferização é o mesmo, com a construção do conjunto habitacional Nova Marília, igualmente distante do centro e desconectado da vida econômica e cultural na porção mais central da cidade. É um período de contínuo crescimento demográfico que se mantém ainda nas décadas atuais, como é demonstrado no Quadro 1.

As festividades e os encontros que ocorriam nas noites em escala comunitária nos bairros populares foram adquirindo maior incremento e variação na medida em que esses conjuntos habitacionais foram estabelecendo uma estabilidade funcional (infraestruturas, linhas de ônibus, centros comunitários) e laços de vizinhança e convergências interativas. Durante as noites de finais de semana, são encontrados mais bares funcionando, mais pessoas se encontrando e circulando pelas ruas e praças dos novos bairros. Não se pode dizer que essa periferia tem uma economia de lazer noturno, mas há lazer noturno, como descanso e momentos interativos.

Para os jovens, o ponto focal da diversão continua sendo o centro tradicional da cidade, mas a distância, desde o início, constitui-se numa barreira espacial ao investimento em formas de interação cultural e de lazer. Esses novos bairros da periferia estão mais distantes do centro, não raro intercalados por grandes vazios urbanos. Desse

Quadro 1 – População da área urbana de Bauru e Marília

	Bauru	**Marília**
1960	85237	51789
1970	120229	73217
1980	180093	103815
1996	286810	163668
2010	338.184	207.021

modo, ir a cinemas, bares e clubes concentrados na área central exigia o uso frequente do transporte coletivo que, nesse período inicial, era pouco frequente e limitado até as 22 horas. Uma saída comum para esses jovens era enfrentar essas distâncias por longas caminhadas em grupos.

Bauru e Marília vivem, além do aumento demográfico e da expansão do tecido urbano, a inserção em seu comércio de grandes empresas varejistas e de departamentos relacionadas a oferta de bens duráveis e não duráveis, como de eletrodomésticos e redes de supermercados. São investimentos locais e extralocais que atuam na diversidade terciária dessas cidades e no aumento do grau de polarização que elas vão exercer entre as cidades próximas. O centro também passa a ter uma variedade maior de oferta de serviços de alimentação, entretenimento e diversão noturna.

É um período em que os aparelhos de televisão estão mais difundidos, mesmo entre as classes mais populares. Os conteúdos culturais chegam através de telenovelas, assim como filmes e séries, com referências culturais e simbólicas internacionais, sobretudo da matriz cultural estadunidense. Outro elemento de conectividade é que no final dos anos 1970 se popularizam as rádios FM, com uma programação direcionada aos jovens, músicas e informações sobre lazer, também com introdução de música estrangeira. No centro comercial das duas cidades são encontrados bares como ponto de encontro das juventudes e algumas discotecas, com pistas de dança e ambiências inspiradas nos modelos dos grandes centros.

Apesar de não existir propriamente um lazer noturno na periferia, com sentido mais comercial, o fato é que são os jovens de uma

periferia em franco crescimento demográfico que vão gerar um maior afluxo para o centro aos finais de semana à noite. O surgimento desses novos bairros e o significativo contingente de jovens que aí moram geram vários impactos no plano da economia do lazer noturno nessas cidades.

Entre os impactos se destacam o aumento maior na circulação de pessoas no centro tradicional, um consumo maior de bens e serviços e a própria densidade da vida boêmia, que se torna mais jovem e menos conservadora que em tempos recuados. Seja em grupos de caminhada, seja no uso dos ônibus coletivos urbanos, esses jovens fazem dos clubes[17] e discotecas seus pontos de encontro e de entretenimento. Eram nesses locais onde as *turminhas* de jovens se encontravam vindas de diferentes bairros periféricos e até de cidades pequenas da região.

Mas, tanto o aspecto demográfico como um contingente juvenil maior e ansioso por diversão não explicam tudo sobre as mudanças que vão afetar a noite no centro urbano dessas cidades não metropolitanas. E, nesse aspecto, o transporte coletivo tem aí um papel importante no tempo de investimento de lazer e no capital espacial desses jovens. Enquanto no passado as linhas e os horários de transporte coletivo eram mais limitados, isso passa a mudar na medida em que o próprio processo de periferização impõe a necessidade de mais mobilidade urbana. Aumenta a quantidade de linhas de ônibus urbanos e os horários atendidos são mais diversificados, ainda que esse atendimento não cobrisse de forma plenamente eficiente todos os bairros da periferia.

Com efeito, isso se reflete na economia do lazer noturno, ao determinar mais fluxos de jovens para a área central e maior extensão da temporalidade da economia do lazer noturno. Pois muitas casas noturnas passaram a funcionar em função justamente dos picos de chegada e saída desses jovens na noite. Numa sociedade urbana ainda

17 Merece referência histórica o Clube dos Bancários em Bauru, que reunia jovens vindos de toda a periferia da cidade e que foi bastante frequentado do final da década de 1970 até os idos dos anos 1980.

não maciçamente motorizada, o transporte coletivo era a base de certa comodidade, acessibilidade e mobilidade mais rápida entre os bairros periféricos e a áreas central tradicional. Com o tempo, as linhas de ônibus passaram a terminar seus horários um pouco antes da meia-noite, e, tanto em Bauru como em Marília, surgiram os chamados corujões (linhas de ônibus que circulavam em alguns horários da madrugada).

São mudanças que, no nível das relações cotidianas, alteram sensivelmente as possibilidades dos praticantes do lazer noturno, provenientes das áreas mais distantes em relação àquelas áreas de concentração da oferta de vida noturna. Com mais linhas de ônibus e horários, esses jovens podiam investir na diversão, com um tempo maior nos finais de semana, assim como as atividades econômicas relacionadas ao lazer noturno puderam estender seus horários de funcionamento.

Isso mostra que a periferia como espaço habitado teve um peso considerável nas transformações na vida noturna da cidade. A territorialidade desses jovens constituía-se numa das determinações na mudança na geografia do lazer noturno. Mudanças que afetaram a duração da vida noturna e, ao mesmo tempo, o conteúdo cultural do seu centro urbano à noite.

Esse é um ponto assaz importante, pois a periferia popular, nesse caso, não pode ser considerada apenas um lugar fixo e introvertido, mas um lugar que produz agenciamentos e mudanças culturais. Por meio de seus agentes sociais, são criadas espacialidades na cidade como um todo, alterando a vida urbana, com suas práticas sociais e espaciais, tais como ocorreu no campo do lazer noturno.

Esse segundo período que vai até o começo dos anos 1990 consolida uma economia do lazer noturno nas cidades de Bauru e Marília. A noite passa a concentrar mais vida nos bares e casas noturnas, com a regularidade semanal – e isso também difere do período anterior, em que bailes e festas eram mais esporádicos e considerados eventos que estavam fora do cotidiano. Há mais circulação de pessoas e carros na noite. Alguns postos de combustíveis com venda de bebidas variadas lotam de jovens, que se aglomeram nos pátios até altas horas, todos os finais de semana.

O centro tradicional que outrora era o espaço de maior prestígio e encontro vai, contudo, perdendo gradativamente sua hegemonia na convergência dos fluxos para o lazer noturno. Isso ocorre quase simultaneamente nas duas cidades. Com base numa maior demografia, motorização e terceirização, novas avenidas e ruas vão adquirindo centralidade e projeção na sua circulação e importância simbólica, para onde também se reforça a concentração de atividades de lazer e consumo na noite.

A circulação de pessoas motorizadas aumenta nessas cidades, o que se estende ao período noturno, fator que contribui para que novos bares e restaurantes surjam fora do centro tradicional, tendo em vista que, com a motorização, o capital espacial se amplia dando maior poder de circulação e acessibilidade dos praticantes, que não mais restringem seus consumos ao centro urbano tradicional, quando a matriz das linhas de ônibus se organizava sempre no sentido bairro-centro e vice-versa.

Com base nessas significativas mudanças, não obstante agora seria possível detectar uma economia do lazer noturno nos espaços periféricos, mais precisamente nos bairros populares? A resposta é não. Contudo, essa resposta exige uma distinção logo de início, que se dá pelo fato de coexistir nessas cidades, agora de maneira bem distinta, uma economia de lazer estruturada no consumo em áreas centrais e um lazer mais espontâneo e solidário, espalhado na cidade e se estendendo aos bairros periféricos, como parte de uma vida social.

O que definimos aqui como um lazer mais solidário decorre de uma periferia enquanto espaço habitado, que ainda não sente os efeitos diretos da economia do lazer noturno que ocorre nas áreas centrais, isso tanto para Bauru como para Marília. Nesses bairros, o uso do tempo livre e os lazeres desse período dos anos 1980 se associam ao descanso, aos encontros em família, que se constituem num tempo livre voltado ao contato com os mais próximos e aos círculos internos de amizade. É um lazer mais pessoal e às vezes mais fechado aos que estão numa esfera de proximidade familiar e/ou vizinhança.

Ademais, é um lazer menos eufórico e consumista que aquele produzido pela indústria do lazer, que guarda um significado

ritualístico de convivência social mais permanente e menos efêmera. Nesses bairros da periferia, se durante o dia nos finais de semana e feriados dominam as práticas esportivas amadoras, é durante a noite, por sua vez, que se destacam as rodas de conversa nas calçadas, dos jogos de cartas e, às vezes, festas dançantes organizadas pelos próprios jovens. As festas de épocas, como as juninas, ainda são preservadas nas ruas.

Em contraste, o consumo mediado comercialmente e concentrado nas áreas centrais abrange outras características acentuadas nesse tipo de lazer. Tais como, aquilo que vem predominar com a indústria do lazer na modernidade, que é a necessidade de se produzir agitação, sonorização e outros estímulos para um intenso uso da vitalidade física e emocional de seus consumidores. E que abrange investimentos de seus consumidores em formas de visibilidade e distinção social na noite. Além disso, é um lazer também mais impessoal, que se organiza como uma esfera social de consumo, regulado economicamente e padronizado enquanto ofertas de produtos e ambiências de lazer.

É uma indústria do lazer noturno que se associa com uma abertura mais ampla dessas cidades ao externo, sobretudo aquelas que se sucedem a partir das tendências culturais e comportamentais de lazer oriundas dos grandes centros urbanos. Essa receptividade e incorporação se relaciona com uma experiência vivida localmente, mas que agora se dissocia do universo local, para se ajustar e se inspirar em imagens, produções e sentidos de outras comunidades multilocalizadas. Desse modo, uma geração de jovens com condições de maior receptividade cultural vai passando a se sentir "pertencentes a grupos e comunidades que se constituem em parte através da mídia" (Thompson, 2011, p.62) e de uma cultura mundializada que se impõe por meio de uma indústria cultural e do lazer na modernidade.

É nesse sentido que os jovens dos anos 1980 e 1990 encontram uma programação televisiva crescente e mais voltada a eles: filmes, clipes de música, esportes radicais e a entrada dos estilos de vida vindos de culturas juvenis transterritoriais. Muitos jovens pobres têm acesso a esses produtos e imagens, pelo consumo de mercadorias

culturais[18] (Carrano, 2001, 2002) onde aprofundam sua imersão sociocultural. São artefatos culturais acessíveis a grande massa de pessoas, assim como os aparelhos portáteis de som que se popularizam. Tudo isso não só é incorporado, mas também partilhado entre as suas redes juvenis.

Em realidade, incorporação e partilha de artefatos e mercadorias culturais que vão desencaixando suas referências e fontes de experiências juvenis para além, apenas, das suas relações mais proximais (bairro, amigos da escola), situando-os numa "sociabilidade em rede" (Turra Neto, 2012) mais ampla com outros círculos socioculturais espalhados pelo espaço.

A economia do lazer noturno na virada dos anos 1990 e os circuitos de lazer das microculturas juvenis das periferias

No contexto geral, é um momento pós-redemocratização, com a sequência do primeiro *impeachment* do país, mas também de maior abertura econômica e tecnológica ao mundo, sem contar que o controle inflacionário vai sendo ajustado até chegar na sua estabilidade com o Plano Real. As cidades médias, como Bauru e Marília, vão se beneficiar de investimentos públicos e privados na medida em que o país vai saindo do período inflacionário e de estagnação econômica, o que vai alterar suas praças de comércio e parque industrial.

É nesse contexto de abertura, de relativa estabilidade e ampliação do consumo, que a partir dos anos 1990 entra em cena um importante agente no incremento da economia do lazer noturno nessas cidades, que são os universitários. São jovens estudantes, em

18 Tais como discos, fitas cassetes, revistas, acessórios de roupas etc. O autor destaca que a força de influência das mercadorias culturais decorre do seu poder de produzir subjetividades e identificação coletiva, mediante uma hegemonia e saturação semiótica, embora também destaque que isso não pode ser reduzido a nenhum fatalismo do mercado, uma vez que os mesmos jovens também podem reelaborar espaços de autonomia (Carrano, 2001).

geral de classe média e alta, que chegam em grandes levas, vindos de várias partes do país para estudar nas universidades e faculdades públicas e particulares que se concentram tanto em Bauru como em Marília. Esse contingente de jovens estudantes, somado aos jovens nativos, gera uma grande demanda por serviços e atividades de lazer noturno. Na medida em que a economia do lazer noturno vai respondendo a essa demanda, a temporalidade desse tipo de lazer se estende radicalmente até a madrugada, tornam-se frequentes festas universitárias e shows de música durante o meio e o fim de semana.

É a partir desse ponto que se pode dizer que essas cidades passam a ser parte de um circuito de shows e festas de escala nacional. São bandas de rock, cantores sertanejos, pagode com projeção nacional e midiática que passam a incluir essas cidades em seus circuitos. Outro impacto, relacionado aos hábitos de consumo, é a entrada de grandes investimentos e publicidade das grandes empresas de bebidas alcoólicas.

A dispersão terciária das atividades econômicas envolvidas com o consumo na noite também vai se relacionar com a maior liberação de alvarás para funcionamento de atividades comerciais na noite. Aliado a isso, como ocorreu em Bauru, se estabeleceu uma política de zoneamento urbano que sobrepôs usos comerciais em regiões que eram apenas de uso residencial,[19] sobretudo àquelas próximas ao centro urbano, intervenção que vai consolidar a expansão de novos núcleos quanto a economia do lazer noturno.

No que tange aos espaços periféricos, surgem ainda nos anos 1980 novos bairros, alguns de grande extensão, como o Santa Antonieta em Marília,[20] Em Bauru, novos conjuntos habitacionais são

---

19 O que não deixou de ocorrer de forma conflituosa, uma vez que moradores residenciais da zona norte da cidade de Bauru, para onde o lazer noturno se expandiu, já vinham reclamando do aumento do barulho, de circulação de carros e até confusões geradas com o uso dos espaços públicos por jovens para seus encontros. A transformação de algumas ruas e avenidas dessa região, em zona comercial, apenas oficializou um processo espontâneo que já estava em curso.

20 Em realidade, uma gleba rural que se transforma em área de loteamento urbano, porém de crescimento desordenado.

construídos no entorno da cidade, ainda persistindo a dispersão de seu tecido urbano. Nesse período, os espaços periféricos mesclam formas de assentamento habitacional e áreas destinadas ao uso comercial e industrial.

Em busca de atividades e serviços mais variados, as famílias e os jovens das periferias continuam a frequentar intensamente o centro urbano e os novos locais de concentração de consumo e lazer na noite. São novos núcleos de lazer que surgem como novas oportunidades de consumos na noite, onde os jovens tecem seus circuitos vindos de vários bairros da periferia. Um aspecto importante é que a temporalidade do lazer da noite avança definitivamente até altas horas em finais de semana e até no meio da semana. É uma mudança radical em comparação com as décadas anteriores.

Nesse mesmo período são identificadas algumas mudanças significativas na geografia da noite das periferias. De início alguns bairros se destacam pelas praças movimentadas e a presença de carrinhos de lanches e outros consumos. Torna-se mais frequente o aparecimento de sorveterias e lanchonetes que se aglutinam em algumas ruas principais e subcentros comerciais de alguns bairros.

É, contudo, a partir dos anos 1990 que se torna nítida a formação de um circuito juvenil de lazer e cultura na periferia. Tanto em Bauru quanto em Marília surgem de forma pioneira as festas musicais e apresentações de grupos de hip hop e de bandas de rock. São circuitos às vezes patrocinados pelo poder público local, por suas secretarias da Cultura e Lazer, outras vezes por iniciativas dos próprios jovens e suas redes. Esses shows e apresentações vão ocorrer em alguns salões e centros comunitários espalhados por alguns bairros. São jovens de diversos pontos da cidade que vão a esses encontros em busca de curtição e "enturmamento".

Esses circuitos de lazer e a entrada de novas culturas urbanas na periferia estão diretamente relacionados com novos conteúdos de matriz simbólica e cultural importados por redes juvenis locais. São aquilo que Turra Neto (2012), inspirado em Canclini (2006), denominou de transterritorialidades, isto é, agenciamentos produzidos por redes de sociabilidade que, com base nas condições técnicas e

estruturais do lugar, agem na importação e na receptividade de culturas urbanas viajantes.

Ainda que essas novidades e conteúdos surjam de modo muito fragmentado na periferia, isso não limita a atuação das redes de sociabilidade em criar formas de compartilhamentos e intercâmbios na cidade. São sociabilidades cuja dinâmica interativa proporciona a pluralidade das práticas culturais juvenis. Tudo isso abre condições para a explosão de microculturas que se verificará nas periferias dessas cidades, e com forte ressonância na vida e lazer noturno. Na paisagem noturna do centro urbano se torna comum encontrar flanando diversas redes juvenis da periferia relacionadas a culturas urbanas desse período, como punks, rappers, metaleiros, góticos.

Essas microculturas costuradas por essas redes juvenis se baseiam em "enturmamentos" sustentados por relações de vínculo territorial, cultural e identitário. Tais "enturmamentos" se refletem em novas estéticas, como nos estilos de roupa, de música e *performances* visíveis na cidade. Mas igualmente se reflete nas suas territorialidades, ao produzirem espacialmente seus *points*[21] de encontro, seus *pedaços*[22] e *circuitos* na noite.

Essa emergência sociocultural é bem representada pela microcultura do hip hop nessas cidades, cujas retículas territoriais[23] se espalham pelos bairros e que se articulam territorialmente, com base em alguns capitais, como o capital social (cooperação entre suas redes sociais) e capital espacial (recursos para se tornarem móveis e acessar locais), e assim conseguirem tecer formas de encontro e aglomeração na noite. Tudo isso vai implicar o surgimento de um circuito de lazer

---

21 *Points* categoria espacial desenvolvida nas pesquisas de Magnani (2005), que seriam os locais específicos de consumo de diversão das redes juvenis e que seriam parte de seus circuitos de lazer.

22 *Pedaços*, outra categoria espacial desenvolvida também por Magnani (2005), que se constitui num espaço de referência para os jovens, onde predominam vínculos sociais mais estreitos e que estariam numa zona intermediária entre o privado e o público.

23 Retículas territoriais é uma outra maneira de falar das redes juvenis, mas destacando seu caráter dinâmico em promover territorialidades, circuitos e outras formas de espacialidades na cidade. Ver Ramos (2017).

de múltiplas identificações na periferia, que vai estar paralelo à economia estruturada do lazer noturno nas áreas centrais.

No âmbito dos espaços periféricos, a mudança principal em termos de lazer na noite é que muitos bairros da periferia passam a ter uma vida noturna mais agitada que anos anteriores. Contudo, esse primeiro impulso no incremento do lazer na periferia continua a ter um perfil mais sociocultural do que econômico, ou seja, é um lazer noturno baseado em encontros produzidos pelos seus próprios moradores, como os encontros juvenis, em torno de algumas festas dançantes e com um relativo consumo de bebidas alcoólicas.

É preciso salientar sempre o aspecto das diferenciações socioespaciais da periferia nessas cidades, isso se traduz na formação desses bairros e nos ritmos de seus desenvolvimentos e urbanização. Aqueles bairros que se formaram desde os anos 1970 possuíam de forma mais avançada melhorias estruturais e de equipamentos urbanos.[24] Por sua vez, outros de formação mais recente, ou de surgimento espontâneo, como favelas, apresentam agudos problemas sociais e estruturais. Mas é nos anos 1990 que a paisagem da periferia se torna mais multiforme e com uma maior clivagem socioeconômica, incluído condomínios residenciais voltados às classes médias e altas. Tudo isso vai estabelecendo um espaço periférico muito heterogêneo em termos de estruturas e classes sociais.

É, contudo, importante destacar que essa diferenciação socioespacial e o aumento de assentamentos na periferia também se traduzem em mais interações espaciais entre os vários bairros que vão compor esse extenso espaço da cidade. Isso porque os bairros com uma maior quantidade de equipamentos de uso coletivo e com mais oferta de serviços, como postos de saúde, supermercados e comércio passam a absorver fluxos de citadinos de outros bairros também. É o que desencadeia um circuito econômico entre os bairros periféricos. Isso se dá também na vida noturna, os bairros mais populosos e

24 Aqui deve-se fazer alguma ponderação, pois alguns desses bairros também entraram numa fase de decadência arquitetônica e social, ou até poder-se-ia dizer de abandono.

estruturados, cujos subcentros prologam algumas atividades à noite, vão se tornar referências espaciais de consumo e de pontos de encontro.

Um efeito importante nesses fluxos e com impacto no lazer noturno é a motorização que nos anos 1990 se massifica entre quase todas as classes nas cidades. E que vai se estender aos jovens na transição dos anos 1990 e 2000, sobretudo para aqueles que optam pelo uso de motocicletas. Esses novos hábitos passam também a fazer parte dos agenciamentos para o lazer noturno.

Entram em cena os serviços de mototáxi que flexibilizam as possibilidades de circulação na cidade com um custo relativamente baixo. Ao mesmo tempo, aqueles que têm seus próprios veículos, como motos ou carros, ampliam enormemente seus circuitos de diversão. Nesse sentido, o capital espacial dos periféricos se amplia e com isso o impacto no lazer noturno.

Em realidade, esse capital fora bastante ampliado com a circulação de transporte coletivo interbairro, ainda que essa ligação entre bairros não anulasse a tradicional circulação centro-bairro, mas acaba se constituindo numa opção quanto as territorialidades daqueles que buscavam diferentes opções e circuitos de lazer na noite, fora do circuito de lazer tradicional.

A motorização proporciona para os jovens quanto à fruição do lazer, uma maior autonomia para se divertirem até altas horas da noite e a possibilidade de criarem escalas e circuitos de diversão menos restritas espacialmente. Mas isso se estende a todos os praticantes do lazer que ampliam suas escalas de circulação na cidade, estabelecendo padrões de escolhas e frequentação na noite com base numa autonomia territorial muito maior e flexível.

Essa difusão do transporte motorizado individual (carros e motos) também é responsável para obsolescência espacial dos centros tradicionais, quanto ao lazer noturno, que vai se somar com a dinâmica dos empreendimentos terciários que se direcionam para áreas da cidade em expansão e que concentram segmentos sociais de maior poder de consumo. Um exemplo é a economia do lazer noturno que agora se concentra na zona sul da cidade de Bauru, onde também se concentra contingentes de classe média e alta. Por sua vez, nos

centros tradicionais, alguns clubes deixam de existir ou mesmo fecham. As tradicionais salas de cinema perdem fluxo para os cinemas mais equipados que chegam com os shoppings centers.

As novas tendências de mudanças do lazer noturno nos espaços periféricos

Atualmente, os espaços periféricos passam por outras transformações na esfera do lazer noturno, dessa vez é um impulso mais econômico do que propriamente apenas sociocultural como no passado. Mas essas mudanças só podem ser entendidas diante da economia do lazer noturno que se altera como um todo em cidades como Bauru e Marília.

Em traços rápidos, essas mudanças passam pela implantação de mais opções de atividade em torno da fruição e das estimulações para o lazer na noite. É uma noturnidade mais luminosa, com aumento de locais de encontro, danceterias, bares, *fastfoods*, pizzarias etc. Assim como a formação de várias áreas com concentrações de atividades de consumo. São empreendimentos com sofisticadas ambiências internas, instalações acústicas e espaços multifuncionais. Além de fachadas com design modernos e forte apelo estético. Isso tudo significa que o lazer noturno se firma como um circuito econômico pujante nessas cidades.

A mudança mais significativa, porém, deriva da entrada de novos padrões de consumo e de oferta de serviços que se tornam mais comuns na noite e que permeiam as interações sociais. Estamos falando das grandes marcas de bebidas principalmente, mas há também *fastfoods* e franquias que se tornam onipresentes na vida boêmia, tanto no sentido da oferta das mercadorias, como da publicidade que se apresenta em *outdoors* e nos meios de comunicação tradicionais e nas plataformas sociodigitais.

São marcas de uísques e cervejas internacionais que antes eram conhecidas por uma classe mais conspícua e que agora são objetos de consumo entre classes menos afluentes. Esse consumo mais

massificado se desloca do centro tradicional e começa a invadir os espaços periféricos. Nesse sentido, os espaços periféricos se apresentam com uma frente de expansão da economia do lazer noturno, confirmando uma tendência que já estava se desenhando desde pelo menos o início dos anos 1990.

Isso decorre tanto de um lazer noturno que busca atrair consumidores de cidades próximas, também esses com maior acesso ao transporte individual, como também do oferecimento de espaços maiores para suas instalações e estacionamentos. Assim, encontram opções de acessibilidade e comodidade para os praticantes e consumidores do lazer noturno, uma vez que o centro tradicional também apesenta maior grau de custo econômico para empresários e consumidores.

Ainda que não tenha o mesmo grau de concentração de atividades de consumo e lazer, como ocorre nas áreas mais centrais, o fato é que a vida noturna em torno da diversão está cada vez mais presente em bairros da periferia. Muitos bares, pizzarias, lanchonetes ficam aberto até meia-noite em alguns bairros, o que atrai certa concentração de consumidores em alguns pontos da periferia. O papel das avenidas aqui é indiscutível. Tudo isso resulta em novos impactos e desafios para a convivência social, além de implicar demandas para o poder público quanto a mediação das possibilidades e dos limites das festas e encontros de lazer na noite desses bairros.

Isso quer dizer que a economia do lazer noturno não somente se difunde espacialmente, como se torna parte da própria vida noturna de alguns bairros. Mesmo a ideia de lazer espontâneo e solidário entre amigos agora se faz em espaços que passaram a ofertar justamente um local estruturado para beber, comer, escutar música em torno dos carros, como é o caso dos pátios dos postos de combustíveis, que se tornaram multifuncionais na oferta de serviços.

Tornaram-se comuns festas em salões alugados em bairros periféricos, integrando atividades várias, como festas de casamento, dançantes e shows. Além disso, algumas festas populares juvenis, como o "fluxo" que reúne até centenas de jovens nas ruas, em torno das batidas do funk e outros gêneros musicais, trazem não apenas a diversão e consumos até altas horas, como também geram impactos

antes quase inexistentes nas periferias não metropolitanas, como a sonorização excessiva vinda da circulação de veículos e das músicas (Ramos, 2018). Mas outras festas na periferia geram impactos parecidos, algumas festas e encontros que antes se concentravam no centro tradicional agora se expandem para as periferias, tais como grandes shows musicais e feiras de exposições.

Afora a entrada de uma maior agitação noturna em bairros da periferia, há um outro vetor, que é implantação de grandes superfícies comerciais de lazer e entretenimento, ancorados em significativo grau de investimento e estruturas. Há o que se poderia chamar de uma periferização da economia do lazer noturno. Em Bauru já existem grandes superfícies comerciais de porte, como um centro de entretenimento, com salas de cinema, lojas de artigos variados e praça de alimentação que funcionam de dia e de noite em área fora da mancha urbana consolidada. Há ainda empresas que produzem e alugam seus espaços para festas e grandes eventos na cidade, localizados também nos espaços periféricos.

Esses movimentos parecem indicar uma tendência das atividades de lazer noturno de se espalharem nessas cidades, seguindo algumas lógicas: como do aproveitamento de terras e imóveis com valores econômicos mais baixos que os do centro; contar com uma grande massa da população motorizada; proximidade de rodovias, o que facilita articulação com a demanda vinda de cidades próximas; e, além disso, a oferta de áreas de uso mais ampla que beneficiam os grandes eventos.

As transformações aludidas em torno dos efeitos da economia do lazer noturno nas periferias têm efeitos sobre a vida noturna dos bairros periféricos. Pois eram espaços que durante décadas estiveram apartados dos custos sociais dessa economia. Agora, nem sempre, morar na periferia significa mais a tranquilidade e silêncio de outrora.

Esses aspectos da vida social se deterioram nas cidades como um todo e, em muitos bairros da periferia, isso já se tornou mais ou menos frequente. Mas existem aspectos mais positivos, como o fator da empregabilidade que se abre com a economia do lazer noturno,

sobretudo para as camadas populares que enfrentam falta de emprego e alternativas para melhoria de renda. Acrescenta-se a isso que esse lazer na periferia se torna mais acessível espacialmente àqueles que moram em áreas mais distantes do centro. Entra aí, além do capital econômico, também o capital espacial, ou seja, a capacidade dos praticantes de investir nos espaços de lazer com mais acessibilidade e recursos.

A geografia do lazer noturno provoca mudanças na vida noturna e nos hábitos, contudo existem campos pouco explorados, como os efeitos deletérios do lazer noturno cada vez mais frequentes, como da produção de poluição sonora e visual, a atuação das redes de tráfico de drogas, ou mesmo a violência que ocorre nessa temporalidade em torno de atividades de consumo e lazer. Além dos aspectos econômicos e dos hábitos de consumo que surgem com crescimento das redes de distribuição, como de bebidas e outros produtos que abastecem a economia noturna, tanto das áreas centrais como dos espaços periféricos.

Considerações finais

Como se tentou demonstrar, a periferia urbana é um espaço aberto às mudanças extralocais e locais. E o lazer noturno é um desses setores da economia e da vida social que imprime mudanças na periferia. Contudo, a periferia também exerce a partir de seus agentes sociais, como os jovens, um poder na transformação da geografia do lazer noturno, ao exercerem territorialidades e consumo nos espaços das áreas centrais, nas periferias onde habitam e naquelas onde já se verifica certa oferta que acaba exercendo poder de atração.

O capital espacial resultado dos investimentos em transporte coletivo e, depois, a motorização massiva tornaram os jovens das periferias nômades da cidade, ampliando suas escalas e, ao mesmo tempo, exercendo um papel importante na manutenção da economia do lazer noturno. Ainda que sob algumas restrições e estigmatização na noite.

Por sua vez, a vida do lazer noturno nos bairros populares vem se alterando: enquanto no passado era um lazer noturno mais solidário

e espontâneo, hoje já se encontram formas mais mercantilizadas de lazer e ao mesmo tempo a entrada, sobretudo de novos hábitos, como a maior oferta de bebidas alcoólicas.

Seja como for, o fato é que, atualmente, as periferias populares são uma parte dos espaços periféricos, e as transformações que ocorrem nesses espaços também impactam os diferentes bairros, classes e segmentos sociais que aí vivem e redefinem a periferia e a cidade como um todo.

É o caso da economia do lazer noturno que penetra cada vez mais nesses espaços, seja pelo âmbito material e estrutural, com empreendimentos e superfícies comerciados relacionados a recreação, entretenimento e lazer noturno, seja no âmbito da vida social, as temporalidades do lazer noturno se prolongam e afetam até mesmo bairros populares. Isso se dá com as festas e os shows que nesses espaços se tornam mais frequentes, com aumento de sonorização, luminosidade, trânsitos e agitações que afetam a qualidade de vida.

Há, contudo, aqueles que veem na expansão da economia do lazer noturno nos espaços periféricos benefícios, como a oferta ampliada de consumo e bens culturais e o aumento da empregabilidade e desenvolvimento econômico. Todas essas mudanças no âmbito da noturnidade do lazer implicam a necessidade de negociações entre os setores sociais e econômicos, e uma mediação mais atuante do Estado, entre os diversos interesses e necessidades da sociedade urbana, tanto num sentido dialógico como normativo.

Referências

ALVES, E.; SILVA E SOUZA, G.; MARRA. R. Êxodo e sua contribuição à urbanização de 1950 a 2010. *Revista Política Agrícola*, v.20, n.2, p.80-8, 2011.

CANCLINI, N. G. *Consumidores e cidadãos*: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

CARRANO, P. C. R. Jovens na Cidade. *Trabalho e Sociedade*, Ano 1, n.1, p.15-22, 2001. Disponível em: <http://www.iets.org.br/article.php3?id_article=353>. Acesso em: 15 jul. 2014.

_______. *Os jovens e a cidade*: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Faperj, 2002.

CLIFFORD, J. Culturas Viajantes. In: ARANTES, A. A. *O espaço da diferença*. São Paulo: Papirus, 2000. p.51-79.

KOZINETS, R. V. *Netnografia*: realizando pesquisa etnográfica online. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso Editora, 2014.

MAGNANI, J. G. C. Os circuitos dos jovens urbanos. *Revista Tempo Social*, v. 17, n.2, nov. 2005. Disponível em <https://bit.ly/2WBWSwk>. Acesso em: 14 abr. 2013.

MASSEY, D. *Pelo espaço*: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

_______. A mente geográfica. *Geographia*, v.19, n.2006, p.36-40, 2017.

MELLO, L. de. *Eny e o grande bordel brasileiro*. São Paulo: Planeta, 2015.

RAMOS, E. C. M. Os rolês e outras práticas socioespacias juvenis no lazer noturno em Marília. *Ciência Geográfica*, v.18, p.102-15, 2014.

_______. Territorialidade dos jovens da periferia pobre: uma etnogeografia da diversão noturna em cidades médias. *Geosaberes Revista De Estudos Geoeducacionais*, v.6, p.363-75, 2015a.

_______. As culturas juvenis a partir da perspectiva socioespacial e o caso dos rolezinhos nos shopping centers em duas cidades médias. *Ciência Geográfica*, v.19, p.134-53, 2015b.

_______. *Tudo junto e misturado, rolês e fluxos dos jovens da periferia*: capital espacial construído por redes juvenis no campo da diversão e geometrias de poder na cidade. Presidente Prudente, 2017, 477p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

_______. A construção do capital espacial e da visibilidade social pela Microcultura juvenil do *Low* na Cidade de Marília/SP. *Geographia*, v.20, p.107-20, 2018.

SANTOS, M. *A natureza do espaço*: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SHAW, R. Neoliberal subjectivities and the development of the night-time economy in British cities. *Geography compass*, v.4, p.893-903, jul. 2010.

SPOSITO, M. E. B. et al. O estudo das cidades médias brasileiras: uma proposta metodológica. In: SPOSITO, M. E. B. (Org.) *Cidades médias*: espaços em transição. São Paulo, 2007.

THOMPSON, J. B. *A mídia e a modernidade*: uma teoria da comunicação social. Trad. Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis: s. n., 2011.

TURRA NETO, N. *Múltiplas trajetórias juvenis*: territórios e rede de sociabilidade. Jundiaí, Paco Editorial, 2012.

9
Práticas espaciais de jovens de diferentes gerações nas noites de uma cidade pequena: o caso de Pompeia (SP)

Karin Gabriel Moreno de Souza

Introdução

O estudo das práticas espaciais dos jovens pode demonstrar a relação que esses estabelecem com a cidade em que vivem, com o mundo, a partir dela e com seu tempo histórico. A pesquisa sobre o cotidiano juvenil em cidades pequenas pode contribuir para explorar uma dimensão da urbanização brasileira ainda não totalmente explorada pela ciência geográfica – aquela da difusão de culturas juvenis e de diversas outras referências culturais urbanas, a partir das metrópoles, e sua territorialização em cidades com diferentes densidades e tamanhos.

Essa proposta se situa numa linha de continuidade em relação à questão apontada por Turra Neto (2008) em sua tese de doutorado. Inspirado em Giddens (1991), Turra Neto (2008) afirmou que a experiência juvenil de cidades médias, articulada em torno de culturas juvenis transterritoriais, é uma experiência desencaixada, na medida em que as referências são de culturas urbanas metropolitanas, mas a rede de sociabilidade precisa se realizar no espaço-tempo concreto de cidades do interior, com densidade urbana bastante diferente. Próximo a esse sentido, também Carrano (2001) afirma que os jovens dos mais diversos contextos urbanos têm na metrópole suas

principais referências. Portanto, o modo como as práticas espaciais do tempo livre se realiza no contexto das cidades pequenas, nos seus espaços públicos, nas suas margens e/ou naqueles estabelecimentos que são referência de encontro e diversão, pode revelar tanto as tendências das suas conexões globais quanto o acontecer da vida local. Destaca-se que parte dos jovens das cidades pequenas buscam referências de culturas juvenis nas metrópoles, mas existem alguns grupos juvenis que se inspiram na influência das referências locais e regionais, como propriamente a cultura sertaneja e interiorana.

A centralidade que a praça principal das cidades pequenas ainda exerce sobre a vida social, dada a exiguidade da oferta de consumo, segundo Corneli (2013), faz que ela constantemente recepcione diferentes indivíduos de distintas classes sociais, num encontro em que grande parte dos presentes se conhecem ou se reconhecem, a despeito daquilo que os separa. Isso pode ser uma evidência de que as praças das cidades pequenas e, talvez, o espaço público num sentido mais amplo possuem sentidos que permaneceram com o tempo – o que pode ser qualitativamente diferente de espaços públicos das áreas centrais das cidades médias e grandes.

O espaço público é observado como aquele que, dentro da cidade, possibilita uso comum e posse coletiva, planejado através das ações do poder público. Espaço público pode ser definido como local da atividade política ou, pelo menos, da possibilidade da ação política na contemporaneidade, ligado a uma concepção de cidadania e de seu espaço principal de exercício. O espaço público é construído pelas ações exercidas pelos sujeitos. Serpa (2004) refere-se ao conceito de espaço público como sendo o espaço constituído pela ação política. Analisando a cidade como local de encontros e relações, o espaço público possui papel determinante. É nele que se desenvolvem atividades coletivas, com convívio e trocas entre os grupos variados, que compõem a heterogênea sociedade urbana. Analisando a praça central, notamos que existe uma diversidade prática, e não somente conceitual, sobre a delimitação dos espaços públicos, podendo existir variações acerca da vivência e da acessibilidade nesses espaços.

> Os espaços públicos constituem ou deveriam constituir uma fonte de forte representação social e cultural, pois trata-se de um espaço simbólico onde se opõem e se respondem aos discursos, na sua maioria contraditórios, dos agentes políticos, sociais, religiosos e culturais que constituem uma sociedade. (Narciso, 2009, p.269)

De acordo com Ramos (2009), no caso do espaço público, a civilidade é o modelo de interação, espera-se de cada cidadão o comportamento cordial e moral quando encontra os seus pares. A partir do cumprimento das normas de conduta, o espaço público deveria ganhar estabilidade e limitar os conflitos. As formas e equipamentos de tal espaço supostamente qualificariam e estimulariam a civilidade. Contudo, como argumenta Gomes (2012), numa sociedade com enormes desigualdades socioespaciais, a exclusão perpassa também o espaço público, de modo que compromete esse ideal atribuído a ele.

De acordo com Carrano (2001), os jovens que fazem da rua um lugar de encontro e sociabilidade expressam a possibilidade de recuperação do seu sentido público e educativo, numa implícita condenação ao recolhimento à sociabilidade exclusivista dos espaços privados e particulares. É por isso que esses sujeitos podem ser considerados os protagonistas dos novos usos que reafirmam o sentido público da cidade, colocando em questão as teorias que advogam sobre o fim do espaço público.

A cidade de Pompeia (SP) aqui estudada se constituiu em município durante o século XX, no ano 1928. Nela, analisaremos as relações socioespaciais que estão contextualizadas no passado (décadas de 1980 e 1990) e as que ocorrem momento presente de globalização da sociedade. Dessa forma, buscamos investigar as antigas e as novas práticas espaciais entre os jovens locais no tempo livre, com destaque para o tempo dos finais de semana à noite, tempo privilegiado para o encontro dos jovens em grupos de pares.

Os estudos geográficos que buscam explorar as influências dos espaços sobre a interação dos sujeitos podem trazer à tona novas características socioespaciais que a urbanização nas pequenas cidades vem gerando sobre as relações sociais, antes não observadas.

Consideramos a possibilidade de abordar questões como consumo de álcool e de substâncias ilícitas, bem como relações de trânsitos entre as cidades próximas e a cidade estudada, na conformação de espaços e práticas de diversão plurais, complexas e multiconectadas em diversas direções.

De acordo com Turra Neto (2008), é possível identificar na sociedade que, ao longo das gerações, houve um aumento do consumo de álcool entre os jovens, isso não estava presente nos anos 1970, pelo menos não entre os jovens de classe média estudados pelo autor. Esse fator não era presente na vida social dos jovens e na sociabilidade durante até pelo menos os anos 1990, quando esse aspecto passou a ser observado e introduzido nas análises do tempo livre juvenil. Também para o autor, é notório ao longo das gerações como o tempo do encontro e diversão juvenil também foi se transformando, ganhando cada vez mais o final de semana à noite, ao mesmo tempo que a igreja e a família perdem centralidade na organização desses tempos e espaços, em prol da centralidade da indústria cultural.

Em termos metodológicos, a pesquisa aderiu basicamente a dois procedimentos principais, observação participante para acessar as práticas espaciais de jovens da geração atual e entrevistas, para acessar a memória de gerações anteriores, e conhecer as práticas dos jovens contemporâneos. De acordo com Boni (2005), o pesquisador deve levar em conta que, no momento da entrevista, ele conviverá com sentimentos, questões particulares, afetos pessoais e fragilidades; dessa maneira, é necessário o máximo de respeito durante as entrevistas, gerando confiança como forma de possibilidade do diálogo aberto. Também aplicamos enquetes com questões de âmbito socioeconômico, que demonstram questões culturais, para levantamento de perfis dos sujeitos que estudamos em campo.

A observação participante sugere que compartilhar a mesma cultura e fazer parte da mesma rede de sociabilidade não significa possuir as mesmas opiniões e a mesma vivência da cultura escolhida. Contudo, de acordo com Foote-Whyte (1980), é preciso uma abertura para o outro, de modo a superarmos nossos próprios

preconceitos e estereótipos – que tendem a cair por terra. Os relatos contados pelos moradores da cidade durante diálogos exercidos nos momentos de observação participante são posteriormente inseridos como informações complementares no Diário de Campo. Posteriormente checamos as informações e utilizamos os dados para elaborar análises.

Umas das atividades que compõe os procedimentos desse estudo é o levantamento bibliográfico, pelo qual realizamos a busca de publicações e trabalhos acadêmicos que possam contribuir no desenvolvimento da pesquisa. Compõem também essa etapa o levantamento de dados secundários, nos institutos e órgãos oficiais, bem como o de fontes históricas nos lugares de memória das cidades (como bibliotecas e museus).

A demarcação de onde começa e onde termina uma geração é bastante variável, diante da diversidade de influências que recebem as juventudes, levando em consideração a juventude estendida. Contudo, a delimitação é realizada como um parâmetro diante dos procedimentos metodológicos e certamente pode não expressar adequadamente rupturas geracionais, mas essa é a forma que encontramos de reconstituir a passagem de tempo e as mudanças nos espaços, nas práticas e na sociabilidade, a partir da perspectiva dos sujeitos sociais.

A história de Pompeia e a centralidade da Praça da Matriz

Segundo as informações encontradas no arquivo histórico da biblioteca municipal, a cidade de Pompeia foi fundada em 17 de setembro de 1928, e de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), expostos no Censo Demográfico de 2010, a cidade possui 19.964 habitantes, levando em consideração a soma da população rural e urbana do município.

A região onde está localizado o município foi primordialmente habitada pelos índios Coroados. Os primeiros povoadores brancos

chegaram em 1852, quando o governo imperial concedeu posse primária das terras localizadas nas bacias dos rios Peixe e Feio a João Antônio de Moraes, Francisco de Paula Morais e Francisco Rodrigues de Campos. No ano 1922, foram feitas as primeiras plantações de café. Atualmente o município é formado também pela presença dos distritos de Novo Cravinhos e de Paulópolis.

O município tem a sua economia firmada no comércio, na agropecuária, na indústria e na prestação de serviços, com destaque para a presença da indústria multinacional Jacto S/A, que gera diversas vagas de emprego para a população local, realizando inovações tecnológicas com a produção de máquinas agrícolas. Nas observações empíricas durante o ano 2019, foi possível observar que a área industrial de Pompeia vem ganhando novas empresas e vem ocorrendo uma expansão visível da malha urbana, em direção à malha urbana do distrito de Paulópolis – distante 7,1 km, pela rodovia João Ribeiro de Barros –, mas até o momento não se verifica conurbação, ainda que a rodovia seja um importante eixo de expansão urbana em ambos os sentidos.

Segundo o Observatório das Metrópoles (UFRJ/Universidade Federal do Rio de Janeiro), nos últimos anos, especificamente em 2015, o município de Pompeia atingiu 0.786 no Índice do Desenvolvimento Humano, ocupando a 87ª posição no *ranking* dos mais de 5.500 municípios de todo o Brasil. Esse índice revelou significativa elevação no patamar do município, pois, em 1991, na primeira avaliação, obteve nota de 0.55 e, em 2000, a nota de 0.719. De acordo com o Observatório das Metrópoles, considerando em torno de 5 mil municípios do Brasil, entre as cem cidades que apresentam o melhor quadro de bem-estar para a população no país, a pequena cidade de Pompeia, no interior do estado de São Paulo, aparece em oitava posição.

A cidade mantém cavalgadas e eventos de origem rural em toda a sua história. Nesse sentido, pode-se observar o quanto certos costumes rurais ainda permanecem na cidade estudada: "O rural pode ser compreendido como um espaço incorporado, incorporador ao/do processo geral de urbanização integrado ao urbano, mas guardando

algumas especificidades [...] que são 'oferecidas', 'descobertas', 'exploradas' como atrações locais [...]" (Rua, 2002, p.35).

A modernização no campo gerou difusão de tecnologias e modificou as relações de trabalho, impulsionando mudanças também sobre as áreas urbanas. Segundo Wanderley (2001), em determinados locais e setores as transformações foram acentuadas, em outros ainda persistem técnicas mais arcaicas. Assim, existem aspectos de ruralidades nas cidades pequenas, que revelam também a existência de práticas do passado, presentes na atualidade, materializadas na própria paisagem e nas práticas espaciais.

As relações sociais nas pequenas cidades são marcadas pelas características da pessoalidade. Segundo Silva (2000), o grau de proximidade entre as pessoas, as relações dos sujeitos com a vizinhança fazem que todos se conheçam aparentemente. Assim, as relações de proximidade caracterizam a vida social em pequenas cidades do interior paulista.

São denominadas como cidades pequenas, a partir das perspectivas de urbanismo e demografia, as cidades que abrigam números menores de 50 mil habitantes. Essas correspondem a uma grande diversidade no Brasil, pois existem mais de 4 mil cidades pelo país nessa classificação, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O estado de São Paulo possui 645 municípios. Segundo os dados da Fundação Seade, existem no estado 505 municípios que possuem menos de 50 mil habitantes e que são considerados como cidades pequenas.

As cidades pequenas possuem como característica marcante as relações cidade-campo. Na maioria dos casos, são cidades sujeitas à polarização de outras cidades maiores, presentes na rede urbana. Assim, algumas pequenas cidades podem servir apenas de "dormitórios", para diversos trabalhadores e estudantes, a partir do movimento pendular que cotidianamente realizam para a cidade maior, quando esta é relativamente próxima.

Ainda que a dimensão demográfica seja relevante para definir o que seria uma cidade pequena, não deve ser designada como o único

fator que possibilita sua identificação. É necessário observar questões históricas e regionais, além de examinar as relações entre forma, conteúdo e função nessas cidades pequenas.

Segundo o documento "Estado das Cidades da América Latina e Caribe", relatório produzido e publicado pelo Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (ONU-Habitat), as pequenas cidades possuem pouca dinâmica econômica e, geralmente, não desempenham uma centralidade em uma microrregião: "[...] as pequenas cidades no Brasil [...] são influenciadas a partir do contexto regional e, pelos fatores históricos que desenvolveram o município no conjunto de sua construção urbana" (Soares; Melo, 2009, p.36).

Nesse sentido, é necessário observar o contexto regional e a rede urbana em que estão inseridas, bem como suas relações com o campo, levando em consideração as particularidades da produção do espaço urbano nas microescalas, pois, segundo Soares e Melo (2009, p. 36)

> [...] as pequenas cidades no Brasil, entendidas enquanto espacialidades que compõem a totalidade do espaço brasileiro, na condição de partes integrantes e interagentes, são marcadas pela diversidade. Tal característica pode ser entendida a partir do contexto regional em que estão inseridas, pelos processos promotores de sua gênese, bem como no conjunto de sua formação espacial.

Segundo Capel (2009), no passado, as cidades pequenas eram centros de serviços e comércios, tendo como função primordial contemplar as demandas do campo. Contudo, a modernização da agricultura, a melhoria nos sistemas de transporte e comunicação, acompanhando o êxodo rural e o aprofundamento do processo de globalização, influenciaram mudanças no significado das pequenas cidades.

De acordo com Santos (1982), as pequenas cidades são consideradas "cidades locais", a partir do critério do número de população e através das funções.

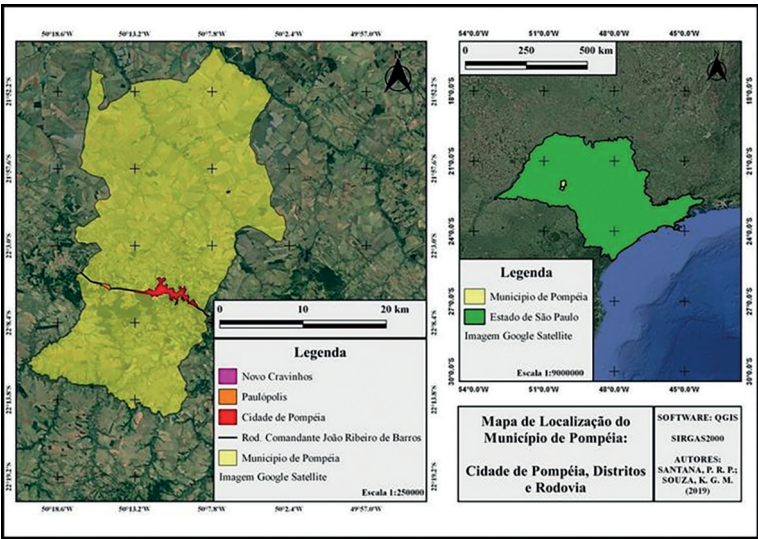
> Entre as "cidades locais", é preciso diferenciar as pseudocidades das cidades locais que "dispõem de uma atividade polarizante", denominadas como cidades de subsistência. As pseudocidades são inteiramente dependentes das atividades de produção primária, como as cidades do norte de Minas Gerais, ou as grandes aldeias, e mesmo de atividades não primárias, como algumas cidades industriais ou cidades religiosas, universitárias, balneárias, de montanha (serranas), etc. Já as cidades de subsistência são aglomerados populacionais com uma dimensão mínima, que "deixam de servir às necessidades da atividade primária para servir às necessidades inadiáveis da população com verdadeiras especializações do espaço e que apresentam "um crescimento autossustentado e um domínio territorial", respondendo às "necessidades vitais mínimas, reais ou criadas de toda uma população, função esta que implica em uma vida de relações". (Santos, 1982, p.70)

Assim, consideramos que entre as "cidades locais" estão também aquelas localizadas em regiões que passaram pelo processo de modernização ou que apresentam significativas transformações espaciais em função dos avanços tecnológicos.

A cidade de Pompeia (Figura 1) encontra-se geograficamente próxima à cidade de Marília, que exerce uma influência regional sobre diversas cidades pequenas na região, localizadas a curta distância.

A cidade de Pompeia encontra-se no interior paulista, localizada na região administrativa de Marília. Sua trajetória histórica é marcada pelo processo de modernização em razão dos avanços tecnológicos. A indústria multinacional Jacto S/A e outras empresas, que realizam produção mecânica ou tecnológica, estão instaladas na região e no município; a Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo (Fatec) – Unidade de Pompeia – é pioneira em curso de tecnologia voltado ao agronegócio e atende alunos de diversas regiões do interior paulista. A cidade de Pompeia (SP) é considerada pelo Observatório das Metrópoles (UFRJ) como o primeiro município da América Latina a formar uma turma para o curso tecnológico de

"Big Data no Agronegócio". O mercado absorve os estudantes que realizaram esse tipo de curso rapidamente, pois o conjunto da sociedade está passando por amplo processo de digitalização do campo.

Figura 1 – Município de Pompeia e distritos.

Fonte: Moreno (2020, p.63).

Como se percebe, a pequena cidade de Pompeia recebe influências que são transmitidas por meio do processo de globalização. Influências culturais, políticas e ideológicas, que impactam nas práticas dos sujeitos e nas práticas dos agentes que atuam na produção do espaço urbano em escala local, como imobiliárias, administração pública e construtoras locais.

Dessa forma, a partir dos fluxos informacionais, as cidades pequenas também participam dos movimentos da sociedade, que refletem sobre o lugar de vivência dos citadinos que convivem e transitam pelos pequenos núcleos urbanos.

Em cidades pequenas, as perspectivas de centralidades intraurbanas são diferentes daquelas das cidades médias e grandes; quando se trata, por exemplo, dos serviços bancários, são instalados

geralmente em um único centro em meio à malha urbana, constituindo-se numa forma monocêntrica. Na cidade de Pompeia, agências bancárias, serviços financeiros e escritórios de contabilidade estão localizados no centro principal, dificultando a criação de outras centralidades em meio a esses espaços urbanos.

Segundo Ferreira (2006), nas pequenas cidades, o imaginário social diante do urbano estabelece a estigmatização das áreas de conjuntos habitacionais e de bairros com grande número de casas com alvenaria precária, pois são vistos como periferias pela população local. O imaginário social da população estabelece como áreas periféricas os bairros com grande número de famílias de baixa renda, mas esses bairros não necessariamente estão nas margens do perímetro urbano. Dessa forma, as áreas reconhecidas popularmente como periferias nas pequenas cidades nem sempre estão na fronteira que separa a área urbana da área rural no território do município, ou afastadas do que se entende como centro da cidade, em razão das curtas distâncias. Assim, as áreas denominadas como periferias nas pequenas cidades não são denominadas assim por questões geométricas do espaço urbano, mas são denominadas dessa maneira pela estigmatização social. Segundo Maricato (1997), os bairros com pouca infraestrutura, sem a presença de drenagem pluvial, ou com pavimentação de baixa qualidade, são observados pelas populações a partir da estigmatização social, e assim passam a ser segregados em meio a seletividade espacial existente nas cidades; passam a perder apreço e os lotes urbanos nesses bairros são desvalorizados perante o mercado imobiliário: "Morando em bairros segregados, a criança, o jovem e o adulto também, evidentemente, passam a se relacionar somente com pessoas da mesma classe social, cada vez mais com seus pares, não porque saíam à rua, mas porque frequentam as mesmas escolas e locais de classe" (D'Incao, 1994, p.98).

Segundo Wacquant (2005), esses sujeitos tendem a frequentar e a se concentrar em territórios isolados e claramente circunscritos, os bairros estigmatizados degradam simbolicamente os que o habitam, e dessa maneira existe uma estigmatização territorial, sendo essa uma marca social que se cola aos seus habitantes.

As desigualdades sociais impulsionam o surgimento da discriminação, as diferenças de poder aquisitivo influenciam na separação de grupos, fazendo que sujeitos economicamente mais abastados ocupem moradias ou bairros distintos daqueles que vivem em condições de pobreza.

Mesmo que haja em alguns bairros e distritos a presença de determinadas modalidades de comércio, como pequenos mercados ou padarias, farmácias, pequenas empresas e alguns tipos de lojas, durante o cotidiano nas pequenas cidades, para solucionar questões práticas, os moradores precisam ir até a área central.

No caso de Pompeia (SP), a cidade possui apenas um único centro e apenas uma praça matriz central, constituindo historicamente aspectos de monocentralidade. Na praça central há enorme potencial de convívio entre os habitantes nas pequenas cidades, caracterizada por ser um espaço público que possibilita o encontro entre as pessoas. Nos trabalhos de campo deste estudo, foi possível notar que a Igreja na praça central exerce grande importância para Pompeia, delimitando o ambiente central de desenvolvimento urbano da cidade.

Segundo Corneli (2013), durante o surgimento das praças que ocupam posição diante da Igreja Matriz, em grande parte das cidades no Brasil, ocorreram influências dos ideais modernistas europeus, a partir das concepções estéticas, com perspectivas higienistas. Ainda para a autora, em meados do século XX, a praça assume novas funções, resultado de intervenções urbanísticas que precisavam atender a um novo conceito de cidade estabelecida a partir da Revolução Industrial, os grandes centros e a metropolização. O processo de modernização durante o século XX impulsionou nas praças a inserção de novos equipamentos que possibilitaram novas práticas de lazer aos citadinos, como quadras esportivas, equipamentos desportivos, espaços culturais ou anfiteatros, palcos para apresentação de músicas ao vivo e conchas acústicas, equipamentos que trouxeram para as praças novas funções, para além da contemplação e do passeio.

Segundo Corneli (2013), as praças possuem papel predominante no desenho e na vida das pequenas cidades, pois historicamente são

espaços de convergência de edifícios públicos e ruas, de fluxos de pessoas e atividades sociais:

> As pequenas cidades apresentam situações em que a sociabilidade está muito condicionada à pessoalização porque os indivíduos vivem em um ambiente social com um alto grau de proximidade com seus contatos e, muitas vezes, tomam conhecimento do mundo a sua volta a partir de relações essencialmente interpessoais. Os sujeitos reconhecem e são reconhecidos pelos outros em decorrência de sua marca pessoal, de seu nome, de suas atitudes. Tudo é amplamente dominado pela coletividade e a pessoalidade. As festas, as rezas, o lazer, as estórias, as conversas são compartilhados com todos. (Soares; Melo, 2010, p.245)

O espaço da praça central na cidade de Pompeia (Figura 2) compõe as extensões da Praça Matriz em frente à Praça Jesus Maria, observa-se como espaço para festividades, pois ali ocorrem comemorações de títulos esportivos, de festas típicas, comemorações de Natal e de Réveillon.

Figura 2 – Praça central na cidade de Pompeia (SP). A imagem demonstra a Praça Jesus Maria e a Praça Matriz.

Fonte: Imagem concedida pela Biblioteca Municipal de Pompeia, "Biblioteca Monteiro Lobato", 2018.

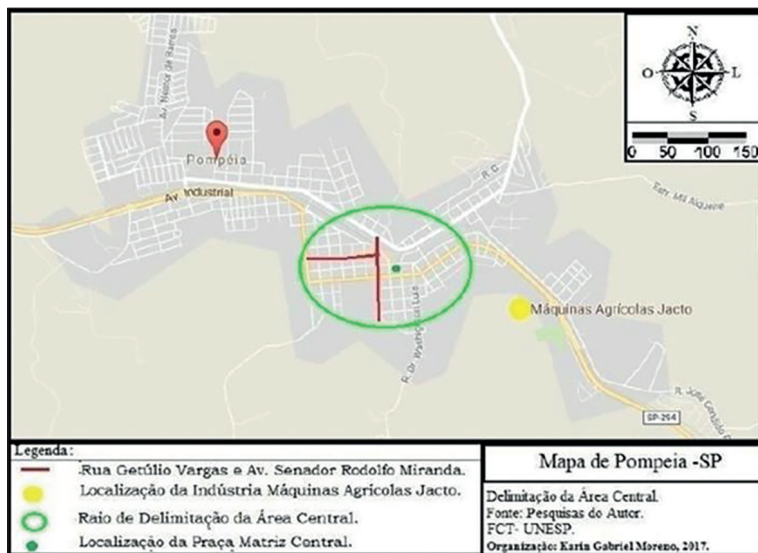
A praça central é um espaço histórico na cidade, e marca a memória de diferentes gerações de moradores, sendo espaço lembrado como ponto de encontro; destaca-se que na atualidade continua sendo ponto de encontro para alguns grupos juvenis.

Segundo Lefebvre (2008, p.90), "não existe cidade, nem realidade urbana, sem um centro". Os centros possuem fundamental relevância na composição da forma urbana, nas pequenas cidades existe ampla presença da monocentralidade, situação construída a partir da existência de um único centro que polariza toda a cidade. A relação entre centro e centralidade apresenta-se de maneira dialética, assim não há centro sem centralidade, como não há centralidade sem centro (Sposito, 1998). Segundo Whitacker (2003), o centro é fundamental na estruturação urbana, que é desenvolvida a partir do processo de produção do espaço urbano nas cidades contemporâneas. No caso de Pompeia, a cidade possui apenas um único centro e apenas uma praça matriz central, constituindo historicamente aspectos de monocentralidade.

Durante os trabalhos de campo deste estudo, verificamos que a área central de Pompeia é marcada pela Praça da Igreja Matriz, pela Rua Getúlio Vargas, pela Rua José de Aguiar Morães, pela Rua Francisco M. Beato, pela Rua João da Costa Viêira e pela Avenida Senador Rodolfo Miranda (Figura 3).

O centro da cidade também exerce importante papel nos momentos de lazer, foi possível observar em campo que é o lugar que as pessoas frequentam para se descontrair, consumir em bares ou mesmo restaurantes. Apesar de a Rua Getúlio Vargas e de a Avenida Senador Rodolfo Miranda serem os principais eixos comerciais, as outras diversas ruas que estão localizadas no mapa da Figura 3, dentro do raio de delimitação da área central, também possuem a presença de bares ou lanchonetes, mesmo galerias, supermercados ou sorveterias. Dessa forma, também estão exercendo importante papel dentro do raio de delimitação da área central.

Existem também em Pompeia bares e pizzarias localizados fora do raio de delimitação da área central, existem comércios fora do raio de delimitação realizado aqui neste trabalho, ocorrem formas de

Figura 3 – Área central da cidade de Pompeia (SP).

Fonte: Moreno (2020, p.67).

lazer também fora do raio de delimitação aqui exposto. Contudo, é necessário identificar e explicar a centralidade existente nesta cidade pequena, e a importância da área central para a oferta de lazer e para a dinâmica da vida social na cidade. Os moradores dos distritos do município e os habitantes de áreas rurais frequentam o centro da cidade de Pompeia, para consumir ou acessar serviços públicos.

Inseridos no mapa (Figura 3), dentro do raio de delimitação da área central, estão lugares importantes para a sociabilidade dos jovens, adultos e idosos e para a vida noturna ou diurna da cidade, como a Praça Matriz Central, a Pista de Skate e também a Estação Ferroviária, onde ocorreram durante o primeiro semestre do ano 2019, diversas feiras-livres noturnas, onde são comercializados produtos artesanais em barracas, e também comidas ou bebidas, com a presença de música sertaneja ao vivo, contando com a presença de grupos juvenis.

A sociabilidade e as práticas espaciais de diferentes gerações de jovens na Praça da Matriz

O espaço urbano monocêntrico e pouco complexo dessa cidade faz que a Praça Central da Matriz tenha ainda relevância como local de encontro, esse aspecto foi constatado em observações empíricas durante o cotidiano da vida social. A cidade de Pompeia conta com movimentações notáveis de jovens, durante as noites de fim de semana, na sua praça central. Nesses espaços públicos, os jovens se relacionam, escutam músicas através de aparelhos celulares, ou ao redor de carros em torno dos estacionamentos, onde formam pequenos grupos. Os gêneros musicais são os mais diversos. Ao mesmo tempo, uma parcela dos jovens fica no interior da praça, conversando, consumindo algum refrigerante ou cerveja.

Durante este estudo, analisamos as mudanças e continuidades que ocorreram nas práticas das diferentes gerações de jovens, das décadas de 1980 e 1990, além de verificar as práticas da atualidade. Segundo Oliveira (2009), geração é definida como um grupo de pessoas que, com base na faixa etária, compartilham uma localização cronológica na história e as experiências a ela associadas.

É extremamente importante ressaltar a relevância das análises desenvolvidas sobre as gerações que representam novas práticas culturais e novas perspectivas, que se impulsionaram, de acordo com Abramo (1997), a partir dos anos 1970. Para Abramo (1997, p.37), "as gerações após 1970 [...] são as primeiras a incorporar as mudanças e as transformações de inovações da modernidade em seu sistema de comportamento. As juventudes possuem maiores possibilidades de desenvolver 'contatos originais' com a cultura".

Como, contudo, adverte Turra Neto (2014), não é possível comparar globalmente uma geração com outra, é possível apenas estipular algumas diferenças de características, pois em cada contexto socioespacial concreto os jovens e as jovens depararam com questões específicas e elaboraram respostas originais.

Mas partimos do pressuposto de que na pequena cidade o contexto socioespacial seja o mesmo, para jovens de diferentes camadas

sociais, gênero e cor. Temos como hipótese que nas cidades pequenas há continuidade quanto aos locais e às práticas que são possíveis de acontecer e há descontinuidade em relação aos conteúdos dessas práticas, as tensões e relações, as referências culturais e possibilidades de circulação e comunicação, entre as diferentes gerações.

Segundo Oliveira (2009), os nascidos a partir 1995, ao contrário da geração denominada como "Millennials" (de 1980 até 1994), cresceram em um contexto digital e cheio de diversidades modernas.

Na década de 1990, os jovens da atualidade ainda não eram adolescentes, tampouco jovens, eram apenas crianças. Estudaremos aqueles que vivenciaram sua juventude durante os anos 1990, separadamente, evidenciando questões particulares daqueles tempos. Assim, durante a pesquisa, foram entrevistadas pessoas que vivenciaram suas juventudes nas décadas de 1980, 1990 e 2000 a 2020.

O avanço da modernidade e o surgimento de novas tecnologias da área de comunicação geraram reflexos sobre as formas de sociabilidade, ampliando a conexão e diminuindo as distâncias para diálogos, mas também geraram impulsos sobre o aumento do individualismo entre alguns sujeitos, gerando ampliação no distanciamento físico entre as pessoas, e impulsionando aumento nas conexões digitalizadas. Contudo, mesmo com todos os problemas de relações entre jovens e com inovações tecnológicas, a sociabilidade é uma força que sempre se refaz e nunca deixa de existir, pois é uma pulsão, uma necessidade vital.

Segundo Dayrell (2003), os estilos das juventudes no século XXI são extremamente variados, desde jovens preocupados com os impactos humanos ao meio ambiente, até jovens que não se preocupam com o amanhã, mas pensam somente no presente, jovens hippies, jovens *country's*, jovens punks, jovens do rock, jovens skatistas, jovens esportistas, entre outros estilos. Dessa maneira, os jovens vão construindo múltiplas identidades. É preciso destacar que esses estilos se reproduzem em meio às pequenas cidades, demonstrando que as transformações sociais ocorrem também nelas.

A juventude é uma condição social, não pode apenas ser observada como uma etapa com um fim predeterminado, não é somente um momento de preparação que será superado com o chegar da vida adulta:

> Assim, a adolescência não pode ser entendida como um tempo que termina, como a fase da crise ou de trânsito entre a infância e a vida adulta, entendida como a última meta da maturidade. Mas representa o momento do início da juventude, um momento cujo núcleo central é constituído de mudanças do corpo, dos afetos, das referências sociais e relacionais. Um momento no qual se vive de forma mais intensa um conjunto de transformações que vão estar presentes, de algum modo, ao longo da vida. (Dayrell, 2003, p.41)

Os jovens são sujeitos sociais, pois realizam ações protagonistas, os sujeitos agem sobre o mundo, e nessa ação produzem e, ao mesmo tempo, são produzidos no conjunto das relações sociais nas quais se inserem. Assim, neste estudo são evidenciadas as práticas dos(as) jovens sobre os espaços públicos nas cidades, buscando compreender a experiência juvenil e as microterritorialidades:

> As práticas dos jovens nas cidades constituem territórios, como acontece com os diferentes grupos conhecidos de jovens: o hip-hop, o funk, os grupos religiosos, as torcidas de futebol, os quais resultam de práticas de grupos com vinculações em redes, às vezes virtuais e globais, mas que se delineiam no cotidiano dos territórios por eles constituídos nos locais. (Cavalcanti, 2013, p.75)

Segundo Côrrea (2007), as práticas espaciais envolvem ações pontuais, por diferentes grupos, sujeitos ou agentes que atuam na produção do espaço urbano, orientados por seus projetos, por suas iniciativas e por suas aspirações. Para Souza (2013), as práticas espaciais de distintos grupos possibilitam a (re)produção do espaço urbano. A efetuação de práticas espaciais juvenis impulsiona o processo de construção das identidades individuais e coletivas, dos sujeitos ao existir amplo contato deles com a cidade.

Quando repetidas, as práticas espaciais de maneira sistemática se transformam em processos de territorialização, grupos de jovens passam a construir redes de sociabilidades e passam a exercer territorialização sobre determinados espaços públicos ou de uso coletivo.

Destaca-se que entre as práticas juvenis durante os anos 1980, frequentar a praça tinha papel fundamental na sociabilidade dos jovens, uma vez que a praça era utilizada como ponto de encontro. Nos finais de semana reuniam-se ali, e dali os jovens se direcionavam para as chamadas "discotecas ou festas":

> Na minha juventude, a gente frequentava discoteca aqui em Pompeia, festas de discotecas, que aconteciam no Kaikan,[1] aconteciam no Grupão.[2] Rolava brincadeiras também, dia de domingo aconteciam discoteca até meia noite, no máximo. As festas que a gente frequentava terminavam antes das 2 horas da madrugada. Eu saia umas 19 horas de casa e voltava até no máximo as 2 horas, e a gente se concentrava ali na Praça Matriz Central, ficávamos paquerando ali, bebendo refrigerante. Depois frequentávamos, em seguida, as festas discotecas. A gente ficava muito ali na praça, na fonte luminosa ali, a gente ficava conversando. (Entrevista realizada em dezembro de 2017 – Sandra,[3] 54 anos, moradora de Pompeia)

A Praça Matriz Central se destaca historicamente como importante espaço de lazer e de encontro das diferentes juventudes em diferentes décadas na história do município.

Ainda nos primeiros anos da década de 1980, segundo Gagliardi (1996), na cidade de Pompeia, havia o "*footing*" aos domingos em frente à rua principal, Senador Rodolfo Miranda, que ficava lotada de rapazes e moças que, de braços dados, passeavam de um lado para o outro, paquerando e se divertindo. Com o passar dos anos, a prática do "*footing*" foi sendo substituída por outras formas de

---

1 O Kaikan citado na entrevista é um espaço de uma associação de cultura nipônica, localizado na Rua João da Costa Vieira, no centro de Pompeia.

2 Escola Pública (E.M.E.F.), localizada na Rua Deputado Romeiro Pereira, no centro de Pompeia.

3 Sandra: 54 anos, moradora de Pompeia; bairro: Jd. Pirajá. Possui ensino superior completo; estado civil: casada; renda mensal familiar: três salários-mínimos. Entrevista realizada na residência da entrevistada. As entrevistas são expostas com nomes fictícios, assim resguardando informações pessoais das pessoas que colaboraram com as pesquisas.

sociabilidade, como rodas de violão entre grupos de jovens, e como o envolvimento com bebidas alcoólicas e pessoas dançando em torno de carros com equipamentos sonoros nos estacionamentos da praça.

O "*footing*" é um termo que vem do inglês e significa "ir a pé", prática existente durante do século XX, em cidades pequenas. As mulheres usavam roupas e vestidos elegantes, em seguida saíam para caminhar em algum lugar movimentado da cidade, com o intento de serem observadas pelos rapazes, que geralmente saíam de suas casas também bem arrumados e com roupas bonitas.

Podemos considerar que nas cidades pequenas os grupos de sociabilidade juvenil se juntam em torno da igreja, da escola e das práticas esportivas, pois são práticas e espaços em que eles podem ser distinguidos no interior da sociedade local como uma categoria social e etária.

No passado, a vivência na pequena cidade e a sociabilidade dos jovens nas praças e clubes ocorriam a partir de uma perspectiva vigiada, sempre havia a presença de um adulto por perto, ou passando, ou mesmo quando exerciam a sociabilidade em meio à presença da família, os adultos sempre estavam de olho nos jovens, mesmo durante as festas, para observar se eles não iriam "aprontar", consumir bebidas alcóolicas escondidos, ou fazer algo considerado "proibido". Quando os jovens estavam nas festas nos clubes, sempre havia algum adulto que ficava observando-os e os jovens sabiam que aquele adulto poderia comunicar aos familiares deles, caso ocorresse alguma coisa fora do comum.

Já durante os anos 1990, a praça central na cidade de Pompeia era referência como ponto de encontro dos jovens, aspecto que já existia nos anos 1980, demonstrando a relevância da praça central e a permanência do espaço como lugar para encontro de jovens.

> Existia um cinema no mini-shopping[4] durante alguns anos da década de 90, mas o principal ponto de lazer era a Praça Matriz. O "point" da cidade era ir na praça, pessoal ficava conversando em

4 Mini-shopping localizado na Rua Getúlio Vargas.

rodinhas, e bebendo alguma coisa, geralmente cerveja. O pessoal ficava conversando e bebendo, o movimento era tranquilo, e com jovens ali mesmo. (Entrevista realizada em janeiro de 2018, com Fabiana,[5] 34 anos, moradora de Pompeia)

Segundo as entrevistas, é mais presente o uso de álcool na pequena cidade a partir de meados da década de 1990, com os novos imperativos da modernidade. Os anos 1990 já incluem uma noite mais movimentada para os jovens nos finais de semana, assim os grupos de jovens territorializavam a praça como um ponto de encontro para descontrair e conversar. Também é preciso ressaltar que os dias comuns durante a década são regrados a conversas em bancos da praça entre os grupos de jovens, passando o tempo sentados na rua conversando ou praticando algum esporte.

Durante a década de 1990, a juventude em Pompeia, nos momentos de lazer e tempo livre, frequentava mais as lanchonetes privadas. Contudo, destaca-se que ainda existia grande movimento de jovens na praça central nos fins de semana, especialmente após o fim da missa no sábado à noite, sendo esse um aspecto de permanência, pois é uma prática presente também no decorrer dos anos 1980.

Quando indagados os jovens de gerações atuais, sobre qual é o principal ponto de encontro atualmente na cidade, para as juventudes, esses responderam que existe uma segmentação baseada nos conteúdos das relações, que são distinguidas a partir de questões de faixa etária.

Hoje em dia, vejo que é a Praça Matriz o mais importante ponto de encontro para jovens até 17 anos. Depois disso, os jovens encontram-se em casas de amigos ou em barzinhos da cidade aqui mesmo. A praça central era mais lotada de jovens e adultos durante os anos de 2008 e 2009, hoje em dia foi tornando-se cada vez mais um lugar

5 Fabiana, 34 anos, moradora de Pompeia; bairro: centro. Possui ensino superior completo; estado civil: solteira; renda familiar mensal: três salário-mínimos; entrevista realizada na residência da entrevistada.

> para adolescentes, enquanto isso os jovens que já possuem 18 anos, e estão na maioridade, preferem frequentar choperias e bares ou vão em festas em Marília/SP. (Entrevista realizada em setembro de 2018, com Éder,[6] 20 anos, morador de Pompeia)

Assim, as entrevistas revelam a relevância da praça central em meio à cidade de Pompeia. Contudo, existe na atualidade uma segmentação de frequência baseada na faixa etária dos jovens, pois nos bares em que a oferta de bebidas etílicas é maior, envolvendo a oferta privada de consumo e lazer, com bandas e músicas, concentram-se os jovens que já atingiram a maioridade, enquanto na praça, que é um espaço público, um ambiente mais democrático, e que proporciona sociabilidade ampla entre os diferentes grupos de jovens, a frequência maior é de adolescentes. A segmentação de frequência também tem relação com o poder de consumo, pois jovens maiores de 18 anos têm já certa renda que os adolescentes nem sempre têm.

Durante o cotidiano comum na atualidade, na praça central e no entorno da praça central ocorrem movimentos e fluxos de passagem de veículos e pedestres durante o período noturno, sendo mais intenso nas sextas-feiras e nos sábados. Durante a noite os jovens se encontram na praça, em uma prática de sentar-se para conversar, ver o movimento, compartilhar um refrigerante, paquerar, compartilhar novidades com amigos, com o intuito de "passar o tempo". Durante os trabalhos de campo deste estudo, foi possível observar grupos de jovens com violão, onde encontravam-se tocando músicas e interagindo entre eles; também encontramos grupos de jovens que estavam por ali para reunir amigos e em seguida ir a uma sorveteria localizada nas proximidades, além de observarmos a presença de outros grupos de jovens, que passavam pela praça ou que permaneciam sentados conversando ou consumindo alguma bebida alcoólica ou refrigerante. A praça central está localizada na região central, que

6 Éder, 20 anos, morador de Pompeia; bairro: Jd. Possui ensino médio completo; estado civil: solteiro; renda mensal família de dois salários-mínimos. Entrevista realizada na residência do entrevistado.

região que possuí elevada quantidade de estabelecimentos comerciais e não residenciais; assim, o circuito para alguns jovens encontrarem-se na praça nos finais de semana à noite não está relacionado somente à praça, pois alguns grupos de jovens, após a estada na praça, vão para lanchonetes ou bares das proximidades.

Nota-se que os jovens das gerações atuais realizam diversificadas práticas de lazer, a fim de sair da rotina ou cotidiano. Segundo Alonso (2006), ocorre durante o século XXI a ampliação das formas de consumo, modificando a intensidade e o conteúdo das práticas de lazer juvenis. De acordo com Góes (2016), ocorre após os anos 2000 ampla difusão das formas de consumo entre os sujeitos nas cidades médias do interior paulista, os comércios tratam o consumidor fantasiosamente como livres para escolher num mercado com amplas possibilidades de diversificação e variedades, que parecem infinitas, produzidas com base no pensamento liberal. Contudo, ocorrem relações diretas entre consumo e alienação.

Os fluxos de frequências e migrações de jovens dos pequenos municípios, para médias e grandes cidades, são um fato comum no interior paulista, objetivando melhorar seu padrão de vida, seja diante das perspectivas de consumo, seja mesmo diante das perspectivas de lazer. As juventudes das pequenas cidades passam a frequentar mais a cidade média, por diversas questões, como renda, falta de equipamentos de cultura e lazer nas suas cidades, falta de diversidades nas ofertas de consumo dos pequenos municípios, entre outros fatores.

Alguns jovens de Pompeia frequentam, através do transporte coletivo, a cidade de Marília, outros vão de carro ou motocicleta, em busca de ofertas de lazer e diversão, nos períodos diurnos e durante a vida noturna.

As juventudes nas pequenas cidades vão construindo, ao longo do tempo, no imaginário, a idealização de viver novas experiências e oportunidades mais atraentes nas cidades médias. É importante considerar que os jovens experimentam as cidades pequenas, muitas vezes como um lugar do qual é necessário sair, buscando mudar-se para cidades maiores, almejando encontrar novas experiências,

oportunidades e diversidades. Desse modo, a cidade média compõe o escopo das experiências das juventudes que residem nas pequenas cidades do entorno, sendo componente da prática que podemos denominar como "escape", momento em os jovens fazem um esforço para escapar do tédio do cotidiano e da falta de ofertas de lazer e consumo das pequenas cidades, assim frequentando as cidades médias e grandes, para o lazer durante os finais de semana à noite.

É preciso destacar que a prática de sair momentaneamente, ou permanentemente, da cidade, realizada pelos jovens que são naturais das cidades pequenas do interior, compõe a identidade desses sujeitos, pois a identidade também é constituída a partir das práticas e tendências que fazem parte das experiências vividas pelos indivíduos.

A ideia de "escape" parte do entendimento das práticas espaciais que se estendem às microterritorialidades, os jovens nas pequenas cidades buscam escapar dos ritmos mais lentos do cotidiano próprio de municípios como Pompeia, e assim frequentam as cidades médias, que possuem maiores fluxos de pessoas e informações, objetivando buscar novas vivências, diferentes experiências e ampliar as possibilidades de consumo.

O "escape" é realizado principalmente nos momentos de tempo livre, quando os jovens de pequenas cidades buscam encontrar nas cidades maiores das proximidades, amplas possibilidades de diversão, objetivando também conhecer novas pessoas, e vivenciar diversas experiências em um lugar onde sejam considerados anônimos ou desconhecidos, pois na cidade pequena "todo mundo conhece todo mundo", assim escapando aos olhares conhecidos e buscando desfrutar de maior liberdade.

Segundo Silva (2000), a convivência nas pequenas cidades impõe determinados comportamentos aos sujeitos, através de um controle simbólico baseado nos aspectos de valores. Assim, existe entre os habitantes ampla preocupação com as relações coletivas, pois preocupam-se com a maneira como são percebidos pelos outros. Os habitantes das pequenas cidades, em grande parte, respeitam o controle simbólico social, admitindo que não se devem transgredir as regras culturais locais, "não se pode causar falatório na cidade".

Como todo mundo se conhece na pequena cidade, esse reconhecimento torna-se uma rígida forma de controle social e ocorre o simultâneo reconhecimento das diferenças entre os sujeitos.

Aquilo que é conhecido como "falatório na cidade" se refere às possíveis fofocas que venham a ser compartilhadas pelos moradores da pequena cidade. Assim, os acontecimentos e fatos que ocorrem, e que são protagonizados pelos próprios habitantes, envolvendo o nome das pessoas que participam de determinados fatos, rapidamente tornam-se notícias, fazendo as informações sobre os acontecimentos na pequena cidade se espalharem através das conversas, num contexto em que "todo mundo conhece todo mundo". Dessa maneira, os sujeitos relatam a vida e os fatos, e transmitem informações, que vão moldando as relações sociais entre as pessoas e gerando marcas aos sujeitos.

Os moradores de pequenas cidades geralmente se conhecem e se reconhecem naquilo que Caniello (2003) denomina como "marcas", que pode ser exemplificado com: o cargo que exerce (fulano do posto de saúde, o médico da cidade etc.), o sobrenome da família ou por alguma ação (aquele que plantava árvores etc.). Segundo Caniello (2003), os sujeitos são reconhecidos uns pelos outros nas pequenas cidades em virtude de suas "marcas" pessoais, as relações sociais produzem essas "marcas" a partir de um consenso coletivo estabelecido no imaginário da sociedade local. Segundo Caniello (2003), existe nas pequenas cidades alto grau de proximidade entre os sujeitos, e isso produz uma "visibilidade inevitável" para os indivíduos, o fato de sair de casa já faz o sujeito ser visto e lembrado pelo imaginário social.

Destaca-se que o "escape", que significa escapar também dessas relações de pessoalidade, não é uma prática realizada pela totalidade dos jovens de cidades pequenas nos momentos de lazer e tempo livre, pois existem segmentações relacionadas à faixa etária e à renda, fatores que impedem alguns sujeitos de realizarem essa prática de sair momentaneamente das pequenas cidades, aspecto que foi revelado pelos estudos empíricos dessa pesquisa. Ainda é preciso destacar que também existem variações quanto a preferências pessoais e

influências dos estilos de cada jovem e dos diversos grupos juvenis nos quais os jovens estão inseridos. Mas devemos ressaltar que se trata de uma prática realizada por grande parte dos jovens de cidades pequenas, em diferentes tempos e verificada empiricamente nessa pesquisa através da observação participante e das entrevistas.

Assim, podemos concluir que o fluxo de informações e mercadorias existente na cidade de Marília atrai e movimenta o cotidiano das pessoas, inclusive dos jovens, pois subsiste na cidade média maior intensidade de movimento nas praças e espaços públicos, a disposição de mais ampla oferta de lazer e consumo também contempla a diversidade das práticas juvenis, tornando a cidade média um importante centro de encontro entre diferentes grupos juvenis de Pompeia – aqueles que possuem recursos suficientes para viver sua experiência de juventude para além do que sua pequena cidade oferece como campo de possibilidades.

Todos os elementos apresentados neste trabalho em conjunto colaboram na elaboração da identificação da juventude como categoria social, destacando que a juventude não pode ser definida a partir de contornos rígidos, visto que os jovens compõem um universo imensamente diversificado, com situações específicas, envolvendo expressões que estão articuladas à sociabilidade nos momentos de tempo livre (Dayrell, 2003).

Assim, podemos concluir que as práticas no entorno da igreja e das diferentes religiões, envolvendo grupos de amigos, faziam parte da vida social no passado para os jovens na cidade de Pompeia, destacando também a relevância das vivências pelas ruas e no contexto da família, envolvendo também grupos de amigos. Dessa maneira, evidenciamos como eram construídas as práticas juvenis na pequena cidade, a partir da sociabilidade e da convivência dos sujeitos nos espaços públicos do município, destacando os usos da praça central no passado e no presente. Desse modo, destacam-se as relações de sociabilidade que ocorrem também durante as décadas contemporâneas, demonstrando as preferências dos jovens das gerações atuais, explicando também como são utilizados os espaços públicos na cidade na atualidade, possibilitando observações e comparações a partir

dos diferentes detalhes demonstrados, caracterizando as práticas de grupos juvenis no contexto da sociedade local.

Considerações finais

Como observamos com o início deste capítulo, as práticas espaciais dos jovens das pequenas cidades estão diretamente relacionadas a interferências que esses realizam nos espaços públicos, inserindo hábitos nas vidas dos jovens, a partir do momento em que esses inserem modos de uso aos espaços.

Ao analisar os jovens de diferentes gerações e demonstrarmos suas práticas na cidade pequena, consequentemente explicamos aspectos que influenciam o processo de produção do espaço urbano, por meio de questões sociais e culturais.

Assim explicitamos questões culturais sobre os hábitos dos jovens atuais que residem no interior paulista em cidades pequenas, e também demonstramos questões sobre as dimensões dos espaços públicos em uma pequena cidade, revelando a centralidade da Praça Matriz, com todas as limitações em diversidade de consumo através de questões de faixa etária, o que as praças podem proporcionar à juventude como um espaço de convivência coletiva, abrindo uma porta de entrada para relações de sociabilidade importantes. Contudo, é necessário que surjam políticas públicas que possam estimular maiores atrativos para esses jovens, para repensar as formas de uso dos espaços públicos na atualidade, expandindo as funções das praças, para que haja cada vez maior participação juvenil.

Este estudo revelou a existência de segmentação da frequência de grupos juvenis em espaços públicos, a partir de questões de renda, faixa etária, horário e identidade. No decorrer do trabalho, foi demonstrado que atualmente alguns jovens que já estão na maioridade e possuem renda passam a frequentar as noites de Marília aos finais de semana, com certa assiduidade. Enquanto outros grupos de jovens que ainda são menores de idade, e que geralmente não possuem muita renda, permanecem na Praça Matriz na pequena cidade ou

permanecem utilizando outros espaços públicos na cidade pequena como importantes pontos de encontro entre amigos.

Assim, neste estudo também é evidenciado o aumento do movimento pendular entre os jovens das pequenas cidades nas últimas décadas; as pessoas entrevistadas nesta pesquisa citam constantemente o aumento da frequência a Marília, que no período histórico estudado viu ser reforçada sua posição de centralidade na rede urbana regional, pela chegada de novos empreendimentos comerciais, franquias e shopping centers, além de ter conhecido uma diversificação e sofisticação na oferta de vida noturna, como demonstrou o trabalho de Ramos (2015).

O que trazemos aqui é uma discussão sobre as relações entre as práticas espaciais e as culturas juvenis que impulsionam influências sobre a produção do espaço urbano. Ao investigar as práticas dos jovens, foi possível contribuir para a compreensão sobre o contexto em que se desenvolvem as experiências juvenis na pequena cidade.

Destacamos que ocorreram mudanças entre as juventudes do passado e as juventudes da atualidade; a origem dos pais da família possuiu características diferentes; para as gerações do passado a origem da família era em grande parte rural, já para as juventudes do presente, a origem da família é em grande parte urbana, esse aspecto pode ser observado em Pompeia.

Outro aspecto de mudança que observamos é o horário limite para voltar à residência; as juventudes do passado quando frequentavam festas voltavam mais cedo para as suas casas, já as juventudes da atualidade geralmente passam as madrugadas em festas e momentos de diversões, retornando para suas residências bem mais tarde. Essas mudanças de hábitos quanto aos horários para estar entre amigos realizando momentos de diversão começaram a ser ressaltadas no fim dos anos 1990, tornando-se mais frequentes após os anos 2000. O nível de consumo das juventudes nessa pequena cidade também foi modificado com o passar dos anos, as entrevistas revelam que o consumo juvenil da atualidade é diferente do passado, sendo mais intenso na atualidade. Outro aspecto que também mudou é o estilo das festas, que no passado, durante a década de

1980, eram chamadas de "brincadeiras dançantes" e na atualidade são reconhecidas como baladas. As "brincadeiras" e as baladas são completamente diferentes, sendo festas que possuem conteúdos e relações distintas. Assim, destacamos que as sociedades em cidades pequenas passam por diversas mudanças. Contudo, o espaço urbano local sobre o qual essas sociedades vivenciam seus cotidianos, modifica-se lentamente com o decorrer das décadas.

Desse modo, existem também permanências entre alguns espaços de frequência das juventudes em diferentes tempos, como a praça central nas pequenas cidades por exemplo, diferentes gerações frequentaram e ainda frequentam até os dias atuais a praça central.

As praças são espaços que permanecem nas práticas espaciais juvenis, apesar de as práticas daquilo que se faz na praça terem mudado com o passar dos anos. Na atualidade existe maior presença de carros com som automotivo no entorno das praças, também a constante presença de aparelhos celulares utilizados pelas juventudes nos momentos de lazer nas praças; no passado não havia essas características nas práticas juvenis, as preferências das juventudes eram diferentes. É preciso destacar que a presença dos(as) jovens nas praças centrais em pequenas cidades era maior no passado; na atualidade ocorre a presença juvenil em menor proporção, decorrendo de maneira pontual ou eventual, e condicionada a possíveis segmentações de frequência entre os diversos grupos juvenis.

Destaca-se que em Pompeia ainda permanece entre as juventudes a prática de sair para comer lanches aos finais de semana, após a missa na Igreja Matriz da cidade, sendo essa uma prática juvenil presente em diferentes tempos na história da cidade. No caso de Pompeia, houve diminuição da presença juvenil sobre a praça central. Mas ainda é possível verificar a presença de alguns grupos juvenis na praça central durante o cotidiano e nos fins de semana. Esse processo de esvaziamento está relacionado ao surgimento de segmentações da frequência juvenil sobre a praça central, como já destacamos no decorrer deste estudo.

Concluímos que foram expostas fundamentais considerações sobre as práticas espaciais e a sociabilidade juvenil no passado,

observando questões geracionais e culturais, evidenciando as diferentes gerações de jovens e as formas de sociabilidade. Para tanto, desenvolvemos estudos em torno das práticas espaciais das gerações de jovens durante as décadas de 1980 e 1990, na cidade de Pompeia. Para ampliar a compreensão sobre o contexto local da cidade, passamos também a identificar as dimensões da polarização de Marília e a relevância da cidade média na região. Explicamos questões relevantes sobre as práticas espaciais juvenis dos dias atuais nos espaços públicos, destacando a relevância dos espaços públicos em cidades pequenas no interior paulista, relacionando a juventude da atualidade e as mudanças nas práticas espaciais dos jovens durante o período de 2000 a 2020 na cidade estudada.

As cidades pequenas são constituídas através da ocorrência simultânea de aspectos avançados que chegam à população, relacionados ao acesso às referências culturais que são difundidas através da globalização e do consumo, concomitantemente com processos atrasados de transformações urbanas. Essa ocorrência simultânea é característica das cidades pequenas e possibilita a coexistência de uma sociedade de mudanças fugazes, com um espaço urbano pouco transformado ao longo das décadas. Os ritmos de transformações mais lentos do espaço urbano nas pequenas cidades perduram de maneira circunjacente com os avanços das populações locais.

Assim, evidenciamos que se encaixam na dinâmica das cidades pequenas a evolução de uma sociedade globalizada combinada com um espaço urbano que passa de maneira desacelerada por transformações ao longo dos anos. Nas pequenas cidades, as sociedades passam por transformações aceleradas, enquanto o espaço urbano sobre o qual sobrevivem os habitantes é modificado ao longo dos anos de modo delongado. As limitações de um espaço urbano que passa lentamente por transformações condicionam também os sujeitos que sobrevivem sobre o urbano nessas pequenas cidades. Contudo, destaca-se que os sujeitos e o conjunto da sociedade também atuam sobre o urbano e de maneira dialética e exercem influência sobre o espaço que está ali sendo cotidianamente produzido em sua materialidade e imaterialidade.

Por fim, conclui-se que a problemática da falta de oferta de lazer não é para se tratar de modo simples, é uma questão complexa que demonstra a carência dos sujeitos em pequenas cidades. Assim, ressalta-se que foram expressas as relações de sociabilidade que ocorrem durante diferentes décadas e que vão compondo, com o passar dos anos, a construção de identidades dos sujeitos em pequenas cidades, que possuem características de pessoalidade, com dimensões interioranas, explicitando as preferências de jovens das gerações atuais e constatando como é utilizada à praça central na cidade, através das práticas dos grupos de jovens nos momentos de lazer e tempo livre.

Referências

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, n.5 e 6, p.25-36, maio/dez. 1997.

ALONSO, L. E. *La era del consumo*. Madrid: Siglo XXI, 2006.

BONI, V. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, Florianópolis, v.2, n.1(3), p.68-80, jan. 2005.

CANIELLO, M. O Ethos Sanjoanense: tradição e mudança em uma cidade pequena. *Mana*, Rio de Janeiro, v.9, n.1, p.31-56, 2003.

CAPEL, S. H. Las pequeñas ciudades en la urbanización generalizada y ante la crisis global. Investigaciones Geográficas. *Boletín del Instituto de Geografía*, n.70, p.7-32, 2009.

CARRANO, P. C. R. *Os jovens e a cidade*: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas, Rio de Janeiro: Relume Dumará; Faperj, 2001. p.10-50.

CAVALCANTI, L. de S. Jovens estudantes e a cidade: conceitos e práticas urbanas cotidianas. *Caderno Prudentino de Geografia*, Presidente Prudente, n.35, v. especial, p.74-86, 2013.

CORNELI, V. M. *A praça no contexto de pequenas cidades da microrregião de Campo Mourão-PR*. Maringá, 2013, 309f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Maringá. Disponível em: <http://sites.uem.br/pge/documentos-para-publicacao/teses/teses-2013– pdfs/VanessaMedeirosCorneli.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2020.

CÔRREA, R. L. Diferenciação socioespacial, escala e práticas espaciais. *Cidades*, Presidente Prudente, v.4, n.6, p.61-72, 2007.

D 'INCAO, M. Â. Modos de ser e de viver: a sociabilidade urbana. *Tempo Social – Revista de Sociologia*, São Paulo, v.4, n.1, p.95-109, 1994.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, Belo Horizonte, n.24, p.12-21, dez. 2003.

FERREIRA, E. *A segregação socioespacial no município de Paraguaçu Paulista – SP*: da favela ao conjunto habitacional. Presidente Prudente, 2006. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

FOOTE-WHYTE, W. Treinando a observação participante. In: GUIMARÃES, A. Z. (Org.) *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980. p.77-86.

GAGLIARDI, C. *Reminiscências*. Pompeia: Ed. Cly-Impress, 1996.

GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

GÓES, E. M. Cotidiano, consumo e vida urbana em cidades médias brasileiras. *Confins* [online] – DOI: 10.4000/confins.11128; Paris, v.28, p.1-16, 2016.

GOMES, P. Espaços Públicos: um modo de ser do espaço, um modo de ser no espaço. In: CASTRO, I. E. de.; GOMES, P. C. da. C.; CÔRREA, R. L. (Org.) *Olhares geográficos*: modos de ver e viver o espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p.19-37.

LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. Ed. esp. 5 ed. São Paulo: Centauro, 2008.

MARICATO, E. *Habitação e cidade*. São Paulo: Atual, 1997.

MORENO, K. G. S. S. *Jovens de Cidades Pequenas no interior paulista*: práticas espaciais e tempo livre. Presidente Prudente, 2020, 275fl. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

NARCISO, C. *Espaços públicos*: acção política e práticas de apropriação. Lisboa: Universidade de Lisboa; Escola de Letras; Departamento de Geografia, 2009.

OLIVEIRA, S. *Geração Y*: era das conexões: tempo dos relacionamentos. São Paulo: Clube de Autores, 2009.

RAMOS, E. C. Madureira. As culturas juvenis a partir da perspectiva socioespacial e o caso dos "rolezinhos" nos shopping centers em duas cidades médias. *Ciência Geográfica*, Bauru, v.XIX, n.1, p.134-52, jan. -dez. 2015.

RAMOS, R. Sobre espaço público e heterotopia. *Geosul*, Florianópolis, v.24, n.48, p.7-26, jul./dez. 2009.

RUA, J. Urbanidades e novas ruralidades no Estado do Rio de Janeiro: algumas considerações teóricas. In: MARAFON, G. J.; RIBEIRO, M. F. (Org.) *Estudos de Geografia Fluminense*. Rio de Janeiro: Infobook, 2002.

SANTOS, M. *Espaço e sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1982.

SERPA, A. Espaço público e acessibilidade: notas para uma abordagem geográfica. *Geousp; Espaço E Tempo (Online)*, v.8, n.1, p.21-37, 2004.

SILVA, J. M. Cultura e territorialidades urbanas. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v.2, n.5, p.9-37, inverno 2000.

SOARES, B. R.; MELO, N. A. de. Revisando o tema da pequena cidade: uma busca de caminhos metodológicos. In: SILVA, A. B. da; GOMES, R. de C. da C.; SILVA, V. P. da. (Org.) *Pequenas cidades*: uma abordagem geográfica. Natal: EDUFRN, 2009. p.13-41.

________. *Cidades médias e pequenas*: reflexões sobre os desafios no estudo dessas realidades socioespaciais. In: LOPES, D. M. F.; HENRIQUE, W. (Org.) *Cidades médias e pequenas*: teorias, conceitos e estudos de caso. Salvador: SEI, 2010. p.229-50.

SOUZA, M. L. de. *Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SPOSITO, M. E. B. A gestão do território e as diferentes escalas da centralidade urbana. *Território*, Rio de Janeiro, ano III, n.4, p.27-37, jan.– jun. 1998.

TURRA NETO, N. *Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava*: territórios e redes de sociabilidade. Presidente Prudente, 2008, 533fl. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

________. A noção de Geração no estudo das transformações do espaço urbano. In: OLIVEIRA, F. J. G. de et al. (Org.) *Geografia Urbana*: ciência e ação política. Rio de Janeiro: Ed. Consequência, 2014. p.317-42.

WACQUANT, L. Marginalidade avançada no novo milênio. *Configurações*, v.1, n.1, p.59-69, 2005.

WANDERLEY, M. de N. B. *Urbanização e ruralidade*: relações entre a pequena cidade e o mundo rural: estudo preliminar sobre os pequenos municípios em Pernambuco. Recife: s. n., 2001.

WHITACKER, A. M. *Reestruturação urbana e centralidade em São Jose do Rio Preto – SP*. Presidente Prudente, 2003, 237f. Tese (Doutorado em geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

Sobre os autores

Antonio Bernardes – Docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Campos dos Goytacazes-RJ, e do Departamento de Geografia e Políticas Públicas da Universidade Federal Fluminense (UFF), Instituto de Educação de Angra dos Reis. Graduação, Doutorado e estágio Pós-doutoral em Geografia pela Unesp, campus de Presidente Prudente (SP). Com experiência na área de Geografia Humana, com ênfase em Epistemologia, Metodologia e Ontologia em Geografia. Há interesse nas áreas de Geografia Humanista, Geografia Cultural e Ensino em Geografia.

Benhur Pinós da Costa – Licenciado em Geografia UFRGS (1998), mestre em Geografia UFRGS (2002), doutor em Geografia UFRGS (2008), Pós-doutor na Escola de Serviço Social da UFRJ (2018). Professor do Departamento de Geociências e Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFSM. Líder do Grupo de Pesquisa CNPQ Espacialidades Urbanas. Integrante do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações (NEER). Integrante do coletivo de pesquisadores sobre Múltiplas Territorialidades e Microterritorialidades nas Cidades. Membro da Rede de Estudos de Geografia, Gênero e Sexualidade Ibero Latino-Americana. Áreas de atuação: Geografia Cultural; Geografia das Sexualidades; Geografia Social;

Geografia e Cotidiano; Geografia, Território, Territorialidade e Microterritorialidade.

Debora Lee – Transativista, coordenadora da ONG Renascer de Apoio a População LGBT – SCFV Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, que trabalha em prol da cidadania e dos direitos humanos de grupos LGBTI.

Élvis Christian Madureira Ramos – Possui graduação em Licenciatura e Bacharelado em Geografia pela Universidade do Sagrado Coração em 1999 (USC). Mestrado em Educação para Ciência pela Universidade Estadual Paulista (Unesp-Bauru) em 2004. Foi professor efetivo da Rede Pública de Ensino do Estado de São Paulo de 2004 a 2019. Doutorado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (Unesp-PP) em 2017. Professor adjunto de Geografia da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). O enfoque das pesquisas abrange as áreas da Geografia Urbana, Social e Ensino de Geografia. São estudos centrados no entendimento dos agentes e suas práticas sociais e espaciais na produção do espaço urbano; na etnogeografia de microculturas urbanas e suas diversidades socioculturais; nos espaços do lazer noturno; nas territorialidades produzidas pelos jovens das periferias. Desenvolve trabalhos sobre as Práticas de Ensino de Geografia e suas Linguagens, com destaque para a dimensão estética e cartográfica.

Joseli Maria Silva – Graduada em Geografia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (1988), mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina (1995), doutorado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002) e pós-doutorado em Geografia e Gênero na Universidade Complutense de Madrid (2008, bolsista Capes). Pós-Doutorado em Geografia e Sexualidades na University of Brighton (2015, bolsista Capes). Pós-doutorado em 2018 na Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho em Presidente Prudente, desenvolvendo pesquisa sobre a interpretação decolonial sobre gênero e sexualidades

na produção científica geográfica brasileira. É docente do ensino superior desde 1990. Atualmente é pesquisadora sênior da Universidade Estadual de Ponta Grossa, docente do Programa de Pós-graduação em Geografia da UEPG (mestrado e doutorado). Editora chefe da *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero* desde 2010. Desde 2003 coordena o Grupo de Estudos Territoriais e com trabalhos extensionistas participa da ONG Renascer direitos humanos LGBT desde 2006. É representante do Brasil na União Geográfica Internacional – Seção Gênero desde 2011, e é membro da Comissão de Coordenação da Rede Ibero-Latinoamericana de Geografia Gênero desde 2010. Bolsista PQ-2 CNPq. Organizou oito obras na área de Geografias Feministas e das Sexualidades no Brasil. Atualmente participa de projeto de elaboração do "The Routledge International handbook of Gender and Feminist Geographies" com pesquisadores da Inglaterra, Estados Unidos, Nova Zelândia e Índia.

Karin Gabriel Moreno de Souza – Geógrafo e professor formado em Geografia pela FCT– Unesp, graduado em Bacharelado e Licenciatura. Mestre em Geografia (2020), pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) – Campus de Presidente Prudente (SP). Atuou junto ao Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária (Nera), desenvolvendo pesquisas científicas a respeito da Questão Agrária no Brasil, no Departamento de Geografia da mesma instituição. Também atuou desenvolvendo planejamentos pedagógicos e lecionando aulas no Cursinho Pré– Vestibular Ideal, na cidade de Presidente Prudente.

Marcelo Custódio Pereira – Licenciado (2012), bacharel (2013) e mestre (2016) em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (FCT Unesp de Presidente Prudente – Conceito Capes 7), fazendo parte do Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GAsPERR) e da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe), atuando principalmente

nos temas Juventudes, Consumo de Culturas de Massa/Culturas Juvenis, Diversão Noturna, Metodologia de Pesquisa Qualitativa em Geografia e Produção do Espaço Urbano.

Marcio José Ornat – Pós-doutor em Geografia e Sexualidades (Universitat Autònoma de Barcelona, 2016); doutor em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011); mestre em Gestão do Território pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2008); licenciado e Bacharel em Geografia (Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2005). É professor Associado no Departamento de Geociências (Universidade Estadual de Ponta Grossa); Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa; é membro da equipe técnica responsável pelo site do Grupo de Estudos Territoriais (http://www.gete.net.br/); desde o ano de 2011 é cocoordenador do Grupo de Estudos Territoriais (Gete) e pesquisador do Grupo de Pesquisa Instrumentações Geotecnológicas (Unicentro). Compõe a equipe de coordenação da Rede de Estudos de Geografia, Gênero e Sexualidades Ibero Latinoamérica (REGGSILA) (https://reggsila.wordpress.com/); é coordenador de layout da *Revista Latinoamericana de Geografia e Gênero* (http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg). Desenvolve pesquisas que analisam as relações entre espacialidades, gênero e sexualidades.

Marcos Paulo Ferreira de Góis – Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Defendeu sua tese sobre o tema das paisagens noturnas na cidade do Rio de Janeiro no ano 2015. Atua na qualidade de professor adjunto do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, ministrando as disciplinas de Teoria da Geografia e História do Pensamento Geográfico. Possui experiência na área de Geografia Urbana e Cultural, atuando principalmente nos seguintes temas: urbanização turística, políticas públicas e representações da cidade, economia urbana e paisagens urbanas noturnas.

Matheus Guimarães de Lima – Doutorando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação (PPGEO) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). É mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação (PPGEO) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), campus Três Lagoas (2018). É graduado em Geografia (licenciatura e bacharelado) pela Universidade Estadual Paulista (Unesp, campus Presidente Prudente, 2015/2016). Tem experiência docente com ensino fundamental e ensino médio; suas pesquisas se dão majoritariamente no âmbito da Geografia Urbana e da Geografia Cultural.

Nécio Turra Neto – Possui graduação em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (1997), mestrado em Geografia, pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2001) e doutorado em Geografia por esta mesma instituição. Foi professor do Departamento de Geografia da Universidade do Centro-Oeste (Unicentro), na cidade de Guarapuava (PR), entre 2003 e 2009. Atualmente é professor assistente da Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Presidente Prudente, onde ministra disciplinas para os cursos de Geografia e Arquitetura e Urbanismo. Também está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT/Unesp, onde ministra disciplina e orienta nos níveis de mestrado e doutorado. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Cultural, atuando principalmente nos seguintes temas: juventudes, ensino de geografia, cidade e urbano, território, lugar.

Rodrigo Ramos Hospodar Felippe Valverde – Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1999), mestrado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2003) e doutorado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2007). Atualmente é professor doutor da Universidade de São Paulo e coordenador do Grupo de Pesquisa em Geografia Cultural e Social. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em História do Pensamento Geográfico e em Geografia Cultural, atuando principalmente nos seguintes temas: espaço público, territorialidades, indústrias culturais, heterotopia e guerra cultural.

A noite na cidade ainda é um objeto de estudo em construção para a geografia brasileira. Pesquisas sobre as práticas espaciais que são próprias da vida noturna, das tensões e dos conflitos que à noite se tornam explícitos ou que aparecem de forma latente, podem nos revelar, por um outro viés, os modos como se relacionam (e são constantemente reproduzidas) as desigualdades e as diferenças nas cidades brasileiras, as maneiras como identidades socioculturais são acionadas, performadas, instituídas e negociadas.

O conjunto de textos que compõem este livro traz um pequeno panorama das possibilidades de incorporação do tema da noite na cidade ou da cidade à noite. Ao mesmo tempo, evidencia um campo em aberto, seja para considerarmos velhos temas em sua especificidade de acontecer durante a noite, seja para abordarmos aquilo que de fato só ganha condições de possibilidade neste tempo social.

Nécio Turra Neto possui graduação em Geografia (1997) pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), mestrado em Geografia (2001) pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) e doutorado em Geografia pela mesma instituição. É professor da Unesp, *campus* de Presidente Prudente, onde também está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia. Suas pesquisas abarcam o campo da geografia cultural, atuando principalmente nos seguintes temas: juventudes, ensino de Geografia, cidade e urbano, abordados a partir do território e do lugar.